

EDITORIAL

O volume 26 da *Acta semiotica et lingvistica* publica o seu terceiro número desse ano de dois mil e vinte um que é, além disso, o segundo de fluxo contínuo. Como de costume, uma diversidade de conteúdos, no âmbito da Semiótica e da Linguística, são aqui discutidos nas três seções que o constituem: artigos, traduções e entrevistas

Organização



Profa Dra Maria
de Fátima Barbosa
de Mesquita
Batista - UFPB
Editora Gerente

Muitos **artigos** destacaram as diretrizes da Análise do Discurso e da Semiótica, considerando os pontos de vista de estudiosos como Foucault, Pêcheur, Orlandi, Gregolin, Maingueneau, Greimas, Fontanille e Landowiski, aplicados a textos de origem diversa: de **site**, como o *Reclame e Aqui* (que descreve a performance das empresas quanto ao contato com os consumidores) de **revista**, como a revista *Veja* (nas produções direcionadas à construção da imagem do Brasil no enfrentamento da COVID 19) e a revista *Pif-Paf* (a precursora da imprensa alternativa na época da Ditadura Militar) e o texto **literário** (comparando o sujeito patêmico do ciúme em *Otelo* de Shakspeare e *Dom Casmurro* de Machado de Assis). Alguns trabalhos adotaram uma postura teórica, ao estudarem: **a noção de ator** da Semiótica narrativa; os definidores da **subjetividade** contemporânea e os processos de apropriação e desenvolvimento da **linguagem escrita**

Duas traduções enriquecem o conteúdo desse número. Na primeira (intitulada *O processo de produção das Ciências da linguagem e da significação questões epistemológicas e metodológicas*) o autor, Cidmar Teodoro Pais, traça um percurso histórico e metodológico do pensamento linguístico e semiótico, desde as concepções cosmocêntricas da Antiguidade, passando pelo Teocentrismo medieval, pelo antropocentrismo do Renascimento e ainda pelos racionalistas e empiristas modernos até o surgimento da linguística científica no final do Século XIX. A partir daí, o autor discute sobre as principais correntes linguísticas: as diacrônicas, as sincrônicas e as pancrônicas, inserindo aí a construção da semiótica como um modelo pancrônico por excelência. Embora ele já houvesse feito menção a estes assuntos em diversos trabalhos (conferências, aulas, artigos), é a primeira vez que o texto completo é publicado em português e foi extraído da tese de Doutorado de Estado do autor, defendida na França e ainda inédita no Brasil. A segunda tradução foi realizada **por** Valdenildo dos Santos (UFMS/Purdue university), do original inglês de BRODEN,

Thomas. *The path of Algirdas Julien Greimas in Broden's view in Toward a Biography of Algirdas, Julius Greimas* que apresenta parte do livro de Thomas Broden sobre a vida de Greimas (*Toward a Biography of Algirdas Julius Greimas, 1977-1992*)”, sob a crença na relevância de propiciar aos leitores brasileiros conhecimentos que permanecem em grande parte um terreno ainda não explorado, a fim de produzir efeitos de aprofundamento nos legados deixados pelo mestre”, segundo expressão do tradutor

Por fim, a **entrevista** apresenta o perfil da Dra Ângela Maria Tenório Zucchi, tradutora, professora de italiano no Deptº de Letras Modernas e no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da FFLCH (USP de São Paulo) e especialista em Linguística do Corpus, com enfoque nas Ciências do Léxico, em especial, na Terminologia e na Fraseologia.

ETHOS E CENOGRAFIA EM RESPOSTAS DE EMPRESAS NO SITE *RECLAME AQUI*

ETHOS AND SCENOGRAPHY IN REPLIES BY COMPANIES ON THE SITE RECLAME AQUI

Mirlene Batista Sá

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Lucas Martins Gama Khalil

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Resumo: Este artigo objetiva analisar duas cenas de enunciação em que empresas respondem a reclamações de clientes no site *Reclame Aqui* — plataforma que funciona como ferramenta de consulta de reputação —, a fim de investigar o modo como as imagens de enunciador produzidas constituem e legitimam esses discursos. A base teórica deste trabalho é a Análise do Discurso, especificamente, estudos desenvolvidos por Dominique Maingueneau, visto que o foco das análises é a constituição do *ethos* e da cenografia, conceitos teorizados pelo autor. A partir das análises, concluiu-se que, embora as tratativas obedçam às mesmas restrições relativas ao gênero e ao tipo de discurso, a primeira empresa adota um tom protocolar e “automatizado”, pautando-se em um *ethos* de seriedade e prudência, enquanto a segunda empresa se vale de um modo de enunciação que produz a imagem de um enunciador amigável e “pessoalizado”, instituindo uma cenografia que simula a conversação informal.

Palavras-chave: *Ethos*. Cenografia. Discurso. *Reclame Aqui*.

Abstract: This article aims to analyze two enunciation scenes in which companies respond to customer complaints on the Reclame Aqui website — a platform that works as a means of consulting reputation — in order to investigate how the enunciator images produced constitute and legitimize these discourses. The theoretical basis of this work is Discourse Analysis, specifically, studies developed by Dominique Maingueneau, considering that the focus of the analysis is the constitution of *ethos* and scenography, concepts theorized by this author. From the analysis, it was concluded that, although the dealings registered on the site obey the same restrictions regarding genre and type of discourse, while the first company adopts a protocol and “automated” tone, based on an *ethos* of seriousness and prudence, the second company uses a form of enunciation that produces the image of a friendly and “personalized” enunciator, instituting a scenography that simulates informal conversation.

Keywords: *Ethos*. Scenography. Discourse. *Reclame Aqui*.

1. Introdução

Embora a argumentação possa ter como função primordial levar o destinatário a aderir a uma determinada tese, essa adesão, sob um ponto de vista discursivo, não se restringe a uma tese ou a conjunto de teses eventualmente suscitadas em uma situação específica; de modo mais global, refere-se à identificação a dado posicionamento. Com isso, muitas das interações argumentativas funcionam a partir da própria confirmação de teses já aceitas, na medida em que validam representações alinhadas a um discurso. Outras vezes, a argumentação pode servir, inclusive, ao propósito de apaziguar um conflito, e, nesse caso, o que está em jogo nem sempre é a prova da tese “verdadeira”, mas a manutenção de uma imagem positiva diante do público. O presente trabalho tem o propósito de analisar, com fundamentação nas noções de *ethos* discursivo e cenografia, teorizadas por Dominique Maingueneau (2008b; 2015; 2020), tratativas de empresas que se encontram com a imagem ameaçada por reclamações sobre seus serviços e produtos, registradas no site *Reclame Aqui*.

Conforme se apresentará na seção de análise, o *Reclame Aqui* é uma plataforma online em que os internautas cadastrados podem fazer reclamações direcionadas a empresas, cobrando a solução de algum problema relacionado a produtos e serviços. O próprio site se define como “o canal oficial do consumidor brasileiro”¹. Uma das grandes diferenças entre uma reclamação protocolada no Procon, órgão público de defesa do consumidor, e uma reclamação publicada no site *Reclame Aqui* é que esta última fica disponível para consulta dos demais internautas, que podem ter acesso, inclusive, às respostas da empresa e réplicas que vão constituindo cada processo de reclamação. Sendo assim, o *Reclame Aqui* funciona, também, como um site em que se pesquisa a reputação das empresas quanto ao contato com os consumidores e à resolução de imbróglios comerciais. Aos consumidores é oferecido o espaço para fazer uma reclamação, às empresas é oferecida oportunidade de tratativa, a fim de manter/melhorar suas reputações. O site também oferece cursos² e treinamentos a empresas que buscam aprimorar o atendimento em canais digitais, uma forma de alinhar-se à política do site e a demandas do mercado digital. Uma reclamação em uma plataforma de livre acesso pode, em um primeiro momento, gerar uma percepção negativa da imagem da empresa; assim, o tratamento dado à reclamação, que, nos casos a serem analisados, é a resposta com a possível resolução do problema, é crucial para a manutenção ou não de uma imagem positiva no ambiente digital.

Para a Análise do Discurso de orientação francesa, iniciada por Michel Pêcheux (1997), deve-se sempre considerar a relação entre o processo de produção de um discurso, que envolve uma base linguística, e as condições de produção desse discurso, que se definem, a princípio, a partir de um conjunto de representações imaginárias envolvidas na interação entre sujeitos — Quem sou eu para lhe falar assim? Quem é ele para que eu lhe fale assim? Etc. —, representações que nada têm de acidentais, contingenciais; elas se constituem em dada conjuntura sócio-histórica e mediante posições já estabelecidas, ao menos relativamente, em determinada formação social. Para a Análise do Discurso, usar a linguagem implica em posicionar-se, isto é, alinhar-se a uma formação discursiva, a qual,

1. Disponível em: <https://www.reclameaqui.com.br/como-funciona/>. Acesso em: 11 fev. 2021.

2. Disponível em <https://universidade.reclameaqui.com.br/courses>. Acesso em: 11 fev. 2021.

na perspectiva pêcheuxtiana, delimita o que se pode e se deve dizer em dado discurso; ou, na teorização de Dominique Maingueneau (2008a), estabelece-se como um sistema de restrições de boa – isto é, regular – formação semântica.

A reflexão teórica acerca das representações imaginárias constitutivas do discurso, já presente desde a Análise Automática do Discurso (AAD-69), ganha, com a noção de *ethos* discursivo (MAINGUENEAU, 2015; 2020), sobretudo a partir de meados da década de 1980, um tratamento voltado especificamente à imagem de enunciador. Embora a noção de *ethos* não tenha surgido com a Análise do Discurso — e sim muito antes, com os estudos da Retórica na Grécia Antiga —, Maingueneau confere à imagem de enunciador uma perspectiva discursiva, sempre vinculada às restrições que definem a especificidade dos posicionamentos, bem como sua inscrição sócio-histórica. Além disso, o teórico relaciona recorrentemente a produção do *ethos* ao que ele denomina “cenas de enunciação” — cena englobante, cena genérica e cenografia, noções que permitem compreender o modo como o discurso é “encenado”, por assim dizer, no funcionamento dos textos.

Deve-se esclarecer que, embora tenha sido trazida à tona, brevemente, a teorização de Pêcheux acerca das formações imaginárias, este artigo mobilizará, especificamente, nas análises, os conceitos de *ethos* e cenografia, desenvolvidos por Maingueneau, visto que eles possibilitam uma entrada metodológica voltada a aspectos enunciativos que constituem a interação argumentativa. Não será objetivo deste artigo sistematizar as diferenças teóricas entre os autores; por outro lado, não seria possível falar em “imagem de enunciador” em Análise do Discurso sem remontar, ao menos superficialmente, à questão das formações imaginárias, tão fundamental ao quadro teórico em questão.

Além destas considerações iniciais, este artigo é constituído por mais três seções: na próxima, são apresentados os conceitos de *ethos* discursivo e de cenas de enunciação, que embasam teoricamente esta pesquisa; logo após, são realizados alguns apontamentos sobre como funciona a plataforma *Reclame Aqui* e analisadas duas interações entre consumidores e empresas desencadeadas por reclamações; por fim, as considerações finais do artigo propõem, em caráter de síntese, uma comparação entre os *ethos* e cenografias encontrados nas tratativas.

É importante salientar que as duas interações aqui analisadas fazem parte de um *corpus* de pesquisa mais amplo. Devido às limitações espaciais do artigo, decidiu-se realizar um recorte que pudesse ilustrar ao menos duas formas diferentes de se constituir o *ethos* e a cenografia nas tratativas encontradas no site *Reclame Aqui*. Na pesquisa, que conta com um número maior de análises, as respostas foram selecionadas nas seguintes categorias (conforme classificação da plataforma): financeiras/bancos; escolas; provedores/serviços de internet; companhias aéreas; e aplicativos. Dessas categorias, selecionou-se uma empresa com boa reputação e uma empresa com má reputação, resultando, no cômputo geral, em cinco empresas bem qualificadas e cinco mal qualificadas³. Mais de cinco respostas de cada uma dessas empresas foram observadas para que se pudesse verificar uma possível regularidade nos *ethos* e cenografias. Constatou-se que cada empresa mantém, de forma

3. Como “mal qualificadas”, considerou-se também algumas empresas com avaliação regular e/ou ruim, pois muitas das empresas qualificadas propriamente como “ruins” ou “não recomendadas” são aquelas que se quer respondem às reclamações, o que inviabilizaria as análises.

predominante, um padrão enunciativo em suas respostas no período recortado (outubro de 2020 a fevereiro de 2021). Sendo assim, tanto no âmbito mais amplo da pesquisa, quanto, mais restritamente, no âmbito deste artigo, as respostas selecionadas ilustram *ethé* possíveis encontrados na plataforma, dado que não se propõe investigar uma empresa x ou y em particular, mas sim diferentes modos de enunciação que caracterizam, nas respostas, a relação discursiva com o reclamante.

2. Ethos discursivo e cenografia: aspectos teórico-metodológicos

A noção de *ethos* discursivo teorizada por Dominique Maingueneau insere-se no quadro de uma reflexão mais ampla sobre o processo de adesão a um discurso, considerando os sujeitos envolvidos em uma cena de enunciação. A partir não apenas do que se diz, mas, sobretudo, do modo como se diz, produz-se uma imagem, ou possíveis imagens, em relação ao enunciador; e, em se tratando de uma perspectiva discursiva, tais imagens não podem ser concebidas como uma escolha contingencial ou uma questão meramente de estilo, mas como integrantes de uma conjuntura sócio-histórica determinada, na qual os posicionamentos se legitimam, ou não, em referência a representações valorizadas.

O *ethos* está vinculado à instância enunciativa e, para Maingueneau, todo texto, seja ele escrito ou oral, apresenta uma “voz”, um modo de enunciar, que confere ao enunciador um tom, uma identidade que legitima o seu modo de dizer. A noção de *ethos*, segundo o autor, tem um “laço crucial com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica” (MAINGUENEAU, 2019, p. 70). Assim, do modo de enunciação de um discurso emerge uma subjetividade, uma representação que se corporifica, que marca a presença do enunciador, aqui entendida não como presença de um corpo empírico passível de ser contactado visualmente, e sim como a representação imaginária de uma corporalidade, que é produzida mesmo quando se trata de interações nas quais não se vê quem fala/escreve.

É necessário esclarecer que os atributos despertados, por assim dizer, pela enunciação não se tratam necessariamente dos atributos “reais” do locutor, e essa eventual correspondência (ou falta de) nem se constitui como foco de uma análise de discurso. O que está em questão, por outro lado, são os elementos mobilizados para que o enunciador possa causar boa impressão de si. A “boa impressão”, que na Retórica Clássica geralmente vinculava-se a características como ponderação, virtude, afabilidade, ganha uma compreensão diferente no âmbito da Análise do Discurso: em vez de fixar elementos para o alcance da impressão positiva, são as condições de produção sócio-históricas e a especificidade do posicionamento que constituem o quadro no qual uma imagem de enunciador torna-se legítima ou não. Para Maingueneau (2020, p. 9):

Estudar o *ethos* é se apoiar em um dado simples, intuitivo, coextensivo a todo uso da linguagem: o destinatário constrói uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo. Deixe-me esclarecer: uma representação avaliada, pois falar é uma atividade erguida sobre valores supostamente partilhados.

O teórico não nega o efeito persuasivo do *ethos*; no entanto, também não o restringe aos textos geralmente classificados como argumentativos, como o panfleto eleitoral, o artigo de opinião, o debate, a peça publicitária etc. Isso quer dizer que um despacho administrativo, uma nota informativa, um relatório descritivo, embora não tenham necessariamente uma visada, e sim uma dimensão argumentativa (AMOSSY, 2018), também são textos em que há a produção do *ethos* e, conseqüentemente, pode-se estudar seu funcionamento a partir da especificidade do modo de enunciação. Essa reflexão é fundamental a esta pesquisa, pois, recorrentemente, nas tratativas encontradas no site *Reclame Aqui*, a resposta da empresa busca se ater, supostamente, ao “relato dos fatos”, dissimulando assim o caráter argumentativo, que não deixa de existir e de funcionar no fio do discurso.

Para caracterizar uma imagem de enunciador, o analista de discurso se vale de diversas denominações que, embora possam ser adequadas às conclusões da análise, nem sempre fazem parte de uma mesma natureza classificatória (por exemplo, *ethos* agressivo e *ethos* neoliberal, em que o primeiro abrange uma caracterização psicológica e o segundo um posicionamento no campo econômico). É por isso que Maingueneau (2020) propõe três dimensões possíveis para a classificação dos *ethé*: categorial, experiencial e ideológica. A dimensão categorial envolve tanto papéis discursivos (por exemplo, *ethos* do pregador, aquele que prega) quanto estatutos extradiscursivos (*ethos* do pai de família, *ethos* do brasileiro); a dimensão experiencial, por sua vez, engloba características sociopsicológicas cristalizadas, enquanto estereótipos, e partilhadas no imaginário social (*ethos* do bom senso, *ethos* da perspicácia); por fim, a dimensão ideológica remete a posicionamentos no interior de um campo discursivo (*ethos* do progressista, *ethos* do espírita). Diante dessa diversidade de classificações, é necessário deixar claro que as dimensões interagem entre si — *ethos* do camponês (categorial) e *ethos* da simplicidade (experiencial), por exemplo — e que a atribuição das denominações aos *ethé* só faz sentido quando ancorada em representações que já circulam antes da enunciação em si; isto é, só se torna possível afirmar um “*ethos* amigável” na medida em que já se tenha uma relativa estabilização social acerca do que, no plano da linguagem, pode-se considerar como o modo de enunciar de um amigo.

Na enunciação, além dos elementos lexicais, o ritmo da fala e a qualidade de voz (no caso da oralidade), o *design* e formatação das letras (no caso da escrita), a postura e a vestimenta do enunciador, bem como os gestos e expressões faciais, são alguns dos fatores que contribuem para a construção de uma imagem e mobilizam a afetividade do coenunciador para a adesão a determinada imagem. Conforme Maingueneau (2015, p. 16), “o *ethos* se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente”. Trata-se, portanto, de um funcionamento intimamente ligado à relação entre enunciador e coenunciador, e uma das conseqüências disso é notar que *oethos* visado nem sempre é o *ethos* produzido, visto que resulta de uma atividade interativa, em que representações suscitadas pela instância enunciativa são avaliadas conforme valores supostamente partilhados na sociedade – com destaque ao “supostamente”, que coloca em cena a multiplicidade de posicionamentos, que podem não avaliar da mesma maneira, e geralmente não o fazem, o investimento em um modo de enunciar específico.

No processo de adesão à imagem de enunciador, é preciso que durante a enunciação seja despertada a percepção de garantia e confiança no destinatário, pois a eficácia do *ethos*

consiste no que é insinuado, sugerido, e não simplesmente no que é dito. O enunciador deve encenar uma imagem de credibilidade, ser um “fiador” – metáfora proposta por Maingueneau – que legitima o seu dizer. Os valores sócio-imaginários remetem a um mundo ético que engendra a figura do enunciador/fiador, sustentando-se em estereótipos para a incorporação do *ethos*, que não pode ser apreendido fora de uma enunciação histórica e socialmente determinada. Para Ruth Amossy (2018, p. 91), em convergência com o que foi exposto anteriormente, “o *ethos* é tributário de um imaginário social e se alimenta de estereótipos de sua época: a imagem do locutor está necessariamente dominada pelos modelos culturais”.

Faz parte do funcionamento do *ethos* que o coenunciador já sustente uma prévia imagem em relação ao enunciador, antes mesmo que entre em contato com a enunciação propriamente dita. Maingueneau (2015; 2019) denomina essa “antecipação” como *ethos* pré-discursivo, além de afirmar que tais representações se apoiam em elementos como o gênero do discurso com o qual se vai se entrar em contato ou mesmo o posicionamento que se atribui ao enunciador que se vai ouvir/ler pela primeira vez. O *ethos* efetivo, na teorização de Maingueneau, faz interagir o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo, que, por sua vez, pode ser dito ou mostrado, afinal um enunciador – candidato a um cargo político, por exemplo – pode dizer “sou um pai de família”, explicitamente, ou sugerir esse estatuto social, mandando “um abraço apertado para meus filhos queridos”.

Na obra de Maingueneau, é recorrente a articulação entre o *ethos* discursivo e uma tríade conceitual que ele denomina como as “cenas de enunciação”: cena englobante, cena genérica e cenografia. O teórico prefere “cena” a “situação” justamente porque a metáfora de encenação permite compreender como os discursos vão constituindo papéis aos coenunciadores em cada uma das cenas complementares entre si. Na cena englobante, tem-se o tipo de discurso, com um estatuto pragmático socialmente definido; por exemplo, o discurso publicitário, o discurso filosófico, o discurso político etc. Quanto à cena genérica, define-se pelas restrições próprias a um ou outro gênero do discurso mobilizado na enunciação; por exemplo, na cena englobante política, em que a relação construída entre os coenunciadores é a do cidadão que fala a cidadãos, pode-se ter a cena genérica do panfleto eleitoral, em que um candidato fala a eleitores, mas também outra, como a cena genérica do pronunciamento presidencial, em que a relação não é a mesma, mantendo-se apenas a cena englobante. Já a cenografia comporta a maneira como, em um texto específico, a fala é encenada, “aquilo que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 70). Há gêneros nos quais a cenografia se mantém mais estável, e o texto fica sujeito majoritariamente às restrições do próprio gênero; é o caso do ofício, por exemplo. Em outros gêneros, o desenvolvimento de uma cenografia particular é, por outro lado, imprescindível. Um anúncio publicitário, por exemplo, estabelece-se sob um quadro cênico — a cena englobante publicitária e a cena genérica do anúncio —, mas necessita de uma cenografia que legitime a forma como irá interpelar o potencial consumidor.

A reflexão teórica sobre as cenas de enunciação é fundamental a este trabalho, pois é possível lançar a hipótese de que, nas tratativas encontradas no site *Reclame Aqui*, a cenografia instaurada pelas respostas das empresas, associada ao *ethos* discursivo produzido, tem grande importância no grau de satisfação que resulta dessa interação. Em outras palavras,

não há apenas a relação imposta pela cena englobante comercial, que se constituiria entre cliente e empresa; nem apenas, no nível da cena genérica, a relação entre reclamante e reclamado. Embora esses papéis entrem em funcionamento na reclamação, a resposta da empresa, buscando justificar e conciliar, instaura cenografias que, de modos diversos, reconfiguram a relação com o cliente, desde um tom distanciado, quase automático, até um modo de enunciação que simula uma fala amistosa entre pessoas próximas.

Com o uso das mídias digitais e, sobretudo, da Internet, ampliou-se o alcance dos textos, e a manifestação da adesão dos sujeitos a teses e a posicionamentos tem se tornado cada vez mais pública. Os discursos emergem nos sites, são replicados e compartilhados, integrando uma rede enunciativa que se transforma em um permanente mecanismo de busca. O internauta que quer realizar alguma transação comercial tem, hoje, a possibilidade de consultar quase que de forma instantânea a opinião de outros clientes, as avaliações por sites especializados e diversos comentários em fóruns. Do ponto de vista das empresas, essa dinâmica contemporânea requer um cuidado — que não significa o “controle” do discurso, inalcançável sob a perspectiva da Análise do Discurso — com os possíveis efeitos de sentido gerados quando elas são chamadas a se posicionar sobre algum problema.

O registo de uma reclamação na Internet fragiliza a imagem do reclamado, pois essa avaliação, lida como testemunho, torna-se acessível a grande parte da população. O reclamado, por vezes, como no caso da plataforma *Reclame Aqui*, busca apaziguar o conflito e o faz por meio do discurso de justificação, que nem sempre consegue reverter uma eventual credibilidade e confiança anteriormente conferida. Além da resolução, ou não, do problema, que acaba sendo fator determinante para o cálculo da reputação, é por meio do tom constitutivo desse discurso de justificação que a imagem das empresas vai se consolidando, positiva ou negativamente, em sites como o *Reclame Aqui*.

Mainueneau (2020) tem estudado recentemente o *ethos* na Internet, explorando como a constituição da cena de enunciação ganha uma especificidade própria nas mídias online:

A concepção clássica de gênero de discurso associa cada texto – considerado como uma totalidade estável e globalmente apreensível – a um gênero de discurso. Já o internauta se encontra diante, não de um texto, mas de uma tela que se apresenta como um mosaico de módulos mais ou menos numerosos, o que impede de pôr em correspondência simples *um* texto e *uma* cena de enunciação (2020, p. 157, grifos do autor).

No caso do objeto desta pesquisa, há, além dos *ethé* das empresas, constituídos a partir do atendimento que elas prestam aos clientes, o *ethos* do próprio site *Reclame Aqui*, que, ao permear, sobretudo, as margens da página, reivindica para si uma imagem de confiabilidade, eficiência e importância social. Se lida, na mesma tela, com instâncias enunciativas que se cruzam e fazem parte de uma cena de enunciação mais ampla do que a tratativa propriamente dita entre cliente e empresa.

Quando o internauta registra uma reclamação, supõe-se, a princípio, que o “destinatário” seja a empresa reclamada, sob a mediação do site *Reclame Aqui*; no entanto, seria insuficiente atestar essa relação como a única em funcionamento. Como já mencionado, as reclamações se tornam uma espécie de testemunhos públicos, sendo lidas, em potencial,

por qualquer internauta que consulte a reputação de determinada empresa. Sendo assim, a dinâmica interacional, em parte, aproxima-se do funcionamento que Maingueneau (2020, p. 166) descreve com relação aos comentários de fóruns online. Os destinatários desses comentários seriam, para ele: “[...] não indivíduos identificados, como na conversação, nem o destinatário modelo implicado pelo gênero do discurso, ele próprio ancorado numa cena englobante respaldada por uma instituição, mas um conjunto de contornos indefiníveis”. Da mesma forma que o reclamante se dirige não meramente à empresa, pois registra publicamente o problema a ser resolvido, pode-se supor que os reclamados, em suas respostas, consideram como destinatários o conjunto de potenciais consumidores da empresa (diferentemente dos fóruns analisados por Maingueneau, em que esse conjunto seria caracterizado por um maior indefinição), visto que a eventual resolução de uma situação específica e particular tem serventia não apenas ao reclamante, mas à própria empresa, no que concerne à construção da reputação.

3. Análise: dois *ethé* no site *Reclame Aqui*

O *Reclame Aqui*, conforme exposto anteriormente, é uma página virtual que se tornou referência na consulta sobre reputação de empresas, considerando as reclamações recebidas e as tratativas das empresas para resolução do conflito. O site apresenta, a partir das estatísticas de reclamações, um ranking em que as empresas são classificadas em grupos como: melhor índice de solução, melhores índices de voltar a fazer negócio, melhores notas médias, mais resolveram nos últimos trinta dias, mais resolveram nos últimos seis meses, piores empresas nos últimos trinta dias, mais reclamadas nos últimos seis meses, empresas recém-cadastradas com mais reclamações, mais reclamadas da semana e mais reclamadas do dia.

Os critérios estabelecidos pela plataforma para a avaliação da reputação de empresas são: o índice de resposta (IR), que corresponde à porcentagem de reclamações respondidas, sendo que apenas a primeira resposta – de várias possíveis em uma mesma reclamação – é considerada para a contagem; a média das avaliações (MA), que corresponde à média das notas concedidas pelos reclamantes em relação a atendimentos já finalizados; o índice de Solução (IS), que corresponde à porcentagem de reclamações finalizadas cujos reclamantes consideram que o problema que originou a reclamação foi resolvido; o índice de novos negócios (IN), que corresponde à porcentagem de reclamações cujos reclamantes, na finalização do atendimento, informam que voltariam a fazer negócios com a empresa reclamada.

Os critérios apresentam pesos distintos e o cálculo é feito da partir da seguinte fórmula de avaliação de reputação, conforme informações que constam no site⁴: $AR = ((IR * 2) + (MA * 10 * 3) + (IS * 3) + (IN * 2)) / 100$. Os conceitos de reputação amparam-se nos resultados da fórmula e se classificam em: ótimo – para $8 \leq AR \leq 10$; bom – para $7 \leq AR \leq 7.9$; regular – para $6 \leq AR \leq 6.9$; ruim – para $5 \leq AR \leq 5.9$ e não recomendada – para $AR < 5$. O site também esclarece que a fórmula é aplicada somente se a empresa possuir índice de resposta superior a 50% e possuir um número de avaliações igual ou superior a 10. A fim de tornar o status de reputação das empresas visualmente

4. Disponível em: <https://blog.reclameaqui.com.br/como-e-definida-a-reputacao-das-empresas-no-reclame-aqui/>. Acesso em: 21 fev. 2021.

mais identificável, a plataforma *Reclame Aqui* utiliza emojis, pequenos signos icônicos muito empregados atualmente na comunicação via redes sociais.

As reclamações possuem uma estrutura composta por título (escolhido pelo reclamante e registrado em letras relativamente maiores na parte superior da página), o nome da empresa reclamada, a data da reclamação, a localidade do reclamante, uma série de palavras-chave que ajudam a identificar o tipo de reclamação (por exemplo: financeiro, descumprimento de acordo, seguros), o texto em que o consumidor explica o motivo da reclamação e, por fim, a resposta da empresa. Algumas vezes, há réplicas, tanto do consumidor, quanto da empresa, até a etapa em que se pode considerar o atendimento finalizado, momento em que o reclamante atribui uma nota ao reclamado. Na mesma página em que consta a reclamação, há vários hiperlinks abaixo e no lado direito, como “Ir para a página da empresa” e “Reclamações parecidas”. Esses links estão acompanhados de informações mais gerais, como a reputação da empresa e o emoji que lhe é correspondente.

Para realizar a análise de dois atendimentos encontrados na plataforma, serão transcritas apenas a reclamação inicial e a primeira resposta da empresa. Nas transcrições, não foram feitas alterações que visassem, por exemplo, à correção gramatical de acordo com a norma padrão; para preservação do anonimato, tanto o nome do reclamante quanto o nome da empresa reclamada não serão informados. As reclamações registradas no site *Reclame Aqui* estão disponíveis para acesso irrestrito por qualquer internauta, não necessitando a realização de cadastro ou a permissão de acesso às reclamações. Esclarece-se que o foco da análise é o modo como as respostas das empresas constituem uma cenografia e um *ethos*, no entanto, decidiu-se expor também o texto de abertura da reclamação para que o leitor deste artigo tenha acesso às interações em questão de forma relativamente mais integral.

Reclamação 1

Cobrança indevida - 11/12/20 às 07h01

Fiz um acordo com a [nome da empresa] pelo app Serasa. Nele, parcelei uma dívida com o [nome do banco] em 12 vezes. Porém, esqueci de pagar o último boleto. Agora a [nome da empresa] está me cobrando tudo de novo. Quero saber para onde foi as 11 parcelas que eu paguei. Isso não é justo. Gostaria que me fizessem um novo boleto com a última parcela apenas

Resposta da empresa 1

14/12/20 às 14h41

Prezado Sr. [nome do reclamante], boa tarde.

Em atenção a vossa solicitação, esclarecemos que esta [tipo da empresa] prima pela excelência no atendimento aos seus clientes motivo pelo qual viemos prestar-lhe os devidos esclarecimentos.

Como esta resposta é fornecida através de um canal de acesso público, devido às questões relacionadas à segurança das informações (Sigilo Bancário), enviamos mensagem privada via aplicativo WhatsApp visando prestar os devidos esclarecimentos.

Permanecemos à disposição pelos nossos canais de atendimento.

Eis os nossos contatos:

[Telefone da empresa]
[E-mail da empresa]
[Site da empresa]
[Aplicativo da empresa]

Atenciosamente,
[Nome da empresa]⁵

Na tratativa acima, que diz respeito a uma cobrança indevida alegada pelo reclamante, a resposta da empresa adota um tom protocolar. Ao não fazer menções tão diretas ao problema específico apontado pelo reclamante, simula-se algo próximo ao atendimento automático, que é comum em meios de atendimento empresarial via telefone e internet. Esse tom se produz não apenas pela estrutura aparentemente padronizada da resposta (observada a partir de elementos como “Prezado Sr.”, “Em atenção a vossa solicitação”, e os contatos listados ao fim da resposta), mas também pelo registro formal que é utilizado. Vale-se, por exemplo, da segunda pessoa do plural (“vossa”), forma pouco utilizada nas interações menos formais e até em muitos contextos formais; da ênclise (“prestar-lhe”), geralmente preterida em relação ao uso da próclise no português brasileiro; do advérbio “eis”, em vez de expressões mais usuais como “abaixo” ou “a seguir”; da fórmula de cortesia “atenciosamente”, também usada com mais recorrência em correspondências formais.

O tom que foi acima denominado como “protocolar” tem bastante relação com um modo de enunciação que, além de formal, também pode ser caracterizado como distanciado, visto que a fala do enunciador promove certo apagamento da individualidade, tanto do reclamante, quanto do atendente. A identidade do reclamante é apenas evidenciada na saudação inicial, pois quase nada de seu problema específico é suscitado na resposta. No que concerne ao estatuto do enunciador, o atendente está inserido na cena enunciativa como um representante da empresa, alguém que fala em nome dela, inclusive, usa o nome da empresa na assinatura, e não o nome de um indivíduo responsável pelo atendimento. Esse enunciador coletivo, ou mesmo desindividualizado, por assim dizer, e anônimo, produz-se, dentre outros elementos, por meio do emprego dos verbos na primeira pessoa do plural, “esclarecemos”, “viemos prestar-lhe”, “enviamos mensagem”, “permanecemos à disposição”; além de pronomes correspondentes: “nossos canais”, “nossos contatos”. O fiador construído, dessa forma, não tem uma corporalidade de indivíduo, que pessoalize o atendimento, recurso que pode vir a gerar como efeito um *ethos* de confiabilidade; por outro lado, a aposta em um corpo institucional como enunciante também tem seus trunfos, como o de construir, com esse tom distanciado, uma imagem de seriedade, de respeito aos trâmites legais e protocolos.

No início da resposta, a empresa recorre ao que Maingueneau (2008a; 2019) chama de “*ethos* dito”, ao fazer afirmações explícitas sobre si mesma: “esta [tipo da empresa] prima pela excelência no atendimento aos seus clientes”. Valer-se de dizeres autoelogiosos é um recurso que, em alguns contextos, pode até mesmo levar a certo enfraquecimento do *ethos*,

5. Disponível em: https://www.reclameaqui.com.br/ativos-sa-securitizadora-de-creditos-financeiros/cobranca-indevida_K978Vy7xVTNaNZyG/. Acesso em: 15dez. 2021.

na medida em que é preciso que a avaliação positiva seja dita explicitamente, em vez de ser sugerida por outros elementos da enunciação. Segundo Maingueneau (2008a, p. 59), “a eficácia do *ethos* tem a ver com o fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem estar explicitado o enunciado”. Isto é, a imagem de enunciadador fundamentar-se-ia predominantemente no nível do “mostrado” e apenas eventualmente no âmbito do dito. Como a *Análise do Discurso* trabalha com efeitos de sentido e não com uma interpretação estável e unívoca, não se pode descartar esse possível efeito de fragilidade para a imagem da empresa reclamada, visto que a necessidade do autoelogio pode ser lida como certa insuficiência em relação às qualidades do atendimento que seriam mostradas pelo próprio modo de enunciação.

Em última instância, a questão do *ethos* está ligada à da construção da identidade. Cada tomada da palavra implica, ao mesmo tempo, levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro e a estratégia de fala de um locutor que orienta o discurso de forma a sugerir através dele certa identidade (MAINGUENEAU, 2008a, p. 59-60)

Nesta primeira tratativa em análise, a resposta da empresa também se caracteriza por ser breve, o que pode sinalizar uma tentativa de minimizar a possibilidade de construção de uma representação divergente do que é dito pela empresa. Não há, na resposta, como anteriormente exposto, quaisquer menções mais diretas ao problema apresentado pelo reclamante, tampouco explicações para a resolução do imbróglio. Em vez disso, indica-se o reinício da interação em outro ambiente, o aplicativo Whatsapp. Passa-se, portanto, do público ao privado, com uma justificativa que recorre à segurança das informações (“sigilo bancário”). Deve-se ressaltar que a empresa, nesse processo de afastamento da situação particular, ao mesmo tempo em que não apresenta prontamente a solução, também não nega o ocorrido, não argumenta que se trataria, por exemplo, de um erro do reclamante. Preserva-se, de algum modo, a imagem que a empresa constrói de si, pautada no tom protocolar, que cria certo distanciamento.

A passagem do público ao privado é um elemento importante na tratativa em questão. Como já descrito, a plataforma *Reclame Aqui* serve para publicizar o modo como as empresas resolvem, ou não, os problemas apontados pelos clientes em reclamações, para que justamente potenciais consumidores possam fazer pesquisas sobre a reputação dessas empresas antes de realizarem transações comerciais e financeiras. Quando, em um atendimento, a empresa propõe a resolução em ambiente privado, ela passará a contar apenas com a avaliação do reclamante ao final do atendimento, não dando aos demais internautas o acesso ao desenrolar da tratativa. Esse procedimento, no que concerne à imagem de enunciadador, pode vir a engendrar uma leitura negativa, como a que enxergaria um suposto retardamento da resolução ou certo desinteresse de se ir “direto ao ponto”; por outro lado, uma leitura positiva do *ethos* produzido pela resposta da empresa se pautaria, novamente, na imagem de seriedade, afinal, a instituição estaria sendo cuidadosa ao não expor dados do cliente.

Em síntese, o *ethos* que a primeira resposta analisada produz, se descrito em relação a uma dimensão experiencial (MAINGUENEAU, 2020), está mais próximo das características de seriedade e prudência, do que de características como acessibilidade e sensibilidade, vide

o distanciamento que se estabelece entre atendente e reclamante. No ranking do Reclame Aqui, a empresa em questão está classificada (em dezembro de 2020) na categoria de mais reclamadas nos últimos 60 dias na sua esfera de atuação, recebendo o emoji de regular pela sua reputação. Isso não significa que, necessariamente, a aposta em um tom mais protocolar e formal determine uma avaliação negativa, até porque um *ethos* de seriedade não deixa de valorizar positivamente a imagem de uma empresa. Associações desse tipo – entre a regularidade do *ethos* e a reputação do reclamado – tornam-se mais palpáveis a partir da consideração de um recorte mais amplo, que não constitui o escopo deste artigo.

Antes de serem realizados apontamentos direcionados especificamente à questão teórica da cenografia, que se apresentarão em uma dinâmica comparativa e sintética na parte final deste artigo, expõe-se a seguir a segunda tratativa. Da mesma forma que a primeira, ela é composta pela reclamação inicial e pela resposta da empresa:

Reclamação 2

Não querem me reembolsar - 08/12/20 às 21h14

Adquiri uma bolsa pelo [nome da empresa] para cursar administração pela [nome da faculdade] com 59,18% de desconto no valor da mensalidade da faculdade. Tive que pagar uma pré matrícula no valor de 817,58 para garantir a bolsa, e eu tinha até 30 dias para pedir reembolso desse valor caso eu quisesse após o pagamento. Paguei dia 13/Nov e fui pedir o reembolso dia 07/Dez e eles alegam que eu fiz a matrícula na faculdade e não podem mais devolver o meu dinheiro. Eu fiz inscrição no vestibular da faculdade e usei nota do Enem e fui aceito, porém não fiz a matrícula. Eles falaram que a matrícula é feita “automaticamente” após o pagamento da pré matrícula, ou seja ninguém nunca vai conseguir pedir um reembolso desta forma. Isso é um [Editado pelo Reclame Aqui] e eu quero meu dinheiro DE VOLTA! O contato que tive com eles foi através do whatsapp com uma atendente.

Resposta da empresa 2

15/12/20 às 09h39

Olá [nome do reclamante], tudo bem?

Primeiramente quero que saiba que foi um prazer falar com você! =D

Os requisitos para solicitações de trocas ou reembolso, ficam disponíveis nos nossos Termos e Condições do site. No caso da sua bolsa, na faculdade escolhida no momento que é aprovado no processo seletivo, já se inicia o processo de validação do seu desconto e a matrícula é automaticamente confirmada.

Essa e outras regras da sua bolsa estão disponíveis em Regras e Avisos Importantes na aba Pré-Matrículas do seu cadastro no nosso site, e foram apresentadas a você no momento de escolha da bolsa.

Que bom que conseguimos conversar, e que pude te explicar este processo. Agora você tem meu contato e pode me chamar sempre que quiser, estarei à disposição para te auxiliar no que for preciso! <3

Conta sempre comigo e com toda equipe [nome da empresa]!

Um grande abraço,

[Nome próprio da atendente]

[Nome da empresa]⁶

6. Disponível em: https://www.reclameaqui.com.br/quero-bolsa/nao-querem-me-reembolsar_XoDyUvPKijzldPPS/. Acesso em: 15 dez. 2020.

Nessa segunda tratativa, a resposta da empresa inicia-se com uma saudação comum e informal: “Olá, tudo bem?”, recurso que ajuda a constituir uma cena de fala próxima à da conversa entre amigos, ou, pelo menos, pessoas conhecidas. A atendente se vale de um tom de empatia que se estende por toda a resposta; por exemplo, em trechos como: “Que bom que conseguimos conversar” e “Conta sempre comigo”. Diferentemente da resposta da primeira empresa, em que o tom é protocolar e estabelece-se um distanciamento, há, aqui, o recurso a um modo de enunciação mais “expressivo”, por assim dizer, o que se observa até mesmo pela recorrência de pontos de exclamação durante o texto. A construção de um enunciador que se aproxima da situação, expressando-se emotivamente, pode ser notada também por meio dos emoticons utilizados⁷, tais como =D, que representa uma face sorridente, e <3, que representa um coração.

Maingueneau (2015, p. 14), ao explicar o possível revezamento entre o que dito e o que é mostrado acerca de dada imagem de enunciador em um discurso, afirma que “o *ethos* não age no primeiro plano, mas de maneira lateral; ele implica uma experiência sensível do discurso, mobiliza a afetividade do destinatário”. Conforme comentado anteriormente, há, na construção da imagem de enunciador, certa sobressalência qualitativa do *ethos* mostrado em relação ao *ethos* dito, que, em alguns casos, se mal ou insistentemente empregado, pode comprometer, inclusive, a constituição de uma imagem positiva. Na resposta da segunda empresa, apesar das referências à primeira pessoa, tanto do singular, quanto do plural, não se tem um *ethos* dito que prevalece, mas um modo de enunciação que vai constituindo paulatinamente um caráter e uma corporalidade para o fiador da enunciação.

Em relação ao uso da primeira pessoa na resposta da empresa, há uma alternância entre o singular (me, comigo, pude) e o plural (nossos, conseguimos), e essa questão é significativa para o tom desse discurso. Como na resposta da primeira empresa, o atendente se coloca como alguém que fala representando uma instituição; porém, a diferença da segunda resposta é que o enunciador, algumas vezes, deixa o papel de representante, membro de uma equipe, e passa a enunciar como um indivíduo que está entendendo a preocupação do reclamante e dialoga com este de pessoa para pessoa. Trata-se de uma espécie de “pessoalização” do atendimento, que pode corroborar a produção de um *ethos* amigável, empático. Não é aleatório, por exemplo, o fato de, após uma despedida também em tom informal e de proximidade (“Um grande abraço”), o responsável pelo atendimento assinar com um nome próprio (omitido neste artigo), e não apenas com o nome da empresa.

A resposta da empresa é a oportunidade concedida para a retratação, a justificativa pela qual o fiador valida (ou mesmo “recupera”) o *ethos*. No presente caso, a justificativa se dá por meio do apontamento das circunstâncias que levaram à situação geradora da reclamação, que são, basicamente, as regras de troca e reembolso praticadas pela empresa: “Essa e outras regras da sua bolsa estão disponíveis em Regras e Avisos Importantes na aba Pré-Matrículas do seu cadastro no nosso site, e foram apresentadas a você no momento de escolha da bolsa”. Segundo a resposta, a geração do problema se deveu ao não conhecimento, ou a um esquecimento, por parte do consumidor, sobre os termos e condições relacionados à bolsa e à matrícula. Apesar de possibilitar a conclusão de que o problema, na verdade,

7. Diferentemente dos emojis, os emoticons são constituídos de caracteres tipográficos disponíveis nos teclados de computadores, tais como parênteses, hífen e dois pontos.

não existiria, e de que a reclamação seria, conseqüentemente, infundada, o fiador o faz, no decorrer da resposta, valendo-se de um tom amigável, de modo que, ao sugerir a falta de leitura do regulamento, não deixe transparecer uma aura de superioridade, e sim a de um amigo que traria à tona ações esquecidas.

Com o discurso apresentado, a empresa busca a adesão tanto do reclamante, quanto de futuros consumidores, suscetíveis a incorporarem a imagem que o enunciador reivindica para si, a de uma empresa responsável, mas também amiga e compreensiva, que apresenta empatia pelo consumidor. Conforme Maingueneau (2008a, p. 65), “a incorporação do leitor ultrapassa a simples identificação a uma personagem fiadora. Ela implica em “um mundo ético” do qual o fiador é parte prenante e ao qual ele dá acesso”. O *ethos* suscitado pela resposta da empresa projeta sua eficácia na relação de aproximação com o reclamante: é preciso que fique claro que se trata de uma pessoa individualizada, que leu a reclamação e compreendeu o problema, e não de uma “máquina” cujas respostas pareçam, aos olhos do leitor, automatizadas.

No ranking do site *Reclame Aqui*, a empresa em questão possui (em dezembro de 2020) o selo RA1000, que é concedido a empresas que possuem excelentes índices de atendimento no site. Empresas que possuem o selo RA 1000 são avaliadas como empresas que possuem boa reputação, ativando nos consumidores, e visitantes da plataforma, uma imagem de confiança e credibilidade dentro de um mundo ético de empresas que respeitam os direitos do consumidor. Embora se trate de uma informação relevante, faz-se a mesma ressalva presente na parte final da primeira análise: não é possível afirmar que haja uma relação necessária entre o *ethos* que a resposta da segunda empresa constrói e uma avaliação positiva no site *Reclame Aqui*. O foco, neste artigo, é propiciar, a partir do recorte de uma pesquisa mais abrangente, a observação da diversidade de *ethé* e cenografias na plataforma, e não sua “real” e categórica eficácia, mesmo porque, embora sejam importantes para a construção da imagem das empresas, não são estes os únicos fatores que determinam uma avaliação positiva ou negativa na finalização da tratativa. Na pesquisa, considerando um número maior de respostas, o que se constatou é a predominância de duas formas principais de instituir, na cenografia, a relação com o reclamante: um modo de enunciação que simula a conversação amigável, estabelecendo relações de confiabilidade e de proximidade; e um modo de enunciação que se configura por certo distanciamento, fazendo a resposta se assemelhar, em geral, a sentenças automatizadas, sequer identificando o reclamante ou particularizando a situação reclamada. A segunda resposta e a primeira resposta, analisadas neste artigo, ilustram, respectivamente, esses dois modos de enunciação.

4. Considerações finais

Em separado, as análises das duas respostas apontaram elementos relativos, sobretudo, à constituição do *ethos* discursivo. Pôde-se observar que, enquanto a primeira empresa adota um tom protocolar e quase “automatizado”, pautando-se em um *ethos* de seriedade e prudência, a segunda empresa se vale de um modo de enunciação que suscita um enunciador amigável e, principalmente, “pessoalizado”, corporificado, inclusive, não pela instituição/ empresa, mas por um nome próprio, supostamente o do indivíduo atendente. Essas diferenças foram observadas em diversos elementos do discurso, tais como: o registro linguístico, as

fórmulas de cortesia, o uso de emojis e emoticons, as formas verbais, dentre outros. Tais elementos contribuem para a constituição de uma imagem valorizada positivamente na plataforma *Reclame Aqui*, conforme análise mais ampla realizada no corpus da pesquisa da qual este artigo traz um recorte.

Na seção teórica deste artigo, amparando-se na teoria de Maingueneau, expôs-se como o *ethos* discursivo vincula-se às cenas de enunciação engendradas por cada produção textual. No caso dos objetos em análise, não é diferente. As respostas compartilham o mesmo quadro cênico, isto é, a cena englobante e a cena genérica se mantêm em ambas as tratativas. A cena englobante pode ser concebida como a das relações comerciais, impondo aos coenunciadores papéis determinados: de um lado, a empresa/prestadora de serviços e, de outro, o cliente. Já a cena genérica é a da tratativa para resolução de problemas entre cliente e empresa, mas não qualquer tratativa, e sim aquela mediada pela plataforma *Reclame Aqui*, que enquadra, de certa forma, a cena de enunciação, na medida em que há restrições a serem consideradas, em relação, por exemplo, à estrutura composicional das reclamações e respostas. Se, na cena englobante, há em primeiro plano a relação entre cliente e empresa, no gênero que se constitui no interior da plataforma, temos, complementarmente, a relação entre reclamante e reclamado.

Constituído o quadro cênico, ponto em comum nos dois casos, pode-se, por fim, realizar considerações sobre a cenografia, articuladas ao que já foi observado na seção de análise. É ela, associada ao *ethos*, o grande diferencial das respostas das empresas. Conforme exposto, a cenografia é uma encenação singular da enunciação, o modo como o texto constrói uma cena de fala que o legitima e soa-lhe legítima. Dentre as cenas de enunciação, trata-se da mais instável, mas é também a cena com a qual o coenunciador lida mais diretamente. Na resposta da primeira empresa, pode-se dizer que, em associação com o *ethos* de seriedade, formalidade, tem-se uma cenografia que pode ser concebida como a de um tradicional atendimento ao consumidor, que segue protocolos formais, com uma sequência de falas padronizadas e o máximo possível de distanciamento em relação ao cliente. A resposta da segunda empresa, por sua vez, instaura uma cenografia diferente: embora se saiba que o que está ocorrendo é o atendimento à reclamação de um cliente, a resposta simula uma cena de fala que lhe soa legítima, a da conversação entre pessoas que teriam alguma proximidade. O *ethos* (amigável, cordial), portanto, não funciona isoladamente; ele associa-se a uma cenografia (da conversação informal), que reconfigura, até certo ponto, a relação entre os coenunciadores, pois se continua lidando com o atendimento ao consumidor, mesmo que construído sob a aparência de uma cena de fala hipoteticamente exógena, advinda de outra cena genérica.

A análise dos objetos do presente trabalho, portanto, auxilia na compreensão de como se processa a representação que se tem acerca do enunciador e de como tais representações apoiam-se em aspectos valorizados positiva ou negativamente em uma sociedade. Em uma plataforma como o site *Reclame Aqui*, acessado por milhares de internautas, o que está em jogo não é uma simples relação entre empresa e cliente, visto que a publicização possibilitada pela Internet transforma situações particulares em exemplares de como a empresa resolve, ou não, os problemas com os clientes; o mídiu digital, nesse contexto, não apenas encurta, em geral, o tempo de espera para a resolução da insatisfação, mas instaura um dinâmico dispositivo de pesquisa (de reputação), constantemente alimentado pelos sujeitos reclamantes

e reclamados, expandindo, por assim dizer, o “prazo de validade” das tratativas, bem como o conjunto dos possíveis destinatários.

5. Referências Bibliográficas

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução: Angela Corrêa [et al.]. São Paulo: Contexto, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Tradução: Maria Cecília Perez de Souza e Silva [et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Tradução: Bethania Mariani [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO BRASIL NO ENFRENTAMENTO À COVID-19 PELA REVISTA *VEJA*

THE CONSTRUCTION OF BRAZILIAN IMAGE IN THE FACE OF COVID-19 BY *VEJA* MAGAZINE

Adriano Carlos de MOURA

Instituto Federal de Pernambuco/IFPE

PROFLETRAS/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE

adrianomoura@recife.ifpe.edu.br

Resumo: Buscamos analisar, sob a luz da semiótica francesa, com base nos trabalhos de Greimas (1977), Greimas e Fontanille (1993) e Fiorin (2002), a construção da imagem do Brasil por parte da revista *Veja*, no que tange ao combate ao novo coronavírus pelo governo brasileiro. O nosso *corpus* foi composto por três capas publicadas pelo semanário, respectivamente, nas edições 2676, de 04 de março de 2020; 2728, de 10 de março de 2021; e 2743, de 23 de junho de 2021. A seleção das capas se deu por meio de um recorte qualitativo, levando em consideração aquelas que abordaram o combate à pandemia por parte do Governo Federal. Além disso, a escolha das publicações respeitou um recorte cronológico: a primeira capa foi publicada logo depois do anúncio do primeiro caso de Covid-19 no Brasil; a publicação da segunda ocorreu aproximadamente um ano após o início da pandemia; e a terceira foi publicada, justamente, depois de o país atingir a vergonhosa marca de 500.000 mortes em decorrência do contágio pelo SARS-CoV-2. Buscamos evidenciar os actantes partícipes dessas narrativas; o contexto de publicação das capas; as principais estratégias discursivas de que lançou mão o sujeito enunciador; e estabelecer a oposição elementar que subjaz a superfície verbo-visual. Após as análises, comprovamos que, no início da pandemia, *Veja* se mostrava otimista em relação à forma como o país conduziria o combate à pandemia; porém, esse discurso foi-se modificando à medida que o governo foi demonstrando sua inabilidade na contenção do número de contaminados e, conseqüentemente, de mortes provocadas pela Covid-19.

Palavras-chave: Semiótica. Brasil. Revista *Veja*. Pandemia. Covid-19.

Abstract: We seek to analyze, under the light of French semiotics, based on the work of Greimas (1977), Greimas and Fontanille (1993) and Fiorin (2002), the construction of Brazilian image by *Veja* magazine, in relation to the fight against new coronavirus by the Brazilian government. Our corpus was composed by three covers published by the weekly publication, respectively, in issues 2676, of March 4th, 2020; 2728 of March 10, 2021; and 2743, of June 23, 2021. The covers was selected through a qualitative approach, taking into account those covers that addressed the fight against the pandemic by the Federal Government. In addition, the choice of publications respected a chronological approach: the first cover was published soon after the announcement of the first case of Covid-19 in Brazil; the publication of the second occurred approximately one year after the start of the pandemic; and the third was published precisely after the country reached

the shameful mark of 500,000 deaths as a result of contagion by SARS-CoV-2. We seek to highlight the participants in these narratives; the context of publication of the covers; the main discursive strategies used by the enunciating subject; and establish the elementary opposition that underlies the verb-visual surface. After the analyses, we verified that, at the beginning of the pandemic, *Veja* was optimistic about the way the country would conduct the fight against the pandemic; however, this discourse was modified as the government demonstrated its inability to contain the number of infected people and, consequently, the deaths caused by Covid-19.

Keywords: Semiotics. Brazil. *Veja* magazine. Pandemic. Covid-19.

1. Introdução

Em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019, foi detectada uma variante do coronavírus que não havia infectado seres humanos até então, o SARS-CoV-2. Dias depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades de Pequim confirmaram a informação. Até hoje, já foram catalogados em todo mundo sete tipos de coronavírus que podem infectar humanos, HCoVs: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV, MERS-COV e, por último, o SARS-CoV-2. Vale salientar que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), os coronavírus são, depois dos rinovírus, a principal causa de resfriados simples em humanos.

Em 30 de janeiro de 2020, seguindo o Regulamento Sanitário Internacional, a OMS declarou a atual pandemia como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). No Brasil, o primeiro caso da covid-19 foi confirmado pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020. A vítima teria sido um homem de 61 anos de idade que deu entrada, no dia 25 de fevereiro de 2020, no Hospital Israelita Albert Einstein. O homem teria acabado de regressar de viagem à Itália. O então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, declarou, em entrevista coletiva, que o novo vírus “É mais um tipo de gripe que a humanidade vai ter que atravessar. Das gripes históricas com letalidade maior, o coronavírus se comporta à menor e tem transmissibilidade similar a determinadas gripes que a humanidade já superou” (MANDETTA, 2020).

Embora esse tenha sido apontado como o primeiro caso em território nacional, uma reportagem de 26 de abril de 2020, do correspondente Vinícius Lemos, da BBC Brasil, aponta que é bem provável que o vírus já circulasse no Brasil bem antes da notificação oficial do Governo. Em primeiro lugar, dados do Infogripe, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), apontaram uma histórica elevação dos casos Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) em nosso território nos primeiros três meses do ano, embora, deva-se considerar que tais casos podem ter sido ocasionados por outros vírus, como adenovírus e/ou influenza. Outro fator relevante para que se tenha gerado desconfiança por parte da comunidade científica e da imprensa nacional e internacional sobre a ocorrência de casos anteriores ao do Albert Einstein foi o fato de o hospital já estar preparado para o atendimento a pacientes com covid-19 quando da chegada do turista brasileiro, contando com exame(s) de detecção e protocolo de atendimento médico à SARS-CoV-2. Vinícius Lemos, durante a reportagem supracitada, menciona que o virologista Bergmann Moraes Ribeiro, do Departamento de Biologia Celular da Universidade de Brasília (UnB), apontou que:

Existe muito tráfego aéreo no Brasil. Em janeiro, por exemplo, muitas pessoas podem ter chegado do exterior sem sintomas ou com sintomas bem leves, como tosse e pouca febre. Não existia um controle ou qualquer orientação sobre o coronavírus, então elas podem não ter procurado atendimento médico. Em uma semana, podem ter se recuperado, mas nesse período podem ter contaminado muita gente (LEMOS, 2020).

Dias depois, no dia 24 de março de 2020, em pronunciamento oficial em cadeia nacional de televisão, o presidente atacou os governadores, posicionou-se contra as medidas restritivas para conter a pandemia, defendendo a abertura do comércio, bem como a manutenção das aulas presenciais. Naquela ocasião, ele afirmou: “É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós. O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade” (BOLSONARO, 2020)¹. As declarações do presidente causaram perplexidade e repúdio por boa parte da comunidade científica, do parlamento, da mídia, dos opositores e, até mesmo, dos apoiadores de Bolsonaro.

Cerca de quinze meses após o primeiro caso, no dia 19 de junho de 2021, o Brasil ultrapassou a vexatória marca de meio milhão de óbitos por Covid-19, mais precisamente, 500.868 já haviam perdido suas vidas para a doença. Esses dados só ratificam que o presidente se precipitou em suas declarações e que as medidas de confinamento deveriam ter sido adotadas desde o início da pandemia.

2. O poder de persuasão da mídia

Com o desenvolvimento tecnológico cada vez mais avançado e com expansão dos meios de comunicação, a mídia vem adquirindo um amplo espaço na sociedade e, por conseguinte, apresenta uma significativa importância no nosso cotidiano, pois torna-se praticamente impossível manter-se afastado das influências midiáticas. Nessa perspectiva, podemos observar o que disse Roger Silverstone em seu livro “Por que estudar a mídia?”:

(...) nossa mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea. É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto imprensa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência, e também, de quando em quando, para a intensidade das experiências (SILVERSTONE, 2002, p. 12).

Outro fator importante é que as mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor.

1. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>>. Acesso: 15 ago. 2021.

Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entrarmos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. (LADEIRA, 2015)².

Nesse contexto, a expansão e a popularização dos meios de comunicação permitiram um maior fluxo de informação, ocasionando, muitas vezes, à falta de questionamento a respeito da forma em que a notícia é construída e apresentada. Dessa forma, os órgãos midiáticos acabam sendo constantemente associados a “meros transmissores dos discursos dos agentes e das informações sobre a realidade, neutros e, portanto, negligenciáveis” (MIGUEL, 2002, p. 156).

No entanto, o que se encontra nas informações transmitidas pelos meios de comunicação é, na verdade, o reflexo dos interesses e das ideologias adotados pelos órgãos de imprensa. Apesar disso, é necessário que a mídia repasse as informações da maneira mais imparcial possível para que suas concepções não influenciem no relato das informações.

Na verdade, a mídia, a partir da disseminação de informações supostamente neutras e imparciais, transmite ideologias implícitas em suas publicações, tornando-se, assim, um importante agente na construção social e político-ideológica do seu público-alvo. No que concerne ao discurso político, fica bastante evidente que sua transmissão pelos órgãos de comunicação pode-se dar das mais variadas formas possíveis, a depender, também, da ideologia que se pretende veicular junto à notícia, o que deixa clara a falta de neutralidade por parte dos órgãos de imprensa.

3. Semiótica Discursiva

A semiótica greimasiana ou discursiva (GREIMAS, 1975) toma como princípio analítico a divisão do plano de conteúdo em três níveis de análise não estanques. Segundo Fiorin (2002, p. 17), esse Percurso Gerativo da Significação (PGS) é “uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido”. Essa corrente de análise cria um modelo que tenta explicar todas as semióticas do mundo natural, não apenas as línguas naturais. Para Greimas e Courtés (1983),

a economia geral de uma teoria semiótica (ou apenas linguística), vale dizer, a disposição de seus componentes, uns com relação aos outros, e isso na perspectiva da geração, isto é, postulando que, podendo todo o objeto semiótico ser definido segundo o modo de produção, os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros de acordo com um ‘percurso’ que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto (1983, p. 206).

2. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

No nível das estruturas fundamentais, o mais profundo do Plano Gerativo da Significação, doravante PGS, dá-se a apreensão do sentido básico do texto, ou seja, é nesse nível profundo que ocorre a oposição binária semântica elementar. A partir dessas relações de contrários e contraditórios, ocorre uma tensão dialética, na qual, segundo Greimas (1977, p. 183), «a competência do sujeito (= qualificação) não pode ser adquirida senão com a ajuda de um desempenho simulado (...) que é executado para parecer verdadeiro, mas que não o é ‘em realidade’».

Os sujeitos semióticos podem, durante seu Programa Narrativo, sofrer transformações modais, em outras palavras, adquirir novas competências, requalificarem-se e, assim, passarem a um novo estado modal. Para Fiorin (2007, p. 10), “os efeitos de sentido passionais derivam de organizações provisórias de modalidades, de intersecções e combinações entre modalidades diferentes.

A etapa intermediária de análise do referido percurso é a das estruturas narrativas, nela, sujeitos semióticos vão em busca de seu(s) objeto(s) de valor e, para tanto, são destinados, convencidos, seduzidos, tentados, intimidados, provocados, em suma, manipulados por algo ou alguém que os leva a uma performance.

Nessa corrente semiótica, a paixão é concebida para além da visão aristotélica, que a tomava como uma estratégia retórica que serviria para provocar uma mudança na essência do sujeito a partir da comoção de seu auditório. Greimas e Fontanille (1993) ampliam esse conceito e concebem paixão como um estado de alma desse sujeito que podem ser percebidos a partir da análise do Percurso Gerativo da Significação.

as categorias fundamentais são convertidas à ordem do fazer. Trabalha-se, então, com dois tipos de enunciados elementares: os de estado, em que um sujeito está em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto, e os de fazer, em que se opera uma transformação na relação entre sujeito e objeto: de disjunção para conjunção ou vice-versa. As operações de aquisição e de perda de objetos correspondem, respectivamente, à afirmação e à negação de valores no nível fundamental. (OLIVEIRA; LANDOWSKI, 1995, p. 77).

Após a referida performance e os sujeitos cumprirem seu Programa Narrativo, ocorre, ainda no segundo nível da análise, a fase da sanção, na qual estabelece-se as relações conjunção e disjunção entre os sujeitos e seus objetos de valor.

Por sua vez, no nível discursivo, segundo Fiorin (2002, p. 29), “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude.”. Sendo assim, nessa etapa há a produção de efeitos de sentido, que se utilizam de vários meios enunciativos, como tempo, espaço, temas e figuras. É nele que se manifestam as escolhas discursivas do sujeito da enunciação, na linguagem verbal, por exemplo, isso se manifesta por meio da escolha de adjetivos, advérbios, foco narrativo, tempo e modo verbal, vocabulário, nível de formalidade etc.

4. Descrição do *corpus* de análise

A maior revista semanal do Brasil é a *Veja*, publicada semanalmente nos dias de quarta-feira pela editora Abril e aborda temas do cotidiano como política, religião, educação, cultura etc. Apesar de pregar imparcialidade, o posicionamento político-ideológico de *Veja* se manifesta, claramente, a partir das escolhas que seu corpo editorial faz das matérias, bem como das imagens que estampam suas capas e o miolo da revista.

De acordo com os dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), do mês de março do ano de 2020, as revistas semanais de maior circulação nacional tiveram uma queda expressiva entre 2014 e 2020. A revista *Veja* foi a que mais perdeu assinantes no período, mesmo assim, o semanário está consolidado como a revista de maior tiragem do Brasil.

Como vemos no Gráfico 1, a seguir, em 2020, *Veja* colocou em circulação mais de 260 mil exemplares, contando a suas versões impressa e de assinaturas digitais. Justamente por ter um número tão expressivo de leitores, a forma como aborda o contexto político no Brasil tem sempre muita repercussão.

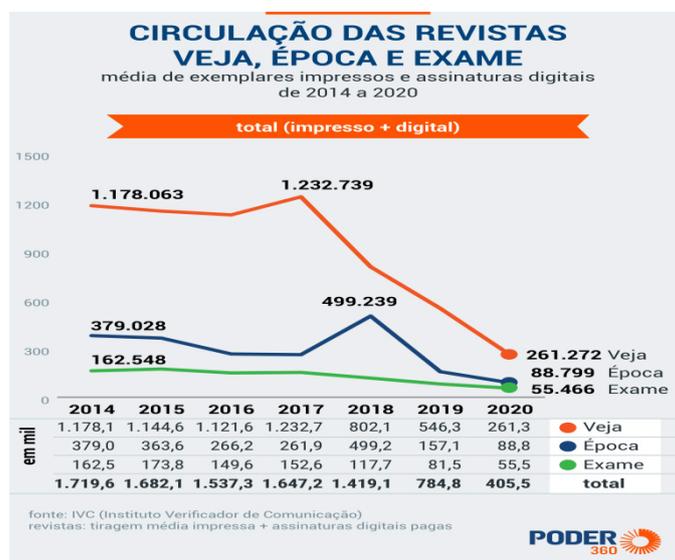


Gráfico 1: Circulação das três maiores revistas do Brasil entre 2014 e 2020.

Fonte: <<https://www.poder360.com.br/midia/revistas-em-2020-circulacao-impressa-e-digital-despencam/>>. Acesso em 15 de agosto de 2021.

Neste trabalho, buscamos analisar as estratégias utilizadas na formação político-ideológica do leitor a partir da análise das capas da revista *Veja*, no que se refere a como é feita a abordagem por parte desse sujeito enunciativo sobre o combate à pandemia do novo coronavírus pelo governo do presidente Jair Messias Bolsonaro. Para tanto, selecionamos três (03) capas publicadas pelo semanário, respectivamente, nas edições 2676, de 04 de março de 2020; 2728, de 10 de março de 2021; e 2743, de 23 de junho de 2021.

A seleção do corpus se deu por meio de um recorte qualitativo, levando em consideração, como já dissemos, as capas que abordaram o combate à pandemia por parte do Governo Federal. Além disso, a escolha das publicações respeitou um recorte cronológico: a primeira capa foi publicada logo depois do anúncio do primeiro caso de

Covid-19 no Brasil; a publicação da segunda ocorreu aproximadamente um ano após o início da pandemia; e a terceira foi publicada, justamente, depois de o país atingir a vergonhosa marca de 500.000 mortes em decorrência do contágio pelo SARS-CoV-2.

Assim, buscamos evidenciar os actantes partícipes dessas narrativas; o contexto de publicação das capas; as principais estratégias discursivas de que lançou mão o sujeito enunciador; e estabelecer a oposição elementar que subjaz a superfície verbo-visual.

5. Análise do corpus e discussão dos resultados

5.1. Plano discursivo da edição 2676, de *Veja*

A edição 2676, de 04 de março de 2020, foi publicada poucos dias após a divulgação por parte do, então, ministro da saúde, Nelson Mandetta, do primeiro caso de coronavírus em solo brasileiro. A suposta primeira vítima, foi um turista brasileiro que esteve na Itália, país que, na época, era o epicentro da pandemia na Europa.



Figura 1: Capa da Edição 2676, de 04 de março de 2020.

Fonte: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2020-02-28/>>.

Acesso em 17 de agosto de 2021.

A capa da edição 2676 estampa, em primeiro plano, uma passageira, possivelmente uma turista brasileira regressando de viagem à Europa, o que se pode concluir por algumas razões. A primeira delas são as roupas de frio utilizadas pela passageira que aparece em primeiro plano empurrando duas malas e por mais duas que estão em segundo plano, no canto superior direito da foto, à esquerda da primeira moça. As roupas de frio se justificariam pelo fato de que no final de fevereiro e início de março ainda é o inverno europeu. Inclusive, a jovem que se sobrepõe ao nome da revista *Veja*, além de usar um moletom preto por debaixo de uma camiseta branca, traz consigo um casaco, aparentemente, bem pesado, o qual carrega sobre a mala que empurra com sua mão esquerda. O segundo e não menos

importante elemento é uso de máscaras cirúrgicas pela moça em primeiro plano e por dois outros passageiros que parecem ter desembarcado do mesmo voo.

No plano verbal, a frase “Oh là là”, escrita em sua camiseta, uma típica interjeição francesa que pode representar uma decepção, uma surpresa, felicidade etc., serve como indicador de que ela poderia ter estado na França. Além da interjeição supracitada, a delimitação do tema é feita por meio da frase, que aparece em letras brancas sobre um fundo preto (casaco da moça que está no primeiro plano), “Passageiros desembarcam no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo: máscaras cirúrgicas”, que serve como um reforço para o texto imagético e vice-versa, ou seja, há um sincretismo semiótico entre o texto verbal e o não verbal que busca relacionar à chegada da Covid-19 ao Brasil ao desembarque de turistas vindos do Velho Continente.

Além dos elementos verbo-visuais já descritos, outro componente imprescindível para a análise da capa é a chamada principal. A frase “Ele está entre nós”; na qual o pronome pessoal “ele” se refere, nitidamente, ao coronavírus; quer passar ao leitor a ideia de que o vírus teria desembarcado em solo brasileiro com os turistas europeus, representados, figurativamente, pelas pessoas na fotografia de capa.

Por fim, ainda no plano verbal, temos o subtítulo, que serve para explicitar o que vai ser realizado pela reportagem destacada pela capa da Edição 2676. Em “A confirmação da chegada do coronavírus ao Brasil provoca alarme e exige atenção. Mas o sistema de saúde do país está bem preparado para evitar um mal maior”, percebemos que *Veja*, no final de fevereiro de 2020, ou seja, quando o vírus ainda tinha seu epicentro na Europa, encarava com bastante otimismo a capacidade de prevenção e combate por parte das autoridades sanitárias brasileiras ao vírus recém-chegado a nosso país. Inclusive, pelo uso da conjunção adversativa “mas”, depreende-se que o sujeito da enunciação, naquele momento, posicionava-se favorável às políticas públicas de saúde adotadas pelo Governo Brasileiro, e que um mal maior como as 500.000 mortes lamentavelmente alcançadas em junho de 2021 não aconteceria.

5.2. Plano discursivo da edição 2728, de *Veja*

A Edição 2728, de 10 de março de 2021, foi publicada cerca de um ano após a constatação de um primeiro infectado por coronavírus ter adentrado em solo brasileiro. Naquela data, o país contabilizava 270.917 óbitos por Covid-19, e a média móvel de mortes havia aumentado para 1.645, o que representava um recorde até então e indicava uma tendência de aumento no número de vítimas fatais entre contaminados pelo SARS-CoV-2.



Figura 2: Capa da 2728, de 10 de março de 2021.

Fonte: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2021-03-05/>>.

Acesso em 17 de agosto de 2021.

A capa da Edição 2728 traz; como plano fundo para o nome da revista, a chamada principal e o subtítulo; uma imagem de uma pessoa, da qual só se consegue identificar a silhueta, caminhando em direção a uma saída do outro lado de um túnel escuro. A imagem remete, metaforicamente, à expressão “uma luz no fim do túnel”, uma vez que, ao contrário da galeria escura que está sendo atravessada, a outra extremidade do túnel apresenta uma luz tão intensa que não permite enxergar nada além da passagem de saída. Fica claro que a intenção de *Veja* é, justamente, passar uma mensagem de incerteza em relação à condução do processo de vacinação da população brasileira e à diminuição do número casos e de mortes pelo novo coronavírus.

Essa edição aposta na simplicidade, na ausência de elementos como uma forma de comunicação, ou seja, estabelece uma relação *in absentia* com a tão esperada resposta à chamada principal, “Quando vai melhorar?”. Inclusive, vale salientar que não há sequer chamada secundária, a capa se resume ao nome da revista, à imagem de plano de fundo, à chamada principal e ao subtítulo.

Podemos dizer que essa capa de *Veja* representava, naquele momento, o anseio da população por medidas mais efetivas de combate à pandemia por parte do Governo Federal. Para justificar o tom não otimista ou, pelo menos, de incerteza que a revista imprime, ela usa um discurso de autoridade no subtítulo, “VEJA ouviu especialistas e analisou as experiências bem-sucedidas de outros países. No cenário mais otimista, com a entrega das doses compradas e o aumento do ritmo de vacinação, os números de mortes e casos cairão ainda neste semestre”.

Tanto quando coloca o discurso na boca de outro enunciador quanto no momento em que faz uso a terceira pessoa do singular, o sujeito da enunciação, provoca um distanciamento

daquilo que enuncia, tentando passar uma imagem de isenção, de imparcialidade, por meio de uma embreagem enunciativa, que, segundo Fiorin (1995, p. 29), é o “efeito de retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado”.

Em resumo, podemos afirmar que *Veja*, na capa edição 2728, busca, por meio do sincretismo entre os elementos verbais e não verbais, indicar um futuro de incertezas em relação ao combate à Covid-19 por meio das autoridades brasileiras.

5.3. Plano discursivo da edição 2743, de *Veja*

A Edição 2728, de 23 de junho de 2021, foi publicada logo após o Brasil ter chegado ao fatídico número de 500.000 mortos pela Covid-19, o que havia ocorrido no dia 19 de junho de 2021. Na verdade, naquele dia, o número chegou a 500.868 vidas perdidas para pandemia instaurada há mais ou menos quinze meses antes.

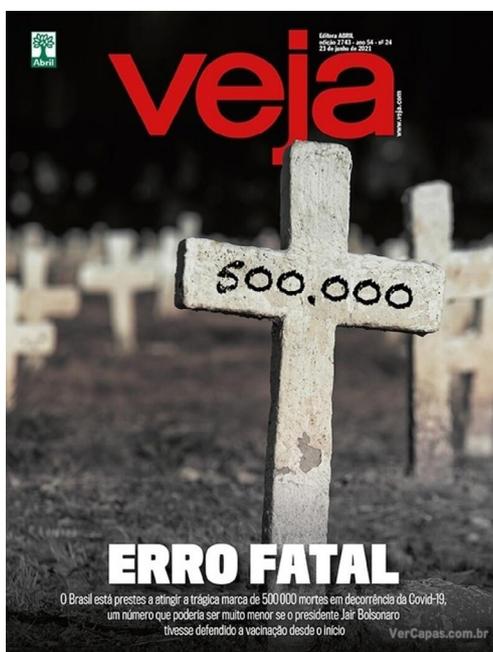


Figura 3: Capa da Edição 2743, de 23 de junho de 2021.

Fonte: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2021-06-18>>.

Acesso em 17 de agosto de 2021.

Na edição de 23 de junho de 2021, número 2743, *Veja* também aposta na ausência de elementos para simbolizar, desta feita, o vazio pelas 500.000 mortes provocadas pela Covid-19. Além do nome da revista, em vermelho, o que pode ser interpretado como uma metáfora visual para o sangue, há, no plano imagético, uma foto de um cemitério repleto de crucifixos. A grande quantidade dessas cruzes simboliza a imensidão de vítimas fatais do coronavírus no Brasil, o que é reforçado pela inscrição do numeral 500.000 na cruz em primeiro plano.

No plano verbal, a capa traz na chamada principal, a única que há, em caixa alta, os dizeres “ERRO FATAL”. A mensagem auto-explicativa é corroborada pelo subtítulo, “O Brasil está prestes a atingir a marca de 500.000 mortes em decorrência da Covid-19, um número que poderia ter sido muito menor se o presidente Jair Bolsonaro tivesse defendido a vacinação desde o início”. Vale ressaltar que *Veja* é publicada semanalmente e que, quando foi rodada a Edição 2743, o país ainda não havia atingido a marca de 500.000 óbitos, o que só ocorreu no dia 19 de junho, justamente, durante o período de circulação dessa edição. De qualquer forma, os números já eram catastróficos, e a revista, na ocasião, entrincheirava-se nitidamente como uma crítica do presidente Jair Bolsonaro, diferentemente do que ocorrera nas edições 2676 e 2728.

5.4. Análise do Nível Narrativo

Tomando-se as três capas como um único conjunto textual e, no que concerne à análise do plano narrativo, temos três (03) sujeito semióticos: o Sujeito 1 (S1), a população brasileira; o Sujeito 2 (S2), o sistema de saúde do país (SUS) e a comunidade científica brasileira; e o Sujeito 3 (S3), o presidente Jair Messias Bolsonaro.

O Sujeito 1 (S1) é figurativizado nas três capas selecionadas por meio das expressões “nós”, “passageiros” e “Brasil”. S1 é modalizado por um “querer-sobreviver à pandemia”, que é também o seu principal Objeto de Valor (OV1), mas, para alcançá-lo, ele precisa da ajuda da comunidade científica e do nosso Sistema Único de Saúde, seus adjuvantes. Em seu programa narrativo, S1 tem como opositores os negacionistas e, por mais esdrúxulo que possa parecer, o presidente Jair Messias Bolsonaro, o qual sempre difundiu um discurso contrário à vacina, ao isolamento social e ao uso de máscaras, e em defesa do uso de medicamentos como cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina, os quais não possuem comprovação científica como medida de combate ao novo coronavírus. Infelizmente, o S1 começa e termina seu programa narrativo em disjunção com seus objetos de valor, uma vez que, como é demonstrado pela capa da Edição 2743, o governo se mostrou incapaz de proteger a população, o que ocorreu pelo fato de não ter adquirido e distribuído as vacinas a tempo de evitar uma hecatombe como a provocada pela Covid-19, gerando cerca de mais de 500.000 mortes. Através dessa perspectiva, podemos apresentar o seguinte programa narrativo para o S1:

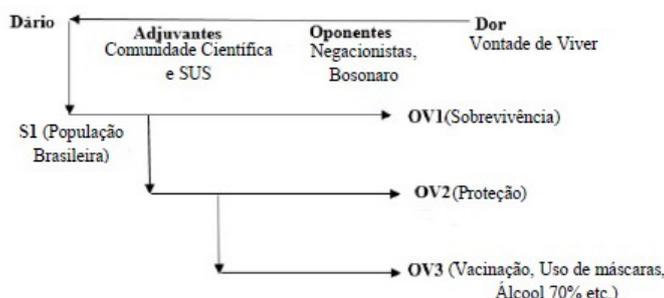


Figura 4: Percurso narrativo do S1

Em seu programa narrativo, o S2, figurativizado pelo “sistema de saúde do país” e pelos “especialistas”, que representam, respectivamente, o Sistema Único de Saúde (SUS)

e a comunidade científica brasileira. Esse sujeito é modalizado por um dever-protéger a população e, no intuito de alcançar esse Objeto de Valor (OV1), o S2 conta com a ajuda da comunidade científica internacional e dos fornecedores de vacinas e de insumos e, embora devesse contar com total apoio do presidente da república, este actante se apresenta, junto com os negacionistas, como um oponente do S2.

Como pode ser comprovado pela terceira capa analisada, da Edição 2743, o S2 permanece em disjunção com seu OV1 durante todo seu percurso narrativo, descrito no diagrama abaixo, uma vez que, nas palavras da própria *Veja*, o número de óbitos “poderia ter sido muito menor se o presidente Jair Bolsonaro tivesse defendido a vacinação desde o início”.

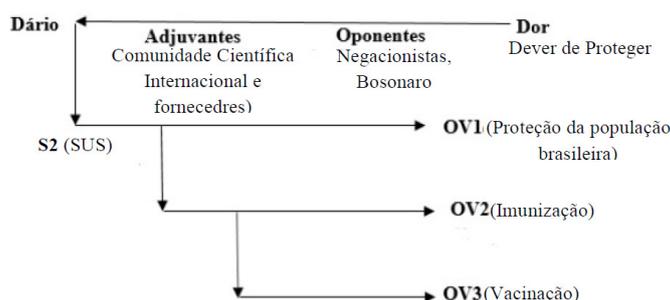


Figura 5: Percurso narrativo do S2

Quanto ao programa narrativo do S3, o presidente Jair Bolsonaro, podemos afirmar que ele é modalizado por um “negar a ciência”, o que é necessário para impor sua agenda ideológica, que representa o seu Objeto de Valor 1 (OV1), o que se dá, estritamente, por questões ideológicas. Nesse percurso, ele conta com o auxílio de seus apoiadores e dos negacionistas, uma vez que deu várias declarações contrárias à necessidade de vacinação e ao uso de máscaras, inclusive, chegou a afirmar que não iria se vacinar. Em discurso na cerimônia de assinatura de atos de apoio ao setor produtivo do Aeroporto Internacional de Porto Seguro, BA, no dia 18 de dezembro de 2020, Bolsonaro afirmou:

Alguns falam que eu estou dando péssimo exemplo, o imbecil, o idiota que está dizendo que eu estou dando péssimo exemplo, eu já tive o vírus, eu já tenho anticorpos, para que tomar vacina de novo? E outra coisa que tem que ficar bem claro aqui, doutora Raissa, lá na Pfizer está bem claro lá no contrato, nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral, se você virar um jacaré o problema é de você, pô! Não vou falar outro bicho senão eu vou começar a falar besteira aqui. Se você virar super-homem, se nascer um homem como uma mulher aí ou um homem começar a falar fino, eles não tem nada a ver com isso. O que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas, como é que você pode obrigar alguém tomar uma vacina que não se completou a terceira fase ainda, está na experimental? (PLANALTO, 2020)³

3. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-assinatura-de-atos-de-apoio-ao-setor-produtivo-aeroporto-internacional-de-porto-seguro>>. Acesso em 19 de agosto de 2021.

Esse discurso proferido por Bolsonaro é representativo de seu negacionismo e desconhecimento sobre a necessidade da vacinação como medida profilática, bem como demonstra todo seu preconceito e homofobia quando, em tom irônico, afirma que “se nascer um homem como uma mulher aí ou um homem começar a falar fino, eles não tem nada a ver com isso”(IBIDEM).

Bolsonaro chegou até a defender o uso de medicamentos sem comprovação alguma de eficiência no combate ao SARS-CoV-2, como a hidroxicloroquina, indicado para ataques agudos de malária, artrite reumatoide, lúpus eritematoso, afeções dermatológicas e reumáticas; e ivermectina, um parasitário indicado principalmente para o tratamento da oncocercose, elefantíase, pediculose (piolhos), ascaridíase (lombriga) e escabiose.

Ainda quanto ao percurso narrativo do S3, ele tem como oponentes a população que deseja ser imunizada, a comunidade científica e, contraditoriamente, o SUS e boa parte dos ministros da saúde que passaram por seu governo, tanto que foram demitidos do cargo por defenderem a vacinação e medidas restritivas de convívio social e, assim, contrapondo-se à manutenção da pauta ideológica do presidente, como foram os casos dos ex-ministros Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich. Segundo o El país (2020), a demissão do primeiro ministro da saúde, no dia 16 de abril de 2019, apenas três meses e meio após sua posse,

foi uma decisão eminentemente política. O presidente não estava de acordo com a conduta de Mandetta na defesa das medidas de isolamento social ou da não aplicação da cloroquina de maneira generalizada para o tratamento da covid-19. Isolado politicamente, Bolsonaro viu uma chance de se livrar do ministro-estrela após ter a sinalização de seus ministros militares de que não se oporiam mais à saída do ministro, como tinham feito antes. (EL PAÍS, 2020)⁴

O S3 termina em disjunção com seu OV1, a imposição de sua agenda ideológica, uma vez que, mesmo que demita ministros e propale um discurso contrário à vacinação, ao uso de máscaras e às medidas restritivas etc., ele não consegue impor todas as suas pretensões, pois a responsabilidade do cargo que ocupa lhe impõe tomar atitudes contrárias às suas vontades e, por conseguinte, implementar medidas de combate à pandemia. A seguir, temos a representação gráfica do percurso narrativo de S3.

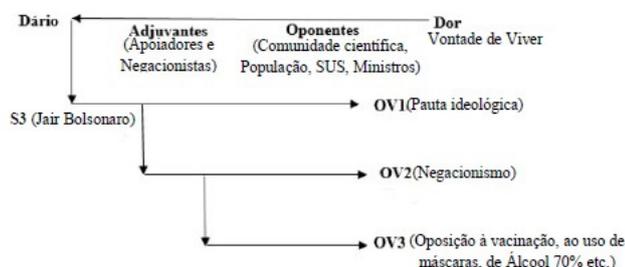


Figura 6: Percurso narrativo do S3

4. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-16/mandetta-e-demitido-por-bolsonaro.html>>. Acesso em 19 de agosto de 2021.

5.5. Oposição Binária Fundamental

O sujeito da enunciação, *Veja*, assume um posicionamento favorável à **ciência**, à **vacinação**, às **medidas e isolamento** e, por conseguinte, contrário ao do presidente Jair Bolsonaro, o S3, defendendo a necessidade de se seguirem protocolos de segurança sanitária contra o coronavírus, temos os itens supracitados como de valor **eufórico**. Por outro lado, a **exposição social**, o **negacionismo**, o **charlatanismo pela difusão do uso de medicamentos sem eficácia contra à Covid-19** e o **afrouxamento de medidas de convívio social** caracterizam-se como de valor **disfórico**. Essas relações de contrários e contraditórios podem ser ilustradas no octógono semiótico que segue:

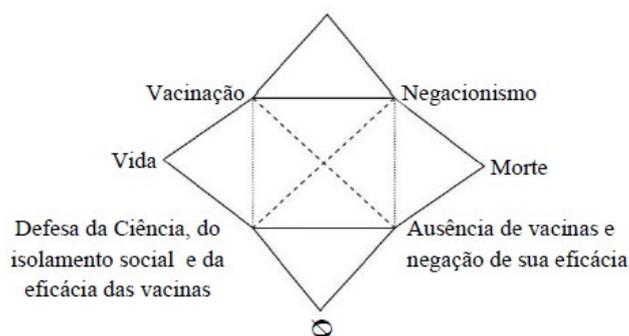


Figura 7: Octógono Semiótico Negacionismo X Ciência

No octógono (figura 7), “vacinação” e “negacionismo” são termos contrários, sendo o primeiro dotado de valor tímico positivo e o segundo de valor tímico negativo. Atendo-se às contradições, vê-se a relação dos termos “vacinação” e “ausência de vacinas e negação de sua eficácia”, bem como aquela que diz respeito ao “negacionismo” e à “defesa da ciência e da eficácia das vacinas”. Por outro lado, vê-se a complementaridade que se dá entre os termos “vacinação” e “defesa da ciência, do isolamento social e da eficácia das vacinas”, o que resulta em “vida”; além daquela que se dá entre “negacionismo” e “ausência de vacinas e negação de sua eficácia”, o que tem como resultado o risco de “morte” à população brasileira. Sendo assim, o sujeito da enunciação, *Veja*, aponta euforicamente para a vacinação e todas as medidas de prevenção à contaminação e morte como necessárias ao enfrentamento da pandemia de SARS-Cov-2.

6. Considerações Finais

A partir da análise das capas publicadas por *Veja*, respectivamente, das edições 2676, de 04 de março de 2020; 2728, de 10 de março de 2021; e 2743, de 23 de junho de 2021; observamos que a revista foi, paulatinamente mudando seu posicionamento a respeito de como o Governo Federal e, mais especificamente, o presidente Jair Bolsonaro conduziu, até junho de 2021, o combate e a prevenção à pandemia do novo coronavírus.

Na primeira edição analisada, a 2676, publicada logo após a divulgação do primeiro caso no Brasil, *Veja* ainda se mostra bastante otimista em relação a como o governo brasileiro

e nosso sistema de saúde pública, o SUS, enfrentariam a Covid-19, como se pode ler no subtítulo “A confirmação da chegada do coronavírus ao Brasil provoca alarme e exige atenção. Mas o sistema de saúde do país está bem preparado para evitar um mal maior”. Ou seja, na opinião do periódico, não havia o que temer, por isso não precisávamos ficar alarmados, uma vez que o SUS, para *Veja*, estaria bem preparado para o combate ao novo vírus.

Enquanto, na primeira edição analisada, a revista demonstra acreditar plenamente em nossa capacidade de conter a pandemia, na edição publicada, aproximadamente, um ano depois do desembarque do SARS-CoV-2 em território nacional, na edição 2728, *Veja* já se mostra apreensiva em relação à forma como o governo conduziria o combate e a prevenção à Covid-19, bem como em relação ao aumento do número de óbitos provocados pela doença.

Já na terceira e última capa analisada, edição 2743, *Veja* dá uma guinada de 360 graus em relação ao posicionamento adotado na edição 2676, publicada há cerca de um ano e cinco meses antes. Na edição de 23 de junho de 2021, a revista demonstra bastante pesar em relação ao assombroso número de mortos, que já passavam de 500.000 pessoas. Naquele momento, *Veja* define a condução do enfrentamento à pandemia por parte do governo do presidente Jair Bolsonaro como um “erro fatal”.

Quanto à análise do plano visual, vimos que a revista construiu seu discurso sempre partindo de imagens icônicas: para representar a chegada do vírus ao país, estampou o desembarque de turistas no aeroporto de Guarulhos, em alusão ao fato de o primeiro infectado a chegar ao Brasil ter, supostamente, vindo da Europa; para indicar apreensão e falta de perspectiva, alude à metáfora visual da “luz no fim do túnel”; e para representar o lamento, o luto, a indignação pela inadmissível quantidade de mortos a que se havia chegado em menos de um ano e meio de pandemia, recorre à imagem de um cemitério com incontáveis crucifixos, mais uma metáfora visual, nesse caso, para representar a morte.

No que tange ao plano verbal, *Veja* sempre prefere capas mais minimalistas, com pouco texto verbal, geralmente, apenas uma chamada principal, um subtítulo e o nome da revista. Sendo assim, a chamada principal funciona tanto como uma legenda da imagem como a apresentação da reportagem de capa.

Em suma, podemos dizer que análise dessas três capas serviu para nos mostrar o quão susceptíveis estão os posicionamentos dos órgãos de comunicação a fatos novos, ao inesperado. Essa é uma via de mão dupla, veículos midiáticos de grande alcance como é o caso de *Veja* exercem influência inegável sobre seus leitores, bem como os anseios de seu público-leitor quase sempre norteiam o direcionamento que uma revista, um jornal ou um noticiário de rádio vão dar à sua pauta.

7. Referências

BRASIL. Presidente (2018-2021: Jair Messias Bolsonaro). **Pronunciamento do senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão**. Brasília, 24 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

- FIORIN, J. L. **A pessoa desdobrada**. São Paulo: Alfa N. 39, 1995. p. 23-44 (semestral).
- _____. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____. **Semiótica das paixões: o ressentimento**. In: Alfa, v. 51, n.1, 2007. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v51-1/01-Fiorin.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.
- GREIMAS, A. J. **Semiótica e ciências sociais**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- _____. **Sobre o sentido: ensaios semióticos**. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar e outros. Revisão técnica de Milton José Pinto. Petrópolis, vozes, 1975
- _____. **Os atuantes, os atores e as figuras**. in CHABROL, Claude et al. *Semiótica narrativa e textual*. Tradução Leyla Perrone Moisés, Jesus Antônio Durigan e Edward Lopes. São Paulo: Cultrix, 1977, p.179 a 195.
- _____. & COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- _____. ; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma**. São Paulo: Ática, 1993.
- LADEIRA, Francisco Fernandes. **A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?**. Observatório da Imprensa. 2015. Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- LE MOS, Vinícius. **Coronavírus: por que primeira pessoa infectada no Brasil pode nunca ser descoberta**. CNN Brasil: Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52334034>>. Acesso em: 13 maio 2021.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia de; LANDOWSKI, Eric. **Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas**. São Paulo: EDUC, 1995.
- PODER 360. **Revistas sofrem grande queda de circulação impressa e digital em 2020**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/revistas-em-2020-circulacao-imprensa-e-digital-despencam/>>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- MANDETTA, L. H. Luiz Henrique Mandetta: depoimento [2020]. **Brasil confirma 1º caso de coronavírus, ministro descarta interrupção de vôos**. Brasília: REUTERS, 2020. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/saude-coronavirus-primeirocaso-idBRKCN20K28C-OBRDN>>. Acesso em: 12 maio 2021. Entrevista coletiva concedida em Brasília para anúncio do 1º caso de coronavírus no Brasil.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.
- SANAR SAÚDE. **Linha do tempo do coronavírus no Brasil**. Disponível em: <<https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>>. Acesso em 11 maio 2021.
- SUS. **Painel Coronavírus**. Brasília, 11 de maio de 2021. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 12 maio 2021.
- UNA-SUS. **Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença**. Brasília, 27 fev. de 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>>. Acesso em: 11 maio 2021.

VEJA, São Paulo, **edição 2676**, março de 2020. Disponível em: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2020-02-28/>>. Acesso em: 17 de ago. 2021.

_____, São Paulo, **edição 2728**, março de 2021. Disponível em: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2020-03-05/>>. Acesso em: 17 de ago. 2021.

_____, São Paulo, **edição 2743**, junho de 2021. Disponível em: <<https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/veja/2020-06-18/>>. Acesso em: 17 de ago. 2021.

INTERAÇÕES DISCURSIVAS NAS *STREAMS* DE SAMIRA CLOSE: UM OLHAR A PARTIR DA PERSPECTIVA SOCIOSSEMIÓTICA

DISCURSIVE INTERACTIONS IN SAMIRA CLOSE'S *STREAMS*: A LOOK FROM THE SOCIO-SEMIOTIC PERSPECTIVE

Gilmar MONTARGIL

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPCOM/UFRGS)

Maria de Lourdes Rossi REMENCHE

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGEL/UTFPR)

Resumo: O sujeito contemporâneo insere-se no mundo por meio de gêneros discursivos com alto grau de complexidade e hibridez que não respondem somente a propósitos comunicativos, mas possibilitam a transcendência ao outro por meio de demarcações identitárias, como pode ser observado no recente sucesso de transmissões de jogos pelo Facebook por parte de LGBTQI+. Considerando esse cenário, este artigo tem por objetivo analisar diferentes regimes de interação articulados nas *streams* da *drag queen* Samira Close a partir da hipótese de que a *streamer* configura uma hibridez de regimes de interação ao mobilizar diferentes aspectos sociais e comunicativos. Ancorados na proposta sociossemiótica de Landowski (2014a, 2014b), selecionamos como *corpus* três *streams* de Samira Close em sua page do Facebook Gaming que apresentam temáticas diferentes. A análise, que considerou as diferentes formas de interação, a saber, programação, manipulação, ajustamento e acidente, revela que a streamer aciona vários regimes ao mesmo tempo, e, em alguns momentos, alterna a regularidade semiótica ao mudar de *game* para a leitura de comentários on-line.

Palavras-chave: Eric Landowski; *Queer Game Studies*; Regimes de interação; Sociossemiótica; Samira Close.

Résumé: Le sujet contemporain entre dans le monde à travers des genres discursifs à haut degré de complexité et d'hybridité qui non seulement répondent à des finalités communicatives, mais permettent la transcendance à l'autre à travers des démarcations identitaires, comme en témoigne le récent succès des diffusions de jeux sur Facebook par LGBTQI+. Considérant ce scénario, cet article vise à analyser différents régimes d'interaction articulés dans les streams de la drag queen Samira Close à partir de l'hypothèse que le streamer configure un hybride de régimes d'interaction en mobilisant différents aspects sociaux et communicatifs. Ancré dans la proposition sociosémiotique de Landowski (2014a, 2014b), nous avons sélectionné comme corpus trois streams de Samira Close sur sa page Facebook Gaming qui présentent différents thèmes. L'analyse, qui a considéré les différentes formes d'interaction, à savoir la programmation, la manipulation, l'ajustement et l'accident, révèle que le streamer active plusieurs régimes en même temps, et, parfois, alterne la régularité sémiotique lors du changement de jeu à la lecture de commentaires en ligne.

Mots-clefs: Eric Landowski; *Queer Game Studies*, Régimes d'interaction; Sociosémiotique; Samira Close.

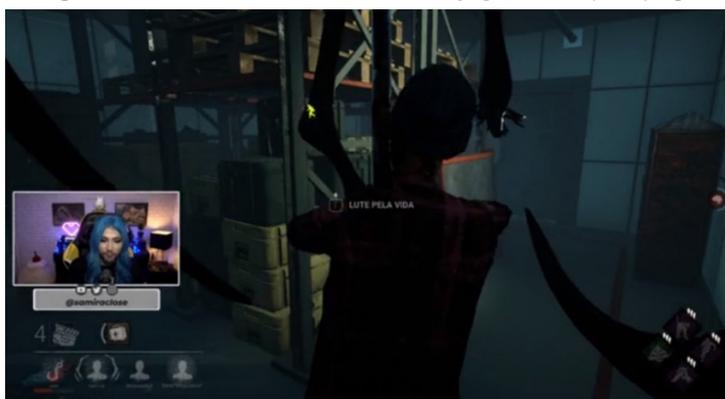
1. Introdução

Na contemporaneidade, os sujeitos verbalizam discursos na *web* a partir da potencialização, hibridização e/ou criação de gêneros discursivos cada vez mais complexos. Isso decorre de um processo tecnológico a considerar vários aspectos: 1) a frequente atualização da estrutura técnica das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) e de aparatos como *smartphones* e *videogames*; 2) o aumento de números de pessoas que podem acessar e verbalizar discursos na internet; 3) a capacidade de absorção de linguagens e convergência das mídias propiciada pela internet, como averbam Manovich (2001) e Jenkins (2011).

No entanto, decorre também de um processo identitário, em que o sujeito contemporâneo, após um amplo processo de descentralização e fragmentação das identidades (HALL, 2006), coloca-se no mundo através de práticas de linguagens que não só respondem a propósito comunicativos, mas reafirmam marcas simbólicas das identidades que configuram o sujeito. Viver é por si só, participar de diversas esferas de circulação de discursos, em que reconfigurações dessas identidades são necessárias. “[...] um único e mesmo indivíduo pode participar de vários grupos semióticos e assumir tantos papéis sociosemióticos quantos são os grupos em que se acha integrado” (GREIMAS, 1981, p. 43). Um desses grupos é o LGBTQI+, ou mais especificamente a letra T correspondente ao corpo transgênero – transexuais, travestis, *drag queens* e outros modos de ser *queer*. Relacionados – com certa recorrência — à doença/distúrbio (discurso científico), ao pecado (discurso religioso), às profissões sexualizadas (discursos sociais), esse grupo tem vislumbrado lugares interditados — como o ambiente *gamer* — e contornado silenciamentos por diversas instâncias — sobretudo a dos meios de comunicação oficiais (RUBERG; SHAW, 2017; REMENCHE, MONTARGIL ROHLING, 2021).

Um exemplo é a *drag queen* Samira Close que faz transmissões ao vivo de jogos pelo Facebook desde 2018, também denominadas de *streams*, angariando centenas de milhares de visualizações e interações na rede. Autodenominada de “garota gamer”, Samira apresenta-se tanto com a expressão masculina como com a expressão feminina, demarcando-se a partir de uma linguagem que sincretiza uma variante linguística regional (Ceará) com o pajubá, variante da comunidade LGBTQI+, e uma linguagem gíria da comunidade *gamer* intensificado pela temática do *game* que transmite – que transita entre jogos de sobrevivência, tiro e terror. Para ilustrar, um recorte de uma *stream* realizada em 26 de agosto de 2020.

Figura 1 – Samira Close streamando o jogo *Dead By Daylight*



Fonte: SAMIRA CLOSE, 2020.

Atualmente a sua *page* no Facebook conta com 750 mil seguidores. Somente entre os dias 24 e 26 de agosto de 2020, a *streamer* conseguiu, por meio de três transmissões, um número total de 302 mil visualizações, mais de 25 mil *likes* e 46,1 mil comentários — uma média de mais de 100 mil visualizações, 8,5 mil *likes* e 15, mil comentários. A tabela a seguir apresenta os números orgânicos de audiência desses exemplos.

Tabela 1 – Dados de audiência entre as *streams* do dia 24 de agosto a 26 de agosto

	Visualizações	Likes	Comentários
Stream 24 de agosto	86 mil	10 mil	18 mil
Stream 25 de agosto	49 mil	5,8 mil	7,1 mil
Stream 26 de agosto	167 mil	9,7 mil	21 mil
Média	100,3 mil	8,5 mil	15,3 mil

Fonte: Os autores, 2020.

Dado esse sucesso, e considerando a convergência entre o processo tecnológico e os processos identitários no contexto contemporâneo, essa pesquisa assinala como objeto as *streams* de Samira Close. Cabe aqui o conceito de gêneros do discurso proposto por Bakhtin (2016)¹ para vislumbrar a *stream* como um texto que enforma o discurso por meio do hibridismo de linguagens e outros gêneros. A literatura já trabalha com o conceito de ludoletramento como forma de limar as diversas competências discursivo-semióticas necessárias para o ato de jogar e streamar — porque, por exemplo, no caso de Samira Close, ela precisa operar o game (tela maior), operar a transmissão (tela menor), operar a interação com o público, operar a comunicação com colegas que joga, e uma série de outras necessidades para que a *stream* se constitua e produza um dado regime de interação específico (ou singularizado), em que as categorias de interações apresentadas por Landowski (2014b) — programação, manipulação, ajustamento e acidente — vão sendo reordenadas e configuradas por Samira Close a depender desses diversos fatores.

1. Para Bakhtin (2016) os gêneros se constituem de tema, composição e estilo e são influenciados pela esfera discursiva, o suporte tecnológico, regras morais que ditam o que pode ou não ser dito. Além disso, o autor considera que existam gêneros capazes de absorver outros gêneros, como o romance, que tem a capacidade de absorver cartas, bilhetes, cantos.

Partindo da hipótese de que essas quatro categorias de interações apresentadas por Landowski (2014a, 2014b) vão sendo reordenadas e configuradas por Samira Close a depender desses diversos fatores, estabelecemos como objetivo analisar os diferentes regimes de interação articulados nas *streams* de Samira Close a fim de analisar de que forma a *streamer* operacionaliza-os como forma de angariar sua sólida audiência na plataforma de gamestream Facebook Gaming. A seguir, apresentamos a perspectiva teórica da sociossemiótica com base em Eric Landowski; para, posteriormente, apresentarmos a metodologia e o mapeamento dos diferentes regimes de interação encontrados e articulados no ato de transmitir jogos digitais por parte de Samira Close.

2. A aliança Greimas e Landowski

Todo o embasamento apresentado em trabalhos mais recentes do semioticista Eric Landowski, sobretudo no livro *Interações Arriscadas*, advêm de um percurso que foi germinado e desenvolvido a partir das ideias greimasianas². Greimas (1975, 1981, 2002), professor e mestre de Landowski, entendia o ser e estar no mundo como uma “virtualidade de sentido”, buscando uma abordagem com o intuito de: “[...]compreender e descrever de que maneira o indivíduo, nesse novo contexto, consegue transcender a si mesmo e juntar-se ao outro, de que maneira ele se integra e vive sua integração nos grupos sociais[...]” (GREIMAS, 1981, p. 39).

Entendendo a semiótica como um campo descritivo, capaz de elucidar diversos tipos de discursos e tipos de texto, e, amparado por parâmetros bem definidos, Greimas (1975) concebe o conceito de *Percurso Gerativo de Sentido* em três níveis.

O primeiro nível trata-se do *fundamental*: ocorre a identificação de oposições semânticas, por exemplo, morte × vida, bondade × maldade, guerra × paz. No quadro semiótico greimasiano, a vida também se opõe a não-vida da mesma forma que a morte se opõe a não-morte, sendo a vida e a não-morte complementares na medida que a morte se complementa com a não-vida, ou seja, o sentido, nesse caso, é produzido a partir de um cálculo de conexões e oposições, provocado em uma primeira leitura em que esses signos possibilitam esse jogo, porque se configuram enquanto competência discursivo-semiótica de um grupo social.

O segundo nível trata-se do *narrativo*: uma estrutura universal de como se contar história denominado *modelo actancial*. Existe um *sujeito* que almeja um *objeto*, ocorre uma ajuda de um *mentor* e o acréscimo de obstáculos por um *opositor*, durante o caminho de levar esse *objeto* do *destinador* ao *destinatário*. Esse modelo foi construído por Greimas (1975) após a tradução de *Morfologia dos Contos Maravilhosos* de Propp (1984[1928]) ter chegado ao Ocidente com 30 anos de atraso, em 1958³.

2. Eric Landowski pode ser considerado como um “discípulo” de Algirdas Julien Greimas, atuando em conjunto e participando ativamente na abertura da teoria greimasiana, que a partir dos anos se abre para outros *modus* do sentido, como o *sensível* e a *estesia*. Esse contato pode ser percebido em trabalhos como *Análise Semiótica de um Discurso Jurídico* (GREIMAS; LANDOWSKI, 1981) e *Com Greimas* (LANDOWSKI, 2017).

3. Assim como Greimas (1975), uma série de estudiosos importantes da geração dos anos 1950 e 1960, como o antropólogo Levi-Strauss, foram influenciados pelos estudos proppianos, assim nos revela Meletinski (1984).

Propp (1984) analisou mais de cem contos maravilhosos⁴ russos e identificou uma estrutura narrativa comum em que consistia um padrão para as funções dos personagens, em suas palavras, “o que muda são os nomes (e, com eles, os atributos) dos personagens, o que não muda são suas ações, ou *funções* (PROPP, 1984, p. 25, grifo do autor). Dessa forma, o *modelo actancial* foi construído em uma dicotomia de crítica e valoração da importância do estudo proppiano, podendo ser aplicado em qualquer tipo de narrativa. No texto *Análise de um Discurso Jurídico*, Greimas e Landowski (1981) aplicam a teoria em um julgamento, ou seja, compreendido enquanto narrativa, vislumbra-se o encadeamento das ações (apresentação, apreciação, sentença) com os respectivos personagens exercendo as funções *actanciais* (o réu, juiz, advogado de acusação, advogado de defesa).

Por último o nível *discursivo*: é a instância de sentido em que se responde a pergunta “o que esse texto quer dizer?” levando-se em conta os níveis anteriores. Exemplo: se em um filme o protagonista dá uma rosa à princesa, a compreensão estará em torno da paleta amorosa; no entanto, se é a bruxa que dá a rosa à princesa, a compreensão evocará perigo. Cabe aqui três colocações: 1) a primeira é a de que embora a teoria greimasiana buscasse analisar qualquer tipo de texto, Greimas (1975, 1981, 2002) não deslumbrou seu procedimento em textos visuais, dando preferência à literatura e gêneros com ênfase na escrita; 2) a segunda é a de que embora em vários momentos o semioticista dê ênfase ao social⁵, a última etapa como procedimento desconsidera o contexto; 3) o último nível não foi tão trabalhado e instrumentalizado como os outros níveis, o próprio Landowski (2014b) assume que o nível *narrativo* foi o que mais empreendeu sucesso na teoria greimasiana.

Não obstante, no final de sua vida, Greimas (2002) expande seu pensamento dos modelos fixos e universais para o campo do sensível. É nesse momento que o contato com Landowski (1981, 1992) parece fecundo, pois, depois da morte de seu “mestre”, o autor reconfigura o legado greimasiano em vários eixos: busca articular o inteligível com o sensível; propondo na obra *A sociedade refletida* um deslocamento da proposta descritiva dos textos para uma investigação com foco nas interações:

[...]em vez de encarar a linguagem como simples suporte de “mensagens” que circulam entre emissores e receptores quaisquer [...] procurar-se-á, antes de mais nada, captar as *interações* efetuadas, com a ajuda do discurso, entre os “sujeitos” individuais ou coletivos que nele se inscrevem e que, de certo modo, nele se reconhecem (LANDOWSKI, 1992, p. 10, grifos do autor)

Nessa obra, Landowski (1992) apresenta três regimes de interação, argumentando que Greimas (1975), apesar do sucesso do seu método no campo narrativo, não elucidou uma forma universal de fazer a leitura das interações, mas sim, localizou apenas um dos modos de narratividade.

4. Similar aos contos de fada.

5. “[...]como se sabe, a diferenciação cultural das macrosociedades leva à constituição de grupos sociosemióticos semiautônomos, detentores de um saber e de uma competência discursiva particulares, grupos esses dentro dos quais se estabelecem circuitos fechados de comunicação” (GREIMAS, 1981, p. 17)

Nesta pesquisa, mobilizaremos a obra *Interações Arriscadas*, pois ela acrescenta um quarto regime — advinda do desenvolvimento ao longo dos anos dos procedimentos empregados por Landowski (2014a, 2014b) em que a sociossemiótica busca “[...]nos enunciados, nos textos, nas coisas que nos circundam ou nos comportamentos que nós observamos [...] a produção e a apreensão do sentido em ato” (LANDOWSKI, 2014b, p. 12).

Esses quatro regimes, a saber, são: 1) *Programação*: decorre de uma força exterior já-dada, envolvendo a previsão de um propósito comunicativo interligado a um tema; 2) *Manipulação*: decorre de um desejo interno, envolvendo um propósito de persuadir, influenciar ou forçar outrem a agir; 3) *Ajustamento*: advindo da interseccionalidade dos regimes anteriores, o ajustamento decorre de um arranjo dos propósitos das pessoas que se comunicam, no entanto, esse regime abre margem para o sensível, “ele põe em jogo o processo de contágio fundado sobre as qualidades sensíveis dos parceiros da interação, isto é, de um lado, a consistência estética (plástica e rítmica) dos objetos, e, de outro, a competência estética dos sujeitos” (LANDOWSKI, 2014b, p. 17); 4) *Acidente*: decorre de erros, acovardamentos, mudança de rota ou de plano em regimes anteriores, é o espaço do acaso onde o inesperado pode acontecer.

Num plano geral, as escolhas que podemos efetuar a respeito (na medida em que as situações concretas permitem escolher) se resume a optar por diferentes regimes de interação e, por isso mesmo, entre regimes de sentidos distintos. Esses dois regimes estão intimamente relacionados. De uma parte é fácil constatar empiricamente que, quanto mais nos aplicamos a ganhar em termos de segurança no plano pragmático da interação, mais nos expomos, em geral, ao risco de perder no outro plano – o da produção de sentido. E vice-versa. Por outra parte, e sobretudo, por maior que seja a diversidade de formas de interação, é possível mostrar, como trataremos de fazê-lo, que essa diversidade remete a um número muito limitado de princípios elementares relativos à maneira de construir as relações do sujeito com o mundo, com o outro e consigo mesmo [...] (LANDOWSKI, 2014a, p. 19).

Assim, Landowski (2014b) nos oferece uma gama de possibilidade de interações, uma vez que esses quatro regimes vão criando teias de oposições e aproximações, desencontrando-se, e em muitos casos, sobrepondo-se e mesclando-se em vários níveis e instâncias. Logo, na próxima seção apresentaremos esse gênero discursivo denominado de *stream*, com enfoque em fazer uma leitura de suas principais características do ponto de vista semiótico, para, em seguida, vislumbrar o olhar de quais regimes transpassam essa prática de linguagem quando realizada por sujeitos *queers*.

3. O gênero discursivo *stream*

Quando nos debruçamos, por exemplo, no consumo de literatura, encontramos uma série de categorias, tais como conto, romance, ensaio, poesia, entre outros, cada um com características próprias. Tais características, quando levamos em conta a leitura de Bakhtin (2016) em *Os Gêneros do Discurso*, não podem ser compreendidas como engessadas e imutáveis, pois, elas são “relativamente estáveis”, passíveis de mudança e reordenamento. O mesmo ocorre com os gêneros audiovisuais do âmbito midiático, disponíveis em canais na *web* e em canais de televisão.

Assim, muitos indivíduos ligam seus *tablets*, *smartphones*, *notebooks*, entre outros aparelhos, para assistir transmissões ao vivo de jogos realizadas em plataformas de *game streaming*, tais como Twitch Tv, You Tube e Facebook Gaming. Essas transmissões, apesar da variedade do que se possa transmitir (TAYLOR, 2018), são denominadas de “*stream*”, termo que ganhou aderência pela comunidade *gamer* como sinônimo de transmissão de jogos digitais. Para tanto, quando adentramos o canal ou *page* de algum *streamer* (*gamer* e/ou profissional que faz a transmissão), somos envolvidos por esse gênero discursivo em que assistimos em tempo real o sujeito e sua *gameplay*, como na figura 2, em que Samira Close está streamando *League Of Legends*.

Figura 2 – Print de tela da plataforma Facebook Gaming



Fonte: Page Samira Close/FACEBOOK GAMING, 2021.

Portanto, alguns aspectos composicionais-estilísticos, são observáveis na maior parte das *streams*, como, por exemplo, o *layout* configurado em uma sobreposição de telas, permitindo que vejamos a *gameplay* do jogo em tempo real ao mesmo tempo que o *streamer* e suas respectivas reações. Durante as horas de *live streaming* (ou quando assistimos ao arquivo em *VOD* posteriormente na plataforma), verificamos neste gênero a interação com diversos interlocutores: 1) os fãs enviam comentários pelo *chat*, elogiando, xingando e dando dicas – recorrentemente lidos pela *streamer*, visto o volume de comentários; 2) os amigos que o/a *streamer* chama para jogar em conjunto; 3) *players* que acabam fazendo parte do time ou que recaem na partida em que o *streamer* está – incorrendo em comunicação escrita ou oral pelos canais internos do jogo.

Mas poderíamos, ainda, acrescentar, a própria plataforma de transmissão, reconhecida como o local de trabalho para esses *streamers*, interpelando, assim, determinados modos de agir e se portar durante a transmissão. Não obstante, como subentendem “streamar” como um trabalho (COCQ, 2018), em geral, um trabalho desenvolvido com um público das redes sociais digitais, em que prezam pela construção de suas imagens, para que consigam se monetizar e ganhar dinheiro pelos diversos fluxos econômicos (JOHNSON; WOODCOCK, 2019), ocorre também patrocínios de empresas do ramo de jogos, tecnologia e alimentos como chiclete. Tal fato é importante, porque o lúdico e o entretenimento, contidos no ato de streamar, podem ganhar contornos de persuasão, mensagem subliminar e discursos de marketing permeados pela alusão a compras desses produtos.

Porém, é importante destacar o próprio fator jogo nessa textualidade, pois, cada tipo de jogo pode incorrer em um determinado modo de interação ou combinação de modos de interação, pois, “[...] para jogar, todo mundo precisa saber as regras do jogo” (SICARD, 2017, p. 153)⁶, e, em geral, essas regras alicerçam um *game design* – uma estruturação das práticas discursivas que serão necessárias para ganhar ou perder ou a alcançar algum objetivo.

Nitsche (2009) nos lembra que, no âmbito dos *games*, existem regras que condicionam tudo aquilo que um indivíduo-avatar-personagem pode fazer e como fazer. Somos levados a firmar a atenção a que tipologia de jogo está sendo transmitida (se é *roleplaying-game*, futebol, luta, terror, *beat'em up*, *puzzles*, entre outros), o que se pode ou não fazer no *game*; se é *gameplay* solo ou *multiplayer*, que nível de atenção-concentração é necessária, entre outros fatores. Estes pontos são importantes, porque instituem modos de observação para essas *streams*, pois, em um jogo de tiro como *Valorant*, que necessita de perícia e atenção para mirar e acertar o alvo, o *streamer* pode ficar mais em silêncio, focado no jogo, com semblante sério; enquanto, em um jogo mais descontraído, como *Fall Guys*, ou em jogos que demandam cooperação entre *players*, como *Dead by Daylight* ou *It Takes Two*, o *streamer* se permita ler mais as mensagens do público no *chat* ou conversar com amigos de forma descontraída.

Por fim, cabe apresentar Samira Close, uma *drag queen* que faz *live streamings* no Facebook antes mesmo da empresa lançar, em 2019, a plataforma Facebook Gaming para concorrer com a plataforma da Amazon que detêm a maior fatia do mercado, denominada Twitch Tv.

Como argumentam Remenche, Montargil e Rohling (2021), Samira transgride a racionalidade heteronormativa e hegemônica percuciente ainda na esfera dos *gamers*, lócus de preconceitos, estereótipos e obstáculos para corpos não condizentes com padrões e normas sociais que orbitam o circuito *gamer*. Exemplos dessas corporalidades que sofrem violência são: mulheres, comunidade negra e *queers*. Por isso, a importância de aludir aos *Queer Game Studies*, como propõem Ruberg e Shaw (2017), pois, também devemos olhar para esses *modus queers* de jogar e os modos *queers* de interação, ou mesmo, como sugere Halberstam (2017), identificar os modos de se relacionar com os estatutos heteronormativos e não-heteronormativos.

6. No original: “[...] *to play a game, everybody needs to know the rules of the game*” (SICARD, 2017, p. 153).

Nessa perspectiva, em que medida o pensamento sociossemiótico proposto por Eric Landowski favorece uma interpretação da enunciação por parte dos *queers* em gêneros como a *stream* e outras textualidades do âmbito midiático? Como esses modos de ser transformam a interação de uma jogabilidade? Ou mesmo, até que ponto o ganhar é mais importante que estar em pertença com amigos ou com uma comunidade?

No que tange a Samira Close, algumas pistas a esse respeito já foram dadas por outros vieses teóricos (NEMER, INOCÊNCIO, 2019; BONFIM JÚNIOR; ZAGO, 2020; REMENCHE, MONTARGIL, ROHLING, 2021). Uma das principais características é o emprego de gírias da comunidade LGBTQI+ e linguagens como o pajubá – dialeto advindo do iorubá africano que permeia dizeres e jargões desta comunidade. Esses trabalhos demonstram que Samira Close utiliza termos como “uó”, “mona”, “tô passada”, “babado” e adapta isso na sua mecânica de jogo, na sua performance e nas suas interações com os diversos interlocutores, sejam fãs, amigas *streamers queers*, como Rebeca Trans ou Dani Liu, ou mesmo, com outros *players* ou “*incels* da internet” ou *haters*⁷.

Há de se observar, todavia, que os regimes de interação específicos (RIE) são constituídos a partir de outras vivências e singularidades que atravessam Samira Close, como o fato de se considerar *gamer*, de ser nordestina, de ser uma microcelebridade, de estar com determinado humor ou passando por alguma situação em sua vida privada.

Reforçamos aqui, a materialidade *queer* e drag envolta de códigos semióticos e gestos como o balançar dos seios, o modo e o tom de falar, a maquiagem, a peruca, entre outros elementos prostéticos-técnicos (PRECIADO, 2018). Todos esses fatores, se bifurcam em uma conjuntura, sobrepondo-se com o jogo a ser transmitido e os interlocutores que frequentarão a *stream*. Nossa *hypothesis*, portanto, é de que a programação, a manipulação, o ajustamento e o acidente, vão se hibridizando e se reordenando, pois, Landowski (2014b, p. 11) reforça que são “[...] as práticas de construção, negociação, intercâmbio de sentido que vêm construindo o «social» enquanto universo de sentido”. Para saber como nossa *streamer queer* recortada faz isso, apresentamos, a seguir, o percurso metodológico e os resultados encontrados.

4. Jogando com Samira Close

Como já salientado, os procedimentos metodológicos terão aporte na perspectiva da sociossemiótica com base em Landowski (1992, 2014a, 2014b). Como diz o autor em *Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido*, priorizamos a interação como uma técnica de observar os modos de significação no gênero discursivo de transmissão ao vivo de jogos digitais. Para tanto, fizemos o recorte de três *streams* do mês de agosto de 2020, com vistas a estabelecer uma variedade de jogos streamado, e, assim, aferir nuances ou mudanças na configuração de cada *stream* no que tange aos quatro modos elencados por Landowski (2014a, 2014b). A partir disso, criamos o quadro a seguir, que apresenta o registro dos respectivos fatores imbuídos no todo discursivo da *stream*, a saber: 1) que jogo e tipologia de jogo está sendo transmitido; 2) que interlocutores estão presentes nas

7. *Incels* é uma denominação para pessoas que têm dificuldades para achar parceiros românticos e acabam sobrepondo essa frustração por meio de preconceitos, machismo e outros modos de violência (organizada ou não) pelas redes e pela esfera da comunidade *gamer*. *Hater* é uma denominação para pessoas que propagam comentários de ódio pelas redes.

interações da amostra (fãs, amigos, *players*); 3) recorte de enunciado para a respectiva análise e interpretação sociossemiótica.

Quadro 1 – Registro de dados das três *streams* analisadas

Amostra 1	Amostra 2	Amostra 3
 <p>Jogo:<i>Dead By Daylight</i></p> <p>Jogo com temática de terror. Um assassino persegue quatro sobreviventes. Para escapar os sobreviventes devem arrumar cinco geradores, energizando os portões de saída da arena para assim escapar a salvo.</p> <p>Interlocutores:</p> <p>Samira interage no jogo com a amiga Dani Liu e com outros dois desconhecidos. Fora do jogo Samira interage com Dani Liu e com o público lendo comentários no <i>chat</i>.</p> <p>Recorte da Interação:</p> <p>Ihh! [O <i>killer</i>] já está na Alva. Alva vai cair a qualquer momento. É a <i>Spirit!</i> Nossa derrubei uma <i>palet</i> ali fortíssima! Me perdeu! Voltei para o gerador. Esse negócio de não dropar <i>palet</i> porque é no começo do jogo depois passa um dropando tudo, quando eu vou loopar já não tem mais merda nenhuma.</p>	 <p>Jogo:<i>Grand Theft Auto V</i></p> <p>Permite uma simulação da vida real. Samira Close construiu uma personagem chamada Dona Sueli que tem como profissão ser faxineira.</p> <p>Interlocutores:</p> <p>Samira interage por meio de Dona Sueli com amigas e desconhecidos que estão controlando outros personagens.</p> <p>Recorte da Interação:</p> <p>Oi Dona Maria Joana. Minha filha eu já estava descendo o lixo, valha-me nossa senhora, hoje todo mundo briga comigo. Pois você me desculpe. Já vou Dona Estela! Já vou limpar! Ô Dona Julia vem cá, tô com medo de uma coisa minha filha, o doutor dos cabelo branco veio falar para mim da Dona Estela, do jeito que ela é briguenta comigo e tudo, eu tô com medo menina, porque eu preciso trabalhar.</p>	 <p>Jogo:<i>Fall Guys</i></p> <p>A proposta do jogo é apresentar fases que aos poucos eliminam os sessenta jogadores. O último que sobrar vence uma coroa.</p> <p>Interlocutores:</p> <p>Samira joga com mais 3 amigas e interage com o público. Além disso, faz <i>merchandising</i> do novo notebook Intel que patrocina essa transmissão em específico.</p> <p>Recorte da Interação:</p> <p>Eu vou fazer muita <i>live</i> nesse <i>notebook</i> [da Intel] sem sombra de dúvida. Gente, aqui [no jogo] é igual metrô de São Paulo, você passa e o povo te leva.</p>

Fonte: Os autores, a partir de Samira Close/Facebook Gaming, 2020.

A partir desse protocolo de registro e organização das amostras, o mapeamento sociosemiótico dos regimes de interação tornou-se possível, pois a *stream* possui uma textualidade complexa, ativando variadas competências discursivas em que esses fatores interferem na produção de sentido e vão sendo ativados ao longo do todo temporal da transmissão – que em geral pode durar de duas a até 12 horas ininterruptamente⁸.

Na amostra 1, por exemplo, há uma predisposição para o regime da *programação* imposta pelo jogo. Encontramos Samira Close fazendo a *stream* de *Dead By Daylight* (DBD) – *game* de terror estruturado em uma jogabilidade que consiste em sair de uma arena após o conserto de cinco geradores de energia, permitindo a energização dos portões de saída e a respectiva fuga.

O jogo é *multiplayer*; pode ser jogado em conjunto com amigos e com “*randoms*”⁹, totalizando 4 sobreviventes que precisam jogar em cooperação. Há, ainda, o *killer* (assassino), um quinto jogador que tem o objetivo diferente: matar um por um dos sobreviventes por meio de personagens como Michael Myers, Demogorgon e Nemesis (追跡者) (REMENCHE, MONTARGIL, 2021). Assim, o espectador que assiste à *stream* compreende, em termos greimasianos, que há uma regularidade narrativa imposta pelo jogo, condicionando aquilo que Landowski (2014a) denomina de *papéis temáticos*: conhecemos as “regras do jogo” e, a cada partida que Samira Close adentra, sabemos que: ou ela vai finalizar os cinco geradores e fugir ou vai morrer para o *killer*; sabemos os objetivos que a *streamer* necessita realizar e as ações para um bom desempenho na partida.

Por esse motivo, a interação de Samira Close é substancialmente focada em narrar suas próprias ações para a audiência da *stream* e se comunicar com Dani Liu, amiga e aliada que lhe faz companhia nas *gameplays* em *DBD*. Nosso recorte a seguir, exemplifica esse modo de interação, salientando opiniões e as indicações da *gamer*, como “vou por aqui”, “me perdeu”, “voltei para tal lugar”:

Ihh! [O *killer*] já está na Alva. Alva vai cair a qualquer momento. É a *Spirit*! Nossa derrubei uma *palet* ali fortíssima! Me perdeu! Voltei para o gerador. Esse negócio de não dropar *palet* porque é no começo do jogo depois passa um dropando tudo, quando eu vou loopar já não tem mais merda nenhuma (SAMIRA CLOSE, 2020).

No entanto, é possível observar também na amostra 1 o regime do *acidente*, pois, alguns imprevistos podem ocorrer nesta *gameplay* de *DBD*, como, por exemplo, alguns *players* ficarem *away from keyboard* (AFK)¹⁰, o servidor do jogo ficar indisponível, ou, ainda, acontecer acidentes que já estão programados no *design* do *game*, como por exemplo, “sair

8. É preciso ressaltar, que em geral, os *streamers* não ultrapassam 12 horas de transmissão, por ser para eles um processo exaustivo. No entanto, em raros casos, essa margem é ultrapassada.

9. *Random* é uma pessoa fora do seu círculo de amigos, um estranho/estrangeiro, que acaba – em alguns jogos – fazendo parte do seu time para que o *game* aconteça. Jogos como *Valorant*, permitem que o time se comunique por chatvoice interno ao game, outros jogos como *League of Legends* somente a comunicação escrita, e, em alguns casos, como *Dead By Daylight*, não há possibilidade dessas interações.

10. *AFK* é quando o indivíduo abandonou a partida por determinado motivo, o termo em *inglês* é uma referência a quem está longe do teclado do computador.

do gancho”¹¹ ou das armadilhas do *killer* por si só (possibilidade com baixíssima chance de ocorrer), ou mesmo, situações inusitadas ou *bugs* não programados que surgem durante a *gameplay* transmitida de *DBD* (um pulo ou *dash*¹² errado, um clique no *mouse* que faz o avatar fazer algo não previsto, ficar preso no cenário por algum erro arquitetural do jogo).

Poderíamos ainda, reconhecer os imprevistos ao longo das três amostras, esse momento de interagir com o público que lhe assiste on-line, em que a *streamer* lê alguns comentários no *chat* da plataforma Facebook Gaming. Isso porque “sua aparição gera diversos comentários na comunidade de fãs, com elogios à estética. A interação é marcada por elogios e cria ainda mais proximidade com sua comunidade” [...] (BONFIM JÚNIOR; ZAGO, 2020, p. 182). E aqui estamos diante de um grau de imprevisibilidade muito grande, pois, apesar desses comentários serem mais voltados a mensagens positivas, dicas de *gameplay* e elogios, pode ocorrer por parte dos fãs críticas e xingamentos.

A *streamer*, por sua vez, motivada a responder seus interlocutores, mobiliza um *fazer ser* tanto no âmbito da *programação*, como, por exemplo, agradecendo a um elogio, como no do *acidente*, podendo, inclusive, irritar-se ou xingar um fã, ao entender o comentário como inveja, indelicadeza, imoral – logo, nunca se sabe se, ao dar alguma dica, Samira irá agradecer ou dizer algo do tipo “não perguntei”! Essa imprevisibilidade e aspereza no modo de tratar seus fãs, pode ser uma pista vislumbrar esse modo *queer* de jogar e de se relacionar com a própria comunidade LGBTQI+.

Na amostra 2 identificamos uma maior sobreposição do regime do *ajustamento*. Nessa *stream*, Samira Close está transmitindo um *roleplaying-game* (RP), isto é, uma interpretação de papel na cidade-jogo de *Grand Theft Auto V*. O regime de *ajustamento* parece ser importante para o contrato comunicativo de Dona Sueli (personagem de Samira Close) e o público, fazendo entender que isso é uma simulação de papel dentro do jogo digital. O *erre-pê* (RP), é basicamente a simulação da vida real, em que se cria uma personagem para morar, comer, namorar, interagir na cidade de Los Santos, sem narrativa determinada (ARAUJO, 2018).

Assim, acompanhamos por horas a fio o desenvolvimento da narrativa de Sueli, uma faxineira de hospital, nordestina, de meia-idade. A *programação*, aqui, não está tão salientada, pois o jogo não possui objetivos claros que estruturam algum modo de ação (como *Dead By Daylight* em que o objetivo é abrir os portões para fugir), tampouco, *manipulação*, uma vez que o intuito de Samira Close não é nos “*fazer fazer*” algo. O modo de *ajustamento* requer o “*fazer sentir*”, modo de interação mais ligado aos fatores estéticos, sentimentais, que nos “afeta” de alguma maneira.

Samira Close transmite em tempo real a sua performatização de Dona Sueli, e nessa interpretação, utiliza-se de vários elementos linguísticos, semióticos, gestuais, indumentários, para nos dar uma conjuntura dessa personagem. Percebemos assim, que Sueli

11. O *killer* elimina os sobreviventes em um sistema de dar dois *hits* no intuito de os fazer cair, para em seguida, os colocar em ganchos de açougue disponíveis pelo mapa. O sobrevivente, por sua vez, fica aguardando outro *player* lhe retirar do gancho, porém, há a possibilidade de sair do gancho sozinho por meio de três tentativas com poucas porcentagens de que dê certo. O que do ponto de vista landowskiano, pode ser considerado um acidente programado, uma irregularidade programada.

12. Movimento de supetão para frente.

é uma personagem com profundidade, esférica, com vários dilemas éticos, no que tange às desigualdades sociais; submissão, assédio moral e preconceito no âmbito do trabalho por ser faxineira e nordestina; empregando signos que permeiam a rotina das faxineiras, como explicitado no trecho recortado “já vou limpar” ou em ações em que está varrendo, retirando saco de lixo para fora do hospital, pedindo para outros personagens “darem uma afastadinha” para que consiga limpar.

Figura 3 – Samira Close em atuação com a personagem Dona Sueli



Fonte: Samira Close/ FACEBOOK GAMING, 2020.

Por fim, na amostra 3, diferentemente das amostras 1 e 2, identificamos com mais clareza o regime da *manipulação*. Samira Close está fazendo sua transmissão a partir do novo *notebook* da Intel uma vez que a *live*, nessa ocasião, foi patrocinada pela empresa. A *streamer* diz: “Eu vou fazer muita *live* nesse *notebook* [da Intel] sem sombra de dúvida” (SAMIRA CLOSE, 2020).

Nesse sentido, a *streamer*, que está jogando *Fall Guys*, pausa suas ações no *game* ou espera momentos em que está sem jogar para enunciar um texto falando bem do computador. Além disso, pode se verificar, ao longo da transmissão, que Samira a todo momento elogia as qualidades técnicas do produto, a marca, tentando nos induzir a comprá-lo. Assim, a manipulação nesse caso, foi sobreposta aos outros regimes, em especial à *programação* imposta pelo *design* do jogo (ultrapassar fases para vencer). Como lembra o pensamento landowskiano, nesse tipo de interação, “[...] ao sujeito importa tanto ser reconhecido como tal, com as qualidades e competências que isso envolve, que se sente obrigado a atuar conforme a imagem que deseja oferecer (e oferecer-se) de si mesmo” (LANDOWSKI, 2014a, p. 26). Mas há também, outras formas de *manipulação* presentes em suas interações, porque é preciso lembrar que, enquanto trabalho, Samira Close precisa monetizar — fato que a faz pedir engajamento, compartilhamentos, doações, assinatura de seus canais, envio de “estrelas” — em alguns momentos de maneira explícita, e, em outros, utilizando de formas mais subjetivas — “se você tá gostando da minha *gameplay*, deixa o *like*!”.

5. Landowski como lupa para o modo *queer* de jogar

Nessa pesquisa, aportamos uma leitura do gênero *stream* (transmissão ao vivo de jogos por diversas plataformas de *game streaming*, entre elas, o Facebook Gaming) pelo ponto de vista teórico da sociossemiótica fundada por Eric Landowski. Dessa forma, com os regimes de interação elencados na obra *Interações Arriscadas*, a saber: programação, manipulação, ajustamento e acidente, fizemos um mapeamento em três *streams* de Samira Close, uma *drag queen* que streama de *League of Legends* a *Free Fire*, a título de verificar como a *streamer* articula esses modos como forma de produzir altos índices de audiência em suas *live streaming*.

A análise evidenciou que Samira Close articula e sobrepõe esses diferentes regimes de interação a partir de um interpelamento em várias frentes, considerando o *game* e suas respectivas regras e necessidades lúdicas, os diferentes interlocutores que perpassam sua transmissão e sua necessidade de se monetizar e ganhar dinheiro com esse trabalho. Logo, a *programação* ficou destacada quando o jogo estruturava ações e modos de ser; a *manipulação* ficou evidente quando Samira fez uma live com patrocínio da marca Intel em que nos persuadia a comprar o produto; o *ajustamento* foi importante para nos mobilizar com a interpretação da faxineira Dona Sueli, e, o *acidente*, aferível por meio de erros, *bugs* e situações inesperadas.

Cabe lembrar que as *streams* são transmissões com durações que podem chegar a 12 horas e a própria complexidade dessa narrativa aciona a soma, a sobreposição e a hibridização de regimes de interação, configurando regimes de interações específicos (RIE) (ou momentos de interações específicas que podem ser acionados ou desligados durante a *live*). Verificamos que, em vários momentos, Samira acionou vários regimes ao mesmo tempo, e, em alguns momentos, alternou sua regularidade semiótica ao mudar de *game* ou mesmo ao ler um novo comentário de fã.

Tais reflexões sobre práticas no âmbito dos *gamers* revelam como esses sujeitos conseguem mobilizar um grande público em seus canais por meio de processos de significação que coadunam um jeito próprio (uma singularidade) no modo como se joga e se midiaticiza ao vivo por essas plataformas. Sem o olhar metodológico e “arriscado” propiciado por Eric Landowski, isso não seria possível.

6. Referências

ARAUJO, Sergio Estevam. **Grand Theft Auto: “TORNE-SE UM CIDADÃO DE LOS SANTOS”**. Um estudo sobre jogos eletrônicos, violência, governo e subjetividades. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do Discurso**. Editora 34: São Paulo, 2016.

BONFIM JÚNIOR, Paulo Luiz Silva.; ZAGO, Luiz Felipe. Drag Gamer: Samira Close, cibercultura e cultura dos fãs. **Culturas Midiáticas**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 170–187, 2020.

COCQ, Michel. Constitution et exploitation du capital communautaire: Le travail des streamers sur la plateforme Twitch. **La nouvelle revue du travail**, Paris, n. 13, 2018.

- GREIMAS, Algirdas Julius. **Da imperfeição**. São Paulo: Hackers Editores, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julius. **Semiótica e Ciências Sociais**. Editora Cultrix: São Paulo, 1981.
- GREIMAS, Algirdas Julius. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.
- GREIMAS, Algirdas Julius; LANDOWSKI, Eric. Análise Semiótica de um discurso jurídico: a lei comercial sobre as sociedades e os grupos de sociedades. *In*: GREIMAS, A. J. **Semiótica e Ciências Sociais**. Editora Cultrix: São Paulo, 1981. p. 67-114.
- HALBERSTAM, Jack. Queer Gaming: Gaming, Hacking, and Going Turbo. *In*: RUBERG, Bonnie; SHAW, Adrienne. **Queer Game Studies**. Minneapolis: Univ. Minnesota Press, 2017. Capítulo 19.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2011.
- JOHNSON, Mark R; WOODCOCK, Jamie. “And Today’s Top Donator is”: How Live streamers on Twitch.Tv Monetize and Gamify Their Broadcasters. **Social Media + Society**, p. 1-11, oct.-dec., 2019.
- LANDOWSKI, Eric. **Com Greimas**: Interações Semióticas. São Paulo: Estação das Letras e Cores. 1. ed., 2017.
- LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: EDIC/Pontes, 1992.
- LANDOWSKI, Eric. **Interações Arriscadas**. Tradução do francês por Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014a.
- LANDOWSKI, Eric. Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galáxia**, São Paulo, n. 27, p.10-20, jun. 2014b.
- MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2001.
- MELETÍNSKI, Eleazar Moiseevich. O estudo tipológico-estrutural do conto maravilhoso. *In*: PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.
- NEMER, Bruno; INOCÊNCIO, Luana. Uma poc gaymer arrasando os héteros: comunidades digitais, sociabilidade LGBTQ+ e resistência no canal do You Tube Samira Close. 42º Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação. Belém, Pará. 2-7 set. 2019. **Anais [...]** Belém: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2019.
- NITSCHÉ, Michael. **Video games spaces**: image, play, and structure in 3D worlds. Massachusetts: MIT Press, 2009.
- PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições: 1. ed, 2018.
- PROPP, Vladimir. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi Remenche; MONTARGIL; Gilmar. Camperando a linguagem: práticas discursivas de streamers a partir do jogo Dead By Daylight. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, 2021, no prelo.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi Remenche; MONTARGIL; Gilmar; ROHLING, Nívea. Upando com meninas empoderadas: identidades mobilizadas em práticas discursivas nas streams de Samira Close. **Contracampo**, Niterói, v. 40, n. 2, 2021.

RUBERG, Bonnie; SHAW, Adrienne. Introduction: Imagining Queer Game Studies. *In*: RUBERG, Bonnie; SHAW, Adrienne (Eds.). **Queer Game Studies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

SICARD, Miguel. Papers, Please: Ethics. *In*: PAYNE, Matthew Thomas; HUNTEMANN, Nina B. **How to play video games**. New York: New York University Press, 2019. p. 149-156.

TAYLOR, T. L. **Watch me play**: Twitch ad the Rise of Game Live Streaming. Princeton: Princeton University Press, 2018.

O CÔMICO COMO RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA REVISTA *PIF PAF* E MEMES POLÍTICOS

THE COMIC AS RESISTANCE: A DISCURSIVE ANALYSIS OF PIF PAF MAGAZINE AND POLITICAL MEMES

Myllena Araújo do NASCIMENTO

Universidade Federal da Paraíba

Edjane Gomes de ASSIS

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: O cômico adquiriu uma função social de resistência aos regimes ditatoriais ao longo dos tempos, tornando-se uma das principais estratégias discursivas das mídias alternativas contra as censuras impostas por esses governos. No Brasil, a revista humorística *Pif Paf* foi a precursora da imprensa alternativa na época da Ditadura Militar (1964-1985). Diante da massificação das redes sociais na contemporaneidade, bem como da consequente reprodução instantânea de informações via Internet, o gênero digital *memes de internet* tornou-se uma das principais ferramentas de crítica e resistência através do discurso humorístico aos governos. Pensando assim, o objetivo do nosso artigo é fazer uma análise comparativa entre o discurso do quadrinho “O jogo da democracia”, publicado na segunda edição da revista *Pif Paf*, em junho de 1964, e da charge “Governo a cavalo”, publicada na sétima edição da revista, em agosto de 1964, com dois memes de internet produzidos no ano de 2018. Analisamos os efeitos de sentido produzidos através de suas estratégias discursivas. Como aporte teórico utilizamos os pressupostos da Análise do Discurso de Linha Francesa na esteira de Pêcheux (1999), Foucault (1969; 1987; 1995; 2006; 2014), Orlandi (1995; 2004; 2009) e Gregolin (2003; 2007), além destes, usaremos Chinem (1995) e Minois (1946). Propomos também um diálogo com a semiótica discursiva greimasiana, tendo em vista sua contribuição na interpretação dos objetos simbólicos. Defendemos, pois, que o cômico presente nas mídias alternativas é um recurso discursivo que configura resistência. Nossa análise nos mostrou que os gêneros que circularam na *Pif-Paf*, bem como nos *memes* da contemporaneidade, configuram mecanismos de poder e modos de subjetivação que reformatam a história.

Palavras-chave: Discurso; Pif Paf; Memes.

Abstract: The comic acquired a social function of resistance to dictatorial regimes over time, becoming one of the main discursive strategies of alternative media against the censorship imposed by these governments. In Brazil, the humorous magazine *Pif Paf* was the forerunner of the alternative press at the time of the Military Dictatorship (1964-1985). Faced with the massification of social networks in contemporary times, as well as the consequent instant aninstant reproduction of information via the Internet, the digital genre internet memes has become one of the main tools of criticism and resistance through humorous discourse to governments. Thinking about it, the aim of our article is to make a comparative analysis between the comic’s discourse “The game of democracy”, published

in the second edition of Pif Paf magazine, in June 1964, and the cartoon “Government on horseback”, published in the seventh edition of the magazine, in August 1964, with two internet memes produced in 2018. We analyze the effects of meaning produced through their discursive strategies. As a theoretical contribution we use the assumptions of the Analysis of the Discourse of French Line in the wake of Pêcheux (1999), Foucault (1969; 1987; 1995; 2006; 2014), Orlandi (1995; 2004; 2009) and Gregolin (2003; 2007), in addition to these, we will use Chinem (1995) and Minois (1946). We also propose a dialogue with greimasian discursive semiotics, in view of its contribution in the interpretation of symbolic objects. We defend, therefore, that the comic present in alternative media is a discursive resource that configures resistance. Our analysis showed us that the genres that circulated in the Pif-Paf, as well as in the memes of contemporaneity configure mechanisms of power and modes of subjectivation that reformat history.

Keywords: Speech; Pif Paf; Memes.

1. Introdução

“O homem é o único ser vivente que ri”. A notável fórmula de Aristóteles¹ exprime o riso enquanto característica intrínseca ao ser humano, sendo esta uma maneira de distingui-lo de outros seres viventes. Além dessa particularidade comportamental, o humor adquiriu uma função social de resistência à moral de cada época e aos regimes políticos vigentes ao longo da História. Isto posto, a ascensão da mídia enquanto *Quarto Poder*, durante o século XX, transformou-a em um dispositivo discursivo e social capaz de representar um lugar de verdade que compõe o imaginário da sociedade. No século XXI, a massificação da internet fez surgir um novo gênero discursivo, os *memes de internet*, que são responsáveis pela difusão dos mais variados discursos, sendo o discurso de resistência política um desses. Dessa forma, este trabalho pretende analisar as formas de resistência materializadas no discurso cômico tanto na mídia alternativa brasileira, através da revista *Pif Paf*, quanto em *memes da internet* atuais, configurando, assim, diferentes condições de produção.

Pensando o discurso a partir dos estudos de Michel Foucault, Gregolin afirma que “o discurso é tomado como uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos” (2007, p. 13). Assim, a mídia tornou-se um objeto de investigação central para a Análise do Discurso, pois “é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma ‘história do presente’, como um acontecimento que tenciona a memória e o esquecimento” (GREGOLIN, 2007, p. 16). Deste modo, a esfera midiática é responsável pela construção de identidades e discursos que reproduzem as vontades de verdade de uma parte da sociedade. Entretanto, a mídia também possui o papel de confrontar e reconstruir estas mesmas vontades de verdade, sendo as mídias alternativas essenciais dispositivos nesse processo de resistência. Assim, devemos entender o humor na mídia a partir das relações de força que permeiam os diversos âmbitos da sociedade de controle atual, pois para Foucault (1995, p. 244), pensar relações de poder é pensar em liberdade e formas de resistência, pois para o filósofo “o poder só se exerce sobre sujeitos livres”.

1. Aristóteles, Sobre a alma (De partibus animalum), livro III, cap X.

Em razão disso, o jornalismo de oposição foi um dos responsáveis por criticar e denunciar a censura, a perseguição e a tortura praticada contra os opositores da Ditadura Militar brasileira (1964-85), pois, conforme Chinem (1995, p. 7) “Uma das funções da imprensa é tentar propor alternativas, e não apenas de notícia, mas de mercado, de postura, de organização acionária, a sonhada empreitada do ‘jornal de jornalista’”. Dentre os vários periódicos que surgiram durante o período ditatorial, o *Pif Paf*, um dos nossos *corpora* de análise, surgiu com a proposta de utilizar a linguagem cômica, mediante a presença de imagens e textos repletos de *derrisão* que denunciavam as práticas totalitárias do Governo naquela atual conjuntura, além de questionar os princípios conservadores da época com conteúdos de teor erótico ao ironizar os generais da linha de frente da Ditadura. Os efeitos irônicos são predominantes tanto nas capas quanto no interior da revista. Além disso, o periódico rompeu com os padrões gráficos jornalísticos ao propor textos que ultrapassavam as margens das páginas - significando, assim, que a diagramação já deve ser vista como mais um símbolo de resistência.

O espaço digital tornou-se um dos principais meios propagadores de discursos, tanto em quantidade como em diversidade. Dentre os mecanismos que permeiam esse espaço, as redes sociais (Facebook, Twitter, Whatsapp, Instagram, dentre outros) são usadas por milhares de pessoas ao redor do mundo, o que permite o surgimento de milhares de *memes* em um breve espaço temporal. Segundo Orlandi, o espaço urbano é um “espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e significantes”. (2004, p. 32). Sendo assim, o espaço digital pertence ao espaço urbano e viabiliza a circulação de dizeres que significam e produzem efeitos de sentidos através dos aparelhos eletrônicos. Dessa forma, cabe-nos analisar como a linguagem cômica atua enquanto mecanismo de resistência aos regimes políticos, tanto nos dois enunciados da revista *Pif Paf*, no século XX, como nos dois *memes* de internet, no século XXI.

Assim, o objetivo do nosso trabalho compreende fazer uma análise comparativa entre o discurso do quadrinho “O jogo da democracia”, publicado na segunda edição da revista *Pif Paf*, em junho de 1964 e da charge “Governo a cavalo”, publicada na sétima edição da revista, em agosto de 1964, com dois *memes de internet* produzidos no ano de 2018, tendo como enfoque os efeitos de sentido produzidos através de suas estratégias linguísticas e imagéticas. Tendo em vista que o nosso trabalho teórico e metodológico será regido pelos pressupostos da Análise do Discurso, utilizaremos como aporte teórico Pêcheux (1999), Foucault (1969; 1987; 1995; 2006; 2014), Orlandi (1995; 2004; 2009) e Gregolin (2003; 2007), além destes, usaremos Chinem (1995) e Minois (1946). Traçamos um diálogo também com as contribuições da Semiótica discursiva, tendo em vista sua contribuição na interpretação dos objetos simbólicos.

2. A *Pif Paf*, idealizada por Millôr Fernandes, surgiu como revista independente um mês após a instauração da Ditadura Militar, no Rio de Janeiro e publicou oito edições ao longo de três meses de duração. Seu efêmero desaparecimento se deu em virtude da perseguição aos seus componentes por parte do Governo. Além de Millôr, a revista foi composta por Ziraldo, Jaguar, Claudius Ceconi, Reginaldo Fortuna, dentre outros.

2. O riso e seus efeitos de sentido: um breve percurso histórico

Ao estudarmos a história do riso na sociedade percebemos sua função determinante desde a Grécia Antiga³. Diferentemente da concepção negativa do clérigo ocidental a respeito do cômico, na Idade Média, os deuses míticos concebiam o riso de forma positiva. Segundo Minois (2003, p. 25) “O riso é a marca divina, como o testemunham numerosas histórias gregas de estátuas de deuses subitamente animadas por uma gargalhada”. No entanto, vale ressaltar que o riso é sinônimo de alegria verdadeira apenas para os deuses, pois este é rodeado pela morte para os homens. Dessa forma, podemos conceber a tríade mito-riso-morte⁴ como percepção do povo grego em relação ao riso. Outro período temporal fundamental no percurso da história do riso está demarcado na Idade Média⁵. Diferentemente dos períodos arcaicos, o riso medieval assumiu o seu protagonismo apenas na cultura popular em detrimento de um caráter mais erudito em que se promovia a ordem e a disciplina, sendo este abafado pelo poderio ideológico e pela literatura de maior prestígio da época. No entanto, essa repressão ao riso por parte da elite intelectual resultou em uma imensa liberdade do escárnio no domínio popular.

Movendo-se do contexto medieval para o século XX, período de publicação da revista *Pif Paf*, o riso adquire novas características devido às guerras catastróficas e às inovações tecnológicas que marcaram a história ao longo deste conturbado século. Segundo Minois (2003, p. 554) “O século XX o provou: é possível rir de tudo, e, de certa forma, isso é bom. Duas guerras mundiais não aniquilaram o senso do cômico. Em 1914-1918, ri-se na guerra e contra a guerra. A sociedade humorística de consumo contemporânea configura-se como hedonista e narcisista. A espetacularização e massificação do humor chegou ao seu ápice com a ostentação voluntária da própria intimidade como forma de propiciar o riso e vender a autoimagem na *internet*. Assim, ao mesmo tempo que a globalização diminuiu a distância entre os indivíduos, aumentou a sensação de solidão e não pertencimento em cada um de nós. Isto posto, Minois afirma que “A explosão do riso no ano 2000 foi menos um grito de entusiasmo do que o clamor de um mundo que procura ter segurança fazendo barulho no escuro” (1946, p. 632).

3. Mecanismos de poder e modos de subjetivação

Pensar o sujeito em Foucault é refletir sobre uma nova hermenêutica a partir da noção grega de *epimeléia heautoû* (*cuidado de si*) como um fio condutor para a compreensão das práticas de subjetividade. Tal concepção perpassa a história entre o século V a.C. ao século V d.C que, conforme Foucault (2006, p. 15) “conduziu das formas primeiras da atitude filosófica tal como se a vê surgir entre os gregos até as formas primeiras do ascetismo cristão”. O estudo de Foucault (1995) propôs uma nova economia das relações de poder, isto é, segundo o filósofo, diferente de outras abordagens, esta “consiste em analisar as

3. Eixo temporal que abrange desde o Período Homérico dos séculos XXI a IX a.C. até o término da Antiguidade.

4. Sobre a relação do mito com o riso e a morte, vejamos a seguinte citação “O riso, nos mitos gregos, só é verdadeiramente alegre para os deuses. Nos homens, nunca é alegria pura; a morte sempre está por perto, e essa intuição do nada, sobre o qual todos estamos suspensos, contamina o riso”. (MINOIS, 2003, p. 27)

5. Período que se estendeu do século V ao século XV.

relações de poder através do antagonismo das estratégias” (1995, p. 234). Para exemplificar a sua proposta, Foucault diz que

(...) para descobrir o que significa, em nossa sociedade, a sanidade, talvez devêssemos investigar o que ocorre no campo da insanidade; e o que se compreende por legalidade, no campo da ilegalidade. E, para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações. (FOUCAULT, 1995, p. 234)

Através dos jogos de oposições, há uma nova forma de pensar as relações de poder, que, a rigor, são marcadas por embates contemporâneos que têm por objetivo, atacar não “tal ou tal instituição de poder, ou grupo ou elite ou classe, mas, antes, uma técnica, uma forma de poder” (1995, p. 235). Dentre os tipos de lutas que surgiram ao longo da história, percebe-se a luta contra as formas de sujeição como a mais eminente na atualidade. Isso se deve, conforme Foucault (*id.*, p. 236), ao fato de “desde o século XVI, uma nova forma política de poder se desenvolveu de modo contínuo. Essa nova estrutura de poder (...) é o Estado”. Dessa forma, o Estado surge como “a matriz moderna da individualização ou uma nova forma de poder pastoral” (*id.*: p. 237).

Ao estudar o poder disciplinar, Foucault destaca um instrumento de poder conhecido como o *Panóptico de Bentham* como um dos seus modelos de personificação. Quanto ao Panóptico de Bentham, Foucault faz a seguinte afirmação:-

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. (FOUCAULT, 1987, p. 224)

A assertiva de Foucault compreende que a “sociedade disciplinar” tinha como intuito causar nos detentos a sensação de estarem sendo vigiados permanentemente, o que caracteriza uma inversão no exercício da visibilidade, haja vista que antes, poucos eram vistos por muitos, e agora muitos são observados por poucos, por isso Bentham propôs como princípio “de que o poder devia ser visível e verificável” (1987, p. 225).

Pensar relações de poder é pensar em liberdade e formas de resistência. Para Foucault (1995, p. 244), “o poder só se exerce sobre sujeitos livres⁶”. Dessa forma, há uma ligação direta entre relações de poder e estratégias de confronto, pois

6. Foucault (1995, p. 244) entende por sujeitos livres “sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer”.

(...) não há relação de poder sem relação de resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir (FOUCAULT, 1995, p. 248).

Ao longo de toda a história humana há evidências de confrontos contra o sistema dominante. Durante a Idade Média podem-se mencionar os diversos tipos de enfrentamento ao poder eclesiástico; já no século XX faz-se evidente ressaltar a importância dos grupos que lutaram contra os governos ditatoriais que se instalaram ao redor do mundo. Ao pensar sobre os poderes hegemônicos, em suas várias ramificações, e suas respectivas formas de resistência, verifica-se que estas também objetivam o poder. Sobre isso, Gregolin diz que:

Toda estratégia de enfrentamento sonha em transformar-se em relação de poder; e toda relação de poder pende, na medida em que ela segue sua própria linha de desenvolvimento e que evita as resistências formais, a tornar-se estratégia “vitoriosa”. Entre relação de poder e estratégia de luta há, constitutivamente, apelo recíproco, encadeamento indefinido e trocas perpétuas. (GREGOLIN, 2003, p. 103)

Mesmo atravessado pelo poder, as possibilidades de enfrentamento ao sistema fazem o sujeito pensar em estratégias de luta. Desta forma, vemos, por exemplo, como a imprensa alternativa exerceu e continua exercendo, na contemporaneidade, um papel estratégico no que concerne à resistência aos Estados ditatoriais, além dos *memes de internet*, que possuem materialidades sincréticas de humor indispensáveis à resistência no mundo digital. Sobre o papel da mídia *underground* no país, Chinem (1995, p. 7) diz que “uma das funções da imprensa é tentar propor alternativas, e não apenas de notícia, mas de mercado, de postura, de organização acionária, a sonhada empreitada do ‘jornal jornalista’”. Desta maneira, tanto no Estado ditatorial do passado quanto no governo atual com indícios de autoritarismo, neste século XXI, em um estado democrático, a imprensa alternativa funciona como um dos pilares para o questionamento do poder.

A constituição, tanto do processo de subjetivação, como da identidade no decorrer da história, tem como um dos seus alicerces a noção de memória discursiva. Sabemos que não há como pensar a construção do sujeito sem considerar as relações de poder em que o mesmo está inserido ao longo da vida. Por isso, faz-se importante sabermos que “temos uma memória ‘controlada’ a serviço de uma hegemonia constituída” (ASSIS, 2015, p. 63). Hegemonia esta que pode ser verificada desde as microrrelações de poder do cotidiano até as macrorrelações que se configuram sob o poder das instâncias disciplinares, por exemplo. Porém, essa memória não é imutável “(...) mas sim, dinâmica, um processo que atua através de uma movência de sentidos, uma memória, enfim, que circula” (ASSIS, 2015, p. 63). Assim, devemos pensar na fluidez da memória discursiva, e sua intrínseca relação na formação da identidade, principalmente na contemporaneidade. Nos Estudos Culturais, observamos que a liquidez das informações e das relações sociais, através da globalização, vem transformando, no mundo atual, os processos de subjetivação. Sobre essa mutação da velocidade das informações e, conseqüentemente, da formação do indivíduo, Bauman nos diz que:

Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo como itens no inventário das tarefas individuais. (BAUMAN, 2001, p. 14).

Vemos que os discursos passam por constantes transformações conforme as próprias necessidades que aparecem de modo efêmero, sobretudo neste século XXI. É o que ocorre com a multiplicidade de semioses e todo o aparato imagético que predominam no discurso midiático.

4. *Pif Paf e memes de internet: jogos semióticos discursivos*

As revistas, assim como os jornais e outros gêneros midiáticos, além dos *memes de internet* representam a cultura e a ideologia de cada tempo. Dessa forma, as primeiras revistas⁷ que surgiram ao redor do mundo possuíam como inovador objetivo “destinar-se a públicos específicos e aprofundar os assuntos - mais que os jornais, menos que os livros” (SCALZO, 2014, p. 19). Enquanto os jornais possuíam, ao longo do século XIX, um caráter mais político e efêmero, as revistas eram relevantes no aperfeiçoamento da ciência e cultura da sociedade, tendo em vista que o índice de alfabetismo estava aumentando gradativamente, já que o livro ainda era visto como um objeto sacralizado destinado apenas à elite intelectual. Deste modo, a revista começou a ser peça fundamental na formação do sujeito não tão abastado da época.

Sabendo que os gêneros midiáticos se adequam às demandas do público de cada época, o período da Ditadura Militar brasileira (1964 - 1985) foi marcado pelo surgimento de diversos jornais e revistas da mídia alternativa, tendo em vista a necessidade de denunciar as práticas totalitárias executadas pelo Governo. Desse modo, a revista *Pif Paf* surge um mês após a instauração da Ditadura, tendo sido um sucesso de venda, mesmo com o seu desaparecimento precoce em virtude da censura. O periódico⁸ era composto por uma equipe renomada, tendo “os cartuns de Jaguar, Ziraldo, Claudius e Fortuna, além, é claro, do próprio Millôr. E textos de Sérgio Porto, Rubem Braga, Antônio Maria, Leon Eliachar, tudo dentro do projeto gráfico de Eugênio Hirsch” (CARUSO, 2005, s/p). Assim, o seu inovador humor e sua criativa composição gráfica foram e continuam sendo referências para outros periódicos que surgiram desde então, sendo “(...) O melhor exemplo dessa influência, aliás, serve de baliza e referência até os dias de hoje: o semanário ‘O Pasquim’” (CARUSO, 2005, s/p).

7. “A primeira revista de que se tem notícia foi publicada em 1663, na Alemanha, e chamava-se *Erbauliche Monats-Unterredungen* (ou *Edificantes Discussões Mensais*) (...) em 1665, surgiu na França o *Journal des Savants*; em 1668, nasce na Itália o *Giornali dei Letterati*, e na Inglaterra, em 1680, aparece o *Mercurius Librarius* ou *Faithfull Account of all Books and Pamphlets*” (SCALZO, 2014, p. 19).

8. Segundo Claudius (2005, p. 13) “A sessão PIF PAF de duas páginas – cada exemplar é um número, cada número é exemplar – virou a revista PIF PAF, de humor ferino e certo, distribuindo porrada (mas sempre com muita finesse) à direita e à esquerda, teórica e figuradamente falando”. O nome *Pif Paf* é uma onomatopeia francesa que significa “zás-trás”.

Além de ser uma revista crítica ao Governo e aos costumes da época, *Pif Paf* também proferiu críticas à imprensa vigente, devido à influência que muitos jornais da época sofreram do modo de fazer jornalismo norte-americano. Dessa forma, a independência⁹ da *Pif Paf* permitiu-a construir um modelo organizacional autêntico, sem precisar adequar-se aos moldes jornalísticos estadunidenses.

Se apenas os desenhos da *Pif Paf* fossem reproduzidos, sem considerar a sua natureza humorística, os desenhos pelos desenhos, já se teria um legado incomparável na imprensa brasileira. Mas os textos, as frases isoladas, as sentenças fulminantes, as interações palavras/desenho, o humorismo no varejo e a granel, na crítica humorística, no humor crítico, na riqueza da gratuidade (...) *Pif Paf* em revista foi a primeira iniciativa editorial de resistência ao arbítrio do regime policialesco. Não nasceu, não viveu para fazer militância política, muito menos partidária, mas só por ser uma revista de humor já era uma afirmação de liberdade. (FREITAS, 2005 p.7).

Ao longo de suas oito publicações, em formato de tablóide¹⁰, a revista inovou através da sua criatividade artística, tanto no discurso imagético (predominância de caricatura, charges, cartuns, quebra de padrões no design gráfico, diagramação) quanto no verbal, produzindo um ponto de fuga aos seus leitores, mediante sua liberdade humorística à censura e perseguição que milhares de pessoas viveram diariamente durante a Ditadura Militar. A arte gráfica incorporada pela *Pif Paf* articulada pela união de diversos humoristas engajados e extremamente competentes, transformaram cada página da revista em uma sintonia entre crítica e humor de alta qualidade. O discurso visual da revista foi uma das suas características mais marcantes, pois o diálogo que era promovido entre a forma e o conteúdo nas páginas de cada edição ofereceu um jogo de rupturas materializadas no diálogo entre texto e imagem - recursos utilizados pelos produtores da revista a fim de aproximar o campo jornalístico em informar mediante o riso. Considerando que a incorporação do humor na mídia resulta, geralmente, em opiniões críticas, “a composição gráfica das páginas em formato de tabloide colocam os desenhos de humor no centro da narrativa, conduzindo o leitor em um processo educativo de reflexão e interpretação de textos e imagens” (CUNHA, 2018, p. 59).

E no diálogo proposto com a Semiótica, mais especificamente na vertente greimasiana, nos interessa aqui a análise dos sistemas semióticos da mídia, pois “a semiótica, como teoria da significação, preocupa-se com as condições de “apreensão e produção do sentido”. (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 455). Os elementos semióticos passam, assim, por três percursos: estrutura profunda, estrutura narrativa, estrutura discursiva. Neste aspecto observamos de modo mais incisivo a estrutura discursiva como um espaço de subjetividades, já que podemos interpretar toda uma correlação de objetos simbólicos, o que predomina nos gêneros midiáticos. Cada imagem, cada elemento visual se coaduna com o verbal. As imagens veiculadas nas capas das revistas, bem como os memes que circulam

9. Conforme Cunha (2018, p. 15) “A revista foi a versão independente da seção O Pif Paf da revista O Cruzeiro, publicada pelos ilustradores Millôr Fernandes e Péricles Maranhão, entre os anos de 1945 e 1963”.

10. O periódico empregou o formato de tablóide (38x26cm), 24 páginas por edição e impressão colorida.

em ambientes virtuais/imagéticos, configuram uma relação de semioses que objetivam dialogar diretamente com o leitor. Assim, *Pif Paf*, mediante seu processo simbólico do (re)dizer, com sua organização “desorganizada”, resistiu, mesmo que por pouco tempo, com seu humor inteligente mediante um jornalismo inovador e deu o pontapé inicial para o crescimento da mídia alternativa na década de 1960.

A proliferação dos *memes de internet* deu-se em virtude da massificação da *web* ao redor do mundo, principalmente a partir dos anos 2000. No entanto, o termo *meme* foi usado pela primeira vez na obra *O Gene Egoísta*, de Richard Dawkins, em 1976. Em seu livro, Dawkins (1976) qualificou o termo *meme* como “replicadores”, isto é, hábeis de multiplicar e propagar, gerando elementos similares que, por sua vez, reiteraram o processo em um ciclo contínuo. A nomenclatura *meme* é originada do grego *mimeme* (imitação), sendo adaptado a duas sílabas para que se assemelhasse sonoramente ao termo “gene”. Os *memes* circulam no espaço digital, produzindo diversos efeitos de sentido, tendo como principais o humor e a ironia. Segundo Bortolin e Fernandes (2017, p. 87) estudar os *memes* no espaço digital é “investigar como os sentidos são aí produzidos e circulam, colaborando para reforçar já-ditos ou provocando rupturas e/ou deslocamentos”. Além disso, segundo as autoras (2017) os *memes* são constituídos por todo objeto simbólico, seja ele verbal ou não-verbal, que é difundido rapidamente no espaço digital.

Conforme Orlandi (1995) os *memes* são textos curtos que produzem sentidos pelo entrecruzamento de divergentes materialidades. Ademais, a autora também afirma que “é no conjunto heteróclito das diferentes linguagens que o homem significa. As várias linguagens são assim uma necessidade histórica” (1995, p. 40). O sujeito se vale dos *memes* e de tantos outros gêneros discursivos para significar o mundo e reconhecer-se perante o mesmo. Pensando os *memes de internet* enquanto materialidades heterogêneas, faz-se necessário compreender as particularidades de cada objeto simbólico presente nos *memes*. Assim, de acordo com Lagazzi (2009, p. 68) “não temos materialidades que se completam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra”. Cada materialidade produz sentido, não havendo, assim, sobreposição sobre outra materialidade presente, transformando-se em um todo significante. Apesar de circularem em todos os espaços da *web*, as redes sociais são os principais espaços de circulação dos *memes*. Conforme Coelho (2014) são as interpretações dos sujeitos, assim como o reconhecimento das condições de produção nas quais apareceram, que não permitem a mudança da identidade original. O espaço digital permite que os *memes* sofram alterações, o que é uma das características deste tipo textual. Segundo o autor (2014), o conhecimento da essência do *meme* é imprescindível para o seu sucesso.

5. O discurso e sua volta: o que nos (re)dizem as materialidades textuais da *Pif Paf* e os dois *memes* políticos atuais?

Uma das grandes marcas do periódico *Pif Paf* foi o impacto causado no público pelas suas capas humorísticas e irreverentes, através da confluência do discurso imagético e verbal, com foco especial no primeiro. Todas as capas produzidas, ao longo de suas oito edições que estão disponíveis nos anexos deste trabalho, possuíam o intuito de provocar o riso e a reflexão, mediante um humor refinado, acerca das práticas governamentais

autoritárias e de costumes da sociedade em meados do século XX. Pensando nisso, optamos pela análise da seguinte capa, inscrita na edição número 2, com teor político, de crítica à Ditadura Militar vigente no Brasil. Vejamos o que nos diz a capa a seguir:

Figura 1: Capa da edição número 2 da revista *Pif Paf*



Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br/card/pif-paf-de-millor-renova-o-humor-e-a-critica>

A capa intitulada “O jogo da democracia”, criada por Ziraldo, em junho de 1964, na segunda edição do *Pif Paf*, revela uma subversão temática e gráfica provocada, principalmente, pelos recursos humorísticos presentes em toda a capa. A inovação transgressora da capa começa por extrapolar as margens das páginas, pelo fato de o jogo perpassar tanto a capa quanto a contracapa, transformando-a em uma espécie de tabuleiro. Ademais, a relação de proximidade com o leitor se dá através da ludicidade provocada pela partida até o ponto de chegada. O jogo proposto pela equipe do *Pif Paf* é composto por 66 possibilidades e uma das regras desse é recortar o dado oferecido pela revista, com uma ressalva “Se o Jôgo não fôr solitário o leitor deve comprar mais de um exemplar da revista, e aí já começa o golpe (nosso)¹¹”.

O jogo apresenta diversos enunciados verbais e imagéticos, essenciais para o bom entendimento do jogo e respectivo desempenho na partida. Ao lado das imagens em quadrinhos, há algumas informações fundamentais para serem lidas pelo leitor/jogador. A primeira é “Neste número do Pif Paf, o Jôgo da Democracia é apresentado pela primeira vez completamente institucionalizado”. No final das informações, há um comunicado relevante “Jogue hoje! Jogue agora mesmo! O Jôgo da Democracia pode ser proibido a qualquer momento!”. Percebemos nesta “recomendação” uma preocupação, através dos verbos no modo imperativo e do advérbio temporal “agora”, da revista, para que o leitor jogue o jogo o mais rápido possível, devido à possível proibição deste. Sabemos que o jogo representado pelo periódico é uma alusão à democracia perdida pela instauração da Ditadura Militar, sendo a advertência, um aviso da liberdade que será perdida com o fim da democracia.

11. Fragmento retirado da seção intitulada “Regras fundamentais para o JÔGO DA DEMOCRACIA”, presente na segunda página da edição nº 2 da *Pif Paf*.

Ao observar o aspecto visual da capa, podemos perceber a exploração do humor gráfico mediante a diversidade de caricaturas registradas em uma espécie de história de quadrinhos composta no jogo. Há a presença de várias figuras do cenário político da época ao longo do tabuleiro. Na casa/quadrinho com o número oito, aparece o ex-governador do Rio de Janeiro, Badger da Silveira, aliado do ex-presidente João Goulart. No número dezessete, encontramos o ex-governador de São Paulo, Ademar de Barros. Além desses, há a presença de Leonel Brizola, Juscelino Kubitschek, dentre outros. O discurso humorístico presente nas imagens alia-se ao conteúdo verbal dos quadrinhos, como nas casas 18 e 21, que contém Brizola e as mensagens “Encontra o Brizolía e não avisa à DOPS. Sai do jôgo” “Torna a encontrar o Brizola e avisa pra DOPS. Continua no jôgo”¹².

O percurso discursivo da revista nos convida a retomar o conceito de formação discursiva. Vejamos o que nos diz Foucault (1969, p. 135) “a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência”. Dessa forma, o discurso de crítica e resistência à Ditadura é rememorado durante todo o jogo, sempre através do sarcasmo humorístico e do jogo com as personalidades políticas. O pedido para não avisar à DOPS acontece devido ao perigo que esse órgão representava para quem era oposição ao Governo, sendo um dos responsáveis pela censura aos meios de comunicação. Percebemos, assim, que a revista toca em assuntos obscuros da época e que, mesmo dando um tom de leveza, retoma os horrores dos dias de chumbo.

Outro aspecto relevante no jogo é a presença do humor no entrecruzamento com o discurso religioso constituído nos quadros 33, 45 e 58. No primeiro, há uma caricatura de Jesus apontando em direção ao céu e a presença da frase “Sai do Jôgo... porque Jesus está chamando”. No segundo, é representada a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, que foi uma série de mobilizações conservadoras em reação à “ameaça comunista” e ao comício realizado pelo então presidente João Goulart em 13 de março¹³ do mesmo ano. No terceiro, há a simbologia do mito bíblico Adão e Eva com a frase imperativa “Sai do jôgo!”. Notamos, nos três enunciados, uma espécie de crítica humorística ao discurso religioso conservador pregado pelo governo ditatorial e por parte da sociedade na época. Sabe-se que a crítica à religião pelos humoristas é algo histórico, sendo este incorporado durante as edições do *Pif Paf*. Além disso, há a repetição de quatro imagens contendo rinocerontes, animal que tem como uma de suas simbologias a passividade. Pensando no contexto político do jogo, o rinoceronte representaria a sociedade alienada diante das atrocidades autoritárias cometidas pelos membros da Ditadura Militar. O “Jôgo da democracia” figurativiza um mosaico histórico, uma espécie de enciclopédia do presente. Ao “brincar” ele (in)forma a sociedade acerca das atrocidades da época. O “jogo” conta o que a imprensa regular, oficial não contava. Ou seja, o leitor não precisa assistir à TV para se manter atualizado. Bastava entender as “regras” do jogo.

12. DOPS é o Departamento de Ordem Política e Social criado em 1924 e constantemente utilizado durante o Estado Novo e a Ditadura Militar. Durante a Ditadura, o DOPS foi um dos órgãos responsáveis pela repressão política e pela censura aos meios de comunicação.

13. Este comício realizado por João Goulart é mencionado no quadro 13. Percebemos, assim, que o jogo vai induzindo o jogador/leitor a um fio discursivo que conta a história de alguns acontecimentos políticos que culminaram no Golpe Militar da época.

O segundo discurso que iremos analisar é a charge de Fortuna “Governo a cavalo”, inserida na contracapa da sétima edição da *Pif Paf*, em agosto de 1964. Os desenhos inseridos nas contracapas da *Pif Paf* denunciavam, de uma forma humorística, as truculências da Ditadura Militar. Vejamos a charge abaixo:

Figura 2: Contracapa da edição número 7 da revista *Pif Paf*



Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br/card/pif-paf-de-millor-renova-o-humor-e-a-critica>

A charge dedica-se predominantemente ao uso da imagem enquanto elemento discursivo, apenas o nome da revista e a assinatura do idealizador da charge compõem o elemento verbal da contracapa. Assim como outras charges do periódico de cunho político, esta utiliza-se dos recursos humorísticos como forma de crítica aos membros poderosos da Ditadura Militar, ou seja, aos generais. Nesta, podemos inferir que o autor perpassou, de forma humorística, a próxima relação dos generais com os cavalos, animais símbolos de poder ao longo da história. Além disso, o uso da caneta e a postura séria do general fazem alusão aos decretos promulgados durante o regime. No momento da publicação do periódico, o general que estava no comando era Humberto de Alencar Castelo Branco.

Outro aspecto relevante é a escolha das cores na charge. Há uma predominância do ouro, do azul e do verde, todas cores com simbologias que remetem ao militarismo, à burguesia e ao poder, segundo Heller (2013). Em contraste a essas cores, há o nome da revista *Pif Paf* escrito em vermelho, cor símbolo da resistência política. Percebemos, então, tanto na capa quanto na contracapa que selecionamos da *Pif Paf* o uso inovador do discurso imagético, a partir de seus recursos gráficos, como produtor de efeitos de sentido humorísticos e críticos, promovendo, assim, um discurso de resistência e transgressão.

Em virtude da proliferação dos *memes de internet* na contemporaneidade e de sua relevância para a resistência política através do humor, nossos outros objetos de análise são dois *memes* produzidos no ano de 2018. Eis o primeiro:

Figura 3: *Meme de internet* produzido em 2018



Fonte: <https://me.me/i/60-toneladas-331-de-democracia-pura-22561132>

O *meme* acima proliferou-se nas redes sociais e é composto por um tanque de guerra e pela frase “60 toneladas de democracia pura”. O enunciado sincrético se utiliza do humor e da ironia para criticar os países que impõem sua força bélica sob outras nações com o intuito de dominá-las. Um dos maiores exemplos disto são os Estados Unidos, país com maior poderio bélico do mundo e responsável pela invasão de vários países, a exemplo da Guerra do Vietnã e da Guerra do Iraque, mais recentemente. O humor do *meme* acima dá-se pela ironia produzida através da contradição entre o enunciado verbal e imagético, sendo dissonante o significado da expressão “democracia pura” com a figura do tanque.

A constituição discursiva dos *memes* evidencia a relevância do conceito de memória discursiva para a efetiva compreensão dos mesmos. Desse modo, Pêcheux define a memória discursiva como:

(...) aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

O lugar desses implícitos é um questionamento feito por Pêcheux (1999), no entanto o filósofo reitera que não encontraremos nunca sob um aspecto explícito o espaço do implícito, mas sim sob a repetição, produzindo, assim, uma regularização discursiva. Porém, a regularização discursiva pode ser rompida mediante um novo acontecimento discursivo tornando-se possível, assim, “desconstruir” alguns pré-construídos. Dessa forma, não é o enunciado explícito do *meme* acima que nos faz compreender os seus efeitos de sentido e seu tom humorístico, mas sim a ativação das várias facetas da memória discursiva nos sujeitos.

O segundo *meme* também possui um discurso de crítica política mediante o humor.

Figura 4: *Meme de internet* produzido em 2018



Fonte: <https://imgflip.com/i/2gslcb>

Assim como o primeiro *meme de internet*, este é caracterizado por um enunciado sincrético, que possui a imagem de uma caveira sentada em um banco, além da frase “eu esperando a democracia dar certo no Brasil”. A democracia brasileira começou efetivamente com a Revolução de 30, sendo uma democracia jovem comparada a de outros países. Além da democracia tardia, o Brasil passou por longos períodos de regimes ditatoriais pós 1930. Em virtude disso, mesmo sendo consolidado um estado de direito a partir da promulgação da Constituição Cidadã (1988), as instituições brasileiras ainda “dão sinais de fraqueza quando balançam em função dos contextos políticos” (SCHAWARCZ, 2019, p. 24). Apesar de estarmos em um regime democrático, deparamo-nos constantemente com discursos enaltecendo, ou até mesmo pedindo o restabelecimento de períodos ditatoriais, pois “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, (2014, p. 25). Dessa forma, o *meme* acima ressignifica, de forma humorística, o discurso de uma frágil democracia brasileira ao relacionar a caveira, símbolo da morte, ao enunciado verbal “eu esperando a democracia dar certo no Brasil”.

Diante da análise dos quatro enunciados, observamos que os recursos discursivos utilizados são vistos como mecanismos de resistência aos governos autoritários e com indícios de autoritarismo, tanto na década de sessenta como nos dias atuais. O humor, como vimos ao longo do trabalho, sempre obteve como uma de suas principais funções, mediante suas rupturas discursivas, a resistência à censura e ao conservadorismo. Percebemos, nos quatro enunciados, recursos iconográficos e verbais, que embora tragam elementos diferentes, possuem semelhanças, sempre com o intuito de provocar o riso e o senso crítico diante dos acontecimentos políticos conforme cada época em que foram publicados.

6. Considerações finais

Nossa análise mostrou que a ascensão da mídia enquanto *Quarto Poder*, durante o século XX, transformou-a em um dispositivo discursivo e social capaz de representar um lugar de verdade que compõe o imaginário da sociedade. E a *internet*, através das redes sociais, vem representando um espaço em que há a consolidação de alguns discursos, assim como a ruptura de outros, mediante os discursos de resistência. Compreendemos o funcionamento do discurso humorístico, presente nas capas dos periódicos *Pif Paf e nos*

memes de internet, como forma de resistência aos regimes políticos brasileiros, sobretudo de viés totalitário.

Percebemos, mediante todo o jogo de semioses, a inovação do discurso e a incorporação do humor moldado por enunciados sincréticos, satirizam práticas governamentais atuais. As similitudes estão justamente no teor satírico em relação aos acontecimentos políticos, embora ambos estejam em períodos históricos distintos.

Por fim, mas não menos importante, revisitamos nossa memória nacional, traçando paralelos com as (re)configurações atuais, a fim de propiciar ao leitor o conhecimento acerca da relevância do humor na mídia alternativa e na *internet* enquanto ruptura da ordem discursiva totalitária – um movimento de resistência revestido de reconfigurações típicas da atualidade.

7. Referências bibliográficas

ASSIS, Edjane Gomes de. **O dever da memória no discursivo midiático**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. 325p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CARUSO, Eliana (org.). **Pif Paf Quarenta Anos Depois: coleção fac-similar das 8 edições da Revista Pif Paf de Millôr Fernandes**. Rio de Janeiro: Argumento, 2005.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa: Jornalismo de oposição e inovação**. - São Paulo: Editora Ática S.A, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. In: Revista Comunicação Mídia e Consumo. São Paulo: v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007.

_____. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o poder**. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231–249.

_____. **A Arqueologia do saber**. Trans. A. M. Sheridan Smith. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1969.

_____. **A hermenêutica do sujeito**; tradução Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. -2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de novembro de 1970 / Michel Foucault; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. -- 24. ed. -- São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GREIMAS, Algirdas e COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2011.

HELLER, EVA. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. - 1. ed. - São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

MINOIS, Georges, 1946 - **História do riso e do escárnio**: tradução de Maria Helena O. Ortiz Assumpção. -- São Paulo: Editora UNESP. 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Editora Pontes, 2004.

_____. **Efeitos do verbal sobre o não verbal**. Revista Rua, Campinas: Editora Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. (Org.). Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2014.

SCHWARCZ, Lilia. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA: REANALISANDO DEFINIDORES

*CONTEMPORANEOUS SUBJECTIVITY:
REANALYZING TRAITS*

Lucas Porto de QUEIROZ

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNILAB/Campus dos Palmares

Resumo: Este artigo procura discutir por que as duas cifras tensivas que identificamos em nosso *corpus* como supostamente representativas da subjetividade contemporânea revelam, na verdade, segundo o quadro teórico que nos guia (ZILBERBERG, 2011), uma incoerência cuja solução passa pelo conceito semiótico de *elã*. Inicialmente procura-se identificar que traços podem ser reconhecidos como constantes em meio a um variado conjunto de textos bibliográficos que têm tratado da subjetividade contemporânea (BAUMAN, 1998, 2001, 2004; BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015; KEHL, 2015; BENJAMIN, 2012; entre outros). Em seguida, analisamos por que os dois traços encontrados (andamento célere e tonicidade reduzida) desafiam a vertente semiótica que guia este trabalho e resgatamos o conceito de *elã* como um necessário ajuste para se compreender a maneira como os analistas concebem a subjetividade contemporânea.

Palavras-chave: Subjetividade; Contemporaneidade; Significação; Semiótica.

Abstract: This paper tries to discuss why the two identified tensive values in our corpus as supposedly representative of the contemporaneous subjectivity reveal, actually, according to the theoretical base that guides us (ZILBERBERG, 2011), an incoherence which solution goes through the semiotics concept of *elan*. Initially, It has been attempted to identify traits that may be recognized as constant amidst a variety of bibliographical texts that have treated contemporaneous subjectivity (BAUMAN, 1998, 2001, 2004; BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015; KEHL, 2015; BENJAMIN, 2012, among others). Later, It has been analyzed why the two trait found (rapid tempo and reduced tonicity) challenge the semiotics strand/approach that guides this research and the concept of *elan* is revisited as a necessary adjustment to understand the manner the analysts conceive contemporaneous subjectivity.

Keywords: Subjectivity; Contemporaneity; Signification; Semiotics.

1. Subjetividade contemporânea: primeiras notas

Falar em *subjetividade contemporânea* é pisar num terreno de tal modo movediço que nos obrigamos, de partida, a estabelecer uma baliza mínima, capaz tanto de acusar o que entendemos por tal sintagma como de nos fazer esquivar de outras eloquentes (mas pouco distinguíveis entre si) terminologias (pós-modernidade, modernidade líquida, sobre-modernidade, super-modernidade etc.).

Nesse aspecto, entendemos por subjetividade contemporânea o modo de vida — não único, mas decerto hegemônico no mundo sintonizado com o funcionamento do capital — detectado décadas atrás por Walter Benjamin (2012). Queremos dizer, na linha do que argumenta o filósofo alemão, que, na passagem do século XIX para o século XX, quando o ser humano adquiriu a competência para reproduzir tecnicamente (e não mais manualmente) um objeto, houve não apenas o estabelecimento das condições tecnológicas para o surgimento da fotografia ou do cinema. A reprodutibilidade técnica, flagrada por Benjamin (2012) ainda em seu nascedouro, deu azo, sobretudo, a uma nova forma de organização coletiva — alimentada, naturalmente, por um novo padrão de subjetividade.

Isso porque, com a tal reprodutibilidade, os objetos que rodeavam (e definiam) os sujeitos ganhavam capacidade de difusão no espaço ao mesmo tempo em que perdiam o peso, a aura que tinham outrora, quando sua replicação ainda dependia da mão humana (BENJAMIN, 2012, p. 179-212). Trata-se de entender, em suma, que a reprodutibilidade técnica, à medida que gerava uma nova qualidade de objetos, forjava também uma nova subjetividade, cada vez mais mergulhada num cenário de coisas replicáveis e sem peso.

Assim, é a esse contexto histórico-social iluminado por Benjamin (2012) que nos filiamos para assinalar o nascimento da subjetividade contemporânea. Afinal, todos os meios de comunicação paridos pela cultura de massa e pela sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), nas décadas seguintes, apenas cancelaram esse arranjo difuso e sem aura flagrado pelo filósofo alemão.

Nesse sentido, conforme se percebe na pesquisa de Sibilia (2016), a internet e as redes sociais, embora não sendo sequer imaginadas à época de Benjamin, cristalizam e reforçam — decerto com diferenças significativas em comparação com o cinema, a televisão etc. — o mesmo cenário social de objetos replicáveis (porque difundíveis) e descartáveis (porque sem aura, sem peso). Uma fotografia digital que circula no Instagram, por exemplo, é afinal tão difundível quanto descartável (uma vez que logo pode ser substituída por outra), ou seja, traz em si o mesmo selo da reprodutibilidade técnica e da subjetividade a ela vinculada.

Ajustados os ponteiros em favor do que entendemos por subjetividade contemporânea, continuemos nossa discussão com o fito de identificar, à luz da semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2011), as cifras que figuram com constantes, como invariantes (HJELMSLEV, 2009) em meio à profusão de análises sobre o tema.

Tudo se passa, assim, como se a semiótica, teoria que afinal simula categorias *gerais* da significação humana, pudesse ajudar a reconhecer o que há de comum, de regular em meio aos discursos de alguns filósofos (BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015, 2017; LIPOVETSKY, 2005), sociólogos (BAUMAN, 1998, 2001, 2004) e psicanalistas (KEHL, 2015; BIRMAN, 2014) etc. que têm se dedicado à temática deste artigo¹.

Entendemos que essa opção por analisar *os discursos sobre a subjetividade contemporânea* apresenta-se tanto como um gesto de respeito teórico a quem já vem, de mais longa data, tratando do tema, como nos mantém com mais segurança no lugar de que viemos, a saber, da linguística e da semiótica. Não queremos, nesse sentido, ecoando aqui

1. Uma lista bem mais extensa de pesquisadores foi analisada em (2020).

Greimas (1975, p. 10), correr “o risco de nos transformarmos de linguistas — situação em que nos sentíamos mais ou menos à vontade — em maus filósofos”. Assumiremos, portanto, os textos dos já citados analistas como nosso *corpus*, reconhecendo, de acordo com o esquematismo tensivo proposto por Zilberberg (2011), suas invariâncias.

Resumidamente (explicações mais pontuais sobre os conceitos da teoria surgirão à medida que eles forem surgindo em nossas observações), podemos dizer que o esquematismo tensivo surge como um dos herdeiros da semiótica narrativa desenvolvida por Greimas (GREIMAS; COURTÉS, 2012) durante as décadas de 1960 a 1980, *grosso modo*.

Zilberberg, porém, influenciado em parte (mas não só) pela fenomenologia de Merleau-Ponty (2011) e pelos *insights* de poetas como Paul Valéry (1973), renova a teoria, impregnando-a inclusive de novas categorias. Seu modelo propõe que a significação é fruto da tensão entre uma medida sensível, chamada por ele de intensidade, e por um número inteligível, denominado de extensidade. A intensidade se articula, por sua vez, em duas sub-dimensões: o andamento (menos ou mais rápido ou lento) e a tonicidade (menos ou tônico ou menos ou mais átono). A extensidade, por seu turno, se divide em função da temporalidade (menos ou mais longa ou breve) e da espacialidade (menos ou mais fechada ou aberta). Via de regra, quanto maior a intensidade da grandeza com que se esteja lidando, mais reduzida será a extensidade, ou seja, quanto mais rápido e/ou tônico for o fenômeno observado, mais difícil será acomodá-lo inteligivelmente.

2. Subjetividade contemporânea: mapeando o terreno

Mesmo vindo de diferentes campos teóricos e, portanto, observando a subjetividade contemporânea a partir de bases epistemológicas bastante distintas, os filósofos (BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015, 2017; LIPOVETSKY, 2005), sociólogos (BAUMAN, 1998, 2001, 2004) e psicanalistas (KEHL, 2015; BIRMAN, 2014) que convocamos para esta pesquisa se identificam em alguma medida, isto é, têm entre si um certo denominador comum. Queremos dizer que, observando seus textos com uma lente semiótica (ZILBERBERG, 2011), reconhecemos a ideia comum de que, quanto mais o campo de presença do sujeito contemporâneo se acelerou, menos impactantes pareciam os objetos com que o sujeito se relacionava. Ou seja, à medida que aumentava a velocidade que regia o sujeito, mais frágeis, insignificantes — átonos, em terminologia semiótica — se tornavam estes objetos.

Maria Rita Kehl (2015), por exemplo, em sua investigação psicanalítica sobre a atualidade das depressões, deixa pelo caminho essas duas cifras semióticas (andamento rápido e tonicidade reduzida) típicas do sujeito contemporâneo. Assim, ao chamar atenção para a “experiência do tempo, que na contemporaneidade praticamente se resume à experiência da velocidade” (KEHL, 2015, p. 17), ou quando destaca que “o homem contemporâneo vive tão completamente imerso na temporalidade urgente dos relógios de máxima precisão, [...] que já não é possível conceber outras formas de estar no mundo que não sejam as da velocidade e da pressa” (KEHL, 2015, p. 123), ela está identificando marcas daquilo que a semiótica chamaria de um *andamento veloz* (ZILBERBERG, 2011). Ao mesmo tempo, a psicanalista afirma que “é evidente que *algo do valor da vida se perde* quando o tempo, matéria do vivido, passa a ser tributário dos instrumentos científicos criados para sua medição” (KEHL, 2015, p. 124, grifos nossos). Essa perda do valor da vida significa,

para a teoria que nos guia, uma *perda de tonicidade*, isto é, uma diminuição do impacto cifrado nos objetos com que o sujeito se relaciona.

No fim das contas, como se vê, a psicanalista está estabelecendo uma espécie de correlação inversa entre o andamento rápido, uma das marcas típicas da contemporaneidade segundo ela, e a atonia identificada nos indivíduos depressivos que lhe interessam mais de perto. Assim, quanto mais o sujeito é regido por esses relógios de máxima precisão e por essas formas da velocidade e da pressa, ou seja, quanto mais célere o andamento, menor será a tonicidade atrelada aos objetos com que o sujeito se depara.

Joel Birman (2014), outro psicanalista interessado no assunto, também reconhece traços de atonia e de velocidade no campo de presença do indivíduo tipicamente contemporâneo. Tais traços ajudam a entender, inclusive, a proposta do psicanalista de que tal subjetividade se definiria por “uma *espacialização da experiência psíquica*” (BIRMAN, 2014, p. 46, grifos nossos), uma vez que seria justamente, em termos semióticos, o andamento célere demais que inviabilizaria a inserção dos instantes vividos numa temporalidade mais longa. A alta velocidade regente do campo de presença seria, nesse sentido, um impedimento para que o sujeito pudesse relacionar os instantes vividos como parte de uma mesma experiência, de um mesmo fluxo de vida. O andamento célere, portanto, manteria os instantes como que apartados uns dos outros, não identificados temporalmente — *espacializados* de certa maneira. Assim, observemos no trecho abaixo o papel que o andamento veloz desempenha nesse arranjo:

O mundo se reduz ao espaço do aqui e do agora, sem expansão, sem escansão e sem qualquer horizonte possíveis, pois é a pontualidade da [...] presença que aqui se impõe. Porque é o registro do tempo [longo] que abre as janelas do mundo para outras possibilidades de existência [...], além do que eclode pontualmente nos momentos descontínuos dos diversos instantes. Para transformar o instante numa continuidade modulada, é necessária a incidência dos processos de temporalização [...]. Para isso, o instante tem que ser inscrito numa sequência [...] (BIRMAN, 2014, p. 101)

A experiência se pontualiza, ou seja, restringe-se ao aqui e agora devido à dificuldade que o sujeito tem de alongar sua percepção temporal: regido por um andamento célere (os instantes, afinal, segundo o autor, *eclodem* para o sujeito, verbo que assinala essa cifra de rapidez), resta-lhe, com efeito, apenas a sensação de uma percepção temporal abreviada, fatiada em diversos instantes não conectados entre si.

Para a semiótica tensiva, tendo em vista que as medidas sensíveis (andamento e tonicidade) regem as subdimensões que compõem o eixo inteligível da significação (temporalidade e espacialidade), a dificuldade que o sujeito contemporâneo tem de inscrever sua experiência numa temporalidade mais longa resulta, na verdade, do andamento demasiadamente rápido. Assim, “imagens traumáticas” (p. 27), “estresse”, “*pânico*” (BIRMAN, 2014, p. 72, grifos do autor) seriam todos *sintomas* que derivam de um campo de presença incapaz — devido ao andamento rápido demais — de acomodar o impacto do vivido numa temporalidade mais longa e numa espacialidade mais aberta. A dificuldade

de organizar inteligivelmente os objetos que invadem o campo de presença tem âncora, portanto, na alta velocidade que rege a subjetividade.

Desse modo, ao mesmo tempo em que se infere, na temporalidade breve apontada por Birman (2014), a presença de um andamento rápido regendo o campo de presença, chama atenção a baixa tonicidade assinalada pelo psicanalista, conforme se vê abaixo:

[...] no que concerne à depressão hoje, não é a culpa que se encontra inscrita na cena principal das narrativas [...], mas o *vazio* [grifo do autor] [...]. As pessoas se queixam cada vez mais que estão vazias, que não têm nada dentro de si, isto é, *perderam uma certa vitalidade e o envolvimento com as coisas e as pessoas* [...]. É a potência de ser que se esvaiu, secando quase definitivamente a gana pela vida. Enfim, é a *impotência* e a *apatia* que se impõem como resultantes disso (BIRMAN, 2014, p. 120-121, grifos nossos)

Trata-se de entender que, tal como vimos por relação à proposta de Kehl (2015), Birman (2014) também verifica, à sua maneira (“apatia”, “impotência” etc.), aquilo que denominamos semioticamente de atonia. Assim, paralelamente ao andamento rápido reconhecível nas propostas dos dois psicanalistas, nota-se em ambas as pesquisas uma tonicidade reduzida cifrada no campo de presença do sujeito, como se nada o impactasse de modo mais significativo.

Ora, segundo as premissas do esquematismo tensivo de Zilberberg (2011), se os objetos entram *rapidamente* num campo de presença, a tendência natural, o esperado seria que eles impactassem, desnortassem num primeiro instante o sujeito — antes de serem enfim acomodados numa espacialidade mais aberta e numa temporalidade mais longa. Ou seja, à alta velocidade se conjugaria uma tonicidade elevada. Resultaria desse arranjo o que a semiótica chama de *acontecimento*, cujas características definidoras, andamento célere e tonicidade elevada, podem ser identificadas abaixo:

O andamento do acontecimento é evidentemente rápido, mas o que isso quer dizer exatamente? A celeridade [...] acarreta no sujeito siderado uma espécie de tempo negativo, crescente, que expelle o sujeito para fora de si. A tonicidade, por sua vez, é extrema [...]. Essa saturação da tonicidade significa para o sujeito uma “tempestade” modal que vê o sofrer suplantando o agir. (ZILBERBERG, 2011, p. 236)

O acontecimento ocorre, portanto, quando o sujeito é “extraído da esfera familiar de seu *agir* e projetado na estranheza do *sofrer*” (ZILBERBERG, 2011, p. 278, grifos do autor). Não é, no entanto, o que se verifica em nosso *corpus*, em que há uma “*velocidade traumática* com que os acontecimentos da vida atual afetam os sujeitos, [porém] sem produzir *nada de significativo*” (KEHL, 2015, p. 168, grifos nossos). Como se vê, o que temos, segundo os observadores da subjetividade contemporânea, é uma espécie de *rapidez sem grande impacto*, o que cobra da semiótica de Zilberberg (2011) uma explicação para esse aparente paradoxo tensivo. Como explicar que a subjetividade contemporânea se caracterize pela invasão rápida dos objetos em seu campo de presença, sem que, no entanto, isso impacte o sujeito que centraliza esse campo?

Parece-nos que tal explicação está no fato de que aquilo que os analistas assinalam, cada qual à sua maneira, não é, como parece à primeira vista, um andamento rápido — se assim fosse, os sujeitos inapelavelmente dariam mostras do arrebatamento sensível causado por tal andamento, isto é, indicariam cifras de alta tonicidade em seus arranjos internos de significação —, mas, sim, o que a semiótica chamaria de *elã da rapidez* (ZILBERBERG, 2011, p. 85). A mudança é sutil, mas fundamental para explicar tensivamente as marcas aparentemente contraditórias da subjetividade contemporânea — atonia e celeridade.

O *elã* atua como o elemento — chamado em semiótica de *forema* — pressuposto a um andamento qualquer, regendo, assim, os outros dois *foremas*, *direção* e *posição*: “[...] a direção e a posição são pressupostas e o *elã*, pressuposto [...] os pressupostos mantêm a dependência em relação a seu pressuposto” (ZILBERBERG, 2011, p. 73). Dessa maneira, conforme se pode ver na tabela abaixo (conferir tabela 1), *o andamento acelerado não é senão produto de um elã da rapidez*.

Aspecto Forema	Minimização	Atenuação	Restabelecimento	Recrudescimento
Direção	Trâiner [ir muito lentamente]	Desaceleração	Aceleração	Precipitação
Posição	Anacronismo	Atraso	Adiantamento	Prematuridade
Elã	Inércia	Lentidão	Rapidez	Vivacidade

Tabela 1: subvalências da dimensão do andamento.

Fonte: Zilberberg (2011, p. 85, grifos nossos)

É importante pontuar aqui que essas nuances teóricas, longe de apenas ornamentarem a discussão, permitem compreender como o sujeito contemporâneo *vivencia atonamente aquilo invade em alta velocidade seu campo de presença*. Como o *elã* é um *forema pressuposto*, o sujeito o assimila e o vivencia como norma, como hábito, condição que explica a atonia notada pelos analistas: aquilo que nos é rotineiro, habitual, afinal, de fato nos impacta muito pouco.

Para melhor explicar a diferença que há entre um andamento rápido e um *elã da rapidez*, tomemos emprestado, apenas a título de analogia, dois conceitos da física clássica comentados por Greene (2005, p. 41-42). Trata-se do chamado *movimento acelerado* e do *movimento a velocidade constante*. Imaginemos, então, o sujeito contemporâneo como um passageiro que viaja num avião a 800 km/h, a velocidade constante e sem elementos externos (nuvens, pequenos pontos no solo a lhe servir de referência etc.) que lhe permitam estimar a velocidade da aeronave. Aqui teríamos um correlato do que a semiótica chama de *elã da rapidez*, isto é, uma velocidade de base, vivida como norma, como regra, o que radica o baixo impacto de quem está imerso nesse cenário. Fora da aeronave, no solo ou no alto de um prédio, por exemplo, estariam os analistas da contemporaneidade, que, observando à distância o caso, certamente afirmariam que aqueles passageiros viajavam

a uma alta velocidade. O movimento acelerado notado por quem está fora da aeronave equivaleria ao andamento rápido sublinhado pelos analistas que temos acompanhado.

Noutras palavras, a rapidez sublinhada pelos analistas da contemporaneidade têm âncora apenas se o ponto de vista adotado for o do narrador (*grosso modo*, a voz projetada no texto do próprio pesquisador), mas não se a perspectiva for a do sujeito que está sendo analisado. Dessa forma, os sujeitos analisados não endossariam as conclusões a que chegam seus analistas. A aceleração excessiva de que falam os pesquisadores de nosso *corpus*, assim, não teria respaldo para os indivíduos analisados.

Teríamos desse modo, de um lado, os narradores/analistas da subjetividade a notarem essa velocidade excessiva regendo o campo de presença dos indivíduos e extraindo daí variadas conclusões (psicanalíticas, filosóficas, sociológicas etc.), e, de outro, os sujeitos eles mesmos, praticamente insensíveis à *aceleração notada apenas por quem os observa à distância*. Em suma, a alta velocidade, notada tão somente pelos *analistas* da contemporaneidade, ao ser vivenciada como norma, como regra pelos sujeitos analisados, não os afeta significativamente. Aquilo que nos é habitual, afinal, é de fato pouco arrebatador — átono, portanto.

Noutras palavras, estaríamos diante de duas perspectivas da velocidade experienciada pelo sujeito contemporâneo. De um lado, o analista, observando o fenômeno à distância e tendo como referência comparativa um momento da história humana em que o indivíduo pautava-se por um andamento mais lento, enxerga uma celeridade excessiva na vida atual. De outro lado, o próprio sujeito analisado, que, habituado a essa velocidade, imerso nela de tal modo a não ter outro parâmetro de comparação, pouco se afeta sensivelmente com esse arranjo.

O trecho abaixo, assinado por Bauman (1998), outro pesquisador atento à subjetividade contemporânea, pode ilustrar a distância que há entre esses dois pontos de vista, a saber: do narrador; e do sujeito analisado (segundo a perspectiva do narrador, já que, em nosso *corpus*, não é jamais cedida voz ao sujeito propriamente):

Um número crescente de homens e mulheres pós-modernos [...] acham a infixidez de sua situação suficientemente atrativa para prevalecer sobre a aflição da incerteza. Deleitam-se na busca de novas e ainda não apreciadas experiências [...] de um modo geral, a qualquer fixação de compromisso, preferem ter as opções abertas. Nessa mudança de disposição, são ajudados e favorecidos por um mercado inteiramente organizado em torno da procura do consumidor [...] (BAUMAN, 1998, p. 22-23, grifos nossos)

Nossas lutas pela vida, ao contrário, se dissolvem, naquela insustentável leveza do ser... Nunca sabemos, ao certo, quando rir e quando chorar. E mal há um momento, na vida, para se dizer, sem escuras premonições: “Tive êxito” (BAUMAN, 1998, p. 111, grifos do autor)

Note-se que, no primeiro excerto, os sujeitos analisados, segundo o narrador, avaliam positivamente sua situação (“Um número crescente de homens e mulheres pós-modernos acham [...] sua situação [...] atrativa”). Assim, a celeridade, que reverbera, no trecho, em

certa infixidez dos instantes vividos, é vista pela subjetividade contemporânea como um trunfo, segundo Bauman. Já no segundo trecho, quando o próprio narrador assume o ponto de vista da avaliação (“Nossas lutas”), a cena muda de figura, e vem à tona um tom de lamentação diante do cenário contemporâneo (“Nunca sabemos, ao certo, quando rir e quando chorar”, “Mal há um momento, na vida, para se dizer [...]: ‘tive êxito’”).

As cifras de atonia e celeridade, tal como vimos por relação a Kehl (2015) e Birman (2014), também são identificas — de diferentes maneiras, isto é, partindo de distintos pontos de vista epistemológicos e lançando mão de variados recursos metafóricos — por vários outros pesquisadores que acompanham o fenômeno aqui em pauta. Lipovetsky (2005), por exemplo, nota, à sua maneira, cifras de atonia quando aponta um “aumento da apatia de massa” (LIPOVETSKY, 2005, p. 19); um “mal-estar difuso [...] um sentimento de *vazio interior* [...] uma *incapacidade de sentir as coisas e as pessoas*” (p. 56, grifos nossos); “apatia” (p. 19); “estética fria” (p. 20); “surgimento de uma cultura *cool* em que cada qual vive num *bunker* de indiferença (p. 56, grifos do autor). Além desse baixo impacto do vivido para o sujeito contemporâneo, haveria ainda, segundo ele, “*uma rapidez* com que os acontecimentos veiculados pela mídia de massa se substituem, *impedindo qualquer emoção duradoura*” (LIPOVETSKY, 2005, p. 34, grifos nossos). Ou seja, o autor também enxerga a rapidez como uma marca, tipicamente contemporânea, que radica a atonia de que padecem os sujeitos: é a celeridade, afinal, que, segundo ele, impede a inscrição tônica no campo de presença (“impedindo qualquer emoção duradoura”). Os dois traços tensivos são endossados ainda quando o filósofo afirma que “com o universo [...] da publicidade, da mídia, a vida cotidiana e o indivíduo *não têm mais peso* próprio, anexados que estão pelo processo da moda e da obsolescência *acelerada*” (LIPOVETSKY, 2005, p. 85, grifos nossos).

Cabe observar aqui que, embora Lipovetsky sublinhe o papel específico da mídia para a cristalização desse arranjo acelerado e átono — em caminho bastante diverso daquele assumido, por exemplo, por Maria Rita Kehl, a qual associa esse arranjo à alarmante frequência das depressões na atualidade —, todos os autores de nosso *corpus* enxergam o que semioticamente seria uma tonicidade baixa e um andamento acelerado. Assim, o par atonia e rapidez seria uma espécie de ponto de convergência — elemento constante, invariante — entre distintas propostas acerca da subjetividade contemporânea.

Outro ponto interessante está no contraste entre o ponto de vista de Lipovetsky (2005), por meio de seu narrador, e a perspectiva do sujeito analisado (sempre segundo a ótica do analista, já que o sujeito analisado jamais ganha voz). Esse hiato, como vimos em Bauman (1998), ajuda a compreender a maneira como o analista enxerga o fenômeno e a forma como o sujeito analisado parece vivenciá-lo. É o que vemos, por exemplo, quando o filósofo francês afirma que “Deus morreu, as grandes aspirações se extinguem, mas *ninguém está dando a mínima importância*, eis a *alegre* [grifo nosso] notícia” (LIPOVETSKY, 2005, p. 20, grifos do autor). Note-se que o adjetivo *alegre* cumpre o papel de sublinhar ironicamente a distância entre o ponto de vista do filósofo (“Deus morreu, as grandes aspirações se extinguem”) e a perspectiva daqueles de quem ele fala (“mas ninguém está dando a mínima importância”).

Na mesma toada, Baudrillard (2004, p. 60, grifos nossos) assinala uma “*aceleração extraordinária* desta *banalização do mundo*”, em cujos grifos se percebe claramente a

dupla de caracteres apontados como definidores da subjetividade atual. Noutra momento, o filósofo afirma ainda que estaríamos diante “[...] duma sociedade toda inteira [sic] apanhada na *corrida* para a *insignificância* e embasbacada frente à sua própria *banalidade* [...]” (BAUDRILLARD, 2004, p. 41, grifos nossos), em cujos destaques se repetem as cifras de celeridade (“corrida”) e atonia (“insignificância”, “banalidade”).

Zigmunt Bauman (1998, 2001, 2004), ao propor sua *modernidade líquida* como um conceito capaz de traduzir as especificidades de uma subjetividade tipicamente contemporânea, também flagra os caracteres tensivos em que temos insistido neste artigo. Dessa forma, Bauman (1998) argumenta — em linha próxima à de Lipovetsky (2005), quando este salienta o papel da mídia e dos meios de comunicação de massa como fundamento para a aceleração regente do sujeito contemporâneo — que a rapidez, traço tão consensual entre os analistas que temos acompanhado, tem âncora em “um mercado inteiramente organizado em torno da procura do consumidor e vigorosamente interessado em manter essa procura permanentemente insatisfeita” (BAUMAN, 1998, p. 23). Para o autor polonês, a celeridade deita raízes, então, numa questão estreitamente ligada ao capital: interessa ao mercado, afinal, que os sujeitos transitem *rapidamente* pelos objetos com que se relacionam, uma vez que isso favorece “essa procura permanentemente insatisfeita”. O baixo impacto dos objetos, traço também localizável na proposta do sociólogo (BAUMAN, 1998, 2001, 2004), relaciona-se igualmente com essa questão do capital: é interessante, nesse sentido, que os objetos não pareçam ao sujeito demasiadamente importantes, impactantes — o que acabaria por fazer sua atenção se concentrar por mais tempo num ponto qualquer. Dessa maneira, interessa a esse modelo de vida cultivado na contemporaneidade a “desintegração de um jogo [da vida contemporânea] [...] com prêmios enormes e dispendiosos, numa série de jogos estreitos e breves, que só os tenha pequenos e não demasiadamente preciosos [...]” (BAUMAN, 1998, p. 113, grifos nossos).

Atonia e celeridade são, portanto, os dois traços semióticos (ZILBERBERG, 2011) identificados como invariantes, como constantes em meio às distintas propostas dos autores aqui observados (KEHL, 2015; BIRMAN, 2014; BENJAMIN, 2012; BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015, 2017; LIPOVETSKY, 2005; BAUMAN, 1998, 2001, 2004). Maria Rita Kehl (2015, p. 157, grifos nossos) resume bem, em dois sintagmas aparentemente contraditórios, esse arranjo tensivo aparentemente contraditório (mas inerentemente contemporâneo). Para ela, os estímulos recebidos pela subjetividade equivalem a “pequenos traumas” (KEHL, 2015, p. 157) ou a um “prosaico e corriqueiro choque” (KEHL, 2015, p. 175). Propomos, na tabela abaixo (conferir tabela 2), a explicação tensiva para os dois oxímoros apresentados pela psicanalista:

	“prosaico e corriqueiro	choque”
	“pequenos	traumas”
Justificativa tensiva	porque átono	porque rápido

Tabela 2: destrinçamento tensivo de “prosaico e corriqueiro choque” e “pequenos traumas”. Fonte: elaboração nossa, com base em Kehl (2015) e Zilberberg (2011)

A rapidez notada pelos analistas, porém, conforme já argumentamos, pede algumas ressalvas. Não se trata, afinal, simplesmente de um andamento acelerado — se assim fosse, teríamos um sujeito arrebatado pela celeridade do vivido —, mas daquilo que Zilberberg (2011, p. 73) chama de *elã da rapidez* — elemento pressuposto a um andamento acelerado. Sendo pressuposto, passa a ser vivido como norma, como hábito, o que explica a atonia verificada pelos analistas. O que nos é rotineiro, afinal, de fato nos é pouco impactante.

3. Considerações finais

Neste artigo, procuramos identificar, a partir de uma teoria da significação humana que, afinal de contas, simula categorias gerais mobilizadas na produção e na interpretação do sentido (ZILBERBERG, 2011), que caracteres podem ser apontados como constantes, como invariantes em meio a um conjunto de diferentes análises da subjetividade contemporânea (KEHL, 2015; BIRMAN, 2014; BENJAMIN, 2012; BAUDRILLARD, 2004, 2011, 2015, 2017; LIPOVETSKY, 2005; BAUMAN, 1998, 2001, 2004).

Identificamos, dessa maneira, a princípio, um *andamento acelerado* e a *atonia* como cifras semióticas típicas do campo de presença do sujeito contemporâneo. Tal arranjo, porém, cobra da semiótica uma explicação, na medida em que a alta velocidade regente de um campo de presença deveria gerar impacto, vale dizer, uma tonicidade elevada no sujeito que centraliza essa arena perceptiva. Propomos, então, o conceito semiótico de *elã* como um necessário adendo às propostas dos analistas aqui contemplados.

Sendo este último um elemento pressuposto ao andamento, o sujeito pode vivenciá-lo como algo rotineiro, habitual e, portanto, átono. Uma das cifras características da contemporaneidade não seria, dessa forma, um andamento célere, mas o *elã da rapidez*.

4. Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. **Telemorfose**. Tradução Muniz Sodré. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mito-ironias do virtual e da imagem. Tradução Juremir Machado da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Tradução Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva: 2015.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2017.
- BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama.. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

- BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GREENE, Brian. **O tecido do cosmo**: o espaço, o tempo e a textura da realidade. Tradução José Viegas Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Tradução Ana Cristina Cruz Cezar [e outros]. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COUTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Vários tradutores. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva: 2009.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri-SP: Manole, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- XXXX. 2020.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu**. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- VALÉRY, Paul. **Cahiers**: tome 1. Coll. La Pléiade. Paris: Gallimard, 1973.
- ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

A PAIXÃO DO CIÚME EM *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS, E *OTELO*, DE WILLIAM SHAKESPEARE

THE PASSION OF JEALOUSY IN DOM CASMURRO, BY MACHADO DE ASSIS, AND OTELO, BY WILLIAM SHAKESPEARE

Silvana Regina Martins Brixner

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –UFMS

Geraldo Vicente Martins

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Resumo: Com este trabalho, foi nossa pretensão analisar, recorrendo ao arcabouço teórico da semiótica discursiva, em sua abordagem inicial das paixões, a configuração patêmica do ciúme em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Otelo*, de William Shakespeare, comparando, nas obras em questão, o contexto em que se encontram as paixões reguladas pela micro e a macrossintaxe. Assim, buscamos evidenciar contrastes e semelhanças relacionados à configuração do ciúme em *Dom Casmurro* e *Otelo*, a partir da análise da sintaxe passional do ciúme nas duas obras.

Palavras- chave: Semiótica Discursiva. Paixões. Ciúme. Literatura.

Abstract: With this work, it was our intention to analyze, drawing on the theoretical framework of discourse semiotics, in its initial approach to the passions, the patemic configuration of jealousy in *Dom Casmurro*, by Machado de Assis, and *Otelo*, by William Shakespeare, comparing, in the works in question, the context in which the passions regulated by micro and macrosyntax are found. Thus, we seek to highlight contrasts and similarities related to the configuration of jealousy in *Dom Casmurro* and *Othello*, based on the analysis of the passionate syntax of jealousy in both works.

Key-words: Discourse Semiotics. Passions. Jealousy. Literature.

1. Configurações do ciúme

Com o propósito de verificar como traços da paixão do ciúme se fazem presentes em obras da literatura mundial, bastante conhecidas por abordar aspectos e consequências dessa paixão na vida de seus protagonistas, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Otelo*, de William Shakespeare, recorreremos ao entendimento que dela constrói uma teoria contemporânea para a análise dos textos, a semiótica discursiva. É por meio dessa vertente dos estudos que nos aproximamos desse objetivo nas linhas que seguem.

Na perspectiva da semiótica, em sua abordagem inicial das paixões, a partir da qual trabalhamos neste artigo, o ciúme adquire vários formatos passionais, dependendo

do sujeito a focalizá-lo, que pode ser o rival, o objeto do ciúme, o sujeito ciumento ou um observador externo que descreve a cena e a julga de acordo com as suas concepções. Dessa forma, segundo Greimas e Fontanille, considerando-se o modo como o lexema responsável por designar a paixão é encontrado em várias línguas, as diferentes configurações do ciúme são vistas sob ótica diversa:

Podemos perguntar-nos por que, a partir de um semema comum, o do “apego intenso”, obtém-se, por um lado, uma paixão moralizada positivamente, bem como todos os seus correlatos (o zelo), e, por outro, uma paixão moralizada negativamente (o ciúme). A coisa é ainda mais surpreendente porque, em várias línguas europeias, todas essas figuras passionais estão perfeitamente unificadas em torno do étimo zelos, do qual derivam ao mesmo tempo o “zelo” e o “ciúme”; observar-se-á, além disso, que zêlôsis, derivado do verbo zêlô, reagruparia, sem distinguir os significados, “emulação, rivalidade, ciúme”. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p.185).

Partindo das implicações mencionadas, para estudar o ciúme na “intersecção da rivalidade e do apego”, precisamos distinguir várias tarefas, como apontam os autores:

Primeiro, enquanto figura mista, o ciúme poderia ser o objeto de um estudo que se apegaria às variações de equilíbrio entre a rivalidade e o apego, sobre o mesmo princípio que as variações de dominância no interior do termo complexo; seria então um estudo intercultural, em que as mudanças na representação cultural do ciúme, tanto nos lugares como nas épocas, seriam função do peso respectivo de cada uma das configurações. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 190)

É com base em tais considerações preliminares, a respeito da intersecção entre a rivalidade e o apego, que Greimas e Fontanille acrescentam:

A intersecção das duas configurações não consiste em simples justaposição, mas engendra, como já sugerimos, múltiplas interações: conviria quanto a isso, por um lado, examinar os efeitos do apego sobre a rivalidade, e os da rivalidade sobre o apego, e, por outro lado, numa perspectiva sintática, estudar a distribuição dos respectivos componentes das duas configurações em torno do ciúme propriamente dito. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 190)

Ao levarmos em conta os apontamentos feitos pelos dois semioticistas, é impossível não se convencer da complexidade que ronda a paixão do ciúme, a qual também pode ser assimilada pela categorização que a semiótica estabelece entre paixões simples e complexas. No que interessa ao presente texto, segundo Barros (1990), as paixões complexas são descritas a partir do estado inicial de espera, em que um sujeito do querer-ser, para entrar em conjunção com o objeto-valor, nada faz para transformar seu estado inicial, apenas espera e acredita que outro sujeito fará isso para ele.

Se a espera envolve o outro nesse processo de construção passional, explicam Greimas e Fontanille que “o sujeito tensivo desdobra-se em um ‘outro’ e interioriza o corpo outro como ‘intersujeito’ com base da fidiúcia” (1993, p. 59). A respeito dessa fidiúcia, eles esclarecem:

A dimensão fidiúciária inscreve-se, ao mesmo tempo na definição modal do apego e na definição da exclusividade de uma parte, o dever ser determina uma espera fidiúciária que restringe o horizonte do sujeito a um único objeto; de outra, o dever não ser determina outra forma de espera fidiúciária – desta vez, negativa -, graças a qual o sujeito protege seu território. Mas a desconfiança emerge da fidiúcia, esse conjunto de modulações tensivas em que delineiam as valências. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 190)

Se voltarmos ao *Dicionário de semiótica*, veremos que, para Greimas e Courtés (1989), o contrato fidiúciário coloca em jogo o fazer interpretativo por parte do destinador e da adesão do destinatário. Nesse caso, a potencialização se associa ao universo do que eles acreditam ser verdadeiro; a virtualização está nas motivações que desencadeiam a ação que corresponde à fase da manipulação. Em *Otelo*, por exemplo, o modo veridictório aplicado à mensagem de Iago definirá a manifestação de Otelo, atribuindo-lhe, assim, o estatuto da imanência - momento em que ele decidirá sobre o seu ser ou o seu não-ser. Como atestam ainda Greimas e Courtés (1989), é nesse momento também que se apresentam as atitudes referentes à interpretação veridictória dos discursos. Esse fazer interpretativo é um fazer cognitivo que modaliza um enunciado pelo parecer e pelo ser, correlacionando os planos da manifestação e da imanência.

Na obra de Shakespeare, manipulado por um querer-fazer, Iago convence Otelo; utiliza, além do querer, o poder, pois, com um lenço de moranguinhos, consegue intensificar o ciúme do mouro. Constatamos que Iago também é modalizado pelo saber, pois sabe como usar as situações para que o sujeito Otelo não consiga manter-se em conjunção com seu objeto-valor (ficar com Desdêmona). Assim, Iago realiza uma performance a partir da qual Otelo é dominado pela angústia, passando a viver em uma crise constante, perturbadora causada pela manipulação que o martiriza.

A propósito de tais atos manipulatórios, fundamentados na obra shakespeariana, convém observar o que segue:

A possibilidade de considerar, como aqui, a colocação de uma disposição passional por manipulação mostra bem que a competência passional não diz respeito a uma psicologia individual. Dois atores são aqui convocados para constituir um sujeito apaixonado e fazem eclodir os sincretismos habituais. A repartição dos papéis modais e das etapas da microsequência permite afirmar que Iago é o sujeito cognitivo, sujeito operador do fazer tímico, enquanto Otelo é o sujeito de estado tímico, conjunto aos resultados disfóricos do fazer de Iago; ele se tornará sujeito de fazer apenas no momento da reativação, que assume nele a forma de

um ódio mortal. A distribuição dos papéis traz à luz o funcionamento canônico do ciúme, que os sincretismos dissimulam a maior parte do tempo; um sujeito tímico-cognitivo tortura um sujeito de estado tímico. Além disso, verifica-se aqui que os dispositivos modais sensibilizados não são propriedades intrínsecas dos sujeitos individuais, mas simulacros que trocam entre si verdadeiros sintagmas intersubjetivos. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 261)

Dessa maneira, os dispositivos modais permeiam as ações que esboçam os estados de alma dos atores, bem como os desequilíbrios emocionais advindos de um querer. Esse desequilíbrio emocional estende-se para uma tensividade fórica, gerando um aumento na intensidade da disforia; assim, podemos observar que esses dispositivos patêmicos apresentam as modulações passionais que excedem as combinações dos conteúdos modais, pois apresentam o estado de alma dos sujeitos presentes nas ações.

Nesse percurso, percebe-se, por exemplo, a presença da inveja, paixão despertada no destinador-manipulador, em um momento específico. Portanto, temos por parte do enunciador e enunciatário, um querer ou um dever e um saber e/ou poder fazer-fazer, e essa organização modal leva, segundo Greimas e Fontanille, a duas constatações, a primeira sobre as relações estabelecidas entre as modalizações que dependem umas das outras, e a segunda sobre a sensibilização passional (presença da paixão) no discurso, que não pertence aos sujeitos, mas sim engloba os efeitos de sentido postos no discurso como um todo.

Ao contrapormos a obra de Shakespeare à de Machado, notamos que a acusação de infidelidade aproxima *Capitu de Desdêmona*, e ambas se encontram envolvidas numa situação dramática que culmina com trágico desfecho. Em relação à *Capitu*, a trama se torna ainda mais complexa, pois esta vê o próprio filho ser usado como suposta prova do adultério. A tensão em direção à conjunção é sobredeterminada por uma necessidade: o sujeito é totalmente semantizado por seu objeto; este é necessário para a estabilidade de sua identidade. Assim, para Bentinho, é importante que mantenha essa postura em relação a *Capitu* e a *Escobar*, uma vez que, assim, ele preserva a identidade simulando ao mundo essa identidade sob o jugo da ‘aparência’.

2. Sintaxes modais no ciúme

Como afirma Fontanille, “não são os arranjos modais que produzem um efeito passional. A configuração passional apresenta-se ora como uma conexão englobada na macrossintaxe, ora como um sintagma que engloba a microssintaxe” (1986, p.20) ¹.

Percebemos a conexão entre a microssintaxe e a macrossintaxe passionais. A configuração do ciúme nesses trechos começa a partir da microssintaxe do apego, em que vemos, no caso de *Dom Casmurro*, uma posição modal do sujeito Bentinho que gera outras posições modais, a da inquietude e a da desconfiança – e, quando se passa de uma paixão à outra, vislumbra-se a regulação feita pela macrossintaxe.

1. “*Ils ne se convertissent en configurations passionnelles que dans la mesure où une micro-syntaxe peut y être projetée*”.

Essas relações entre micro e macrossintaxe passionais revestem-se de nuances às vezes difíceis de serem determinadas. A esse propósito, na inquietude que se apossa de Bentinho, tudo parece ir contra Capitu, até mesmo a natureza – o menino assemelha-se a Escobar: ‘mas, haja ou não testemunhas alugadas, a minha era verdadeira; a própria natureza jurava por si, e eu não queria duvidar dela’ (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.132). Tomando-o como sujeito passional, o querer de Bentinho resume-se à uma ilusão sem direito à dúvida, agrupando elementos que somente contribuem para alimentar a desconfiança do que sente, vendo-se impedido de confiar no(s) outro(s), ainda que este(s) seja(m) o ser amado.

Dada tal configuração, fazem todo sentido as considerações dos autores de *Semiótica das Paixões*:

A dúvida, a suspeita e o temor repousam todos numa perturbação fiduciária que modifica os dados originais do apego. Este último, efetivamente, pressupõe um *dever-ser* que fundamenta a confiança [...]. A emergência da rivalidade no horizonte do apego questiona essa confiança, a ponto de a relação com o objeto amado pode ser afetada: sob a influência da rivalidade, o apego transforma-se, pois, em dúvida. [...] As distorções trazidas a cada uma das duas configurações por aquela que a sobredetermina engendram figuras específicas de sua intersecção, que são as próprias figuras do ciúme. A construção do ciúme passará, pois, pelo estudo das representações de sobredeterminação. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 192)

Os autores consideram quatro dispositivos retidos pela macrossequência, porém delimitam seus estudos ao dispositivo “do ciúme no sentido restrito, situado no momento da crise passional”. Na sequência, eles se referem à “microsequência” como sendo “ao mesmo tempo pressuponente com relação aos antecedentes e pressuposta com relação aos subsequentes”, a qual será denominada “constitutiva da paixão estudada, na medida em que contém a transformação tímica específica, identificada até o presente como crise passional” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 233).

Desse modo, estando abalada a condição de crença no sujeito, nas obras em tela, tanto o lenço de Desdêmona como os trejeitos de Ezequiel podem servir como provas condenatórias para um suposto adultério, e um querer-fazer assume o papel de modalidade inerente aos sujeitos virtuais, Bentinho e Otelo. Todavia, de acordo com Greimas e Fontanille, os sujeitos, ao se precipitarem com as provas, estão inferindo “a partir de um parecer manifesto, (que) reconstitui um ser imanente”. Tanto é assim que ver o lenço dado a Desdêmona nas mãos de Cássio configura-se, para Otelo, uma manifestação inequívoca da traição da esposa. Para os autores, tal inferência poderia ser decomposta da seguinte forma:

a) reconstituir o itinerário desse lenço (percurso figurativo); b) imaginar o encontro entre S2 e S3 (dispositivo actancial); c) adquirir a certeza, a partir de um *não-poder-não-ser* (modalização epistêmica e fiduciária); d) supor, finalmente, em Desdêmona, o abandono de todos os valores sobre os quais repousava seu amor; pureza, nitidez entre outros. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 268)

Temos, portanto, o lenço de Desdêmona como prova que atesta o adultério, surgida a partir de uma inferência de Otelo. E de nada adianta, como bem nos mostra o texto, que ela se esforce para tentar convencê-lo do contrário:

Desdêmona: – Sede também piedoso. Em toda a vida jamais vos ofendi. Nunca amei Cássio, só lhe tendo dicado essa amizade que o céu permite, e nunca o presenteei.

Otelo: – Pelo céu, vi meu lenço na mão dele. Mulher perjura, em pedra me transmudas o coração e o nome dás de crime ao que eu pensava ser um sacrifício. Vi o lenço! Eu mesmo!

(SHAKESPEARE, 1956, Ato V, cena 2, p.141)

Na última etapa da macrosequência, os quereres dos sujeitos passionais “pressupõem uma mobilização global do sujeito apaixonado; todos os papéis que o ator pode recobrir — tímicos pragmáticos — são afetados em bloco, o que se traduz, entre outros, pelo caráter figurativo misto da atitude ou do comportamento em questão, ao mesmo tempo somático e psíquico” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 234).

Confrontemos tal assertiva com uma passagem de *Dom Casmurro*:

‘A voz era a mesma de Escobar, o sotaque era afrancesado...Mas isto mesmo dava animação à cara dele, e o meu colega do seminário ia ressurgindo cada vez mais do cemitério. Ei-lo aqui, diante de mim, com igual riso e maior respeito; total, o mesmo obséquio e a mesma graça, a princípio doeu-me que Ezequiel não fosse realmente meu filho, que me não completasse e continuasse. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 137)

No trecho destacado, o que se percebe é “a rivalidade: é ela que adquire a forma patêmica da inquietude e da sombra, no contato com o apego, a rivalidade sofre assim, um exemplo das mutações que se operam no interior dos macrodispositivos passionais” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 191).

Quanto às figuras de Escobar e Cássio, ambos representam, respectivamente, para *Dom Casmurro* e *Otelo*, a hipocrisia. Em *Otelo*, essa ideia perdura até que é aclarado o engano do mouro e toda a intriga elaborada por Iago vem à tona; em *Dom Casmurro*, esse pensamento é sustentado pelo narrador até o final. As suposições de adultério, uma causada pelas falsas acusações de Iago, e a outra pelos fantasmas do ciúme da mente de Bentinho, conferem um clima tenso às obras nas quais participam. Não é sem razão que, para Greimas e Fontanille, o sentimento de desconfiança é definido como a sombra que é construída “na perspectiva daquele que é suscetível de ser ultrapassado” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 177).

De natureza complexa, a paixão do ciúme articula-se na confluência de várias ações que envolvem o sujeito apaixonado; entre estas, as que atuam como sombras, impossibilitando ao sujeito uma visão autêntica do que se passa, conforme assinala o breve episódio a seguir:

Iago: – Disse- lhe o que pensava, sem que houvesse contado nada além do que ele próprio julgará natural e verdadeiro.

Emília: - Mas dissestes lhe que ela fora infiel?

Iago: - Disse.

Emília: – Dissestes uma infâmia, infâmia odiosa. Por minha alma, ele mente; é um pervertido. Ela, falsa com Cássio? É assim? Com Cássio?

Iago: - Com Cássio, sim, senhora. Retirai- vos daqui, e ponde cobro nessa língua. (SHAKESPEARE, 1956, Ato V, cena 2, p. 146)

Por sua vez, em *Dom Casmurro*, lemos: ‘Parei e perguntei calado: “Quando seria o dia da criação de Ezequiel?” Ninguém me respondeu’. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 139). A espera de um poder sensibilizante encoraja a emprestar ao objeto o papel de sujeito resistente; assim percebemos Bentinho com suas inquietações, posto que se transforma, ou melhor, se constitui como um ser que espera meticulosa e inquietamente, sendo que “a inquietude introduz, com a permanência e a iteração, um papel patêmico estereotipado, uma constante da competência passional do sujeito” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 193). Desse modo, se as lágrimas de Capitu no velório de Escobar, amigo do casal, não chegam a configurar um caso de adultério, o discurso emotivo de Bento Santiago e a deliberada ambiguidade do texto machadiano fazem do ato uma prova porque essas poucas lágrimas instalam, definitivamente, em Bentinho, a inquietude e a desconfiança, que o levarão, muitos anos depois de transcorrido o drama, à escritura do romance com a intenção não declarada, mas depreensível, de persuadir o leitor e a si mesmo do fundamento do seu ciúme e da suspeita de adultério.

É como se o sujeito apaixonado presenciasse um importante espetáculo na vivência de sua paixão:

Se o espetáculo fundamental do ciúme é o da junção modalizada do rival e do objeto, o ciumento é, enquanto observador, excluído da relação de junção. É por isso que o sujeito ciumento se acha na impossibilidade de segmentar de outra forma o dispositivo actancial, e a cena odiada ou apreendida se lhe impõe; ele mesmo se apresenta, com relação a seu próprio simulacro passional, como sujeito virtualizado, sujeito sem corpo que não pode ter acesso à cena [...]. O observador do ciúme será efetivamente um ‘espectador’, isto é, observador cujas coordenadas espaço-temporais referem-se às do espetáculo que lhe é oferecido, mas que não pode, em caso algum, figurar como ator nessa mesma cena. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 181)

As lágrimas de Capitu no velório assemelham-se às lágrimas de Desdêmona durante a acusação de Otelo, quando ela se sentia ameaçada pela ira injustificada do mouro. Temos uma reação disfórica dos sujeitos ciumentos, cujos estados de alma são revelados em suas ações e variam tanto na intensidade quanto na extensidade, acolhendo um forte estado momentâneo que se prolonga nas acusações. Assim, as duas heroínas são acusadas de

suposto adultério, e suas lágrimas assemelham-se por acentuarem os sentimentos negativos de seus maridos.

Aqui se delinea o saber ou o poder-fazer nessa organização modal, tornando os sujeitos atualizados, ou competentes para o fazer.

Desdêmona: – Confessou quê, senhor?

Otelo: - Que te possuiu.

Desdêmona: – Como? Ilicitamente?

Otelo: – Sim.

Desdêmona: – Absurdo. Não dirá isso.

Otelo: – Não, porque tapada já tem a boca, pois o honesto Iago tomou suas providências.

Desdêmona:- Oh! Meu medo tinha razão de ser! Então, morreu?

Otelo: – Se seus cabelos todos vivos fossem, minha grande vingança os devorara.

Desdêmona: – Ai de mim ! Foi traído e eu estou perdida.

Otelo: – Sai, prostituta infame! Vais chorá-lo na minha frente?

(SHAKESPEARE, 1956, Ato V, cena 2, p.142)

‘A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas... Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar o nadador da manhã.’

(MACHADO DE ASSIS, 1997, p.121)

A cena actancial é vista como se Bentinho quisesse aquelas lágrimas de Capitu para si; delinea-se uma “confusão geral” para os papeis actanciais de Bento Santiago. Em *Dom Casmurro*, pelo discurso do narrador-personagem, revela-se que sua retórica é uma retórica do provável e não do provado, uma vez que são provas circunstanciais e argumentos que podem ser facilmente revertidos os responsáveis por fundamentar sua longa exposição.

Por sua vez, em *Otelo*, a honestidade de Desdêmona é contraposta com os arroubos de fúria e palavras depreciativas, enquanto em *Dom Casmurro* é feita por gestos – um olhar. Constata-se um misto de sentimentos enfeixados, escondidos, enviesados que criam,

em seu conjunto, um tumulto passional que complexifica os papéis desempenhados pelos sujeitos no triângulo actancial padrão.

Enredados em meio a esse tumulto, tanto Otelo quanto Bentinho se deixam levar pela aparência das coisas, esquecendo-se do quanto esse parecer é ilusório, e recebem o sofrimento advindo desse estado de coisas. Greimas e Fontanille tratam do investimento figurativo do sofrimento, do apego regido pelo dever-ser que nada possui de subjetivo em Otelo, que com o “apego amoroso inspira aqui a confiança em uma ordem humana, e seu enfraquecimento não pode levar senão ao caos animal, a contingência, antes de aniquilar-se no conflito com o não vivo” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 285).

Se Otelo estava dominado pelo ciúme, pela ilusão de que Desdêmona o traía com outro homem, em *Dom Casmurro*, Bentinho estava tomado pela dor que queimava a sua alma e o consumia, aquele (pre)ssentimento trazido desde a infância, pelo qual o pensamento construía cenas a todo momento, como a de que algum peralta da vizinhança estivesse enamorando-se de Capitu. Em razão desse senti, Bentinho sentida necessidade de fazer Capitu sofrer com seu desprezo:

‘Escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não escapei a mim mesmo. Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol. Jurei não ir ver Capitu aquela tarde... Duas vezes dei por mim mordendo os dentes, como se a tivesse entre eles. Da cama ouvi a voz dela... Capitu ria alto, falava alto, como se me avisasse; eu continuava surdo, a sós comigo e o meu desprezo. A vontade que me dava era cravar-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.79)

Barros (1990) explica que o sentimento de possessão, a falta de confiança produz, nas paixões tensas da falta, malevolência, “estado de alma” que é responsável pela instauração do sujeito do fazer. A malevolência e a hostilidade, definidas pelo /querer-fazer/ mal a alguém, apontam para a modalização que dá início à competência do sujeito reparador da falta, que o instaura como tal; assim, o /querer-fazer/ que instala o sujeito reparador define-se como querer fazer mal a outro sujeito, considerado o responsável pela falta. Também Otelo já não conseguia nem conter sua emoção porque aquele sentimento o tornara insano; a cada momento, ele ia se desintegrando, já não conseguia dominar o sentimento odioso, e, ao mesmo tempo, terno e sereno, mas avassalador. Sujeitos passionais conscientes de suas rivalidades, Otelo e Bentinho alimentavam seus ódios e desejo de assassinar as companheiras.

Em *Dom Casmurro*, o personagem-narrador fala de sua ida ao teatro, quando foi assistir à tragédia shakespeariana; identifica-se, da plateia, com a ira do mouro e mentalmente aproxima Desdêmona de Capitu pelo contraste: Desdêmona é a amorosa e pura esposa, vítima de uma punição injusta a que é instigado Otelo pelas calúnias de Iago; Capitu, pelo contrário, como quer nos fazer acreditar o narrador, é falsa, merece, por isso, punição mais cruel do que o asfixiamento praticado pelo mouro para tirar a vida de Desdêmona. Mas o

impulso de violência física que a decisão do mouro lhe inspira é abrandado, uma vez que não há, para o sujeito, evidência do acontecimento decisivo.

Já na obra shakesperiana, esse abrandamento não ocorre: temos a execução de Desdêmona por Otelo. A frieza e determinação com que este executa o assassinato de sua esposa, por conta do ciúme que se apossara dele, ecoa, por aproximação, no modo de agir premeditado e frio de Bentinho, que deixa delineada a distância que o separa do mouro – trágico e arrebatado:

Então eu perguntava a mim mesmo se alguma daquelas mulheres não teria amado alguém que jazesse agora no cemitério, e vinham outras incoerências, até que o pano subia e continuava a peça. O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer. Ouvi as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que este lhe deu entre aplausos frenéticos do público. - E era inocente, vinha eu dizendo rua abaixo: - que faria o público, se ela deveras fosse culpada, tão culpada como Capitu? E que morte lhe daria o mouro? Um travesseiro não bastaria, era preciso sangue e fogo, um fogo intenso e vasto, que a consumisse de todo, e a reduzisse a pó, e o pó seria lançado ao vento, como eterna extinção... (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.129)

A insensibilidade é o tema central enfocado nesses trechos. Otelo diz ‘para trás’, pedindo o afastamento de Desdêmona; Bentinho delineia friamente a insensibilidade, o desapego por Capitu (pedia-me que a fosse ver. Embarquei um ano depois, mas não a procurei). Para Greimas e Fontanille, “o apego ainda está presente nos antônimos, em negativo desta vez: “indiferente” se glosa por “insensível” ou “desapegado”” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 173).

Aqui constatamos a mudança da relação existencial face aos objetos-valor. Como afirma Bertrand:

O sujeito possui uma existência modal que pode ser perturbada, a todo momento, quer pelas modificações que ele mesmo impõe aos valores dos objetos (que, de desejáveis, por exemplo, tornam-se subitamente odiáveis [...]), quer por aquelas que outros atores operam no mesmo ambiente que ele (como no caso do ciúme). A existência modal coloca, portanto, o valor em movimento e em jogo. Ela dá lugar a interrogações inquietantes sobre “o valor comparativo de valores de inegável valor”, a “tensões de inegável importância”, a conflitos de valor. É impossível, com efeito, no universo do discurso, haver “sujeitos neutros, estados indiferentes, competência nula”. (BERTRAND, 2003, p. 369).

Constatamos essa situação nos seguintes trechos:

Desdêmona: – De joelhos vos pergunto que é que exprime semelhante discurso. Entendo a cólera de vossas expressões, não as palavras.

Otelo: – Ora, que és tu ?

Desdêmona: – Senhor, sou vossa esposa, vossa esposa leal e verdadeira.

Otelo: –Vem jurar-me e condena- te, sim, para que, por um anjo te tomando, o diabo se tema de pegar-te.[...]

Desdêmona – O céu sabe de tudo.

Otelo – O céu bem sabe que és falsa como o inferno.

Desdêmona – Falsa como, meu senhor? Para quem? De que maneira vos tenho sido falsa?

(SHAKESPEARE, 1956,Ato IV, cena 2, p.107)

[...] pedia-me que a fosse ver. Embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado. Na volta, os que se lembravam dela, queriam notícias, e eu dava-lhes, como se acabasse de viver com ela'. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.134)

Sem pensar, Otelo (“minha necessidade é chorar, mas as minhas lágrimas são cruéis”) e Bentinho (“entre mim e Capitu naqueles dias sombrios”) tratam as esposas de maneira fria, desprezível; têm uma impressão vaga e pouco consciente de suas atitudes, o que acarretará, de modos distintos, na morte das duas amadas de outrora. Também podemos verificar a forte presença do homem com um papel social (e actancial) dominador inserido em uma sociedade patriarcal: Desdêmona e Capitu não se manifestam; a elas não é possibilitado o direito de se explicar.

Se retornamos à contraposição entre emoção e razão, permeando o modo de agir dos sujeitos tomados pelo ciúme, verificamos que enquanto Otelo é afetado pela emoção, Bentinho o é pela razão. Em comum, os dois desdenham da situação em que se encontram: o primeiro em tom de lamento, o segundo considera ‘dias sombrios’, sem delongar-se em comentários.

Em suas palavras, diz o mouro:

‘Oh, hálito balsâmico, quase consegues persuadir a Justiça a quebrar sua espada! Mais um! Mais um! Sê assim quando estiveres morta, e quero matar – te para depois te amar. Um mais, e este é o derradeiro. Tãmanha doçura jamais foi tão fatal. Minha necessidade é chorar, mas as minhas são lágrimas cruéis; e celestial é o meu pesar, pois ele dói na fonte do amor’. (SHAKESPEARE,1956, Ato V, cena 2)

Já Bentinho dirá: “O que se passava entre mim e Capitu naqueles dias sombrios não se notará aqui, por ser tão miúdo e repetido, e já tão tarde que não se poderá dizê-lo sem falha nem canseira” (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.127).

Assumindo sua condição trágica, é como se os sujeitos, ainda que não se possam reconhecer como tomados por uma paixão, pusessem-se resignados diante do que sobre eles se abate, destruindo-lhes a própria existência, assim como as daqueles que amam.

3. Cenas finais do ciúme: entre o sensível e o inteligível

Observados os diversos elementos afeitos à configuração passional do ciúme que vimos analisando, faz-se necessário alinhar umas últimas considerações em torno das conotações afetivas que se apresentam nas obras escolhidas para a análise dessa paixão.

Tomemos como ponto de partida, para as palavras finais deste texto, a avaliação taxativa que Bentinho faz a respeito das semelhanças entre do filho com o amigo morto, em *Dom Casmurro*:

Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a benção do costume. Todas essas ações eram repulsivas; eu tolerava – as e praticava – as, para me não descobrir a mim mesmo e ao mundo. Mas o que pudesse dissimular ao mundo, não podia fazê-lo a mim, que vivia mais perto de mim que ninguém. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.127)

Por esse dissimular ao mundo, manter as aparências, Bentinho ensaia uma última tentativa de resistir ao ciúme, mas não encontra forças para tanto, logo cedendo a ele, buscando as razões “inequívocas” para a condenação de Capitu. É desse modo que tanto ele, Bentinho, ao mencionar ‘o que pudesse dissimular ao mundo’, quanto Otelo, ao falar dos ‘motivos justos’, conduzem ao posicionamento e à satisfação que a sociedade ‘exigia’. Assim, veem-se, inclusive, justificados pelo ciúme que sentiam.

Entretanto, como se buscou evidenciar nos tópicos anteriores, essa justificativa inexistente, e não deve ser buscada, senão na organização complexa que sustenta, como outras, a paixão do ciúme, a qual enreda, em suas tramas, os sujeitos que nela se encontram envolvidos.

Para concluir, observamos que delinear o estudo das paixões, entendidas como, um efeito de sentido, inscrito e codificado na linguagem, é um trabalho deveras instigante e nos permite estas considerações, que não podem ser finais, pois, apesar de postas no encerramento do texto, elas apontam para outras relações semióticas, as quais sabemos, sempre podem ser revistas sob outras perspectivas de leituras, lembrando-nos do caráter multifacetado e rico que enforma a questão sempre aberta dos sentidos, ainda mais quando se trata de obras literárias.

4. REFERÊNCIAS

- ASSIS, MACHADO DE Joaquim Maria. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro. Ediouro. 1997.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos**. Cruzeiro semiótico, Porto, n. 11/12, p. 60-73, 1990.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução do Grupo CASA. Bauru: EDUSC, 2003.
- FONTANILLE, Jacques.; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. Tradução de Ivã Carlos Lopes et al. São Paulo: Discurso Editorial; Humanitas, 2001.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker, 1987.

GREIMAS, Algirdas; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**. Dos estados de coisas aos estados de alma. Trad. Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

GREIMÁS, A. J.; COURTÉS. **Dicionário de Semiótica**. Trad. de Alceu Dias Lima e outros. São Paulo, Cultrix, 1989.

SHAKESPEARE, William. Tradução Carlos Alberto Nunes. **Otelo, o Mouro de Veneza**. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1956.

A NOÇÃO DE ATOR NA SEMIÓTICA FRANCESA: DA PERSONAGEM AO ATOR COLETIVO*

THE NOTION OF ACTOR IN FRENCH SEMIOTICS: FROM CHARACTER TO COLLECTIVE ACTOR

Marcos Rogério Martins Costa

Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo - GEI

Resumo. O termo *ator* emerge na tradição semiótica em substituição ao conceito de personagem (ou *dramatis persona*). O objetivo do artigo é retomar os pressupostos teóricos da supracitada noção, trazendo à luz contribuições recentes. A fundamentação teórica deste trabalho se assenta, de um lado, nos estudos seminais da semiótica discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008; GREIMAS, 1973; 2014), e, de outro, nos desdobramentos recentes da semiótica tensiva (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001). Metodologicamente, este estudo se propõe a ser descritivo (MARCONI; LAKATOS, 2003), fazendo uma retomada bibliográfica, não exaustiva, dos principais pressupostos teóricos relacionados ao conceito de ator e da construção do conceito de ator coletivo. Como resultado, constata-se a relevância do conceito abordado para os estudos discursivos contemporâneos, demonstrando o estado da arte da noção de ator na teoria semiótica.

Palavras-chave: semiótica; ator; enunciação.

Abstract. The term actor emerges in the semiotic tradition to replace the concept of character (or *dramatis persona*). The aim of the article is to resume the theoretical assumptions of the aforementioned notion, bringing to light recent contributions. The theoretical foundation of this work is based, on the one hand, on the seminal studies of discursive semiotics (GREIMAS; COURTÉS, 2008; GREIMAS, 1973; 2014), and, on the other, on the recent developments of tensive semiotics (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001). Methodologically, this study is intended to be descriptive (MARCONI; LAKATOS, 2003), making a non-exhaustive bibliographical review of the main theoretical assumptions related to the concept of actor and the construction of the concept of collective actor. As a result, the relevance of the concept addressed to contemporary discursive studies is verified, demonstrating the state of the art of the notion of actor in semiotic theory.

Keywords: semiotics; actor; enunciation.

Resumen. El término actor surge en la tradición semiótica para reemplazar el concepto de personaje (o *dramatis persona*). El objetivo del artículo es resumir los supuestos teóricos de la noción mencionada, sacando a la luz aportaciones recientes. El fundamento teórico de este trabajo se basa, por un lado, en los estudios seminales de la semiótica

discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008; GREIMAS, 1973; 2014), y, por otro, en los recientes desarrollos de la semiótica tensiva (FONTANILLE ; ZILBERBERG, 2001). Metodológicamente, este estudio pretende ser descriptivo (MARCONI; LAKATOS, 2003), realizando una revisión bibliográfica no exhaustiva de los principales supuestos teóricos relacionados con el concepto de actor y la construcción del concepto de actor colectivo. Como resultado, se verifica la relevancia del concepto dirigido a los estudios discursivos contemporáneos, demostrando el estado del arte de la noción de actor en la teoría semiótica.

Palabras-clave: semiótica; actor; enunciación.

1. Introdução

O termo *ator* emerge na tradição semiótica em substituição ao conceito de personagem (ou *dramatis persona*). No seio da teoria semiótica houve, segundo Greimas e Courtés (2008, p. 44), uma preocupação com a precisão e a generalização do conceito de ator “de modo a possibilitar o seu emprego fora do domínio literário”, pois, como ilustram os dois semioticistas, tanto um tapete voador quanto uma sociedade comercial podem se manifestar como atores em um texto. A noção de *ator* pode distinguir tanto um actante individual e não figurativo, como destino; quanto um actante coletivo e figurativo (no sentido de antropomorfo ou zoomorfo), como um grupo de comerciantes. O objetivo deste artigo é retomar os pressupostos teóricos desse conceito, trazendo à luz contribuições recentes à supracitada noção que a tornam, ainda mais, considerando as manifestações discursivas e textuais do século XXI.

A semiótica de linha francesa foi fundada por Algirdas Julien Greimas (1917-1992). Greimas foi um linguista lituano. Suas contribuições fundamentam tanto a teoria da semiótica e a narratologia, quanto diversas pesquisas sobre mitologia lituana. A obra inaugural da semiótica foi *Semântica estrutural*, editada pela primeira vez em 1960. As linhas de pesquisas associadas a esse campo têm se multiplicado no Brasil desde 1980, sendo que o próprio Greimas veio ao Brasil diversas vezes e palestrou em distintas instituições de ensino superior espalhadas pelo território nacional¹.

Metodologicamente, este estudo é descritivo e utiliza a técnica de revisão bibliográfica, conforme a classificação proposta por Marconi e Lakatos (2003). Em outras palavras, o presente texto não tem como propósito levantar hipóteses e testá-las, ou ainda, de promover debates, análises e correlações sobre a aplicação do conceito de ator. A proposta é outra. Propõe-se retomar as bases teóricas em que esse conceito foi cunhado no seio da semiótica e, depois, apontar as contribuições que se fizeram pertinentes nos últimos anos para atualizar e potencializar as aplicações do conceito. O teor deste artigo é promover uma revisão teórica do conceito supracitado no sentido de promovê-lo na área de estudos do texto e do discurso, sem com isso fazer uma revisão exhaustiva, nem o aprofundamento em enlevos epistemológicos desnecessários.

1. Para maiores informações sobre a trajetória da semiótica no Brasil e na América do Sul, recomenda-se a leitura de Barros (2012). Sobre as visitas de Greimas e sua trajetória científica, indica-se a leitura do dossiê especial em homenagem ao centenário de nascimento de Greimas, publicado na revista *Estudos Semióticos*, volume 13, n. 2, publicada em dezembro de 2017 (BEIVIDAS; LIMA, 2017).

A fundamentação teórica desta pesquisa, por sua vez, se assenta, de um lado, nos estudos da semiótica discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008; GREIMAS, 1981; 2014), e, de outro, nos desdobramentos recentes da semiótica tensiva (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001; DISCINI, 2015; COSTA, 2018a; 2018b; 2019). Considerando esses aspectos teórico-metodológicos, os tópicos a seguir abordam cada qual um aspecto do conceito de ator. No primeiro tópico, retoma-se as origens da noção. No segundo, faz-se uma explanação sobre as contribuições teóricas desenvolvidas por semioticistas, entre 1970 e 1980, que consolidaram o conceito na teoria semiótica. No terceiro, são apresentadas as contribuições mais recentes da semiótica tensiva, sobretudo os estudos publicados no século XXI. Eis o percurso que se desenvolverá nesta investigação que se debruça sobre a noção de ator na semiótica francesa.

2. Das origens

Para que haja maior entendimento do conceito – sobretudo para os que não são familiarizados com a semiótica de linha francesa –, é preciso destacar que, na tradição greimasiana, distinguiu-se *ator* de *actante*. Em linhas gerais, pode-se definir que, enquanto os actantes pertencem a uma sintaxe narrativa, os atores são reconhecidos no nível do discurso. Isso decorre, porque, para além de uma função sintática, os atores possuem um papel temático, isto é, o ator possui um *fazer sintático* e um *ser semântico* – este, inclusive, é reiterado nas manifestações textuais em que o ator atua. Neste tópico, retomam-se as origens desses conceitos, *actante* e *ator*, enfatizando, sobretudo, as bases epistemológicas deste último.

O termo *actante*, como aquele que realiza ou sofre a ação, foi proposto por Tesnière (1988) e, depois, desenvolvido pelos estudos de Greimas e Courtés (2008, p. 20-22). De acordo com os últimos dois semioticistas supracitados, “o termo actante remete a uma determinada concepção da sintaxe que articula o enunciado elementar em funções (tais como sujeito, objeto, predicado), independentemente de sua realização nas unidades sintagmáticas (exemplos: sintagmas nominal e verbal)” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 21). Nessa linha de raciocínio, o predicado é compreendido como o núcleo do enunciado, isto é, segundo Greimas e Courtés (2008, p. 21), “os actantes devem ser considerados como os termos-terminais da relação que é a função”. Essa função é aquela que delinea a construção dos enunciados – sejam os de estado (*ser*), sejam os de transformação (*fazer*) – na narratividade dos textos.

Na progressão do nível narrativo, o actante pode assumir papéis actanciais. Esses papéis são definidos simultaneamente por meio da posição do actante no encadeamento da narração – eis uma definição sintática – e pelo seu investimento modal – eis uma definição morfológica. Em acordo com a proposta de Greimas e Courtés (2008, p. 22), “o herói só o é em certas posições da narrativa: não era herói antes, pode não ser herói depois”. Essa flexibilidade do modelo descritivo da semiótica permite o exame de diversos tipos de textos avançando sobre o modelo de Propp (2006).

As teses apresentadas na *Morfologia do conto maravilhoso*, de Propp (2006), são retomadas parcialmente na teoria semiótica. Para Propp (2006, p. 79), “o importante não é o que eles [personagens] querem fazer nem tampouco os sentimentos que os animam,

mas suas ações em si, sua definição e avaliação do ponto de vista de seu significado para o herói e para o desenvolvimento da ação”. Seguindo essa linha de pensamento, a semiótica e a proposta de Propp convergem, pois, em ambas, os personagens, para Propp (2006), e os actantes e atores, para a semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008), não são definidos por suas disposições afetivas formuladas na trama das narrativas, mas por sua contribuição ao enredo e a seu impacto sobre o herói – o impacto no programa narrativo de base, no caso da semiótica. Essa é uma tese original se considerarmos os pressupostos literários vigentes no final do século XIX e início do século XX que se embasam sobretudo na fisiologia do herói e/ou no determinismo da trama dentro do enredo dos textos.

Além disso, a noção de função proppiana embasa a proposta semiótica. Para o estudioso russo, “por função compreende-se o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação” (PROPP, 2006, p. 22). Nessa proposta, são delimitadas trinta e uma funções que podem ocorrer em sete diferentes personagens. Esses seres ficcionais são, segundo Propp (2006), os únicos elementos que podem se agrupar em feixes de funções. Fica implícito na obra de Propp (2006) que os personagens são feixes de funções. Outra contribuição do morfologista russo vem de sua abordagem, que permite postular um princípio de organização subjacente a unidades sintagmáticas que seriam as funções. Por isso, Greimas e Courtés (2008, p. 224) consideram que a noção de função “serviu de ponto de partida para a elaboração de diferentes teorias da narratividade. Quanto à noção de função, ainda fluida em Propp, pode ser precisada e reformulada em termos de enunciados narrativos”. E foi isso que os semioticistas fizeram: desdobraram as funções de Propp (2006) em enunciados narrativos elementares.

No texto “Os actantes, os atores e as figuras”, Greimas (2014, p. 61-78) examina as principais problemáticas que circundam o conceito de *ator*². O lituano esclarece que entre ator e actante não se estabelece uma simples relação de inclusão de uma ocorrência em uma classe. Diferentemente disso, pode acontecer tanto de um ator se manifestar textualmente por meio de diversos actantes, quanto de um único actante sincretizar diversos atores. Por isso, ator e actantes são “dois níveis autônomos em que se pode situar a reflexão sobre a narratividade” (GREIMAS, 2014, p. 61).

Greimas e Courtés (2008) distinguem dois tipos de actante no interior do discurso enunciado: (a) actantes da comunicação (ou da enunciação) e (b) actantes da narração. Aqueles são “o narrador e o narratário, mas também o interlocutor e o interlocutário (que participam da estrutura da interlocução de segundo grau que é o diálogo)” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 21). Estes, os actantes da narração, são sujeito/objeto, destinador/destinatário que, do ponto de vista gramatical, podem opor actantes sintáticos e actantes funcionais. Os actantes sintáticos estão “inscritos em um programa narrativo dado”; os actantes funcionais “subsumem os papéis actanciais e um determinado percurso narrativo” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 21). Os dois tipos podem distinguir, nos discursos, sujeitos pragmáticos e sujeitos cognitivos, visto que, em um romance policial, por exemplo, o ator informante é tanto aquele que sabe da informação (actante sintático do sujeito do saber,

2. A primeira publicação do texto foi na coletânea *Sémiotique Narratif et textuel*, organizada por Chabrol e Coquet (GREIMAS, 1973, p. 161-176).

que é um sujeito cognitivo) quanto aquele que transmite a informação (actante funcional do sujeito que faz saber, compreendido como sujeito pragmático).

Como se pode apreender, as origens do conceito de ator possui relevância na área da narratologia, contribuindo para o desenvolvimento de diversas pesquisas. Esse tópico não teve, como objetivo, ser exaustivo na retomada dos conteúdos teóricos e historiográficos, mas indicar os principais arcabouços teórico-metodológicos que sustentam o conceito de ator.

3. Da consolidação do conceito na tradição semiótica

Sobre os actantes da comunicação, Barros (2001) traz uma formulação adequada aos processos de debreagem da categoria de pessoa nos discursos. Debreagem, na teoria semiótica, é uma das operações pelas quais a enunciação realiza a projeção das categorias discursivas no enunciado. Com a debreagem, criam-se, simultaneamente, na instância da enunciação, o sujeito, o espaço e o tempo e, na instância do enunciado, a representação actancial/actorial, espacial e temporal.

Desde os estudos de Benveniste (2005) sobre a instância da enunciação, compreende-se que, em todo enunciado, está pressuposto um *eu*. A teoria semiótica, por sua vez, desenvolve que o *eu* da enunciação projeta, por meio de uma debreagem actancial, um *não eu* no enunciado que é distinto do *eu* da enunciação. Segundo Barros (2001, p. 74), “observe-se que o sujeito da enunciação, instaurado por tais procedimentos [debreagem actancial], está sempre implícito e pressuposto, nunca manifesto, no discurso-enunciado”. A semioticista brasileira reforça que não se deve confundir a enunciação pressuposta com a enunciação enunciada, pois a primeira simula a instância da enunciação, e a segunda, a do enunciado.

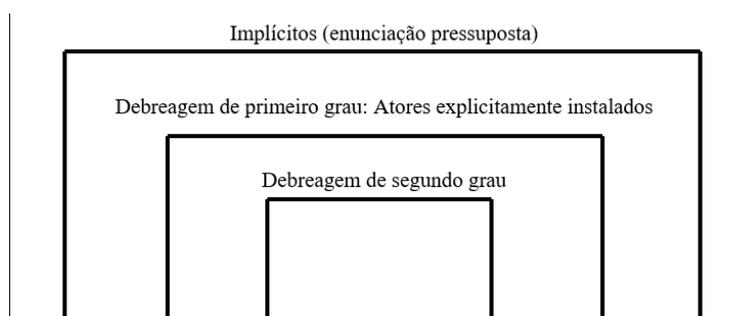
Os enunciados projetam o *eu/tu* da enunciação. Há, então, uma debreagem actancial enunciativa que simula o diálogo entre o *eu* e o *tu* da instância da enunciação no enunciado. Os enunciados também podem fazer a projeção da categoria da não pessoa (*ele*). Nesse outro caso, há debreagem actancial enunciativa. Barros (2001, p. 74, grifos da autora) ressalva que “o eu e o ele projetados são actantes e atores do enunciado, distintos dos da enunciação”.

O mesmo ocorre com as categorias de *tempo* e de *espaço*. Quando simulam a instância da enunciação, projetam o *aqui* e o *agora*, ocorrendo a debreagem espacial e temporal enunciativa. Já quando simulam um outro espaço e outro tempo, distantes do *aqui* e do *agora* da enunciação, são construídos um *alhures* e um *então*. Há, nessa ocasião, a debreagem espacial e temporal enunciativa. Nas análises semióticas, distinguem-se a debreagem enunciativa (*eu-aqui-agora*) e a debreagem enunciativa (*ele-alhures-então*).

As debreagens podem se articular em dois graus. A debreagem de primeiro grau ocorre entre a instância do enunciador/enunciatório, que delega voz à instância do narrador/narratório. O enunciador e o enunciatório são simulacros discursivos pressupostos ao enunciado, isto é, são implícitos a uma totalidade de textos, conforme explica Discini (2009). O narrador e o narratório são as vozes manifestadas no enunciado, delegadas pela instância enunciativa. Elas podem simular a instância enunciativa, por meio de debreagem enunciativa, ou dela se distanciar, por meio de debreagem enunciativa.

No segundo nível, ocorre a debreagem de segundo grau entre a instância do narrador/narratário e o interlocutor/interlocutário. O interlocutor e o interlocutário são as vozes delegadas pelo narrador. Barros (2001, p. 75) propõe o seguinte esquema para entender essas relações.

Figura 1. Esquema das debreagens da categoria discursiva de pessoa



Fonte: Reprodução do quadro de Barros (2001, p. 75).

Segundo esse esquema, existem diferenças entre as instâncias dos actantes e atores e as dos actantes da comunicação. Pelos actantes da comunicação, depreende-se que a instância da enunciação possui distintas maneiras de construir a subjetividade nos textos, operando por meio de debreagens enunciativas e enuncivas. Além disso, conforme aponta Barros (2001), há diferentes graus de debreagens.

O esquema de Barros (2001) mostra que a categoria de não pessoa é desenvolvida na construção da subjetividade do sujeito da enunciação que, ao enunciar, pode operar debreagens de primeiro e segundo graus. Dentre as instâncias desse esquema, o que almejamos investigar é o objeto do discurso: o ator do enunciado. É o centro do esquema descrito por Barros (2001, p. 75): “enunciador [narrador [interlocutor [objeto] interlocutário] narratário] enunciatário”.

As debreagens de primeiro e segundo grau são níveis diferentes e, portanto, possuem níveis distintos de relacionamento com o objeto da enunciação. Por isso, na instância da debreagem de primeiro grau, há a relação entre o enunciador-enunciatário e o objeto do enunciado. Já na debreagem de segundo grau, existe o relacionamento entre o narrador-narratário e o objeto do enunciado. Por isso, o ator do enunciado, como objeto do enunciado (nível narrativo) e produto da enunciação (nível discursivo), carrega tanto os valores da debreagem de primeiro grau, quanto os da de segundo grau.

Esse aspecto foi já eluciado por Greimas (2014). Só que o lituano entendeu essa absorção dos valores, sobremaneiramente, no nível narrativo. Neste artigo, estamos lançando que essa valoração ocorre tanto no nível da debreagem de primeiro grau e no de segundo grau, como também no nível narrativo (objeto narrativo) e no nível discursivo (produto da enunciação)³.

3. Fiorin (2016, p. 63), quando aborda a pessoa transformada no texto, assevera que: “o discurso reportado é a citação pelo narrador do discurso de outrem e não apenas de palavras ou sintagmas. É a inclusão de uma enunciação em outra. Nesse caso, há um discurso citante e um discurso citado. Os dois podem pertencer à mesma situação enunciativa ou não. É isso que determina os diferentes tipos de discurso reportado”.

Por exemplo, pode o autor – como enunciador – lançar valores na delegação das vozes, as quais não necessariamente concorde ou apoie, como ocorre em diversos contos (“O espelho”; “A cartomante”; “Adão e Eva”, etc.) e romances machadianos (*Esau e Jacó*; *Dom Casmurro*; *Quincas Borba*, etc.) em que o romancista delega voz a narradores e a personagens irônicos que, ora se aproximam, ora se afastam de determinada ideologia. Com isso, temos no nível narrativo, atores do enunciado que oscilam em sua narrativa, ora sendo objeto de desejo (percurso do sujeito), ora sendo objeto nocivo (percurso do antissujeito), como acontece com Capitu, em *Dom Casmurro*. Já no nível discursivo, aproveitando do mesmo exemplo machadiano, temos o ator do enunciado Capitu, sendo produto da enunciação de Bentinho, que ora a admira e ama, ora a condena e a despreza.

No trecho a seguir, Greimas (2014) confirma essa proposta teórica de apropriação de valores no ator do enunciado. Para tanto, traz o exemplo do comprador de automóvel – só que, como dito acima, o estudioso aborda o nível narrativo do texto. Segundo o lituano, o consumidor não está adquirindo apenas o produto, mas os valores que este carrega, logo:

[...] o que frequentemente se adquire é também um pouco de prestígio social ou um sentimento de poder mais íntimo. O objeto visado não passa, então, de um pretexto, de um local de investimento de valores, um alhures que mediatiza a relação do sujeito consigo mesmo. (GREIMAS, 2014, p. 33).

O objeto, seja ele parte da narrativa (objeto de valor; objeto nocivo; anti-objeto; etc.), seja ele o próprio o enunciado (produto da enunciação, considerando o nível discursivo), é refratário do agir do sujeito, pois “quando a enunciação produz um enunciado, ela faz surgir um valor que manifesta e determina um objeto, e isso independentemente do modo de lexicalização do próprio valor” (GREIMAS, 2014, p. 35). Segundo Greimas (2014, p. 35), “a apreensão do sentido só encontra em seu caminho valores que determinam objetos, e não o próprio objeto; o lexema então se projeta como um engana-vista no local reservado para o objeto e é legível apenas para alguns de seus valores”. Partindo dessa proposição, não é o lexema reiterado no discurso como a presença da *personagem* (por exemplo, as palavras *Branca de Neve*; *Chapeuzinho Vermelho*; *Maria*; *João*; etc.) o objeto do discurso, o ator, mas os valores reiterados em circulação dentro das formações discursivas e ideológicas do discurso incutidos nessa figura (por exemplo, todos os caracteres e as ações que fazem as expressões lexicais *Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Maria*, *João* ou qualquer outro termo *ser e parecer* aquele objeto do discurso). Em outras palavras, a definição de uma palavra ou a sua reiteração no texto não cria, necessariamente, uma personagem ou um ator do enunciado, mas sim, o percurso narrativo e a discursivização do objeto do enunciado.

Como Barros (2005, p. 85) afirma, na semântica discursiva pode-se examinar “a disseminação dos temas no discurso, sob a forma de percursos, e o investimento figurativo dos percursos”. Entende-se que o conceito de ator pode ser investigado nos textos selecionados por meio dos temas e das figuras que o constroem e não somente pela reiteração do lexema que o nomeia (o que, em última instância, nos levaria a uma investigação da onomástica – que nem sempre é produtiva ao estudo linguístico e/ou literário dos textos). Isso, segundo Greimas e Courtés (2008, p. 148-149), seria apenas um efeito de iconização que consiste em revestir exaustivamente as figuras de alguma forma a produzir uma espécie de ilusão

referencial, que, em hipótese, pode transformá-las em imagens do mundo. Um exemplo disso seria a repetição de um som para chamar a atenção de um interlocutor desatento como: Psiu! Psiu! Psiu! Esse efeito, por mais útil que seja aos seus propósitos, não cria um ator do enunciado. Prova-se, assim, que a iconização não fomenta, necessariamente, a criação de um ator.

Greimas (2014, p. 61) afirma que as estruturas actancial e actorial podem explicar a organização do imaginário humano, pois este se constitui como “projeção tanto de universos coletivos quanto individuais”. No *Dicionário de semiótica*, no verbete *actante*, “levando-se em conta o papel que ele [actante] desempenha, ao nível da semântica discursiva, graças ao procedimento da figurativização, diremos que o actante é individual, dual ou coletivo” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 21).

Sobre os actantes da narração, Greimas (2014, p. 62) reitera que “se ao verbo-predicado do enunciado for atribuído o estatuto de função (no sentido lógico de relação formal), podemos definir o enunciado como uma relação entre os actantes que o constituem”. Na teoria narratológica do mestre lituano, duas espécies de enunciados narrativos são diferenciadas: uma em que o sujeito se dirige ao objeto, e a outra em que um destinador dirige um objeto a um destinatário. A primeira espécie opera “no plano da relação do homem que com seu trabalho produz valores-objeto e os coloca em circulação no âmbito de uma estrutura de troca” (GREIMAS, 2014, p. 63). A segunda espécie sustenta-se “no plano individual, ou seja, da relação do homem com o objeto desejado e da inserção deste nas estruturas da comunicação inter-humana” (GREIMAS, 2014, p. 63). São esquemas elementares os quais se “apresentam como posições formais que permitem a eclosão e a articulação do sentido” (GREIMAS, 2014, p. 63, grifo do autor).

Do ponto de vista da produção dos discursos, Greimas e Courtés (2008, p. 45) propõem uma estrutura actorial, “já que os diferentes atores do discurso são constituídos como uma rede de lugares que, vazios por natureza, são lugares de manifestação das estruturas narrativas e discursivas”. Por isso, “o ator não é somente lugar de investimento desses papéis [actancial e temático], mas, também, de suas transformações, consistindo o discurso, essencialmente, em um jogo de aquisições e de perdas sucessivas de valores” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 45). Por isso, outro procedimento teórico-metodológico consiste em examinar o ator do enunciado, como objeto do discurso, verificando neste como se refletem e refratam as relações semânticas das formações discursivas e ideológicas com as quais o sujeito da enunciação dos textos dialoga⁴.

No verbete *actorialização* do *Dicionário de semiótica II*, Panier (1986, p. 12, tradução nossa) define essa noção “como componente da produção do discurso (discursivização), a *actorialização* pode ser considerada como resultado da performance da enunciação”. Considerando essa proposta, indicamos, neste artigo, que é na etapa da performance do ato de enunciar dos discursos que é possível investigar, na *actorialização*, essas relações semânticas das formações discursivas e ideológicas com as quais o sujeito da enunciação dos textos se associa (em concordância ou divergência), como já está, amplamente, discutido pelos estudos de Barros (2001), Discini (2015) e Fiorin (2016).

4. Para estudar os conceitos de *formações discursivas* e *ideológicas*, indicam-se os estudos de Maingueneau (1997; 2007) e Fiorin (1988).

Na etapa de performance do sujeito enunciatador dos discursos, a atuação do ator é considerada como actante dos programas de uso que auxiliam o programa de base. Como indica Greimas (2014, p. 69), os papéis actanciais associados à competência do sujeito “podem ser manifestados tanto pelo ator que corresponde ao próprio sujeito quanto por atores disjuntos. Nesse último caso, o ato individualizado será denominado, em seu estatuto de auxiliar e conforme pertencer à dêixis positiva ou negativa, ora adjuvante ora oponente”.

De acordo com Barros (2001, p. 76), a voz delegada do interlocutor em debreagem de segundo grau pode ser entendida “como recurso na criação de efeitos de verdade e como meio de passar a responsabilidade do que é dito àquele que se cita em discurso direto”. Nesse sentido, para depreender as relações semânticas das formações discursivas e ideológicas, vamos, neste artigo, analisar o conceito de ator no discurso indireto e no indireto livre, sendo o discurso direto em debreagem de segundo grau analisado de maneira pontual. Essa escolha teórico-metodológica se deve às coerções do objeto em análise, o *ator* em detrimento ao conceito de *personagem*, bem como ao nível de análise que selecionamos para este estudo.

4. Dos desdobramentos teóricos

Neste tópico, apresentamos desdobramentos teóricos que são mais recentes acerca do conceito de ator, abordando, de forma sucinta, as inter-relações entre essas propostas, lançadas, sobretudo, depois dos apontamentos da semiótica tensiva, de Fontanille e Zilberberg (2001). Antes de nos debruçar sobre a perspectiva tensiva e seus horizontes, vamos retomar algumas premissas teórico-metodológicas que a antecederam.

Em Panier (1986) e nos desdobramentos recentes da semiótica, encontramos as seguintes reflexões. Panier (1986, p. 12, tradução nossa) ressalta que “a disposição e a distribuição de atores debreados no enunciado manifestado constroem um conjunto de tipos ‘não eu’, que devem ser correlacionados à instância de enunciação (‘eu’), a qual eu pressupõe a actorialização”. Essa abordagem confirma, mais uma vez, a pertinência de se estudar o objeto do discurso como parte da categoria de não pessoa (BENVENISTE, 2005) que, semioticamente, pressupõe a presença do sujeito da enunciação e de suas formações discursivas e ideológicas (DISCINI, 2015; GREIMAS; COURTÉS, 2008; BARROS, 2001). Sobre o conceito de presença, a semiótica discursiva e tensiva traz contribuições ao entendimento da abordagem teórico-metodológica que construímos para o estudo do ator e que, avançaremos, quando chegarmos a concepção de *ator coletivo*.

Conforme explicam Greimas e Courtés (2008, p. 382), “na perspectiva da semiótica, a presença (o ‘estar aí’) será considerada como uma determinação atribuída a uma grandeza, que se transforma em objeto de saber do sujeito cognitivo”. A fim de examinar essa determinação, Greimas e Courtés (2008, p. 195) propõem: “dir-se-á que um sujeito semiótico não existe enquanto sujeito senão na medida em que lhe pode reconhecer pelo menos uma determinação; ou seja, que ele está com um objeto-valor qualquer” e, do mesmo modo, “um objeto [...] só o é enquanto esteja em relação com um sujeito, enquanto é ‘visado’ por um sujeito. É a junção que é a condição necessária tanto à existência do sujeito quanto à dos objetos”.

Observando essa discussão greimasiana, vamos tratar sobre os modos de existência, no viés da semiótica francesa. Destaca-se que a *existência* é uma categoria desenvolvida pela semiótica, mas é oriunda da linguística saussuriana. A dualidade entre *virtual* e *real* surge na linguística estrutural quando Saussure (2012) distingue as relações sintagmáticas das relações associativas: “a relação sintagmática existe *in praesentia*; [a relação sintagmática] repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa séria mnemônica virtual” (SAUSSURE, 2012, p. 172).

Na semiótica discursiva, essa dualidade se desdobra em uma tríade: *virtualizado*, *atualizado* e *realizado*. O *modo da virtualidade* condiz ao sistema *in absentia* aos usos da linguagem; a atualização e a realização, ao processo *in praesentia* com relação também aos usos. Diferencia-se atualização da realização, porque aquela diz respeito ao processo narrativo; e esta, ao processo linguístico (ZILBERBERG, 2007). Greimas e Courtés (2008, p. 46-47) explicam que o *modo atualizado* é um termo complexo, porque é, ao mesmo tempo, *in praesentia* e *in absentia*. Conforme Zilberberg (2007), o *modo atualizado* caracteriza, no nível das profundezas do texto, a disjunção entre o sujeito e o objeto de valor e, no da superficialidade discursiva, a privação de um bem.

Nos estudos sobre semiótica das paixões (GREIMAS; FONTANILLE, 1993), o modelo descritivo da semiótica discursiva vai propor o *modo existencial potencializado* e a *virtualização das estruturas de significação*. Relaciona-se o *modo potencializado* à *memória esquemática* dos sujeitos e dos objetos (DISCINI, 2015). Durante muito tempo, a potencialização foi deixada de lado nos estudos semióticos, ganhando maior precisão nos desdobramentos tensivos (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 123-151; TATIT, 2010, p. 155).

Zilberberg (2007, p. 21) alerta que foi necessário “algum tempo para compreender que a virtualidade e a virtualização, apesar de seu radical comum, não tinham nada a ver uma com a outra; foi preciso algum tempo para tornarem-se claras as relações de pressuposição e discernir os protocolos observados nos discursos”. A virtualidade pressupõe as estruturas *in absentia*, já a virtualização supõe que as estruturas estão latentes desde as grandezas mais ínfimas do sentido.

Conforme Zilberberg (2007, p. 21) explica, essas cinco operações (virtualidade, virtualização, potencialização, atualização e realização) “deveriam permitir descrever a circulação, a entrada, a saída, a volta das grandezas no interior do campo de presença”. Todavia, o arsenal teórico-metodológico da semiótica discursiva, ao considerar apenas os objetos entesouráveis, não conseguia dar conta da circulação das grandezas do sensível. Por isso, a semiótica tensiva, asseverando que o eixo do sensível prevalece sobre o eixo do inteligível, traz outras contribuições para os modos de presença, ampliando o escopo da teoria. Eis a novidade/originalidade da perspectiva da semiótica tensiva se comparada com a semiótica discursiva ou narratológica.

Ao invés de reafirmar a presença pela junção (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 172-173), propõe-se construí-la com base na *tonicidade perceptiva*. Na abordagem tensiva, privilegia-se o seguinte caminho: da *tonicidade* para a *diferença*. Procura-se, primeiro,

investigar as modulações do *eixo do sensível* para, então, depreender as modulações do *eixo do inteligível*. Há, então, uma modulação tanto no eixo do sensível, quanto no eixo do inteligível.

De acordo com Fontanille e Zilberberg (2001, p. 133), o simulacro semiótico – a própria semiose dos planos da linguagem – procederia de um acordo entre duas modulações extremas que “são, por um lado, o excesso de presença do mundo natural (o ‘pleno’ da expressão, a plenitude sensível das tensões) e, por outro, o excesso de ausência do mundo interior (o vazio de conteúdo, a ausência de articulações)”. A existência semiótica, na perspectiva tensiva, afirma-se “na busca de um equilíbrio tensivo entre os diferentes modos de existência (a potencialização, a virtualização, a atualização e a realização), que organizam o campo perceptivo e, transitando através do percurso gerativo, condicionam a própria semiose discursiva” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 133).

Ao propor que a presença seja modulada pela tonicidade perceptiva, Fontanille e Zilberberg (2001) afirmam que dois gradientes podem sustentar essa modulação: o foco e a apreensão. O foco mantém a intencionalidade de uma captura perceptiva; a apreensão representa as vicissitudes dessa captura. Então, esses dois gradientes modulam o fechamento (foco) e a abertura (apreensão) do campo perceptivo. Por intermédio da maior ou da menor força tônica, os dois semioticistas propõem a seguinte rede de correlações:

Quadro 1. Rede de correlações entre foco e apreensão

	Foco tônico	Foco átono
Apreensão tônica	Plenitude	Inanidade
Apreensão átona	Falta	Vacuidade

Fonte: Reprodução do quadro de Fontanille e Zilberberg (2001, p. 131).

Partindo dessas modulações da tonicidade, os dois semioticistas articulam os quatro gradientes depreendidos às relações existenciais de sujeito e objeto. Obtém-se a modalização existencial em perspectiva tensiva: “a plenitude é realizante, a falta é atualizante, a vacuidade é virtualizante e a inanidade é potencializante” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 131, grifos dos autores). Dois percursos existenciais são projetados pela tensividade entre os eixos da extensidade e da intensidade. Da presença à ausência, os semioticistas preveem o seguinte percurso: “a inanidade (a potencialização) constitui uma ‘perda’ de densidade existencial, provocada pela anulação do foco, perda que conduz da presença (realizante) à ausência (virtualizante)” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 135). Da ausência à presença, propõe-se o caminho inverso: “a perda (atualizante) proporciona um ganho de densidade existencial, devido à intensidade do foco, no caminho que leva da ausência à presença” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 135).

As modulações existenciais incidem nas três dimensões constitutivas da enunciação, a actancialidade, a temporalidade e a espacialidade. Trazemos à luz os impactos dessas modulações na actancialidade. “No que concerne ao actante, podemos considerá-lo, quer na perspectiva da intensidade, quer na da extensidade” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p.136). Na intensidade, os dois semioticistas concebem a actancialidade entre o compacto e o difuso, sendo este o extremo do sensível e aquele o mais próximo do inteligível. Na

extensidade, a actancialidade é investigada pela quantificação entre o uno, o mais sensível e tônico, e o numeroso, o mais inteligível e menos tônico. Nessa abordagem tensiva, a dêixis da presença se associa à dêixis da indivisão, enquanto que a dêixis da ausência se avizinha à dêixis da divisão.

Fontanille e Zilberberg (2001) afirmam que cada um dos pontos desse quadrado semiótico são gradientes das modulações existenciais do actante sujeito e objeto. Com o compacto, os semioticistas confirmam estarmos diante da presença viva, pois “a intensidade está no auge, e a morfologia associada é a do uno, do singular” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 137). Com o distribuído, há diminuição das tensões que fracionam o corpo tensivo do actante, resultando na morfologia do dividido que também pode ser nomeado como discreto, serial. Essa porção se instaura por meio da potencialização, visto que, de acordo com Fontanille e Zilberberg (2001, p. 137), “toda articulação, na medida em que contraria a fusão, vale como distensão, levando à potencialização e afinal à virtualização da própria intensidade”, isto é, ao não se fundir sensivelmente, as grandezas perdem a tonicidade e a força de impacto.

Na ordem da virtualização, “com o difuso, do ponto de vista da intensidade; e o numeroso, o ponto de vista da extensidade; a distensão se manifesta pela distância estabelecida entre o sujeito e o objeto [...]” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 137). Na instância da atualização, por sua vez, temos a restituição da intensidade. Nessa modulação, não há força o suficiente para se realizar, pois agrupa massas pouco articuladas, mas que já tendem a se individualizar.

Para analisar o campo tensivo que sustenta o ator em perspectiva do fazer social dos textos e discursos, partimos desses pressupostos lançados por Fontanille e Zilberberg (2001). Retomando as teses apresentadas em Costa (2018a; 2018b), percebemos que a noção de *ator coletivo* é uma contribuição para o desdobramento do conceito de ator, uma vez que desenvolve o fazer social que está intrinsecamente atrelado ao fazer linguageiro da comunidade de fala.

Para entender o que é ator coletivo, é preciso antes revisitarmos a noção de *actante coletivo*. O actante coletivo foi, pela primeira vez, proposto por Greimas e Landowski (1981), em um exame do discurso jurídico a partir da lei n. 66.537, de 24 de julho de 1966, que abordava as sociedades comerciais. Esse estudo foi encomendado, em 1970, pelo Centro de Pesquisa sobre Direito das Transações da Câmara de Comércio e Indústria de Paris. Greimas organizou e orientou um grupo de trabalho que estudou as relações linguísticas e discursivas presentes no texto da referida lei. No grupo, participaram diversos estudiosos como G. Burcher, Claude Chabrol e Paolo Fabbri. Eric Landowski foi responsável por redigir o relatório final, sintetizando as diversas análises dos membros do grupo. Mais tarde, Greimas publicou um resumo corrigido do relatório dessa pesquisa na coletânea *Semiótica e ciências sociais*, a qual consultamos e fazemos referência neste artigo (GREIMAS; LANDOWSKI, 1981).

Compreendendo esse panorama, Greimas e Landowski (1981) entendem que o actante coletivo abre um paradigma diferente no *continuum* do discurso, uma vez que se permite observar a diferença entre o actante individual e o coletivo para além da individuação, ou seja, da unicidade e da historicidade:

[...] a possibilidade de construção de actantes coletivos depende de nossa faculdade geral de imaginar diferentes modos de existência de “seres quantitativos”, de conceber, no *continuum* do mundo, diferentes recortes em unidades e totalidades descontínuas, sendo justamente unidade e totalidade categorias universais que tornam possível semelhante recorte (GREIMAS; LANDOWSKI, 1981, p. 85).

O ganho teórico da noção de actante coletivo é que ela “permite não apenas determinar o estatuto da sociedade comercial no nível chamado profundo, mas também pode servir de base às considerações sobre a natureza do grupo de sociedades” (GREIMAS; LANDOWSKI, 1981, p. 86). Nesse sentido, Costa (2019, p. 32-33) sustenta que é “apropriado o conceito de ator coletivo, uma vez que a noção de ator pressupõe, pelo menos, um papel temático e um papel sintático, enquanto que a de actante prevê apenas um papel sintático”. É preciso destacar que “[...] existem atores coletivos que possuem tanto um campo de funções no discurso, como também um recorte semântico construído *nas e pelas* formações discursivas e ideológicas em que circulam” (COSTA, 2019, p. 33).

Isso quer dizer que o actante coletivo possibilita apreender o fazer sintático que é conduzido pelo fazer social das inter-relações presentes na narratividade dos textos e discursos. Já o ator coletivo permite apreender tanto esse fazer sintático, quanto o recorte semântico que é refração e, ao mesmo tempo, reflexo das formações discursivas e ideológicas dos textos e discursos. Para que essas concepções fiquem mais claras, pode-se retomar as análises de Costa (2018a; 2019) sobre o ator coletivo *manifestante de rua*.

Para Costa (2018a; 2019), o manifestante de rua não é examinado como um sujeito de carne e osso que é reconhecido pela sua existência no aqui e no agora do presente manifestado do mundo natural. O estudioso apreende esse sujeito a partir do que o discurso jornalístico (re)cria, isto é, sobre o que é dito sobre esse sujeito nos jornais de grande circulação e na mídia dita alternativa – isto é, especializada e/ou veiculada em canais distintos dos de massa, como TV e rádio. Logo, a abordagem utilizada, não é referencial, isto é, não depende de um referente no mundo, mas de um objeto construído *na e pela* linguagem.

Com isso, não se está dizendo que as notícias e as reportagens coletadas e analisadas por Costa (2018a; 2019) não se referem a acontecimentos que, de fato, ocorreram, mas que essa premissa não foi utilizada pelo pesquisador – isto é, o referente no mundo – para se compreender o sujeito e suas relações textuais – como, frequentemente, acontece em análises literárias de caráter biografizante. Além disso, o ator *manifestante de rua* foi escolhido, porque possui características discursivas que o definem “[...] tanto como uma coletividade – quando entendido como um grupo que protesta contra ou a favor de determinadas pautas – quanto como um actante suscetível de individuação, isto é, uma pessoa que pode ser nomeada, situada espaço-temporalmente e predicada sucessivamente” (COSTA, 2019, p. 33-34).

Partindo dessa perspectiva, Costa (2018a) analisou as manifestações de rua ocorridas em São Paulo-SP, em junho de 2013 e as realizadas em março de 2015 na mesma capital. Neste artigo, retomamos apenas as reflexões sobre os protestos ocorridos em junho de

2013⁵. O referido estudioso utilizou, como material de análise, dois conjuntos de texto: de um lado, editoriais e reportagens de jornais de grande circulação, *Folha de S. Paulo (Folha)* e *O Estado de S. Paulo (Estado)*, e, de outro, postagens do Facebook oficial da Mídia Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação – conhecida pela alcunha *Mídia Ninja*⁶. Os dois conjuntos de texto foram publicados e, concomitantemente, coletados pelo pesquisador em junho de 2013.

O exame do ator *manifestante de rua* auxiliou na apreensão de parte da estratégia do enunciador, seja o dos jornais *Folha* e *Estado*, seja o da *Mídia Ninja*. Como Costa (2018a) apontou, os jornais *Folha* e *Estado* construíram o ator manifestante de rua como numericamente pequeno e como oponente de seus valores (COSTA, 2018a). Já a *Mídia Ninja*, vez o inverso, agigantou o ator manifestante de rua e o acolheu como adjuvante de seus valores. Uma vez que o ator do enunciado é o mesmo – isto é, aquele que é descrito como *manifestante de rua* –, pode-se inferir que o tratamento discursivo dado pelo enunciador interfere em sua manifestação textual. Daí se vê a pertinência de se reconhecer que existe um fazer social que está presente, interdiscursivamente, na produção do sentido, seja nas escolhas que o enunciador faz ao se expressar, seja no modo como o objeto da língua é construído – neste último, está a importância de estudar o ator coletivo.

Retomando o esquema canônico das instâncias actanciais, reproduzido na Figura 1, com base no estudo de Barros (2001), enfatizamos que existem diferenças entre as instâncias dos actantes e atores coletivos e as dos actantes da comunicação. Pelos actantes da comunicação, concebe-se que a instância da enunciação possui distintas maneiras de construir a subjetividade nos textos, operando por meio de debreagens enunciativas e enuncivas, o que já estava pressuposto nos estudos da semiótica narrativa e discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008). Além disso, conforme já apontava Barros (2001), há diferentes graus de debreagens. A novidade e a originalidade dos actantes e atores coletivos, entendidos como objetos deste estudo, não se situam nesse nível de análise.

A análise dos actantes e dos atores coletivos se dá no nível tensivo, como apresentamos na Figura 2. A tonicidade precede a diferença tal qual o eixo do sensível rege o do inteligível. Com isso, queremos dizer que, antes do enunciador diferenciar, de maneira inteligível, que está tomando posição X ou posição Y ao enunciar, ele está, tensivamente, mais próximo da posição X ou da posição Y. Isso não se dá em relação à subjetividade do discurso – como se previa, em estudos biografizantes ou psicologizantes. Isso se dá em discurso pelos sintagmas concessivos (crer no inacreditável/ não crer no acreditável) e pelos sintagmas implicativos (crer no acreditável/ não crer no inacreditável), como sustentam Zilberberg (2011) e Fontanille e Zilberberg (2001).

5. As manifestações de rua começaram em São Paulo-SP em 6 de junho de 2013 em decorrência do aumento da tarifa de transporte público na capital paulista. No final da tarde do dia 19 de junho do mesmo ano, o aumento foi revogado. Todavia, os protestos não se encerraram e se alastraram para outras regiões do Brasil, ganhando novas reivindicações e bandeiras de luta. De acordo com Gohn (2014), os protestos se perpetuaram até maio de 2014.

6. A própria organização se define da seguinte maneira: “A Mídia NINJA foi fundada em 2013 e ganhou notoriedade durante as manifestações de junho que reuniram milhões nas ruas do Brasil. À ocasião realizou coberturas ao vivo de dentro dos protestos, com múltiplos pontos de vista invisíveis na mídia tradicional. Em 2016 foi uma das principais iniciativas de resistência na luta pelo fortalecimento da democracia em meio a instabilidade política. Hoje a rede engaja mais de 2 milhões de apoiadores e cerca de 500 pessoas diretamente envolvidas com o suporte de casas coletivas pelo Brasil. Em 2013, ganhou o Shorty Awards for our Social Media Profile” (MÍDIA NINJA, 2020).

Diante desse resultado de análise, pode-se questionar: qual é a consequência para a formulação do ator coletivo essa maior ou menor aproximação com polos inteligíveis, em um movimento tensivo? Isso é uma evidência analítica de que, desde o nível tensivo, o ator subsume valores, os quais podem estar expressos até nos atores coletivos -lembrando que estes últimos não necessariamente são construções determinadas pela instância da enunciação, isto é, pelo sujeito da enunciação. A proposta de Costa (2018a; 2018b; 2019) – e agora reafirmada neste estudo – lança bases teóricas e resultados analíticos que confirmam os atores do enunciado carregam, desde o nível tensivo até o discursivo, valores, os quais podem estar expressos na relação entre enunciador-enunciatório (pelo posicionamento do sujeito da enunciação), mas também na relação do texto com a esfera de enunciação (pela maior ou menor aproximação com os polos tensivos de uma situação enunciativa).

Aplicando esses sintagmas no caso das manifestações de rua de junho de 2013, pode-se depreender que os sintagmas concessivos suplantaram os sintagmas implicativos. Isso decorre, porque, embora inicialmente fossem manifestações pequenas, tornaram-se eventos com grande apoio popular. Esse contexto desmontou os sintagmas implicativos, predominantes nos jornais de grande circulação, ao mesmo tempo que estimulou os sintagmas concessivos da mídia alternativa. Como se pode apreender, as conclusões que o Costa (2018a) chegou em referência aos textos jornalísticos analisados não destoam das propostas teóricas sustentadas pela semiótica tensiva.

Como se pode acompanhar neste tópico, o ator do enunciado pode ser entendido como objeto do discurso. Nesse sentido, sua análise é potencializada para outras dimensões. Infere-se novas dimensões no *continuum* do discurso, como fazem Greimas e Landowski (1988) ao distinguirem o actante coletivo do actante individual. Pode-se, ainda, definir a existência do ator coletivo que, sem superar, omitir ou obliterar o actante coletivo, subassume-o, uma vez que, além de um fazer sintático, tem um papel semântico, que, como vimos, não parte do inteligível – o que voltaria ao primado do subjetivismo –, mas se encontra no sensível que rege o inteligível, em consonância com o prisma da semiótica tensiva (COSTA, 2018a; 2019; ZILBERBERG, 2011; FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001).

5. Considerações finais

Este artigo cumpriu seu objetivo, pois conseguiu retomar os pressupostos teóricos do conceito semiótico de ator, abordando contribuições recentes. Metodologicamente, o estudo desenvolveu, de maneira descritiva e com base na técnica de revisão bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2003), as discussões principais que sustentam o referido conceito, sobretudo, no seio da teoria semiótica.

Como dito, a proposta do artigo não foi desdobrar hipóteses, nem fazer análises de textos e/ou discurso. Quando foi necessário foram utilizados exemplos retirados dos textos teóricos analisados, como o do ator coletivo *manifestante de rua*, retirado de Costa (2018a; 2019). A principal contribuição deste texto foi apresentar os estudos mais recentes sobre o tema, atualizando o leitor e, ao mesmo tempo, potencializando as aplicações do conceito dentro da área de estudo dos textos.

De forma geral, compreende-se, neste artigo, que a noção de ator traz desdobramentos teóricos para os objetivos dos estudos do texto e do discurso. Como resultado, constata-se a relevância do conceito abordado para os estudos discursivos contemporâneos, o que foi demonstrando, neste estudo, a partir da discussão do estado da arte da noção de ator na teoria semiótica.

6. Referências

- COSTA, M. R. M. **Perfis do ator coletivo “manifestante de rua”**: das jornadas de junho de 2013 aos protestos de março de 2015. 2018. 429f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018a.
- COSTA, M. R. M. Por trás do editorial: um estudo semiótico sobre o ator manifestante de rua. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 47, p. 866- 880, 2018b.
- COSTA, M. R. M. Sobre o conceito de ator coletivo: a construção discursiva do manifestante de rua em postagens do Facebook da Mídia Ninja. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 31-47, 2019.
- BARROS, D. L. P. de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p.149-186, jan.-jun., 2012.
- BARROS, D. L. P. de. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. São Paulo: Humanitas/ FFLCH-USP, 2001.
- BEIVIDAS, W.; LIMA, E. S. Uma homenagem ao centenário de Algirdas Julien Greimas. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. i-v. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2017.141596> Acesso em: 31 ago. 2020.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- DISCINI, N. **O estilo nos textos**: história em quadrinhos, mídia e literatura. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- DISCINI, N. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- FIORIN, J. L. **Astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, tempo e espaço. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Humanitas/ FFLCH-USP, 2001.
- GOHN, M. da G. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GREIMAS, A. J. Les actants, les acteurs et les figures. In: CHABROL, C.; COQUET, J.-M. (Dir.). **Sémiotique narrative et textuelle**. Paris: Larousse, 1973, p. 161-176.
- GREIMAS, A. J.. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin; Edusp, 2014.

- GREIMAS, A. J. LANDOWSKI, É. Análise semiótica de um discurso jurídico: a lei comercial sobre as sociedades e os grupos de sociedade. In: GREIMAS, A. J. (Org.). **Semiótica e ciências sociais**. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981, p. 69-113.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**: dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAINGUENEAU, D. Os termos-chave da análise do discurso. Tradução de Maria Adelaide P. P. Coelho da Silva. Lisboa: Gradiva, 1997.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2007.
- MARCONI, M. de A.e; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MÍDIA NINJA. **Quem somos**. 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/quem-somos/> Acesso em: 31 ago. 2020.
- PANIER, L. Actorialisation. In: GREIMAS, algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Sémiotique – Dictionnaire raisonné de la théorie du langue II (compléments, débats, propositions)**. Paris: Hachette, 1986, p. 12.
- PROPP, V.. **Morfologia do conto maravilhoso**. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2013.
- TATI, L. **Semiótica à luz de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- ZILBERBERG, C. Louvando o acontecimento. Tradução de Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz. **Galáxia**, São Paulo, v. 13, p. 13-28, jun. 2007.
- ZILBERBERG, C. **Elementos da gramática tensiva**. Tradução de Ivã Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

PROCESSO DE APROPRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL.

PROCESS OF APPROPRIATION AND DEVELOPMENT OF WRITTEN LANGUAGE: CONTRIBUTIONS OF HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY.

Eveline Ferreira FEITOSA

Universidade Estadual do Ceará/UECE

Betânea Moreira de MORAES

Universidade Estadual do Ceará/UECE

Francisca Maurilene do CARMO

Universidade Federal do Ceará/UFC

RESUMO. Este estudo trata do desenvolvimento da linguagem escrita e apresenta elementos importantes à compreensão dos processos psíquicos que medeiam à aquisição da escrita estabelecendo relações entre a mesma e o desenvolvimento cultural. Adotamos como procedimento de pesquisa: análise conceitual do referencial bibliográfico através dos estudos de Lukács e da Psicologia Histórico-Cultural, utilizando as contribuições teóricas de Vigotski, Luria e Leontiev, pois os conceitos e a apreensão do real utilizada pelos autores para explicar como é que os indivíduos atravessam esse processo ainda dão conta do fenômeno estudado, embora existam outras concepções que também expliquem o processo de aquisição da linguagem, nós deixamos claro nossa opção de compreender e explicar a aquisição da linguagem pela esteira desse aporte teórico. Resgatando as propostas destes autores, buscamos contribuir com o conhecimento dos professores acerca do desenvolvimento da linguagem e do processo de ensino-aprendizagem durante a alfabetização escolar permitindo, assim, que os educadores aprimorem seus conhecimentos e práticas docentes.

Palavras-chaves: Trabalho. Linguagem. Escrita. Alfabetização. Psicologia Histórico-Cultural.

ABSTRACT. This study deals with the development of written language and presents important elements for the understanding of the psychic processes that mediate the acquisition of writing establishing relationships between it and cultural development. We adopted as a research procedure: conceptual analysis of the bibliographic reference through the studies of Lukács and Historical-Cultural Psychology, using the theoretical contributions of Vigotski, Luria and Leontiev, because the concepts and the apprehension of the real used by the authors to explain how individuals go through this process still realize the studied phenomenon, although there are other conceptions that also explain the process of language acquisition, we make clear our option to understand and explain language acquisition in the wake of this theoretical contribution. By rescuing these ideas, we aim at contributing to enhance the knowledge of teachers about language development and the teaching-learning process during school literacy; thus, allowing educators to improve their knowledge and teaching practices.

Keywords: Labor. Language. Writing. Literacy. Historical-Cultural Psychology.

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da linguagem, em especial da linguagem escrita, no processo de alfabetização escolar trata-se de uma temática relevante e desafiadora, pois desempenha um papel decisivo no percurso da vida escolar dos indivíduos, podendo levar esses a desenvolver uma escolarização de qualidade ou de insucesso. É tarefa da educação escolar ensinar as crianças a ler e escrever, considerando que o desenvolvimento da linguagem eleva o psiquismo humano, possibilitando o acesso ao patrimônio científico e cultural produzido pela humanidade.

A presente reflexão nasce das inquietações de uma das autoras, professora da Rede Pública de Ensino atuante nas turmas do ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º ano) do Ensino Fundamental, que vivencia cotidianamente as dificuldades encontradas pelos professores e alunos durante o processo de alfabetização para o desenvolvimento da linguagem, fundamentalmente da linguagem escrita. Dessa experiência surge o questionamento: como acontece o desenvolvimento da linguagem, em especial a escrita?

Na tentativa de se responder a esta questão, tomamos como base os estudos apresentados por Engels (2004) Marx e Engels (2009) e a forma como foram apropriados por Lukács (2013) e os autores da Psicologia Histórico-Cultural, com especial destaque Vigotski (2000; 2009; 2012), Luria (1981; 1986; 1991; 2018) e Leontiev (2004) uma vez que estes se debruçaram sobre a gênese da linguagem humana, bem como a sua função social. No cenário nacional, destacamos Martins (2013), que vem realizando uma análise da problemática da escrita sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural.

Perseguindo as questões postas no presente artigo, dividimos o estudo em cinco momentos: no primeiro, objetivamos discutir acerca da origem ontológica da linguagem; em seguida abordamos como a aquisição da linguagem ajuda o homem a regular seu comportamento e elevar o psiquismo; no terceiro momento tratamos da linguagem oral e suas funções. No quarto, trazemos a linguagem interna e sua importância para o pensamento e a regulação do comportamento. E, por fim, no quinto momento, relacionamos as contribuições da Psicologia histórico-cultural sobre o desenvolvimento da escrita ao processo de alfabetização escolar.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A gênese ontológica da linguagem.

Para atender nosso objetivo, o desenvolvimento da escrita, julgamos de grande valia compreendermos o surgimento da linguagem humana. Desse modo, optamos por fazer uma discussão filosófica acerca do tema, tomando por base os estudos marxianos, com especial destaque para Lukács (2013), onde procuramos articular as categorias *Trabalho e Linguagem* e a maneira como estas atuam na gênese do ser social.

Desta forma, ao abordarmos acerca do desenvolvimento da linguagem dentro da perspectiva marxiana, recuperaremos Engels. Conforme Lukács (2013), coube a Engels

postular a justa medida da relação entre as categorias do trabalho e da linguagem, e de que forma a linguagem atuou no processo de constituição do gênero humano.

Ancorado na perspectiva de Engels, Luria (1991) destaca dois fatores, que servem de fonte da transição da história natural dos animais a história social do homem: o trabalho, entendido como momento predominante e a linguagem, complexo que ontologicamente dependente do trabalho, mas que mantém sua relativa autonomia. Isto posto, o surgimento da linguagem é condição importante na formação da atividade consciente no homem.

Marx e Engels (2009, p. 44) anunciam que a linguagem é a consciência real e prática da vida, “a linguagem só nasce, como a consciência, da necessidade orgânica, do intercâmbio com outros homens”.

Com efeito, para Engels (2004) a linguagem surge da necessidade de comunicação entre os homens nas atividades de trabalho. Assim, Lukács (2013), aponta que o distanciamento da barreira natural efetivada pelo trabalho cria a base para o desenvolvimento da linguagem, uma vez que esta surge porque os homens tinham algo para dizer: os resultados do processo de trabalho.

Aqui, os primeiros desdobramentos da especificidade inicial da linguagem vêm à tona: “comunicar os atos de trabalho”. Lukács (2013, p. 161) conceitua a função social deste complexo da seguinte forma:

Constitui um instrumento para a fixação daquilo que já se conhece e para expressão da essência dos objetos existentes numa multiplicidade cada vez mais evidente, um instrumento para a comunicação de comportamentos humanos múltiplos e cambiantes em relação a esses objetos.

Conforme as assertivas desenvolvidas por Lukács (2013), Vygotski (2012), Vigotski (2009), sinalizamos que palavra em si, passa a não se referir a um objeto isolado, mas a toda uma classe de objetos, “por essa razão, cada palavra é uma generalização latente, toda palavra já generaliza e, em termos psicológicos, é antes de tudo uma generalização” (VIGOTSKI, 2009, p. 9).

Assim, a linguagem tem o papel na continuidade no ser social. É através dela que fazemos o elo entre trabalho e consciência, trabalho e educação. Relacionamos com ela também, a associação entre o singular, o particular e o universal. Ligamos através dela, o presente ao passado e ao futuro. E ela ainda se aperfeiçoou mais com a linguagem escrita ajudando a fixar todas essas relações como mediadora.

A linguagem é o órgão dado para tal reprodução da continuidade no ser social. Ela também já o é quando funciona apenas como linguagem falada e exerce o papel de portadora da continuidade através da tradição oral. Porém, de sua essência resulta que – nisto ela é uma autêntica manifestação do ser social – *essa sua fixação das conquistas é aperfeiçoada mediante a fixação de si mesma na linguagem escrita.* (LUKÁCS, 2013, p. 223, grifo nosso).

Por compreendermos, conforme Lukács (2013), que o processo educativo somente é possível tendo a linguagem como *médium*, o que possibilita a sua preservação, o seu aperfeiçoamento, a sua fixação e a conservação do conhecimento, é que evidenciamos a importância nesse artigo das categorias: trabalho, linguagem e desenvolvimento da escrita. Essas categorias podem auxiliar na compreensão e aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem da alfabetização escolar.

As condições que originaram o fenômeno da linguagem devem ser procuradas nas relações sociais do trabalho cujos primórdios remontam ao período de transição da história natural à história humana. E, na esteira deste processo, afirmamos a conversão da consciência em um produto social mediado pelo complexo do trabalho. A este respeito, acrescenta Lukács (2013) que a importância de se analisar o ser social em sua integralidade compreendendo que é um complexo fundado pelo ato do trabalho, que faz emergir outros complexos como a linguagem para conseguir dar conta de um ser tão multifacetado como é o ser social.

Para expor em termos ontológicos as categorias específicas do ser social, seu desenvolvimento a partir das formas de ser precedentes, sua articulação com estas, sua fundamentação nelas, sua distinção em relação a elas, é preciso começar essa tentativa com a análise do trabalho. É claro que jamais se deve esquecer que qualquer estágio do ser, no seu conjunto e nos seus detalhes, tem caráter de complexo, isto é, que as suas categorias, até mesmo as mais centrais e determinantes, só podem ser compreendidas adequadamente no interior e a partir da constituição global do nível de ser de que se trata. E mesmo um olhar muito superficial ao ser social mostra a inextricável imbricação em que se encontram suas *categorias decisivas, como o trabalho, a linguagem, a cooperação e a divisão do trabalho*, e mostra que aí surgem novas relações da consciência com a realidade e, por isso, consigo mesma etc. *Nenhuma dessas categorias pode ser adequadamente compreendida se for considerada isoladamente.* (LUKÁCS, 2013, p. 41, grifo nosso).

2.2. O desenvolvimento psíquico da linguagem na Psicologia histórico-cultural.

Dentro da Psicologia histórico-cultural, a linguagem corresponde a uma das Funções Psicológicas Superiores (FPS), que necessitam do aparato biológico para existir, porém ultrapassa a esfera natural e tem seu desenvolvimento marcado pelo conjunto contraditório das relações sociais que atravessam a vida do sujeito. A linguagem, enquanto uma FPS necessita da mediação e consequente ação de um signo para se efetivar. A linguagem age no mundo social na condição de um signo.

Ao se abordar acerca da apropriação da linguagem, devemos levar em conta duas categorias importantes: o signo e os instrumentos. De forma simplificada podemos dizer que: o instrumento é responsável pela regulação das ações sobre o meio externo, enquanto o signo é responsável pela regulação das ações sobre o psiquismo dos indivíduos.

Conforme Vygotski (2012) os instrumentos foram produzidos pelo homem para modificar o meio. Por sua vez, os signos foram produzidos para modificar a sua própria conduta, sendo ferramentas psicológicas. Os instrumentos estão dirigidos para fora, porque, por meio deles, o homem influi sobre o objeto, modifica a natureza. O signo, pelo contrário, é o meio através do qual o homem influi psicologicamente, ou seja, é um meio pelo qual o homem se desprende dos ditames impostos pela dimensão biológica e passa a sofrer as influências sociais, dominando a própria conduta.

Marx e Engels (2009) trabalham essa questão na obra - *A ideologia alemã*, quando dizem que o homem através do trabalho transforma a natureza e transforma também a si próprio.

[...] são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem essa sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência. (MARX e ENGELS, 2009, p. 32).

Assevera Vygotski (2012) que a mediação simbólica altera o funcionamento psicológico, ao mesmo tempo em que o uso de instrumentos amplia, de forma ilimitada, a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas, tipicamente humanas, podem operar. Dessa forma, para o homem, diferentemente dos animais, o instrumento não é apenas um objeto que possui determinada forma e propriedades físicas. Ele é, ao mesmo tempo, objeto social que incorpora os resultados históricos acumulados das experiências de trabalho.

Em sua relação com o mundo natural o signo, a princípio, se caracteriza sempre como um meio de relação social, uma forma que o ser social tem de influenciar a outros, e só depois a si mesmo. A este entendimento, acrescenta Leontiev (2004, p. 287) que “o homem, ao assimilar os instrumentos, reestrutura os seus movimentos naturais e instintivos e durante a sua vida formam-se nele capacidades novas e superiores”. Esse é, portanto, um processo formativo que, ao longo da sua existência, o humaniza. Além disso, ressalta que “o homem, em geral, não se encontra só frente ao mundo que o circunda. As suas relações com ele são sempre mediadas pelas suas relações com as outras pessoas” (Ibidem, p. 290). E as relações entre as pessoas, por sua vez, são mediadas pela linguagem, ou seja, por um conjunto de signos historicamente criado.

Seguindo esse percurso acerca dos aspectos gerais da categoria da linguagem, para psicologia histórico-cultural, trataremos a importante contribuição de outro ilustre integrante dessa perspectiva, Luria, que nos auxilia a perceber o refinamento da linguagem ao longo do desenvolvimento histórico da humanidade.

Para Luria (1986), existem muitos fundamentos para compreendermos que o surgimento da linguagem teve suas primeiras formas de comunicação adquiridas pelos homens durante o processo de trabalho. Mas é preciso compreender que essa linguagem surge bastante rudimentar, são gestos e sons atrelados ao processo do trabalho, por essa razão só era possível interpretar o significado desses gestos e sons conhecendo a situação prática em que eles surgiam e eram usados. Esse entrelaçamento da linguagem com o ato laboral apresenta um caráter simpráxico.

Somente depois de muitos milênios a linguagem dos gestos e sons começou a se separar da ação prática e a adquirir independência. É a essa época que pertence o surgimento das primeiras palavras, que designavam objetos e bem mais tarde passaram a servir para distinguir as ações e as qualidades dos objetos, dessa forma, surgiu à língua como um sistema de códigos independentes, que durante um longo período histórico posterior de desenvolvimento possibilitou o surgimento da forma que distingue as línguas atuais.

Anuncia Luria (1986, p. 29) que este caminho de emancipação da palavra do contexto simpráxico é a passagem à linguagem como um sistema sinsemântico, quer dizer, como sistema de signos que estão entrelaçados uns aos outros por seus significados e que formam um sistema de códigos que podem ser compreendidos, inclusive, quando não se conhece a situação.

Como já exposto, a relação do homem com a natureza é mediada ocorrendo historicamente através do uso de instrumentos que são interpostos entre o homem e o objeto do seu trabalho. Essa modificação realizada pelo homem na natureza através do uso de instrumentos também ocorre de forma interna em seu comportamento, mas para essa modificação interna a mediação é feita por signos que se constituem como um meio da atividade interna do próprio indivíduo.

Vygotsky (2000) afirma que a linguagem é uma das funções mais importantes na história do desenvolvimento das funções psíquicas, pois consegue condensar todo o acúmulo da experiência social da humanidade, conseguindo assim, generalizar esse acúmulo de conhecimentos e experiências de geração em geração.

Para compreendermos o desenvolvimento da linguagem temos que recorrer à relação entre linguagem e pensamento. Sobre essa relação, Vigotski (2009, p. 111) explicita.

[...] desenvolvimento da linguagem e do pensamento realiza-se de forma não paralela e desigual. As curvas desse desenvolvimento convergem e divergem constantemente, cruzam-se, nivelam-se em determinados períodos e seguem paralelamente, chegam a confluir em algumas de suas partes para depois tornar a bifurcar-se.

As operações mentais alcançadas com a apropriação da linguagem a tornam portadora de transformações complexas no modo como pensamos o mundo e a nós mesmos. O signo linguístico que une pensamento e linguagem é um fator de qualificação para as funções psíquicas, pois reorganiza e eleva os processos psíquicos.

Conforme Vigotski (2009) esse processo de internalização atende um longo percurso de desenvolvimento, pelo qual a palavra vai se consolidando, ao mesmo tempo, como componente nuclear tanto da fala quanto do pensamento. Na busca de melhor compreendermos a escrita percorreremos neste artigo de forma resumida o percurso de desenvolvimento da linguagem.

2.3. Linguagem oral – a fala e suas funções.

Segundo Vygotsky (2000) a oralidade apresenta duas funções sociais, a primeira é emocional e a segunda a do contato social.

Compreendemos o psiquismo humano como formação e desenvolvimento histórico e cultural, com auxílio de Vigotski (2009) destacamos três grandes saltos no desenvolvimento: a fala, a escrita e o pensamento abstrato. Nosso foco nesse estudo volta-se para a escrita, porém para compreendemos tal elaboração humana é necessário percorrermos o caminho de desenvolvimento da linguagem que perpassa pela linguagem oral, linguagem interior chegando a linguagem escrita.

Como proposto por Luria (1981) a linguagem, por sua vez, é um sistema de signos que opera como um meio de comunicação e trocas entre os indivíduos, além de ser um instrumento do pensamento. Graças a ela, a imagem subjetiva dos objetos e fenômenos que constituem a realidade objetiva pode ser convertida em signos e, a partir deles, generalizada sob a forma de ideias, de conceitos.

Asseveram Vygotsky e Luria (1996, p. 213) que: “passando de fora para dentro, a fala constituiu a função psicológica mais importante, representando o mundo externo dentro de nós, estimulando o pensamento e também, lançando os alicerces para o desenvolvimento da consciência”.

Explica Martins (2013, p. 169) que “da mesma maneira que os demais processos, a linguagem aparece primeiramente como processo interpessoal para, na sequência, instalar-se como manifestação intrapessoal, intrapsíquica”.

Conforme Vigotski (2009) esse processo de internalização atende um longo percurso de formação, pelo qual a palavra vai se consolidando, ao mesmo tempo, como componente nuclear tanto da fala quanto do pensamento porque, fala e pensamento, em suas origens, seguem linhas distintas de formação e desenvolvimento, todavia:

[...] a descoberta mais importante sobre o desenvolvimento do pensamento e da fala na criança é a de que, num certo momento, mais ou menos aos dois anos de idade, as curvas da evolução do pensamento e da fala, até então separadas, cruzam-se e coincidem para iniciar uma nova forma de comportamento muito característica do homem. (VIGOTSKI, 2009, p. 130).

Vygotsky e Luria (1996, p. 209), apontam que “a convergência entre pensamento e fala constitui o momento mais importante no desenvolvimento de um indivíduo, sendo essa conexão que coloca o pensamento humano numa altura sem precedentes”.

A fala tornou possível o maior desenvolvimento de uma nova lógica que, até então, só existia na criança em estágios iniciais. Além disso, funções tais como: a memória, mudaram acentuadamente a partir do momento em que a fala começou a dominar o comportamento da criança. A fala assume o comando; torna-se a ferramenta cultural mais utilizada; enriquece e estimula o pensamento e, por meio dela, a mente da criança é reestruturada. (VYGOTSKYe LURIA, 1996, p. 213).

Portanto, o percurso de desenvolvimento da fala conclama radicalmente o pensamento e, pela construção das alianças entre ambos a palavra vai se consolidando, cada vez mais rigorosamente, como ato de pensamento. A fala se torna técnica de expressão do pensamento a partir do aprendizado do significado e controle da palavra. Vygotsky e Luria (1996, p. 210) explicam que:

Tendo compreendido o significado de uma palavra, como forma de expressão, como um meio de adquirir controle sobre as coisas que lhe interessam, a criança começa a juntar palavras tumultuadamente e a utilizá-las com esse objetivo. A palavra ‘babá’ não significa somente babá para a criança: significa ‘babá venha aqui’, ou ‘babá, vá embora’, ou ‘babá, me dê uma maçã’. Dependendo das circunstâncias, pode adquirir sentidos diferentes, mas aparece sempre em sua forma ativa que expressa, numa única combinação de sons, todo o desejo da criança. O primeiro período do uso significativo da fala é sempre um período de sentenças de uma só palavra.

Conforme explicam Vygotsky e Luria (1996, p. 213) “os mecanismos da fala, que previamente eram expressos com toda a nitidez, na fala da criança mudam agora para: a fala interior, a qual se toma uma das mais importantes ferramentas auxiliares do pensamento”.

2.4. Linguagem interior: ferramenta do pensamento.

Transpomos o período exclusivamente oralizado da fala que passa a ter também função no planejamento e na orientação do comportamento, sinalizando mudança na linguagem indo da prevalência externa para o desenvolvimento interno. Esta conquista, segundo Vigotski (2009), corresponde ao surgimento da *linguagem egocêntrica*.

Os resultados dos nossos experimentos mostram que a função da linguagem egocêntrica é semelhante à da linguagem interior: *uma função autônoma que serve aos objetivos da orientação intelectual, da tomada de consciência da superação das dificuldades e dos obstáculos, da reflexão e do pensamento, em suma, é uma linguagem para si, que da forma mais íntima serve o pensamento da criança.* (VIGOTSKI, 2009, p. 430, grifo nosso).

Ressaltam Vygotsky e Luria (1996, p. 213) “na verdade, quantas tarefas intelectuais complexas e sutis permaneceriam sem solução se não possuíssemos a fala interior, graças à qual o pensamento é capaz de adotar formas claras e precisas”.

Com o desenvolvimento a criança aos poucos vai passando a conduzir sua conduta pela linguagem interna, ou seja, ela pensa as palavras sem dizê-las. A fala egocêntrica marca a transição da linguagem externa para a interna. Vigotski (2009) afirma que essa transição é imprescindível para o desenvolvimento dos comportamentos culturalmente formados, além disso, frisa que a função da linguagem interna é altamente especializada e distinta em relação à linguagem oral. Contrapondo-se à ideia de que a linguagem interna represente meramente a linguagem externa carente de som, o autor postula que o traço

distintivo central entre elas reside na redução fonética quase absoluta que se verifica na linguagem interna.

Essas formas primitivas da atividade de fala da criança - esse período da tagarelice e dos “monólogos coletivos” - tudo isso constitui a preparação para os estágios de desenvolvimento quando ela (a fala) se torna o mecanismo essencial do pensamento. Somente neste último período é que a fala passa de um dispositivo externo, aprendido, para um processo interno, e o pensamento humano adquire novas e vastas perspectivas de ulterior desenvolvimento. (VYGOTSKY e LURIA, 1996, p. 213).

Conforme Vigotski (2009, pp. 445- 446) a “primeira e fundamental peculiaridade da linguagem interior é a sua sintaxe absolutamente específica”, ela caracteriza-se pela fragmentação e abreviamento de palavras. Assim, “a linguagem interior, mesmo gravada em um fonógrafo, seria abreviada, fragmentada, desconexa e incompreensível em comparação com a linguagem exterior”.

Apontamos as diferenças entre a linguagem interior e oral, estabelecendo uma aproximação entre a linguagem interior e a linguagem escrita, que são fundamentalmente monológicas, diferentemente da linguagem oral, dialógica, caracterizada essencialmente pela relação com o interlocutor.

A linguagem escrita e interior, com as quais comparamos, neste caso, a linguagem falada que é dialógica na maioria dos casos. [...] Só na linguagem falada é possível um diálogo que é apenas o complemento de olhares que um interlocutor lança a outro. (VIGOTSKI, 2009, p. 454).

Vigotski (2009, p. 459) diz que “a linguagem falada ocupa, assim, uma posição intermediária entre a linguagem escrita e a linguagem interior”. O autor aponta as diferenciações entre as linguagens, enquanto a oralidade consegue comunicar através de sons, gestos, entonações, a linguagem interna caracteriza-se por se abreviada e fragmentada, sendo exigido, da escrita uma forma mais desenvolvida de discurso, pois exige para que a mensagem seja compreendida o emprego de uma forma mais elaborada no uso das palavras, já que não conta com o som, os gestos, as entonações e interlocutor presente.

Esta (*linguagem interior*), mesmo se ouvida por um estranho, continuaria incompreensível exceto para o próprio falante, uma vez que ninguém conhece o campo psíquico em que ele transcorre. O contrário acontece com a linguagem escrita: aqui a situação deve ser restaurada em todos os detalhes para que se torne inteligível ao interlocutor, mas desenvolvida, e, por isso, o que se omite na linguagem falada deve necessariamente ser lembrado na escrita. Trata-se de uma linguagem orientada no sentido de propiciar o máximo de integrabilidade ao outro. Nela tudo deve ser dito até o fim. *A passagem da linguagem interior abreviada ao máximo grau, da linguagem para si, para a linguagem escrita desenvolvida no grau máximo, linguagem para o outro, requer da criança operações sumamente complexas de construção arbitrária do tecido semântico.* (VIGOTSKI, 2009, p. 317, grifos nosso).

2.5. Escrita: linguagem desenvolvida no máximo grau.

Para Vigotski (2009, p. 316) a linguagem externa aparece antes da linguagem interna, e a escrita, por sua vez, aparece depois da linguagem interior, já pressupondo a sua existência. “A escrita é a chave para a linguagem interna. Entretanto, a passagem da linguagem interior para a escrita exige aquilo que durante a nossa investigação denominamos de semântica arbitrária e que pode ser vinculado à fonética arbitrária da escrita”, ou seja, a linguagem interior é uma linguagem reduzida e abreviada no máximo grau sendo rápida e ágil. Já a escrita é desenvolvida no máximo grau, formalmente mais acabada até mesmo que a fala.

Vigotski (2009, p. 312) mostra que a escrita se diferencia da fala em sua estrutura e funcionamento, que nos traços essenciais do seu desenvolvimento a escrita, não repete minimamente a história da fala, que a semelhança entre ambos os processos é mais de aparência que de essência.

A escrita tampouco é uma simples tradução da linguagem falada em signos escritos, e a apreensão da linguagem escrita não é uma simples apreensão da técnica da escrita. Neste sentido, deveríamos esperar que, com o domínio do mecanismo da escrita, a linguagem escrita viesse a ser tão rica e desenvolvida quanto à linguagem falada e que se assemelhasse a ela como uma tradução ao original. Mas nem isso se verifica na evolução da escrita.

A apropriação da linguagem escrita representa para a criança o domínio de um sistema simbólico altamente complexo e dependente, em alto grau, do desenvolvimento do psiquismo, sobretudo no que se refere à formação da capacidade abstrativa.

[...] a linguagem escrita requer para o seu transcurso pelo menos um desenvolvimento mínimo de um alto grau de abstração. Trata-se de uma linguagem sem seu aspecto musical, entonacional, expressivo, em suma, sonoro. É uma linguagem de pensamento, de representação, mas uma linguagem desprovida do traço mais substancial da fala o som material. A criança deve abstrair o aspecto sensorial da sua própria fala, passar a uma linguagem abstrata, que não usa palavras, mas representações de palavras. (VIGOTSKI, 2009, pp. 312-313).

É devido a essa necessidade de abstração que a linguagem escrita não repete as etapas nem se desenvolve da mesma forma que a fala. Vigotski (2009, p. 313) aponta que “é exatamente este lado abstrato da escrita, o fato de que esta linguagem é apenas pensada e não pronunciada que constitui uma das maiores dificuldades com que se defronta a criança no processo de apreensão da escrita”, ou seja, é devido ao alto grau de abstração exigido no desenvolvimento da escrita, que as crianças apresentam maior dificuldade na aquisição da linguagem escrita que na linguagem oral.

Por que a escrita é difícil para o escolar e tão menos desenvolvida que a fala, a ponto de haver uma diferença de seis a oito anos na idade verbal entre as duas modalidades de linguagem em alguns estágios

da aprendizagem? Isso costuma ser atribuído ao fato de que a escrita, enquanto função nova, repete em sua evolução as etapas básicas outrora desenvolvidas pela fala e que, conseqüentemente, a escrita de uma criança de oito anos deve necessariamente lembrar a fala de uma criança de dois. (VIGOTSKI, 2009, p. 311).

Conforme Vigotski (2009, p. 318) a dificuldade que a criança apresenta na aquisição da escrita estána diferença entre atividade espontânea da fala *versus* atividade abstrata da escrita, portanto, a escrita é difícil porque exige que a criança faça de forma consciente e arbitrária o que na oralidade ela faz de forma espontânea e não arbitrária varias vezes todos os dias.

Para desenvolver a escrita a criança tem que abstrair duplamente, ela necessita compreender a abstração da sonoridade da linguagem abstrair o interlocutor o que para a criança é uma situação nova e pouco usual no seu cotidiano.

[...] a linguagem escrita é ainda mais abstrata que a falada em mais um sentido. É uma linguagem sem interlocutor. A situação da escrita é uma situação em que o destinatário da linguagem ou está totalmente ausente ou não está em contato com aquele que escreve. É uma linguagem-monólogo, uma conversa com a folha de papel em branco, com um interlocutor imaginário ou apenas representado, ao passo que qualquer situação de linguagem falada é, por si mesma e sem nenhum esforço por parte da criança, uma situação de conversação. (VIGOTSKI, 2009, pp. 313-314).

A aquisição da linguagem escrita ajuda a criança a avançar progressivamente na linguagem falada, já instituída e no seu desenvolvimento psicológico como revela Vigotski (2009, p. 314) “a linguagem escrita introduz a criança no plano abstrato mais elevado da linguagem, reconstruindo, assim, o sistema psicológico da linguagem falada anteriormente constituído”.

Vigotski (2009, p. 318) revela traços de importância capital sobre a linguagem escrita “ela é muito intencional e consciente” e diz que do ponto de vista da natureza psicológica das funções que a constituem, ela é um processo inteiramente diverso da fala. “uma forma mais difícil e complexa de linguagem intencional e consciente”.

Os signos da linguagem escrita e o seu emprego são assimilados pela criança de modo consciente e arbitrário, ao contrário do emprego e da assimilação inconscientes de todo o aspecto sonoro da fala. A escrita leva a criança a agir de modo mais intelectual. Leva ela a ter mais consciência do próprio processo de fala.

Vigotski(2009) faz apontamentos sobre os processos psicológicos, tocando na relativa maturidade das funções vinculadas à escrita revela que “a aprendizagem da escrita se apoia em processos psíquicos imaturos, que apenas estão iniciando o seu círculo básico de desenvolvimento”.

Conscientes de que a criança quando inicia o processo de aquisição da escrita, ainda não tem suas funções psíquicas amadurecidas, seria legítimo questionar se seria o momento adequado de realmente ensinar a escrita? Com auxílio de Vigotski (2009, pp. 320-321)

respondemos que ao aprender à escrita “suas próprias habilidades se transferem do plano inconsciente e automático para o plano arbitrário, intencional e consciente”, ou seja, graças à escrita e a gramática, a criança toma consciência do que faz e a opera voluntariamente com suas próprias habilidades, desse modo à aprendizagem escolar impulsiona o desenvolvimento da criança a um nível superior no desenvolvimento da linguagem e da psique.

Descobrimos que a aprendizagem está sempre adiante do desenvolvimento, que a criança adquire certos hábitos e habilidades numa área específica antes de aprender a aplicá-los de modo consciente e arbitrário. A investigação mostra que sempre há discrepância e nunca paralelismo entre o processo de aprendizagem escolar e o desenvolvimento das funções correspondentes. (VIGOTSKI, 2009, p. 322).

Vigotski (2009) referindo-se a um “sadio ensino escolar” nos compele a observarmos o curso do desenvolvimento da criança na idade escolar e a relação com o processo de aprendizagem, “vemos efetivamente que toda matéria de ensino sempre exige da criança mais do que ela pode dar hoje, ou seja, na escola a criança desenvolve uma atividade que a obriga a colocar-se acima de si mesma”.

A criança começa a aprender a escrever quando ainda não possui todas as funções que lhe assegurem a linguagem escrita. É precisamente por isso que a aprendizagem da escrita desencadeia e conduz o desenvolvimento dessas funções. Esse real estado de coisas sempre ocorre quando a aprendizagem é fecunda. Uma criança analfabeta em um grupo de crianças alfabetizadas irá atrasar-se em seu desenvolvimento e em seu aproveitamento relativo tanto quanto uma criança alfabetizada em um grupo de não-alfabetizados, embora para uma o avanço no desenvolvimento e no aproveitamento seja dificultado pelo fato de que, para ela, a aprendizagem é difícil demais, enquanto é fácil demais para a outra. Essas condições contrárias levam a um único resultado: em ambos os casos, a aprendizagem se realiza fora da zona de desenvolvimento imediato, embora uma vez ela esteja abaixo e outra acima dessa zona. Ensinar uma criança o que ela não é capaz de aprender é tão estéril quanto ensiná-la a fazer o que ela já faz sozinha. (VIGOTSKI, 2009, p. 336-337).

A criança no início do processo de aquisição da escrita não compreende por qual motivo ela precisa aprender a escrever, diferente da linguagem oral que ela convive e usa desde os primeiros dias de vida.

Se essa necessidade não está madura, observa-se um retardamento no desenvolvimento da linguagem. Mas até o início da aprendizagem escolar a necessidade de escrita é totalmente imatura no aluno escolar. Pode-se até afirmar com base em dados da investigação que esse aluno, ao se iniciar na escrita, além de não sentir necessidade dessa nova função de linguagem, ainda tem uma noção extremamente vaga da utilidade que essa função pode ter para ele. (VIGOTSKI, 2009, pp. 314-315).

Vygotsky (2000, p. 128) defendeu que a aquisição da leitura e da escrita não corresponde à instalação de comportamentos externos, mecânicos, determinados “a partir do exterior”, mas sim, um sistema especial de símbolos e signos cujo domínio significa uma virada crítica no desenvolvimento cultural e psíquico da criança.

Para nós, é evidente que o domínio da linguagem escrita, embora no momento decisivo não tenha sido determinado externamente pelo ensino escolar, é, na realidade, o resultado de um longo desenvolvimento das funções superiores do comportamento infantil. Somente se abordarmos o ensino da escrita do ponto de vista histórico, isto é, com a intenção de compreendê-lo ao longo do desenvolvimento cultural e histórico da criança, poderemos nos aproximar da solução correta de toda a psicologia da escrita.

Vygotsky (2000; 2009) e Luria (1986; 2018) consideram que a aprendizagem da escrita inicia muito antes do momento em que se coloca um lápis na mão da criança tendo em vista ensiná-la a escrever. Os processos de percepção, atenção, memória, linguagem oral, pensamento e sentimentos configuram o todo a partir do qual a linguagem escrita se edifica. Por isso, indicam os autores, o êxito nessa aquisição não é um dado circunscrito ao momento no qual se ensina a criança a escrever nem subjugado meramente às estratégias para alfabetização, mas profundamente dependente daquilo que eles denominaram como pré-história da linguagem escrita. Nessa direção:

[...] fica claro que o desenvolvimento da linguagem escrita tem uma longa história, extremamente complexa, que começa muito antes de a criança começar a estudar a escrita na escola. A primeira tarefa da pesquisa científica é descobrir a pré-história da linguagem escrita da criança, mostrar o que leva a criança à escrita, os momentos mais importantes, através dos quais a pré-história passa, a relação que ela tem com a educação escolar. A pré-história da linguagem escrita da criança frequentemente ocorre em formas que requerem uma análise especial, já que sem ela é difícil conhecer os estágios preparatórios de tal desenvolvimento. VYGOTSKY (2000, p. 129).

Para o sucesso na aquisição da escrita os processos devem iniciar muito antes da escolarização em si. Os momentos mais decisivos que preparamas crianças para esse complexo desenvolvimento estão: na importância do gesto, nos jogos simbólicos, no desenho e nos próprios primórdios da escrita.

Vygotsky (2000, p. 129) nos indica que “a história do desenvolvimento da escrita começa quando os primeiros sinais visuais aparecem na criança e se baseiam na mesma história natural do nascimento dos signos dos quais a linguagem nasceu”. O gesto tem a função de representação simbólica dos objetos, importante para o desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem da escrita, “o gesto, precisamente, é o primeiro signo visual que contém a futura escrita da criança como a semente contém o carvalho futuro. O gesto é a escrita no ar e o signo escrito é muitas vezes um gesto que toma conta”.

Salientamos dois momentos que ligam geneticamente o gesto com o signo escrito, são eles, o desenho e os jogos infantis. O primeiro momento é representado pelos rabiscos desenhados pela criança, expressa Vygotsky (2000, p. 130) que “muitas vezes acontece ao

tentar representar o gesto através do desenho à marca deixada pela caneta é simplesmente o complemento de contabilidade com o gesto”. O segundo momento que forma o nexo genético entre gesto e linguagem escrita nos leva aos jogos infantis. Nesse momento o importante não é a similaridade entre o brinquedo e o objeto que ele designa, mas o seu uso funcional, o importante é a possibilidade de realizar um gesto representativo com sua ajuda. Vygotsky (2000, p. 130) acredita que somente nisso reside à chave para a explicação de toda a função simbólica dos jogos infantis.

É o próprio movimento da criança, o seu próprio gesto, aqueles que atribuem a função de signo ao objeto correspondente, que lhe dá significado. Toda atividade simbólica representacional está cheia desses gestos indicadores. Para a criança, um graveto é transformado em corcel porque ele pode colocá-lo entre as pernas e pode aplicar o gesto que o identificará como um cavalo no caso dado.

Por tudo isso, podemos considerar que a representação simbólica no desenho e no jogo infantil são estágios anteriores, em essência, uma forma peculiar de linguagem que leva diretamente à linguagem escrita.

Por causa de sua função psicológica, o desenho infantil é uma linguagem gráfica peculiar. A técnica do desenho infantil demonstra, sem dúvida, que, na realidade, é uma história gráfica, ou seja, uma linguagem escrita peculiar. O desenho infantil é mais uma linguagem do que uma representação. (VYGOTSKY, 2000, p. 134).

Luria no artigo: *O desenvolvimento da escrita na criança* (2018, p. 143) estabeleceu o objetivo de definir através de pesquisa o momento em que a criança descobre o simbolismo da escrita para poder assim, acessar seu estudo sistemático. O autor destaca que “a história da escrita na criança começa muito antes da primeira vez em que o professor coloca um lápis em sua mão e lhe mostra como traçar as letras”. Destaca ainda a importância de conhecermos a pré-história da escrita infantil para podermos, “compreender como a criança é capaz de dominar o procedimento muito complexo do comportamento cultural: a linguagem escrita”.

Luria (2018) destaca ainda, a importância de a criança assimilar e desenvolver nos primeiros anos escolares, uma série de procedimentos que abordam integralmente o processo de escrita, que a preparam e facilitam muito o domínio da ideia e da técnica, ou seja, é importante a criança desenvolver no decorrer da Educação Infantil: a fala, os gestos, o desenho, os jogos, tudo que ajude na representação simbólica para que ela consiga se apropriar de forma qualitativa da escrita.

É de extrema importância que os professores conheçam e compreendam essa pré-história da escrita para que possam orientar e acompanhar o desenvolvimento do processo de aquisição da escrita, por isso apresentamos um resumo em forma de quadro onde Luria (2018) expõem estágios de desenvolvimento da escrita nas crianças. Esse material contribui para compreendermos como se organiza esse desenvolvimento, podendo ser utilizado para o planejamento de atividades pedagógicas que colaborem para a aprendizagem da linguagem escrita.

Quadro 1 - Estágios de Desenvolvimento da Escrita nas Crianças.

FASE PRÉ-INSTRUMENTAL	ESCRITA PICTOGRÁFICA	ESCRITA SIMBÓLICA
Na pré-escrita as crianças tem entre 3 e 4 anos. Imitam a escrita dos adultos, mas sem atribuir significado à escrita, não possui função mnemônica. A escrita é um brinquedo. Para avançar a criança deve superar a imitação, desenvolvendo uma escrita com significado e com função de auxiliar a memória.	Na escrita pictográfica as crianças têm entre 5 e 6 anos. As marcas gráficas ainda não tem um significado em si, mas já desempenham a função de auxiliar na recordação. O desenho é utilizado como meio de registro “signo-símbolo”. Para avançar a criança deve superar o uso das marcas gráficas e desenhos, substituindo-os pelo uso das letras. O que ajuda no avanço nessa fase é introduzir conteúdos com quantidades, formas e cores.	A escrita simbólica inicia-se entre 6 e 7 anos. Nessa fase a criança aprende e faz uso da escrita conforme o sistema socialmente estabelecido sem necessitar das marcas ou desenhos para se expressar. Para avançar a criança deve fazer uso do sistema alfabético aprendendo a dominar e utilizar a gramática e os diversos gêneros textuais.

Fonte: LURIA, 2018.

Com a apresentação do quadro tocaremos agora em alguns aspectos que consideramos relevantes. Inicialmente destacamos sobre as faixas etárias onde Luria (2018, p. 148) ressalta que “é impossível fixar uma linha divisória definitiva”, ou seja, estas demarcações de idades dependem de vários fatores dinâmicos como: o nível de desenvolvimento cultural da criança, ambiente onde vive, entre outros, que estão intimamente relacionados com o desenvolvimento e a aprendizagem da linguagem escrita. As contradições que marcam os sujeitos e seu cotidiano escolar, explicam as diferenças no processo de desenvolvimento e aprendizagem da escrita e a demanda de maior ou menor auxílio pedagógico.

Os elementos levantados por Luria (2018) a respeito do desenvolvimento da escrita nas crianças são percebidos no decorrer do processo de escolarização. Nesse início, ainda na Educação Infantil percebemos essa interação com a escrita, quando a criança tenta imitar a escrita baseando-se na do adulto, muito embora não consiga atribuir significado a essa escrita, ou seja, nessa fase o aprendiz manipula a escrita como um brinquedo não lhe atribuindo à função mnemônica de significado para a memória. Então quais atividades pedagógicas podem estimular o desenvolvimento da escrita na fase pré-instrumental? Ressaltaremos muito do que já vem sendo realizado pelos professores em suas práticas como:

ler para as crianças e pedir que elas recontem a história; promover brincadeiras e solicitar que os alunos expliquem as regras; apresentar objetos e pedir que as crianças nomeiem e descrevam suas características; contar, sequenciar, organizar materiais juntamente com as crianças; pedir que represente com desenhos e expliquem; entre outras várias atividades que trabalhem a representação simbólica.

Quando a criança avança na escolarização e entra no período de transição dos níveis escolares da Educação Infantil para o Ensino Fundamental percebemos a fase da escrita pictográfica que apresenta como característica, as marcas gráficas que ainda não têm um significado em si, mas já desempenham para a criança uma função de auxiliá-la na recordação. O desenho é utilizado pelo aprendiz como meio de registro. Dentre as atividades pedagógicas que auxiliam para o avanço nessa fase podemos citar a importância do conhecimento matemático que terá significância essencial no desenvolvimento da escrita, possibilitando ao aluno manipular quantidades, formas e cores; representar quantidades; organizar sequências lógicas; desenhar substantivos concretos (exemplo: bola, urso, boneca, etc); escrever o nome próprio; escrita coletiva e individual usando diferentes gêneros textuais e com o auxílio do professor analisar a sua escrita e reelaborá-las.

A escrita simbólica marca justamente a série de 2º anos do Ensino Fundamental, turma foco do processo de alfabetização escolar, que é também a idade da formação da linguagem interior, por volta dos sete anos. Nessa fase a criança aprende e faz uso da escrita conforme o sistema socialmente estabelecido sem necessitar das marcas ou desenhos para se expressar. Para avançar nessa fase o professor pode utilizar atividades pedagógicas em que o aluno use o sistema alfabético aprendendo a dominar e utilizar a gramática e os diversos gêneros textuais, trabalhando a leitura e interpretação de textos; a análise da estrutura textual; a morfologia (substantivos, artigos, adjetivos, etc.); o gênero, número e grau das palavras; a concordância nominal e verbal; acentuação e pontuação. Todos esses aspectos ajudarão os alunos a adquirirem a escrita e a aprimorarem esse recurso de comunicação.

Aprendemos que mesmo antes que a criança tenha compreendido o sentido e o mecanismo da escrita, ela já efetuou inúmeros métodos para elaborar e desenvolver o processo de escrita. Mas mesmo estes métodos não se desenvolvem de imediato, passam por certo número de tentativas e invenções, constituindo uma série de estágios, com os quais o professor que está trabalhando com crianças deve familiarizar-se, pois isto lhe será muito útil para conseguir ajudar o aprendiz no processo de alfabetização e como ressaltou Luria (2018, p. 198) “após percorrerem longo caminho, acabaram por conduzir-nos finalmente ao domínio do que é talvez o mais inestimável instrumento da cultura: a escrita”.

3. Considerações finais

Ao percorremos brevemente a história de desenvolvimento da linguagem escrita da criança, chegamos a alguns apontamentos. Primeiramente a escrita pode ser definida como uma função que se realiza, culturalmente, por mediação, ou seja, ela requer para sua assimilação, processos formais e sistemáticos. Não pode, portanto, ser aprendida por um processo educativo espontâneo, necessitando de um ambiente sistemático - a escola e de professores que façam a mediação desse processo de ensino-aprendizagem.

Outro apontamento seria sobre o desenvolvimento da representação simbólica nas crianças em idade precoce, a escrita deve ser incluída na educação infantil, nas suas diversas formas de desenvolvimento através: dos sons, dos gestos, dos desenhos, dos jogos, das dramatizações, entre outros.

Vygotsky (2000, p. 141) nos aponta outra conclusiva que: “não podemos considerar o domínio da leitura e da escrita como um simples hábito psicofísico”. Vimos ao longo do texto quão complexa é a pré-história da escrita até alcançar seu desenvolvimento definitivo, seus saltos, metamorfoses, as descobertas essenciais para seu desenvolvimento e estabelecimento e que esse conhecimento introduz mudanças fundamentais no comportamento de todas as crianças.

Quanto ao desenvolvimento da escrita no processo de alfabetização consideramos que não pode ser reduzido a um treino motor, pois é uma função cultural complexa. A técnica e a mecânica de aquisição da escrita faz parte do processo, é importante que a criança consiga desenvolver suas habilidades motoras e de decodificação para desenvolver a escrita, mas não pode ser o foco do ensino da linguagem escrita senão acaba por mecanizar um processo tão complexo.

Resumindo a nossa exposição podemos dizer que, do ponto de vista da natureza psicológica das funções que a constituem, a escrita é um processo inteiramente diverso da fala. Vigotski (2009, p. 318) diz “ela é a forma mais difícil e complexa de linguagem intencional e consciente”. Por isso a escrita é uma das matérias mais importantes da aprendizagem escolar, pois ela desencadeia para a vida o desenvolvimento de todas as funções que ainda não amadureceram na criança.

Apontamos que o objetivo maior da alfabetização não deve ser o ensino mecanizado e repetitivo das letras, mas, sim, o ensino da leitura e da escrita como linguagem, fazendo com que a criança compreenda a função social da linguagem e consiga utilizá-la para organizar seu psiquismo e acessar o patrimônio científico e cultural elaborado pela humanidade. E que os professores conheçam as propriedades psicológicas do desenvolvimento da linguagem conseguindo assim utilizar esses elementos em suas elaborações pedagógicas.

4. Referências

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 2004. Disponível: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>. Acesso em: 15 ago. 2018.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução Rubens Eduardo Frias. 2ª. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social II**. Tradução Nélcio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013. Tradução de: Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins.

LURIA, A. R. **Fundamentos da neuropsicológica**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

- LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferencias de Luria**. Trad. de Diana Myriam Lichtenstein e Mário Corso. Supervisão de trad. De Sérgio Spritzer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. Trad. de Paulo Bezerra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991 (v. 1: Introdução evolucionista à psicologia).
- LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: Vigotskii, L. S.; Luria, A. R.; Leontiev, A. N., **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem** (16ª. ed., pp. 143-189). São Paulo: Ícone, 2018.
- MARTINS, Lígia M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Álvaro Pina – 1ª. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2009. 128 p.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- VYGOTSKI, Lev Semenovitch. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Trad. José María Bravo. **Obras Escogidas III**. Madrid: Visor, 2000.
- VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2ª ed - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**: Problemas del desarrollo de la psique, Madrid: Visor, 2012, v.3.

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM E DA SIGNIFICAÇÃO: QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS

Por **Maria de Fátima Barbosa de M. BATISTA**, tradução do original francês de **PAIS, Cidmar Teodoro**. *Le procès de production des sciences du langage et de la signification: questions épistemologiques et méthodologiques* in Conditions sémantico-syntaxique et sémiotique de la productivité systémique, lexicale et discursive, Tese de Doctorat-ès lettres, Paris 4, 1993.

1. Preliminares

Há aproximadamente dois séculos que a linguística se constituiu como ciência autônoma, incluindo-se no escopo das ciências ditas humanas. Durante todo esse tempo, as pesquisas, desenvolvidas em um ritmo sempre acelerado, permitiram-lhe, progressivamente, precisar melhor o seu objeto, dar a seus métodos um rigor preciso e ampliar, consideravelmente, seu campo ou domínio de atuação, de sorte que reflexões epistemológicas atentas tornam-se hoje necessárias, tanto para aqueles cujo trabalho diz respeito à práxis científica, como para aqueles que se utilizam de seus resultados.

De um lado, observou-se, muitas vezes, que os primeiros contatos com a ciência da linguagem produziram, entre os não iniciados, um sentimento de perplexidade. Para estes, é muito difícil elaborar uma ideia clara da coerência das proporções teóricas da linguística e da contribuição de suas aplicações. De outro, a necessidade de uma reflexão teórica desta natureza tornou-se urgente entre os próprios linguistas na medida em que pretendem conduzir os seus projetos de pesquisa de uma maneira produtiva, sem deslizar para o caminho mais fácil e estéril da aplicação imediatista, por vezes ingênua, dos modelos teóricos. Com efeito, esta aplicação imediatista tende a excluir dos modelos teóricos seu poder de análise, tornando-os nulos ou, pelo menos, reduzindo, sensivelmente, a função crítica do método científico.

Assim, devido à multiplicidade, à extensão e à complexidade das questões propostas, este trabalho constitui uma modesta contribuição às investigações que esta ciência se impõe nos dias de hoje. Entretanto, parece-nos útil ou até mesmo indispensável a nosso trabalho tecer algumas considerações sobre os modelos, ou mais precisamente sobre os metamodelos cuja sucessão e cujo aperfeiçoamento contínuo caracterizam, essencialmente, o avanço e a progressão dos estudos e das reflexões sobre a linguagem. Partiremos das concepções filosóficas e daquelas chamadas pré-científicas, no decorrer do seu processo histórico, em direção à produção da ciência da linguagem propriamente dita, ao longo das diferentes etapas de sua breve história enquanto ciência independente. Fizemos uma primeira leitura epistemológica da história das ciências da linguagem num trabalho anterior¹, que reformulamos, profundamente, no presente estudo.

1 . Cf. Pais, C. T. Algumas reflexões sobre os modelos em linguística in *Lingua e literatura*, Vol 9, São Paulo: FFLCH-USP, 1980, p.90-116

Os metamodelos, como se sabe, são modelos científicos gerais cuja integração e articulação, no interior de um conjunto coerente, constituem uma teoria e servem, além disso, para a construção de modelos descritivos propriamente ditos. Neste sentido, convém observar, preliminarmente, que uma compreensão um pouco mais aprofundada, não apenas das diversas teorias linguísticas, como também de seu papel no desenvolvimento desta ciência, vista como um processo de — construção e permanente reconstrução de um saber — e de seus desdobramentos tecnológicos — a elaboração e a constante reelaboração de um saber fazer — exige sempre certo recuo epistemológico.

Toda tentativa de construir uma taxonomia das disciplinas científicas está destinada a encontrar os maiores obstáculos. A tarefa de procurar definir a autonomia, a especificidade, o caráter e os limites destas disciplinas revelam-se árdua, ante a evolução rápida da investigação científica, da especialização acentuada do saber, da complexidade crescente das soluções tecnológicas e da multiplicidade dos estudos interdisciplinares. Todavia, ao mesmo tempo em que se constata que as áreas chamadas fronteiriças são muitas vezes fecundas, é preciso considerar que a qualidade e a confiabilidade das pesquisas e de suas eventuais aplicações se baseiam na determinação precisa dos objetos e de seus campos de ação. Estas pesquisas devem-se fundamentar no controle rigoroso dos métodos e da metalinguagem cuja elaboração é indissociável da construção da própria ciência. Poder-se-ia acrescentar que estas são as condições para que as contribuições interdisciplinares possam ser verdadeiramente produtivas. Desta maneira, nosso interesse pelos metamodelos nos parece plenamente justificado.

2. A concepção “clássica” de língua

Conforme pudemos verificar, os primeiros linguistas tiveram como ponto de partida de seus trabalhos as proposições formuladas pelos gramáticos, pelos filólogos e pelos filósofos da linguagem dos séculos XVI, XVII e XVIII. Estas proposições constituíam, por sua vez, e em muitos aspectos, a retomada e a continuação da tradição greco-romana neste domínio.

Do ponto de vista que aqui nos interessa, iremos analisar as línguas consideradas “civilizadas” — o grego, pelos sábios da Alexandria, do II e I séculos antes de Cristo; o grego e o latim para os gramáticos romanos; o grego, o latim e as línguas européias dotadas de prestígio político e cultural, segundo critérios muito variáveis, dados pelos gramáticos e filólogos posteriores à Renascença. Estes critérios de civilização e prestígio eram concebidos de tal forma que todas estas línguas apresentavam sempre, fundamentalmente, três grandes fases, três etapas de sua história: a) um período “arcaico”, dito de formação da língua, a partir da linguagem “rústica”, “pobre”, de pastores e de agricultores, de soldados e de camponeses — e que era, também, um período em que os primeiros autores apareciam, conferindo “identidade” a esta mesma língua; b) um período em que a língua se manifesta em toda a sua plenitude, onde ela se revela “perfeita” ou a “mais perfeita possível”, período que se define como sendo o apogeu político e cultural, a que pertencem os escritores considerados os melhores que, por esta razão, devem ser ensinados nas escolas de onde se origina, *a posteriori*, a denominação errônea de “período clássico”; c) um período de “decadência”, de perda dos valores civilizatórios, de “deterioração” da língua que conduz a um *sermo*

uulgaris que as pessoas bem formadas deveriam evitar. Desta maneira, associaram-se em situações históricas, comparáveis sob certos aspectos, diferentes fases, ou seja: a fase de formação, de constituição e de crescimento, a fase de expansão máxima e com maior poder político e econômico, a fase de estagnação, declínio e refluxo dos diferentes impérios, — mesmo quando eles não se atribuem este título — a tantos outros períodos de suas respectivas línguas que lhes corresponderiam, poder-se-ia dizer, “segundo a natureza das coisas”. Trata-se, sem dúvida, de uma concepção imperial da língua. Esta persiste ainda, de forma mais ou menos acentuada, na educação institucional de numerosos países. Ela explica, sob certos aspectos, a política educacional e cultural de seus governantes.

Assim, a gramática e a filologia, criadas explicitamente pelos sábios de Alexandria, retomadas, parcialmente, pelas gramáticas romanas e, ainda, largamente desenvolvidas, sobretudo a partir do século XVII caracterizam-se, desde seu nascimento, como disciplinas complementares e solidária, tanto por seus métodos, como por seus objetivos. Com efeito, a gramática foi definida, no momento mesmo de sua criação, como uma disciplina simultaneamente descritiva e normativa que se propunha a oferecer elementos para ensinar a escrever “com correção e elegância”. Suas regras e recomendações deveriam ser extraídas do conjunto de textos dos bons escritores que mereceram esta classificação, diga-se de passagem, em função de critérios nem sempre muitos claros. Por seu turno, a filologia constituiu-se, enquanto “estudo da cultura através dos textos, uma definição corrente, pouco ambiciosa e, além disso, incompleta, tanto em relação aos procedimentos como pelas tarefas que lhe foram atribuídas”.

Pretendendo ensinar a escrever com correção e elegância e a ênfase colocada na palavra escrita — para preservar o patrimônio linguístico, opondo-se, ao mesmo tempo, à deterioração da língua, a gramática deveria apoiar-se, para formulação de suas regras e de suas prescrições, em textos de bons escritores que lhe conferiam sua “autoridade”. O trabalho da filologia torna-se, então, necessário. Ela é encarregada de examinar e comparar as diferentes variantes e versões das obras destes escritores, observadas em suas sucessivas edições manuscritas (e impressas) a partir do século XVI e que as tornam menos dignas de confiança quanto à fidelidade em relação aos textos originais. Tentará, também, reconstituir os textos que sejam os mais próximos possíveis desses textos originais e, ainda, despender esforços para elaborar e propor explicações viáveis dos dados culturais inscritos nos textos, de modo a torná-los compreensíveis ou mais compreensíveis. Todavia, nos julgamentos das variantes e das versões, nas escolhas das formas que se deve considerar adequadas, é preciso utilizar critérios. Entre esses critérios, as escolhas baseadas em regras e prescrições da gramática não foram negligenciadas, visto que os bons escritores, por definição, escreviam bem e não cometeriam erros de gramática. Assim, o círculo recomeça. Aliás, pode-se observar que a gramática tradicional faz abstração da linguagem oral, de maneira constante. Por outro lado, os textos selecionados como representativos da linguagem escrita são, invariavelmente, aqueles que se inserem nos cânones de certa literalidade, embora se reconheça uma graduação. De outro lado, os autores escolhidos para servirem de fonte para a gramática podem se encontrar relativamente afastados uns dos outros no eixo do tempo, por vezes mesmo, alguns séculos. Os textos nas quais a gramática extrai os seus elementos para formular as suas regras, considerados como documentos representativos,

não apenas de uma língua, mas de um estágio desta língua, estabelecem uma espécie de sincronia muito discutível, cujos limites são muito flexíveis².

3. Concepções de signo na Idade Média e depois da Renascença:

A maneira como se concentre os signos numa cultura dada corresponde à noção de episteme, de atitude epistêmica³. Esta constitui um dos elementos determinantes para a proposição de uma tipologia das culturas.

De uma forma bastante sumária e aqui limitada aos aspectos que nos dizem respeito mais de perto, poder-se-ia dizer que a Idade Média, dada a sua visão teocêntrica do mundo, considera, tanto os signos verbais como os não verbais como a parte “material visível, de uma realidade mais vasta, invisível⁴”. Desta concepção metonímica do signo, a imagem de Nossa Senhora, na catedral, por exemplo, era uma parte dela mesma, assim como, a palavra amor era também uma parte desta realidade espiritual, o amor. Tal concepção persiste ainda, em muitas culturas, de forma intuitiva entre os sujeitos falantes que, por exemplo, ainda em nossos dias, não querem nomear ou escutar o nome de certas doenças, pois temem que isto possa lhes atrair o mal sobre si próprio.

O Renascimento caracterizou-se como uma autêntica revolução política e econômica, filosófica, espiritual e cultural. Seguida de uma tomada de valores da Antiguidade greco-romana, uma visão antropocêntrica foi elaborada ou, antes, reelaborada. De acordo com tal concepção, o homem é capaz de compreender e dominar o mundo por sua racionalidade. “O homem é a medida de todas as coisas”. É, portanto, a medida do bem, da beleza, da justiça. Na Renascença, os signos são considerados como “a representação adequada do mundo natural.⁵ Então, não se concebia mais o signo como sendo uma parte do objeto, mas seu representante. Isto significa que o signo é visualizado, nesta realidade, como outro objeto que, entretanto, tem uma função específica: a de representar, neste momento, “*in praesentia*”, o objeto primeiro que se encontra “*in absentia*”. De acordo com a visão antropocêntrica do mundo, onde tudo devia submeter-se a razão humana, a ênfase é dada ao mundo natural. Permanece, certamente, o problema muito complexo de saber em que termos esta representação é adequada. Os sofistas, Platão e Aristóteles debruçaram-se, longamente, sobre esta questão central. Tomemos o Crátilo, por exemplo, onde se discute se os signos deveriam ser considerados como decorrentes de uma necessidade da natureza (ὄusep=segundo a natureza) ou se eles tinham sua origem vinculada ao poder de julgamento dos homens (νόμοι) e se eles resultam de uma convenção ou de um acordo entre os homens

2. Mesmo se os aspectos discutidos nesse primeiro subcapítulo já sejam conhecidos, parece-me útil a literatura de: DONZE, R. *La grammaire et générale et raisonnée de Port-Royal*. Contribution à l’histoire des idées grammaticales em France, Payot, 1976, p.21-33. LEROY, M. Les grandes courants de la linguistique moderne. Bruxelles, Presses Universitaires de France, Presses Universitaires de Bruxelles, 1966, p.3-14. MATTOSO CÂMARA JR, J. *História da linguística*. 2ª.ed. Petrópolis, vazes, 1075, p.9. MOUNIN, G. *Historie de la Linguistique. D’s origines ou Xxè siècle*. Paris, Presses Universitaires de France, 1967, p.17-151. ROBINS, H.R. *Brève histoire de la linguistique. De Platon à Chomsky*. Paris, Seuil, 1976, p. 9-139.

3. Foucault, M. *Lês mots et lês choses* Paris. Gallimard, 1966, p. 19-91. Cf. Aussi Greimas, A. O contracto de verificação in *Acta de Semiótica e Linguística*, v.2, São Paulo. Hucitec, 1978, p.211-221.

4. Cf. Greimas, op. *Cit.*, p.215

5. Cf. Foucault. *Op.cit.*p.60-91 e Cf GREIMAS, *Op.cit.*p215

(Θέσει=segundo aquilo que foi posto)⁶. É preciso acrescentar, nesta mesma ordem de raciocínio, as proposições de Protágoras⁷: sendo o homem a medida de todas as coisas, as coisas não existem a não ser em relação com o homem. A relatividade de Protágoras não está sem a relação com as preocupações das correntes estruturalistas a propósito da diversidade linguística e cultural, como assinalamos, trata-se de uma questão central que, até a presente data, está longe de ter encontrado uma solução verdadeiramente satisfatória. Estas discussões levantadas na Renascença conduziram à teoria clássica do signo: *o signo é sempre signo de alguma coisa*⁸.

Fundamentando-se nestas concepções, os gramáticos de Port-Royal, por sua vez, sustentaram que, de uma maneira geral, a linguagem humana é essencialmente lógica e universal. Tomaram como referência e, ao mesmo tempo como instrumento de trabalho, a lógica formal, alética, tal como havia sido proposta por Aristóteles e reelaborada, em seguida, por São Tomas de Aquino, entre outros. Desde então, as distorções observáveis nos discursos dos homens não são, senão, uma aparência: elas decorrem de sua natural imperfeição. Todavia, uma análise rigorosa permite reduzir e submeter tais discursos aos modelos lógicos. Além disso, para os gramáticos de Port Royal, a natureza do signo, a natureza da linguagem e sua universalidade encontram sua explicação última na teologia⁹.

Devido à importância de questões tratadas pelos filósofos, filólogos e gramáticos, ao longo desta bela tradição clássica, é necessário ter em consideração os conceitos e os métodos mais importantes que precederam à criação da linguística, enquanto ciência autônoma se quisermos compreender, claramente, seu desenvolvimento ulterior.

4. A Linguística histórica comparada:

Durante sua primeira grande etapa, no século XIX, a ciência da linguagem, como, aliás, o fez todas as ciências dessa época, elegeu por modelo a biologia¹⁰, então considerada a ciência exemplar, de mais alto prestígio. Assim, a linguística, nesse período, foi inspirada nos *metamodelos* da biologia e constituída como disciplina evolucionista, historicista, positivista¹¹. E outro quadro dos estudos da linguagem, um dos acontecimentos determinantes foi, sem dúvida alguma, a descoberta do sânscrito. Língua geograficamente afastada cujos falantes não teriam tido, pelo que se sabe, praticamente nenhum contato com as línguas europeias durante o período histórico¹², suas semelhanças, sob vários aspectos,

6. PLATON, Oeuvres complètes. V.2. Coleção das universidades da França, sob o patrocínio da Associação Guillaume Budé. Paris, "Les Belles Lettres", 1969.

7. PLATON, Oeuvres complètes. V.3, 1 parte. *Protagoras*. Coleção das universidades da França, sob o patrocínio da Associação Guillaume Budé. Paris, "Les Belles Lettres", 1955

8. A este propósito Cf. MALMBERG, B. Signes et Symboles. Les Bases du Langage humain. Paris, Picard, 1977, p.31-92.

9. Uma visão muito completa e exata das proposições de Port Royal foi apresentada por DONZÉ, R. Op. *Cit*

10. Cf 13. *in fine*. De forma geral, a linguística histórica do Século XIX, inspirou-se também nos modelos e nos métodos de observação das ciências físicas e naturais. Cf por exemplo, MEILLET, A. – Linguistique historique et linguistique générale. Paris, Librairie Honoré Champion, Editeur, 1965

11. Cf., por exemplo, JESPERSEN, O. – Op. *Cit.*, p. 34-98.

12. O contato efêmero da armada de Alexandre, O Grande, não despertou o interesse dos gregos que, como se sabe, consideravam as outras línguas que não fossem a sua como línguas bárbaras.

em relação ao grego, ao latim e ao gótico, atraíram, fortemente, a atenção dos estudiosos. Daí o desencadeamento de uma vasta série de trabalhos comparativos, inicialmente relacionados com essas línguas e, em seguida, com muitas outras, como por exemplo, a comparação das línguas românicas e aquela de línguas germânicas cujo resultado foi uma extraordinária produção científica. O método histórico e comparativo (ou se preferirmos o método histórico – comparativo) se propõe, fundamentalmente, à realização de duas tarefas. A primeira consiste em fazer o estudo comparativo da evolução das línguas, relativas aos períodos historicamente documentados, ou seja, o estudo constatado das revoluções. Inicialmente, são as semelhanças entre as diferentes línguas que despertaram o interesse dos linguistas. Entretanto, logo eles se deram conta de que essas semelhanças, embora curiosas, não podiam elas próprias, constituir um critério muito seguro, sendo muitas vezes enganosas ou relegadas à condição de simples coincidências. Assim, as pesquisas histórico-comparadas, sob sua forma definitiva, foram consideradas como elementos capazes de provar as diferenças constantes entre as diversas línguas que possibilitariam o estabelecimento de correlações do tipo de:

Grego	Latim	Sânscrito	Gótico
πατηρ	<i>pater</i>	<i>pitṛ</i>	<i>fadar</i>

(onde gr., lat., e sânsc., apresentam **p-**, enquanto o gót apresenta o **f-**;
Onde lat., e gr., **-er**; sânsc., **-r**; gót., **-ar**; etc), ou ainda:

Grego	Latim	Sânscrito	Gótico
εκατον	<i>centum</i>	<i>śatam</i>	<i>hundert</i>

(onde gr., e lat., **k-**; sânsc., **ś-**; gót., **h-**; etc)

Tais correlações, reunidas em listas muito extensas, demonstram evoluções divergentes a partir de formas comuns, das quais se podem fazer a inferência, baseando-se na relação com a evolução atestada nas línguas implicadas. Demonstra-se, assim, que as formas inscritas nestas listas de correlações têm um ponto de partida comum que não é nenhuma destas formas. O valor comprobatório destes dados é de tal modo evidente que não é necessário ser um linguista para tirar conclusões; verifica-se, ainda, através das relações entre os grupos de palavras, como por exemplo¹³:

13. Cf. MEILLET, A. La méthode comparative em linguistique historique. Paris, Librairie Honoré Champion Editeur, 1966, p.1-11.

	Grego	Latim	Sânscrito
"três"	τρῆς	<i>trēs</i>	<i>trāyaḥ</i>
"quatro"	τέτταρες	<i>quattuor</i>	<i>catvāraḥ</i>
"cinco"	πέντε	<i>quinque</i>	<i>pañca</i>
"seis"	ἕξ	<i>sex</i>	<i>ṣaṭ</i>
"sete"	ἑπτὰ	<i>septem</i>	<i>saptā</i>
"oito"	ὀκτώ	<i>octō</i>	<i>aṣṭā</i>
"nove"	ἐννέα	<i>novem</i>	<i>nāva</i>
"dez"	δέκα	<i>decem</i>	<i>dāca</i>

O método desenvolvido com rigor atingiu alto nível de precisão permitindo, também, definir grupos de línguas e estabelecer graus de parentesco entre elas.

A segunda tarefa da linguística histórica e comparativa é a da reconstrução linguística. Em outras palavras, trata-se da tentativa de reconstituir períodos não documentados, não atestados da evolução linguística que esteja ligado a uma língua ou a um grupo de línguas. Esta constituição pode-se referir a períodos anteriores da evolução documentada, como é o caso, por exemplo, do indo-europeu. Língua hipotética da qual não se têm documentos escritos e cuja cultura correspondente não deixou nenhum documento arqueológico, o indo-europeu teria sido falado entre 50000 e 30000 A.D. Os linguistas a designaram assim porque suas formas hipotéticas, reconstituídas a partir de correlações evolutivas documentadas nas línguas da Ásia (o sânscrito e o persa, depois, o armênio e o hitita) e da Europa (o grego, o latim, o celta, o lituano, o albanês, o gótico, etc) permitiam integrar as ditas correlações, estabelecidas segundo o método histórico e comparativo, num todo coerente que explicava bem os aspectos da evolução destas línguas. Observemos, por exemplo:

Indo-europeu		
	<i>*ekʷos</i>	*Forma hipotética
Grego	Latim	Sânscrito
ἵππος	<i>equus</i>	<i>aśvāḥ</i>

Embora os documentos arqueológicos não existissem, a reconstrução linguística do indo-europeu oferecia elementos para a reconstrução da cultura indo-europeia à qual, então, estava associada. A comparação das formas atestadas e a reconstrução das formas hipotéticas se ajudavam, implicavam-se reciprocamente, nos trabalhos de pesquisa, no movimento constante de acréscimo e de garantia. Sendo dada a coerência das correlações

e a demonstração conclusiva do parentesco destas línguas e sua origem comum, o método autorizava, ao mesmo tempo, classificá-las como membros da vasta família indo-europeia¹⁴.

Por outro lado, a reconstrução linguística ocupou-se, também, dos períodos intermediários, não documentados, situados entre dois períodos documentados, ou seja, os buracos negros na história da evolução linguística. Este foi o caso do romanço. Este termo designa, na realidade, um conjunto de cento e oitenta dialetos, aproximadamente, resultantes da fragmentação linguística do latim, durante o período compreendido entre o Século V (época onde se encontram os últimos documentos que atestam sua utilização enquanto língua viva de comunicação) e a aparição dos primeiros escritos em línguas românicas (no Século IX para o francês, o Século XII para o português, por exemplo). Também neste domínio, a comparação das formas atestadas e a reconstrução de formas hipotéticas foram, constantemente, atividades complementares¹⁵.

Desta maneira, a linguística histórica e comparada sustentou uma concepção que se inspirava diretamente na biologia. Tratava-se da metáfora biológica: as línguas são comparáveis a seres vivos, pois nascem, crescem, desenvolvem-se, reproduzem-se e morrem. Esta concepção permitiu fazer a distinção entre línguas vivas e línguas mortas — quando existem documentos escritos, como é o caso do latim, do gótico, do sânscrito védico e clássico, com línguas extintas, quando não havia documentos escritos, como é o caso do dálmata moderno. Opuseram-se, ainda, as línguas mães às línguas filhas como, por exemplo, o latim e as línguas românicas. Tornou-se possível, então, propor uma classificação genética das línguas.

Nesta linha, August Schleicher (1821-1868), um dos grandes linguistas do século XX, formulou a “Stammbaumtheorie” ou a teoria da árvore genealógica das línguas. Assim, as línguas das famílias europeias foram reunidas com base nas correlações fonéticas e correspondências lexicais em subfamílias: a germânica, a ítalo-céltica, a balto-eslávica, a indo-iraniana, etc. Para cada uma dessas subfamílias uma Grundsprache ou língua comum era colocada, uma língua aparentada, fazendo-se remontar em seguida, a uma “Ursprache” ou língua original, língua mãe, a única que possuía as características que tais línguas têm em comum. A partir da comparação das formas constatadas nas línguas das diversas subfamílias, poder-se-ia fazer a reconstrução das formas hipotéticas pertencentes à forma indo-europeia, língua ancestral comum e, portanto, à reconstrução desta língua que era hipotética conforme já assinalamos¹⁶. Com o esquema em árvore, representamos em um

14 . A propósito da comparação das línguas indo-europeias, da elaboração de uma gramática e comparada destas línguas e da reconstrução do indo-europeu, ver. MEILLET, A – introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes. Prefácio de Georges C. Buck, Alabama, University of Alabama Press, 1964; Cf também KRAHE, H – indogermanische Sprachwissenschaft. 2vol. e edit Berlin, Walter Gruyter & Co, 1966. A propósito do estudo comparativo das línguas clássicas, cf. MEILLET, A e VENDREYES, J – Traité de grammaire comparée des langues classiques. 3ed. Paris. Librairie Ancienne honoré Champion, 1963.

15. A propósito do estudo histórico e comparativo das línguas românicas, a pesquisa mais importante do século XIX é sem dúvida a de W. Meyer – Luke. É útil ver MEYER – L “BKE, W – Einführung in das Studium der Romanischen Sprachwissenschaft 3. ed. Heidelberg, 1920. Cf. também entre outros, BOURCIEZ, E Eléments de linguistique romane 4 ed. Paris. Klincksieck, 1956. MAURER, Jr. Th.H – A unidade da românia ocidental. São Paulo, 1951; WARTBURG, W.V – La fragmentation linguistique de la românia, Paris, Klincksieck, 1967.

16. A propósito da reconstrução linguística, cf. p.17 e seguintes. De Schleicher vem também a prática de distinguir as formas hipotéticas com o asterisco.

sistema totalizante as relações históricas das línguas concernentes¹⁷. Observemos, como exemplo, um segmento genealógico das línguas indo-europeias:

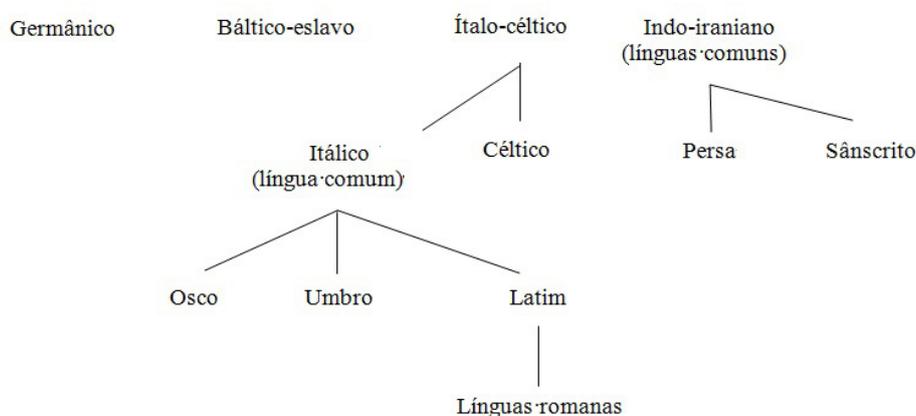


Figura 1 – Segmento da árvore genealógica das línguas indo – europeias.

Inspirando-se nos trabalhos e no prestígio das ciências naturais (e mais particularmente da botânica) Schleicher concebia a própria linguística como uma ciência natural. Ele acreditava que a abordagem de Darwin, cuja importância epistemológica e metodológica muito rapidamente ele reconheceu, o autorizava a transportar estes modelos e tirar deles todas as conclusões para o plano da ciência da linguagem¹⁸. Por outro lado, Schleicher sustentava, mesmo diante da influência do Darwinismo que as línguas, enquanto organismos evoluíam e apresentavam, sem que a consciência dos locutores interviesse no processo, períodos de crescimento, maturidade e declínio. Ideias mais ou menos próximas haviam sido propostas por outros comparatistas, como, por exemplo, Franz Bopp¹⁹. Neste ponto, pode-se reconhecer em Schleicher, de um lado, a herança do pensamento filológico clássico²⁰ e, de outro, certa visão que decorria do romantismo alemão. É preciso aí acrescentar, sem nenhuma dúvida, o papel desempenhado nesta teoria pelas proposições de Hegel²¹.

As árvores genealógicas das línguas foram severamente criticadas pelos linguistas comparatistas subsequentes. Com efeito, a passagem de um estado, onde se possa colocar a existência de uma língua dada, ao estado seguinte onde se encontram duas ou várias línguas claramente distintas não ocorre em um momento preciso, no eixo da história, correspondendo a um ramo de uma linha na árvore. Em outras palavras, os sujeitos falantes de uma língua têm consciência, em todo tempo, de falar a “mesma língua”, não se configurando jamais a ruptura linguística como o esquema em árvore, poderia fazer entender. Ao contrário, um processo contínuo de mudança se desenvolve onde os subdialetos, de início muito próximos,

17. Para uma visão de conjunto das proposições de Schleicher, cf. sua obra mais importante: Weimar, 1861 (4 edição, 1876). (*Compendium de la grammaire comparée des langues indo – germaniques; Abrégé de la phonétique et de la morphologie de la langue – mère indo – germanique*). Observamos também sua concepção de sistema como um núcleo de relações históricas.

18. Cf. SCHLEICHER, A. – *Die darwische Theorie und die Sprachwissenschaft*. Weimar, 1863

19. Cf. BOPP, F. – *Vocalisme oder Sprachvergleichende Kritiken*. Berlin, 1836, I.

20. Cf. abaixo 1.2. A concepção “clássica” da língua

21. Cf. ROBINS, R.H. – *Op. Cit.*, p. 187-189. Cf. também MOUNIN, G. – *Op. Cit.*, p. 192-198

afastam-se lenta e progressivamente, segundo uma divergência dialetal sempre crescente, cujo desenlace se define pela caracterização de duas ou mais línguas nitidamente distintas. Como se trata de um processo contínuo, toda tentativa de delimitar suas etapas sucessivas não constituem simplesmente uma ruptura arbitrária²².

A teoria das árvores genealógicas das línguas se opõe, em sua interpretação estética, a fatos evolutivos bem atestados e as divisões bipartidas rígidas parecem inaceitáveis, como acabamos de ver, uma vez que fatos foram partilhados por grupos diferentes, com cruzamentos constantes. Procurando dar conta desses fatos Yohannes Schmidt, aluno de Schleicher, propôs sua *Weilentheorie*, isto é, a teoria das ondas. Segundo esta teoria, as mudanças e inovações linguísticas se propagam como ondas sobre o território lingüístico, cobrindo uma área determinada. Tais ondas podem ultrapassar as fronteiras dialéticas e passar de um dialeto a outro e mesmo de uma língua para outra desde que haja contigüidade geográfica, ou que os contatos linguísticos persistem²³. Na verdade, a teoria das ondas constitui uma reformulação e um enriquecimento da teoria da árvore genealógica. Ela preserva sempre um interesse didático, enquanto meio de representar as relações históricas entre línguas que pertencem a uma família linguística. Conserva, também, certo valor científico, com condição de representar esta representação, fazendo o *depart* entre evolução biológica que ela assume metaforicamente, e evolução das línguas enquanto fenômeno cultural.

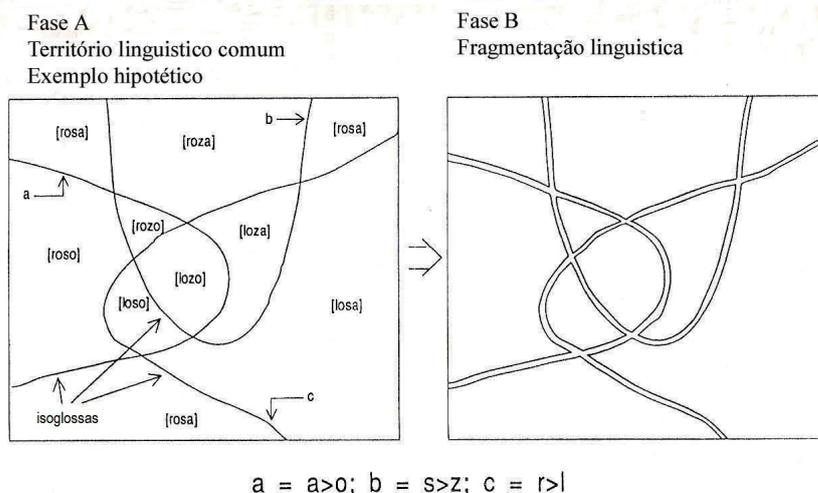
Por outro lado, a teoria das ondas revelou-se muito produtiva para o tratamento do problema da evolução das línguas fundamentado na geografia linguística, conduzindo a dialetologia indo-europeia cujos modelos foram logo estendidos ao estudo de outros grupos de línguas. A noção de isoglossa, ou seja, a linha imaginária que separa duas áreas dialetais, desempenha aí um papel essencial, pois define os limites de propagação de uma onda correspondente a certa mudança linguística. De certa maneira, a linguística histórica e comparada conseguiu formular uma teoria da fragmentação linguística que não foi suplementada até hoje, no que diz respeito ao processo de evolução linguística²⁴. Podemos, esquematizá-lo da forma seguinte:

22. Cf. JESPERSEN, O. – *Op. cit.*, p. 76-83. Cf. também ROBINS, R.H. – *Op. Cit.*, p. 188-19; MOUNIN, G. – *Op. Cit.*, p. 196-197

23. Cf. SCHMIDT, J. – *Die Verwandtschaftsverhältnisse der indogermanischen Sprachen*. Weimar, 1872

24. Cf. WATBURG, W. V. – *Op. cit.* Neste sentido, por exemplo, a isoglossa que vai da cidade de Spezia àquela de Rimini separa a România ocidental da România oriental. Uma outra isoglossa separa as línguas romanas que preservaram o *quaero* (português, espanhol e catalão) daquelas que conservaram *uolo* (francês, italiano, etc).

Figura 2 - Exemplo teórico da fragmentação



Nestes metamodelos, estão subjacentes algumas ideias muito importantes que merecem ser destacadas mesmo que não tenham sido claramente explicitadas na época de sua formulação. Vale ressaltar, por exemplo, que as ondas de mudanças fonéticas, assim como as vagas, sustentadas pelas unidades lexicais – os empréstimos lexicais – passam de um dialeto a outro ou de uma língua a outra, enquanto subsistem os contatos linguísticos, dando lugar a interferências linguísticas. Existe, de certa maneira, uma concepção do dinamismo da linguagem em funcionamento que não está sem relação com a noção de pancronia “*latu sensu*” e que se vincula com as proposições da sociolinguística atual.

Na linguística histórica e comparada, a teoria da fragmentação linguística contribuiu, decisivamente, para a crítica da concepção de língua mãe, única e homogênea, conduzindo, no caso do indo-europeu, a proposta de Meillet do proto-indo-europeu, considerada como uma língua diferenciada que comportava, desde o início, traços dialetais, isto é, tratava-se de uma protolíngua cujas formas hipotéticas reconstruídas, ou as proto-formas, não pertenciam, necessariamente, à mesma época e ao mesmo lugar geográfico, mas serviam para especificar aspectos da evolução das línguas indo-européias, permitindo associar os ramos distais das línguas aos proto-dialéticos da protolíngua considerada²⁵.

De outra maneira, a linguística histórica e comparada chegou a classificar, segundo o critério genético²⁶, as línguas conhecidas no mundo em sete grandes famílias, com exceção de algumas línguas ditas isoladas, como o japonês e o basco que resistiram ao método e não puderam ser colocadas em relação com as outras através das correlações.

Na realidade, os linguistas comparatistas do século XIX se ocuparam, sobretudo, da fonética. Os estudos sobre o léxico – salvo quando eram utilizados como apoio ao exame das mudanças fonéticas – e sobre a sintaxe eram menos freqüentes e, sobretudo, fragmentários. A semântica era concebida como a história da evolução do sentido das palavras. Assim, o último movimento da linguística histórica e comparada, até seu apogeu,

25. Cf. MEILLET, A. *Les dialectes indo-européens*. Paris. Librairie Ancienne Edouard Champion. Editeur, 1950.

26. Id. *ibid*

aquele dos *Junggrammatiker* ou dos neogramáticos sustentou teses de grande importância para o desenvolvimento ulterior da linguística, como por exemplo, a afirmação categórica da regularidade das mudanças fonéticas. Estas mudanças tiveram lugar segundo aquilo que os neogramáticos chamam **leis fonéticas**, isto é, leis da evolução fonética, válidas para um dialético dado e por um período dado, como se pode ver na obra principal de Brugmann e Delbrück²⁷. Decorre disto, uma tomada de posição epistemológica cuja contribuição não deve ser negligenciada e que se poderia resumir da forma seguinte: sem *regularidade não existe ciência possível*²⁸.

Reconhece-se aí um salto qualitativo. A lingüista, então, distancia-se progressivamente do comparativismo, bastante limitado dos autores precedentes, para tornar-se, cada vez mais, uma ciência histórica, conforme a segunda tese dos neogramáticos²⁹ que levou a implicações epistemológicas e metodológicas profundas. Enfim, uma terceira tese dos neogramáticos teria, também, consequências epistemológicas importantes: a introdução explícita e sistemática do recurso à psicologia conduzia à tomada em consideração dos fatores psicológicos na economia das mudanças linguísticas. Assim, por exemplo, a utilização do conceito de analogia permitia diversificar e relativizar a força cega das leis fonéticas e explicar bem casos de não obediência a estas leis³⁰. Sublinhamos que, a partir de tais propostas epistemológicas, a linguística não poderia mais ser considerada um a ciência natural³¹, por encontrar-se definitivamente ligada às ciências humanas e sociais.

Apesar do grande número de pesquisas de alta qualidade, os linguistas comparatistas, prisioneiros do pensamento positivista, segundo o qual a ciência deve “dizer as coisas como elas” são, limitaram-se a constatar os fatos que demonstrassem a evolução linguística. Eles não estavam, em absoluto, preocupados em procurar descobrir como as línguas evoluem e qual a razão desta evolução. A gramática de cada língua era concebida como um conjunto de fatos que, sendo observados de forma isolados, não eram coordenados³².

De qualquer modo, uma das mais notáveis contribuições da linguística histórica e comparada – e da linguística no seu conjunto – foi a de matizar a noção de erro — e não de eliminá-la — como tinham pensado estudos apressados feitos anteriormente. Estando a evolução das línguas exaustivamente demonstrada, numerosas incongruências da gramática tradicional tornaram-se explicáveis e não seriam mais catalogados como erros de gramática os fatos lingüísticos determinados por esta evolução. Restavam ainda, para serem estudados, os erros devido à fadiga, à atenção, assim como, as perturbações provocadas pelas patologias da linguagem.

27 . BRUGMANN, K et DELBRÜK, B. *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*, 1866-1900. Meyer-Lübke applique cette théorie à l'étude des langues romanes : MEYER-LÜBKE, W – *Grammatik der romanischen Sprachen*. Leipzig, 1890-1902.

28. Cf. LESKIEN, A. *Declination im Slawisch-Lituanischen und Germanischen*. Leipzig, 1876, XXVIII.

29. Cf. OSTHOFF, H et BRUGMANN, K. – *Morphologischen Untersuchungen I*, 1878.

30. Idem, ibidem.

31. Cf. acima 1.4

32. Cf. MEILLET, A. – *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris, Librairie Honoré Champion. Editeur, 1965, p.6.

5. A grande transição: Ferdinando Saussure:

O hábito de citar o mestre, de Genebra como o “Pai da linguística moderna” nos faz, muitas vezes, esquecer que ele tinha sido igualmente um brilhante comparatista e um neogramático. Portanto, suas proposições só têm, realmente, valor quando o consideramos como um linguista de transição ou, mais precisamente, como aquele que fez a transição entre a linguística histórica e a linguística estrutural. Observando o esgotamento do método histórico e comparativo, Saussure formula uma série de metamodelos (diríamos, assim) caracterizados por uma extraordinária compreensão epistemológica e metodológica, assegurando as condições necessárias para o pleno desenvolvimento da ciência da linguagem³³. Neste sentido, ele raramente propôs soluções para os problemas lingüísticos – e quando o fez, estas soluções eram, em seu entender, ainda provisórias. A importância de seu trabalho decorre, sobretudo, dos questionamentos extremamente fecundos que suscitou sobre os quais seus sucessores tiveram que se debruçar longamente.

Para Saussure, a crítica principal que se pode fazer à linguística histórica e comparada do século XIX refere-se à natureza e ao método de seus trabalhos, isto é, ao estudo de fatos lingüísticos isolados ou em séries evolutivas isoladas³⁴, o que a tornava impotente para explicar o funcionamento da linguagem. Com efeito, “a língua é um sistema onde tudo se encontra em relação”, equivalendo ao conjunto de relações, onde cada elemento só tem valor em oposição aos outros. Isto daria ensejo à necessidade de distinguir dois métodos: um, o mais antigo, o da linguística evolutiva ou dinâmica, a que designaria, *a posteriori*, pelo termo diacronia (διαχρονία); outro, o novo método que ele propunha então que fosse uma linguística estática — e este termo teria um grande papel no desenvolvimento da linguística estruturalista, como veremos a seguir — método que ele propunha chamar sincronia (συγχρονισμός).

Como o próprio Saussure tinha sido um dos melhores especialistas em linguística histórica, não pretendia, de nenhum modo, negar a evolução das línguas. De certa maneira, a sincronia consistia, essencialmente, em operar uma ruptura metodológica (o que, depois alguns linguistas esqueceram) no eixo da história para estudar, em seguida, os elementos de uma língua dada, pertencentes a uma mesma etapa sincrônica — na realidade, um seguimento de tempo delimitado — e as relações que eles entretinham uns com os outros, de modo a explicar o funcionamento da língua, enquanto instrumento de comunicação no seio da vida social.

Em seguida, aparece uma distinção fundamental, a oposição língua/fala que ele não tinha explicitado, claramente, até este momento³⁵. A língua é, pois, definida como social, abstrata psíquica e finita, enquanto que a fala se caracteriza como individual, concreta, psicofísica e infinita. Assim, depois de Saussure, as variações observadas nos atos de fala particulares não podem atingir a língua que a gera. Em consequência, segundo

33. Sobre as considerações que fazemos aqui e nas páginas seguintes, cf. SAUSSURE, F. de. – *Cours de linguistique générale*. 3^e éd. Paris, Payot, 1964, p. 23-32 et 112-129. Cf. Também, SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*, Edition critique préparée par Tullio de Mauro, Paris, Payot, 1978.

34. Cf. Acima a crítica de Meillet, 1.4.

35. Numa releitura da obra dos comparatistas nota-se, de fato, que as formas atestadas (necessariamente nos atos de fala) isoladas permitem inferir, muitas vezes, “leis” gerais.

esta concepção, o sistema é estático. Torna-se impossível, evidentemente, explicar como os sistemas lingüísticos mudam. É esta uma das críticas mais pertinentes que se pode fazer, posteriormente, ao estruturalismo clássico. A “língua é, portanto, uma forma e não uma substância”³⁶, o que levaria a não distinção das noções de sistema e de estrutura cuja definição matemática é justamente “um conjunto de relações”, consideradas, nesta perspectiva, como termos equivalentes.

Por outro lado, a teoria do signo elaborada por Saussure foi muito produtiva não apenas pelas aplicações que permitia, mas, sobretudo, em vista das fecundas reflexões que desencadeou (com em Hjelmslev, por exemplo), conduzindo a sua própria e profunda reformulação em lingüística e em semiótica. Pretendendo escapar da teoria clássica do signo³⁷, ele se propôs a definir o signo, internamente, como uma entidade dotada de duas faces indissociáveis: **o significante – a imagem acústica; o significado – o conceito**, suscitando tal concepção do significante e do significado novos questionamentos. Retomaremos este ponto depois. Entretanto, ele não pode abster-se de dizer que o significado estava vinculado a um referente externo, extralingüístico, de sorte que o signo se tornaria, em última análise “signo de alguma coisa.” Para Saussure, a língua é um código que compreende, em consequência, elementos ou repertório de entidades – os signos enquanto entidades dotadas de uma face significante e uma face significada – e as regras de combinação destes elementos. Ele recusa, portanto, a metáfora biológica³⁸, por sustentar uma concepção de língua como instituição social, de sorte que, segundo esta proposição epistemológica da mais alta importância, a explicação última da natureza dos signos e da linguagem humana não deveria ser procurada na biologia, mas na sociologia. Esta concepção o conduziria a outra proposição epistemológica, a da criação, que aconteceria no futuro, de uma nova ciência, a semiologia, isto é, o estudo dos signos no seio da vida social, da qual a lingüística viria, então, a constituir um de seus ramos.

6. A escola fonológica de Praga:

Em 1930, N.S Troubetzkoy propôs a criação de uma nova disciplina, a fonologia — a primeira grande corrente da lingüística moderna — e, nos anos seguintes, seus trabalhos, aos quais se associaram seus discípulos Roman Jakobson e André Martinet, consagraram-no, sem dúvida alguma, como um dos grandes intérpretes de Saussure e, também, um de seus melhores críticos³⁹.

Reconhecendo a importância científica e epistemológica das dicotomias saussurianas, Troubetzkoy acrescentava que faltava colocá-las em relação umas com as outras. Assim, se tomarmos as oposições língua/fala e significante/significado, deveríamos levar em conta as relações que elas estabelecem entre si, o que conduziria, necessariamente, a distinção, de um lado, entre significante e significado da língua e, do outro, entre significante e

36. Cf. Saussure, F, de. – *Op cit*, p.156-157.

37. Cf. Acima 1.3.

38. Cf. Acima 1.4.

39. Sobre as principais linhas do pensamento de Troubetzkoy, veja sua principal obra: TROUBETZKOY, N.S. – *Principles de Phonologie*. Trad. De J. Cantineau. (Reimpressão da 1ª ed., 1949). Paris, Editions Klincksiek, 1964. Cf. mais particularmente I «Introdução», p.1-29.

significado da fala. Este raciocínio levou à proposição do conceito de fonema, enquanto unidade do significado da língua, portanto, unidade mental, psíquica, abstrata e discreta, cuja função linguística é a função distintiva de signos por oposição a seus significantes. Então, o fonema não é o som da linguagem. Aos fonemas — unidades de língua ou “sons” da língua — correspondem, na fala, suas realizações concretas que constituem, em sua variação infinita, os sons da linguagem. A oposição fonema/som é fortemente estabelecida.

Desta maneira, a fonologia se definiu como a disciplina que estuda os fonemas, suas relações e suas funções. Uma vez que ela procura descrever e explicar unidades mentais e abstratas, seus métodos são lógico-matemáticos. Portanto, nisto ela se distingue, nitidamente, da fonética cujo objeto é constituído pelos sons da linguagem, isto é, pelas realizações concretas da fala cujos métodos foram emprestados das ciências físicas e naturais, mais exatamente, da anatomia e da fisiologia humanas — para a fonética articulatória — e a física — para a fonética acústica.

Esta decisão teve fortes consequências epistemológicas. Enquanto primeira disciplina da linguística moderna, ela se caracteriza como observacional e não experimental. A fonética, devido a seu caráter simultaneamente observacional e experimental, não seria mais tomada como um dos ramos da linguística e abandonava todas as suas ligações com as ciências naturais para se tornar, clara e definitivamente, uma das ciências humanas e sociais.

Pela primeira vez, em linguística e mesmo nas ciências do homem de um modo geral — o criador da fonologia introduzia e tornava operatórios os modelos matemáticos e lógicos — matemáticos, dando-lhes, assim, condições para a construção de uma metalinguagem científica rigorosa que lhe permitia, também, a formalização e que atribuía aos modelos lingüísticos um maior poder de abstração e de aplicação. A linguística deve a Troubetzkoy propostas extremamente fecundas para as pesquisas subseqüentes, como, por exemplo, a aplicação do método da comunicação (matemática) donde se origina a análise distribucional (o método estruturalista de base) e as noções de pertinência, traço distintivo, oposição binária, feixe binário, fonema como feixe binário de oposições binárias, entre outros. Quanto à proposta para uma semântica da palavra ou do discurso que se deveria desenvolver paralelamente a semântica da língua, foi preciso esperar os anos sessenta para vê-la acabada.

7. O estruturalismo “clássico”.

Tudo que se convencionou chamar estruturalismo em linguística corresponde, na realidade, a um conjunto muito vasto de escolas não homogêneas onde os conflitos se manifestam constantemente. Trata-se, sem dúvida, de um período caracterizado por uma produção científica intensa que se desenvolveu entre os anos quarenta e sessenta (são apenas referências) cujas contribuições epistemológicas e metodológicas para o desenvolvimento posterior da ciência não podem ser negligenciadas. Ao entusiasmo provocado pelas propostas estruturalistas, corresponde, também, o grande número de críticas que lhes vêm sendo atribuídas. Havia algumas que eram desprovidas de fundamentos, ou ainda, eram fundamentadas sobre o dogmatismo e a falta de informação — mas havia outras, de fato, pertinentes e estas são as únicas que merecem nossa atenção aqui.

As diferentes correntes estruturalistas apresentavam alguns denominadores comuns sobre os quais reinavam uma espécie de consenso. De uma maneira geral, as teorias estruturalistas podem ser reunidas em dois grupos, tendo em vista a metateoria que orienta os esforços da pesquisa teórica e de suas aplicações: *as teorias funcionalistas*, como as de Martinet e Jakobson, que utilizavam a noção de função como trabalho, desempenho e funcionamento da linguagem, e *as teorias formalistas*, como, por exemplo, a de Hjelmslev que tomaram função como relação de dependência no sentido próximo (mas não idêntico) àquele atribuído pelos matemáticos.

A oposição saussureana língua/fala pode ser expressa, para Martinet e para Jakobson, em termos de código/mensagem, o que não as torna, entretanto, sinônimas. Se o código é um repertório de elementos que compota um inventário de signos e um conjunto de regras, quer dizer, de leis combinatórias que permitem sua atualização na mensagem, na codificação, este mesmo código é simultaneamente a organização, segundo a qual cada elemento da mensagem é confrontado, por seu julgamento e interpretação, com a decodificação⁴⁰ A língua é, depois, um código e este código permanece estático.

Para Martinet, a linguagem humana tem fundamentalmente três funções: sendo instrumento de comunicação, suporte do pensamento e instrumento de expressão da subjetividade e, possivelmente, uma quarta função, a estética⁴¹. Segundo o autor, todas estas funções se situam, dentro da cadeia falada, nos atos de fala, portanto, no enunciado. A ênfase é dada à função de comunicação, a qual é considerada, simplesmente, como transferência da informação, aliás, é este um entendimento comum entre os autores estruturalistas, de maneira que não há lugar, em sua teoria, para o tratamento da informação. Mesmo que a função de comunicação no enunciado, estabeleça uma relação entre esta e a escolha do locutor, determinada por sua *intenção* de comunicação, ele não permite, à linguística, a possibilidade de estudar a dinâmica da enunciação, afirmando, textualmente, que “*não é o linguista, enquanto tal que irá precisar onde o locutor encontra disponíveis estes fatos linguísticos, nem através de quais processos este locutor foi levado a fazer uma escolha, conveniente às suas necessidades de comunicação*”⁴². Por outro lado, as relações entre língua e cultura mereceram uma grande atenção dos estruturalistas. Martinet, por exemplo, reconhecia a diversidade da análise dos dados da experiência nas diferentes culturas. Entretanto, esta relação é vista como uma correspondência: “*De fato, a cada língua corresponde uma organização particular dos dados da experiência. Aprender outra língua [...] (é) habituar-se a analisar de outro modo aquilo que faz o objeto das comunicações linguísticas*”⁴³. De certa maneira, embora os linguistas estruturalistas estivessem de acordo sobre a importância desta questão, eles jamais conseguiram estabelecer um consenso quanto ao que diz respeito à natureza desta correspondência. Assim, para Sapir, a língua e cultura constituem duas realidades diferentes cuja evolução não é paralela e somente reflete a cultura, o que se faz, com certo atraso, em relação às mudanças da cultura⁴⁴, enquanto que, para seu discípulo Whorf,

40. Cf. MARTINET, A. – *Eléments de linguistique générale*. A. Colin, 1963, p.30

41. Id. Ibid., p.13.

42. Id. Ibid., p.38-39.

43. Id. Ibid., p.30.

44. .Cf. SAPIR, E. – *La linguistique*. Paris, Ed

a língua determina a cultura. Assim, o conhecimento que o povo tem do mundo é relativo à sua língua. Portanto, tantas quantas forem as línguas ou os sistemas linguísticos, tantas serão as visões de mundo⁴⁵. De qualquer forma, os estruturalistas concordavam plenamente com a ideia de que a linguística tem por objeto a diversidade linguística e que ela deve se ocupar da diversidade das línguas concebidas como instituições sociais e em relação com as culturas correspondentes. Assim, os autores do estruturalismo clássico contribuíram, decisivamente, para o enriquecimento e ampliação do conceito de Saussure, a propósito das relações privilegiadas entre a linguística e a sociologia⁴⁶, sustentando a necessidade de desenvolver as relações interdisciplinares entre a linguística e o conjunto das ciências humanas. A partir destas duas propostas carregadas de consequências epistemológicas e metodológicas, seria necessário procurar a explicação última da natureza da linguagem e da natureza dos signos em suas relações com a sociedade, a cultura e o pensamento. Destaca aqui uma importante justificação epistemológica da sociolinguística, da etnolinguística e da psicolinguística, respectivamente. Trata-se, portanto, de duas propostas que constituem aquisições definitivas para a ciência da linguagem.

Sem dúvida alguma, Hjelmslev foi o melhor interprete e, ao mesmo tempo, o melhor crítico de Saussure. Considerando como insustentável a concepção saussuriana segundo a qual a língua é forma e não substância⁴⁷, posto que em uma ciência que evita todo postulado que não é rigorosamente necessário, nada autoriza a fazer preceder a língua pela *substância do conteúdo* (pensamento) ou pela *substância de expressão* (cadeia fônica), seja numa ordem temporal ou numa ordem hierárquica. Ele propõe, por sua vez, que a língua seja uma forma entre duas substâncias, isto é, que uma forma – estrutura – projete-se, simultaneamente, sobre duas substâncias, um *continuum* amorfo semântico, dos dados da experiência, do conteúdo, e um *continuum* amorfo de expressão fônica⁴⁸.

Desta maneira, Hjelmslev pode conceber a língua como um sistema semiótico, dotado de dois planos: o plano do conteúdo, compreendendo uma forma e uma substância de conteúdo e o plano da expressão, que compreende uma forma e uma substância de expressão. Esta concepção lhe permitiu contornar um problema extremamente difícil, o da formulação de uma teoria do signo — problema que, como vimos⁴⁹, desde dois mil anos de reflexão, conduziria sempre a um impasse — e apresentar a proposta, segundo a qual se deveria estudar não mais o signo, mas a significação, entendida como função semiótica — quer dizer como relação de dependência entre o plano do conteúdo e o plano da expressão — e semiose, enquanto processo de produção da significação⁵⁰.

Com efeito, estas propostas constituíram a base epistemológica segundo a qual iriam constituir-se, mais tarde, as bases da semiótica, enquanto ciência da significação. Além disso, elas levaram igualmente a distinguir, claramente, entre as noções de sistema e de

45 . Cf. WHORF, B. – *Linguistique et anthropologie. Les origines de la sémiologie*. Paris, Denël-Gonthier, 1969. Cf. Também com WHORF, B. – *Lenguaje, pensamiento y realidad*. Barcelona, Barral, 1971.

46 . Cf. acima 1.5.

47 . Cf. acima 1.5.

48 . Cf. HJELMSLEV, L. – *Prolegomènes à une théorie du langage*. Paris, Ed. De Minuit, 1968.

49 . Cf. acima, 1.3; 1.5 e 1.6.

50 . Cf. HELMSLEV, l. Op. Cit., p.53-54 e 71-72.

estrutura — noção que eram equivalentes em Saussure⁵¹ —: o sistema não é uma estrutura, mas contém uma estrutura ou, se se prefere, sistema é igual à estrutura e substância

Por outro lado, a proposta Hjelmsleviana da noção de isomorfismo — segundo a qual o plano de conteúdo e o plano de expressão são isomorfos — teria as consequências mais importantes para o desenvolvimento ulterior da linguística e da semiótica, tanto no que concerne a práxis da pesquisa científica, como do ponto de vista de sua justificativa epistemológica. Segundo a leitura correta que dela fez Greimas, o isomorfismo significa que o plano de conteúdo e o plano da expressão são suscetíveis de serem descritos pela mesma metalinguagem.

Na realidade, a proposta do isomorfismo tornou possível e, ao mesmo tempo, justificável a extrapolação que foi feita, no estruturalismo, da metalinguagem rigorosa e dos modelos (dotados de um grande poder de abstração de explicação e de formalização) da fonologia aos outros níveis de análise da linguagem. Assim, a partir da fonologia, elaborada por Troubetzkoy e, a seguir, altamente desenvolvida por Martinet e Jakobson⁵² — a tal ponto que seus modelos não foram suplantadas neste domínio até hoje (se se considera também o relativo insucesso da fonologia gerativa) — a criação de outras disciplinas tornou-se possível, cujo exemplo mais perfeito da análise distribucional se encontra nos trabalhos de Dubois, numa certa fase⁵³; a sintaxe estrutural com Tesnière⁵⁴ e a semântica estrutural com Greimas⁵⁵ ou Pottier⁵⁶, entre outros.

Como consequência, a linguística do período estruturalista veio para definir, claramente, aquilo que ela chamava de níveis de análise linguística, assim como as disciplinas que lhes correspondiam: a fonologia, encarregada de estudar unidades distintivas da segunda articulação, o significante; a morfossintaxe (cuja concepção foi sempre um pouco oscilante) que se ocupa dos signos mínimos, de suas funções e de sua combinatória na construção do vocábulo, a lexicologia, cujo objeto é constituído pelas unidades do léxico (primeiro nível do qual os sujeitos falantes comuns têm plena consciência) ou as lexicais, ou seja, as unidades memorizadas e disponíveis para articulação, tratadas do ponto de vista qualitativo (como é o caso de Dubois ou Pottier⁵⁷, por exemplo) ou quantitativa (como na obra de Muller⁵⁸); a sintaxe que se ocupa da combinatória intervocábulos ou interlexias, no interior do sintagma, e da combinatória de sintagmas no interior do enunciado; a semântica que se ocupa da combinatória dos elementos de que resulta o significado, em diferentes níveis.

De um modo geral, pode-se dizer que a linguística estruturalista se fixou como limite máximo, na análise das estruturas linguísticas: o enunciado ou a frase. Ela tinha uma

51. Cf. acima 1.5.

52. Cf. JAKOBSON, R. — *Essais de linguistique*. Paris. Minuit, 1963. Cf. MARTINET, A. Op. Cit.

53. Cf. DUBOIS, J. — *Grammaire structurale du français: nom et pronom*. Paris. Larousse, 1976.

54. Cf. TESNIÈRE, L. — *Éléments de syntaxe structurale*. Paris. Klincksiek, 1969.

55. Cf. GREIMAS, A. J. — *Sémantique structurale*. Paris. Larousse, 1966.

56. Estamos pensando, por exemplo, em análise sêmica. Cf. POTTIER, B. — *Presentación de la lingüística*. Madrid. Romania, 1968: etc.

57. Cf. POTTIER, B. op. cit. E também *Lingüística moderna y filología hispánica*. Madrid. Gredos, 1970.

58. Cf. MULLER, Ch. *Inittion à la stastique linguistique*. Paris. Larousse, 1967.

concepção estática de sistema e estrutura e considerava a língua como um código, visto como um conjunto estático de elementos disponíveis para as atualizações nos atos de fala. Eram estes os dados observáveis, aquilo que resta, alias, a partir dos quais os linguistas deveriam, essencialmente, construir seus modelos de língua ou de sistema. Estando voltados para a defesa vigorosa, que fizeram Saussure e seus discípulos, da necessidade de uma postura sincrônica na abordagem dos fenômenos linguísticos, pode-se compreender que a maioria dos autores estruturalistas tenham sustentados, em seus estudos, uma sincronia rígida. Entre estes, existe aqueles que provocaram um afastamento epistemológico, transportando a sincronia do método a uma sincronia do objeto linguístico. Todavia, ao lado de diversas teorias construídas com uma noção de estrutura entendida como um conjunto de relações estáticas, numa etapa sincrônica, podem-se distinguir outras teorias onde esta concepção estática deveria ser acentuadas como é o caso, sobretudo, de Hjelmslev, de Coseriu, de Benveniste (que estiveram um pouco à margem do estruturalismo clássico), de Guillaume e de Pottier (dentro desta fase). Trata-se de um assunto muito importante que teremos a ocasião de, muitas vezes, retornar a ele em nosso trabalho.

Com efeito, Hjelmslev propôs considerar o signo como uma grandeza definível, que formula os conceitos de significação como função semiótica e de semiose, como processo instaurador desta relação. Ele opõe à dicotomia saussuriana língua/fala, sua formulação sistema processo, onde a língua pode ser assimilada ao sistema e o texto, ao processo⁵⁹. Embora ele tenha afirmado que o sistema é estático, ele reconheceu, todavia, que “uma língua é antes de tudo um sistema de signos e, para preencher plenamente esta função, ela deve ser sempre capaz de produzir novos signos, novas palavras, novas raízes⁶⁰. Segue-se a distinção fundamental entre esquema — relações abstratas — e o uso da língua que teria, em seguida, importantes desdobramento⁶¹. Assim, a estrutura pode-se ser vista como uma constante em relação às variáveis que são os diferentes usos. Entretanto, estes últimos podem ser tomados enquanto constantes, em relação às variáveis que são os atos de fala concretos e particulares. Hjelmslev parece, portanto, ter oscilado entre uma visão sincrônica e uma visão pancrônica. Os aspectos dinâmicos de sua teoria não foram claramente percebidos a não ser *a posteriori*, em função do papel extremamente importante que exerceram na construção dos modelos de várias teorias desenvolvidas após o estruturalismo.

Por outro lado, uma crítica bem fundamentada da sincronia foi formulada por Coseriu em pleno estruturalismo. Ele estava de acordo com Saussure, quanto à afirmação de que a diacronia estudava os fatos lingüísticos isolados sem examinar as relações que eles mantinham entre si, o que o impedia de explicar o funcionamento da língua enquanto instituição social ou enquanto instrumento de comunicação; por outro lado, ele acrescenta que o método sincrônico fazia com que a lingüística perdesse a perspectiva histórica, o que tornava impossível compreender como os sistemas mudam e, em última análise, compreender o próprio sistema de uma língua uma vez que esta se origina sempre de um sistema precedente. Tais reflexões levaram-no a propor um novo método de aproximação e de tratamento dos fenômenos lingüísticos, a pancronia. Esta consiste, essencialmente, no

59. Cf. HJELMSLEV, L. Op. cit., p.18, 187.

60. Idem ibidem. p. 79-80.

61. Idem, ibidem. p. 63-64

estudo de dois ou vários sistemas que pertencem à mesma língua ou ao mesmo idioma, correspondendo a etapas sincrônicas sucessivas no eixo do tempo. Nos termos em que o método pancrônico foi proposto por Coseriu, ele se fundamenta numa combinação dos eixos sincrônicos e diacrônicos⁶².

Todavia, o rigor e a produtividade da pesquisa exigem a fixação de limites mais ou menos arbitrários no que concerne ao período de tempo que deve ser metodologicamente tomado como sincrônico para o levantamento dos dados suscetíveis de serem definidos como relevantes para um mesmo sistema. Por outro lado, eles tornam necessário o estabelecimento de um intervalo, no eixo do tempo, entre dois sistemas determinados e considerados como sucessivos, para que se possam observar diferenças suficientemente sensíveis entre eles. Isto implica, inevitavelmente, no surgimento de “buracos negros” na memória linguística⁶³ entre os sistemas examinados.

Coseriu formula, também, a tríplice oposição entre sistema/norma/fala. A fala corresponde aos atos linguísticos que constituem dados observáveis no momento mesmo de sua produção. A norma se configura como o primeiro grau de abstração e é constituída por hábitos linguísticos ou aquilo que, no falar concreto, é a repetição de modelos anteriores. O sistema, por sua vez, é o segundo grau de abstração: de um lado, contém somente aquilo que, na norma, constitui uma oposição funcional e, de outro lado, “o sistema é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos abertos e caminhos fechados: pode considerar-se um conjunto de imposições, como também e talvez melhor, um conjunto de liberdades, posto que admite infinitas realizações, apenas que não afetam as condições funcionais do instrumento linguístico. [...] A norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais e varia segundo a comunidade⁶⁴.”

Daí decorre a distinção entre dois níveis da mutação linguística: a produção contínua dos atos linguísticos diferentes conduz a uma lenta acumulação dessas diferenças, ao ponto de provocar uma mudança da norma. As mudanças sucessivas que têm lugar no nível da norma se acumulam, por seu turno, ao ponto de provocar uma mudança no nível de sistema. O sujeito falante é assim a fonte de mudança do sistema⁶⁵. Esta concepção da mutação linguística, enquanto mudança do sistema, ou enquanto sucessão de sistemas se revela, portanto, nitidamente distinta, da concepção de evolução linguística da diacronia tradicional⁶⁶. De outro lado, a norma na medida em que compreende somente a repetição de modelos anteriores, é suscetível de uma descrição que resulta de tratamento estatístico. Pode-se dizer, então, que pertencem à norma elementos caracterizados por uma frequência estável de atualização e por uma distribuição regular entre os sujeitos falantes de um seguimento social dado⁶⁷.

62. Cf. COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid. Gredos, 1967, p. 11-113.

63. Cf. acima 1.4.

64. Cf. COSERIU, E. – Op. cit., p.95-98.

65. Cf. COSERIU, E. – Op. cit., p.102.

66. Cf. acima 1.4 e, mais particularmente, a ideia da evolução linguística segundo Schleicher.

67. Cf. BARBOSA, M. A. – *Léxico, produção e criatividade. Processos de neologismo*. São Paulo. Global, 1981, p.43-44.

O PERCURSO DE ALGIRDAS JULIEN GREIMAS NA VISÃO DE BRODEN

Por Valdenildo dos Santos (UFMS/Purdue university), tradução do original inglês de BRODEN, Thomas. *The path of Algirdas Julien Greimas in broden's view in Toward a Biography of Algirdas Julius Greimas.*

1. Apresentação do autor pelo tradutor

Thomas Broden inicia sua trajetória como bacharel em francês pela Universidade de Notre Dame, Indiana, em 1973, com certificado em civilização francesa na Sorbonne, no verão de 1973, mestrado em literatura francesa em 1976 e doutorado em 1986 pela Universidade da Indiana, na qual se dedicou aos estudos europeus.

Seu interesse pela semiótica de Greimas começou ao ler *Idéologie et théorie des signes: analyse structurale des «Éléments d'idéologie» d'Antoine-Louis-Claude Destutt de Tracy* de François Rastier¹, cuja metodologia se fundamenta em *Sémantique structurale* (Paris: Larousse, 1966), quando se preparava para os exames de qualificação para o seu doutorado. Intrigado pelo modelo narrativo e discursivo de Greimas, Tom foi manipulado por provocação em seu longo interesse pelos estudos objetivos do texto, somada à manipulação por sedução devido à sua atração pela amplitude do método greimasiano em torno, também, da questão temática, estilística e de análise lexemática. Ele participou do seminário de semântica geral e de oficinas ministradas por Algirdas Julien Greimas na École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, durante um ano (1981–82).

Já são trinta e cinco anos de envolvimento e compromisso com a semiótica de Greimas. Hoje ele se dedica ao fechamento de sua pesquisa que apresenta os estágios de evolução metodológica de Greimas e o seu papel na evolução das ciências humanas durante a segunda metade do século passado, incluindo colaborações, diálogos e debates com outros intelectuais da era. Ele pretende publicar seu livro em Inglês e a “primeira” metade de seu projeto em Lituano, num livro separado, e articula a possibilidade de publicar seu trabalho também em Francês, Português, Italiano, Espanhol e Turco. Logo, qual a importância da publicação deste artigo sobre a carreira de Greimas em Português? Há, no momento, muitos intelectuais que continuam o projeto de Greimas, especialmente no Brasil, terreno fértil para esta semiótica. Com exceção desses estudiosos e pesquisadores, segundo Tom, ainda são poucos aqueles cuja familiaridade com a semiótica demonstra-se ou reconhecem a sua contribuição para a Linguística, para o Estruturalismo e para a própria semiótica no século XXI. Desta forma, em primeira mão em Português, apresento essa parte significativa das pesquisas de Thomas Broden sobre a vida de Greimas, sob a crença na relevância de propiciar aos leitores brasileiros conhecimentos que permanecem, em grande parte, como um terreno ainda não explorado, a fim de produzir efeitos de aprofundamentos nos legados deixados pelo mestre a quem seguimos em nossos pressupostos teórico-metodológicos

1. (The Hague: Mouton, 1971)

2. J. Greimas: educação, convicções e carreira

Com dezesseis monografias traduzidas em doze línguas, A. J. Greimas (1917-1992) desenvolveu métodos semióticos que combinam rigor científico e interpretação humanística com o objetivo de analisar culturas, documentos e produções não-verbais. Durante vinte e cinco anos, seu seminário na Escola de Autos Estudos em Ciências Sociais em Paris foi a base para a construção de um grupo de pesquisa interdisciplinar em semiótica que atraiu estudantes e colegas de todo o mundo. Na elaboração de suas iniciativas, ele colaborou estreitamente com alguns dos mais proeminentes pensadores de sua época, incluindo Roland Barthes, Michel de Certeau, Roman Jakobson, Julia Kristeva, Lévi-Strauss, Jurij Lotman e Paul Ricoeur. Hoje, várias universidades oferecem programas de pós-graduação especificamente focados nas abordagens que ele iniciou.

Greimas obteve seus diplomas de graduação e pós-graduação na França, viveu naquele país por cerca de trinta e sete anos e ensinou em francês em instituições de ensino superior durante trinta e seis anos. No entanto, ele era de origem lituana onde passou a maior parte dos primeiros trinta anos de sua vida. Apesar de seu domínio da “linguagem de Molière” e de seu profundo conhecimento da cultura gaulesa, sempre foi tratado como um estrangeiro junto ao grupo dos intelectuais franceses - e se considerava assim. Isto em uma época em que, relativamente, poucos estudiosos de fora do país ocupavam posições em prestigiadas instituições francesas de ensino superior e pesquisa. Traços de sotaque e certos maneirismos rústicos preconizavam disparidades intelectuais: um discurso erudito estranho à retórica acadêmica francesa convencional, referências a pensadores que não pertenciam ao grupo principal e com um projeto de pesquisa curiosamente mutante e extenso. Tais excentricidades cognitivas surgem em parte do gesto transdisciplinar fundador dos princípios epistemológicos de adaptação de um campo da ciência para outro. Todavia, as bases intelectuais de Greimas se situam, em parte, à margem das tradições francesas, enquanto uma figura como Barthes conseguia criar uma voz distinta e explorar uma ampla gama de tópicos e campos, porquanto se inclinava muito mais próximo do estilo gaulês.

Seria razoável assumir aspectos do pensamento de Greimas que parecem estranhos em um contexto francês resultam, pelo menos em parte, de sua formação e educação fora do país e de sua esfera romântica. Contudo, poucas informações sobre sua juventude e certamente sobre os trinta e sete anos que viveu fora da França estão disponíveis; uma série de artigos recontam destaques de sua vida inicial e educação (Broden 2011, Kašponis 2009, 2014, Peleckis-Kaktavičius 2011).

A pesquisa em lexicologia histórica realizada durante seus estudos de doutorado está bem documentada na dissertação defendida em 1948, quando tinha trinta e um anos de idade; e em artigos teóricos que publicou simultaneamente (1948a, 1948b, Greimas e Matoré 1948, 1950). Grande parte de sua pesquisa em semiótica está disponível em inglês, como as inteligíveis introduções curtas às suas ideias (por exemplo, Broden 1995, Perron 2006, Perron e Danesi 1993). Todavia sua biografia e sua vida de ideias durante as três primeiras décadas de existência permanecem em grande parte um terreno ainda não explorado.

Baseado numa biografia intelectual em progresso, este artigo se origina de documentos de arquivos, correspondência, fontes lituanas publicadas e entrevistas com Greimas e

outros, a fim de esboçar as características principais do desenvolvimento intelectual de A. J. Greimas, desde o início até ao ponto em que terminou toda a sua escolaridade, com exceção do período de seu doutorado. O artigo descreve o contexto linguístico e cultural em que Greimas fora criado, especifica as tradições acadêmicas nas quais fora educado e destaca pessoas, métodos, autores e livros de sua juventude que tiveram um impacto significativo sobre sua formação. Uma narrativa cronológica traça sua educação na Lituânia, detalha seus estudos universitários na França dos anos 30 e conclui em um momento em que a maior parte da Europa foi envolvida pela Segunda Guerra Mundial.

Uma discussão, então, sintetiza as experiências descritas e extrapola sua trajetória subsequente na evolução das ideias e da carreira de Greimas, em que certas lições iniciais ofereciam competências críticas que exerciam efeitos determinantes e outras provavam ser becos sem saída e muitos preparavam o terreno para descobertas posteriores em uma determinada língua, tradição, disciplina ou metodologia. Naturalmente, como a maioria de nós, Greimas continuou a aprender, crescer e mudar de maneiras imprevisíveis ao longo de sua vida.

3. Educação de Greimas (1917-1940)

3.1. Infância (1917-1931)

Algirdas J. Greimas foi o segundo filho de Julius Greimas (1882-1942), professor de escola pública e inspetor de educação, e Constance Mickevičius Greimas (Konstancija Mickevičiūtė Greimienė, 1886-1956), uma dona de casa e ocasional secretária. Julius e Constance eram lituanos nativos que falavam lituano, polonês e russo; Constance também era fluente em alemão. A Lituânia foi mencionada por escrito pela primeira vez em 1009, e tem uma identidade antiga como uma etnia, um grupo linguístico indo-europeu e um estado. Os acontecimentos chave que criaram a distinção entre a Europa Oriental e a Europa Ocidental no plano social durante os últimos dois milênios a colocaram firmemente no Ocidente. No final do século XVIII, a Rússia anexou a terra e governou-a por mais de um século até a Lituânia ressurgir como um país independente com cerca de dois milhões de habitantes após a Primeira Guerra Mundial. Sua cultura era em grande parte rural na época: quase todos os lituanos nativos foram Camponeses, enquanto os russos, poloneses, judeus e alemães povoavam áreas urbanas (Balkelis 2009: 2-7).

Entre si, Constance e Julius falavam o lituano, a língua tradicional dos camponeses, embora a família também usasse o idioma de prestígio polonês (Greimas 1991c, ver Balkelis 2009: 6-7). Julius lecionou lituano, aritmética e caligrafia em escolas primárias e secundárias. Ele também formou uma associação local para promover a identidade lituana e foi eleito para cargos públicos, incluindo o cargo de prefeito e secretário do conselho da cidade (Peleckis-Kaktavičius 2011: 10).

Nascido em Tula, Rússia, Algirdas viveu a maior parte dos primeiros dez anos de sua vida na pequena cidade de Kupiškis, localizada na região rural de Aukštaitija, no nordeste da Lituânia. Ele começou a escola primária lá quando tinha sete anos e entrou na escola secundária com a idade de nove anos. Sua geração entre os dois anos foi a primeira

a ser educada inteiramente em lituano. Como outros filhos de pais que trabalhavam em profissões liberais, Algirdas seguiu um currículo humanista tradicional que incluía a aritmética, a história, a geografia, as ciências da vida, o alemão, a religião, e a língua lituana e literatura (LCVA 1924-1926: 10, LCVA 1926-1928). No pequeno, novo país rural da Lituânia, o grupo dos intelectuais lituanos desenvolvia competência em pelo menos uma língua estrangeira de prestígio e cultura, tipicamente eslava ou germânica. A maioria dos professores em Kupiškis tinha diplomas de universidades de Moscou, São Petersburgo, Tartu, Riga, Kazan ou Kaunas (Kašponis 2009: 4).

Julius Greimas fazia seu filho passar os verões trabalhando na fazenda da família perto de Kupiškis, o que fazia com que Algirdas se familiarizasse com a vida no campo e com os camponeses em comum. No final da vida, ele lembrou que a experiência ensinou-lhe como “conduzir os carros, levar os cavalos para a floresta para passarem a noite, para arar os campos. Então eu vivi a vida típica do campo com tudo o que era mítico e que ainda estava lá: Fadas, diabos, luzes fantasmagóricas dos contos defadas — tudo que está vivo em mim “(1989: 14 Feb.). As crenças católicas romanas também marcaram seus primeiros dias; Ele, mais tarde, as evocou como “o cristianismo sinceramente sentido de nossa infância”, época em que enquanto “tomávamos a Comunhão, comíamos uma bolacha de pão branco e, ao mesmo tempo, o Corpo de Cristo” (p.1976).

De Kupiškis, Algirdas mudou-se sucessivamente para comunidades cada vez mais sofisticadas. Em 1927, os Greimas transferiram-se para Šiauliai, uma cidade industrial de trinta mil habitantes situada na rota que leva ao norte de Riga, o maior centro urbano dos Estados Bálticos. Algirdas, aos dez anos, matriculou-se na segunda série de um “ginásio público”, agora conhecido como Juliaus Janonio gimnazija, onde estudou por quatro anos. Naquela época, os ginásios lituanos eram escolas secundárias júniores que impunham requisitos de entrada mais elevados e ofereciam um currículo muito mais desafiador do que as escolas freqüentadas pela maioria dos alunos. Em relação às línguas estrangeiras, Algirdas se lembra de ter estudado latim, grego (Homer) e alemão (1989: 13-14 fevereiro, LCVA 1927-1930, arquivo 274: “G”).

3.2. Adolescência: ensino médio e a faculdade de direito (1931-1936)

Em 1931, a família mudou-se para Marijampolė, uma cidade com cerca de dez mil habitantes na região de Suvalkija, no sul da Lituânia, onde os pais de Greimas haviam crescido. O deslocamento permitiu que Algirdas passasse anos críticos de sua adolescência na área reputada que viria a caracterizar a diversidade da refinada formação do lituano. Também permitiu que ele terminasse a educação secundária no melhor ensino médio do país, o chamado ginásio de estilo alemão Rygiškių Jono. Foi desta instituição que surgiram muitos dos líderes do renascimento nacional lituano que iniciaram seus estudos em torno de 1880, como Jonas Basanavičius, considerado o “pai da nação”. Greimas selecionou a área focada em humanidades fundamentais, como língua e literatura lituana, latim, alemão, religião, história, filosofia e geografia. O currículo incluía menos ciências do que a opção científica, apenas física e história natural, mas enfatizava um conjunto variado e desafiador de matemática: álgebra, geometria, trigonometria, geometria analítica e cálculo (LCVA

1934-1936: 2-3). Ele também se destacou no desenho e bem se sucedeu em francês no ano que o cursou.

No Ginásio Rygiškių Jono, Greimas lembra-se que fez muitas descobertas intelectuais graças a um grupo de leitura que ele e seus colegas de classe formaram para ter acesso à literatura mundial não disponível na tradução lituana. Os participantes apresentaram páginas dos Irmãos Karamazov, Guerra e Paz e Ilya Ehrenburg, passagens de Oscar Wilde e Edgar Allan Poe e poemas de Charles Baudelaire e Paul Verlaine, que exerceram uma influência duradoura em Greimas (1985-1986: I, 12). Ao dominar o alemão, Algirdas escolheu seleções de Nietzsche e de Schopenhauer *The World as Will and Representation*. Atrasado na formação em seu percurso de vida, ele enfatizou: “Minha visão da vida tomou forma no período em que eu estava entre quinze e dezoito anos de idade e li autores como Nietzsche, Schopenhauer, etc.” (1989: 17 Feb.). Em junho de 1934, passou nos exames nacionais do ensino médio e recebeu a recomendação de continuar seus estudos na universidade. Seu pai reconheceu a realização apresentando-lhe as obras de Nietzsche em alemão (Greimas 1989: 17 fev.).

No outono de 1934, Algirdas matriculou-se na Universidade Vytautas Magnus em Kaunas, a capital entreguerras da Lituânia, localizada a 30 milhas de Marijampolė. Greimas, mais tarde, descreveu a cidade de cem mil habitantes como um ambiente cosmopolita com pessoas mais ostentosas, um tanto esnobes que tinham morado em grandes cidades no exterior. Ele lembrou que as circunstâncias ditaram o seu título acadêmico: “Eu não podia estudar filosofia ou matemática, que eram minhas escolhas depois que eu terminei o ensino médio, porque o currículo seria muito longo e caro, então eu acabei na Faculdade de Direito. As palestras ocorreram nas tardes e crepúsculo do dia, o que nos permitia tempo para trabalhar”(1985-1986: I, 12). Ele entrou na Faculdade de Direito e elegeu a lei como um campo importante.

Algirdas teve aulas com professores eruditos ilustres e figuras públicas proeminentes, inclusive com um juiz do Tribunal Superior e com o ex-presidente do Banco da Lituânia e Ministro dos Negócios Estrangeiros (Kašponis 2009: 6). No primeiro ano, ele cursou Direito Público, lógica, história da lei lituana, direito romano, economia política, história agrícola social, psicologia, alemão e dois semestres de russo (LCVA 1934-1936). Trabalhou também no escritório do eminente notário da cidade de Kaunas. No segundo ano, mais da metade dos seus cursos centrou-se em negócios e economia, incluindo dois semestres cada um em finanças e estatísticas. Greimas estudou ainda a filosofia da lei de Kelsen e as teorias socioeconômicas de Max Weber (1985-1986: I, 12).

No entanto, o professor que mais impressionou Greimas não estava em sua agenda oficial. Algirdas participou como aluno ouvinte de um curso sobre a filosofia cristã medieval oferecido por Lev P. Karsavin, um filósofo e historiador russo da metafísica religiosa amplamente divulgado que ocupou a cadeira de história mundial (Vytauto didžiojo universitetas 1931: 59). Greimas disse mais tarde sobre o professor de São Petersburgo: “Ele foi o estudioso mais sincero e elegante que já conheci” (1985-1986: I, 12). A pesquisa inicial de Karsavin em filosofia religiosa destacou questões históricas e antropológicas, enquanto nos anos 1920 ele adotou uma abordagem mais sistemática e procurou sintetizar doutrinas da Idade Média, do Renascimento e da metafísica contemporâneas. Suas conferências

incutiram em Greimas um amor duradouro pela Idade Média, e o inspirou rumo ao seu domínio do lituano (Greimas 1991b: 40). Karsavin e a maioria dos professores de direito de Greimas estudaram em São Petersburgo, bem como na Alemanha ou na França, o que lhe proporcionou uma dose sofisticada de tradições eslavas.

Além das aulas e do trabalho, Greimas dedicava manhãs e noites para devorar a filosofia da história de Spengler e a história cultural de Huizinga e as análises das revoluções de Curzio Malaparte e Leon Trotsky (1985-1986: I, 12). Esses autores e Spengler em particular, ajudaram a lançar as bases do quadro histórico que mais tarde serviria para suas duas primeiras décadas de pesquisa. À noite, lia, memorizava e recitava poesia com colegas, incluindo versos de Kazys Binkis, um poeta popular que introduziu o futurismo e o modernismo artísticos na Lituânia entre os séculos (Greimas, 1943). Mais tarde ele descobriu que uma vez conheceu milhares de versos de poesia de cor.

Greimas se inscreveu para suas aulas de quinto semestre, mas não terminou o curso de Direito, em parte por conta da geopolítica global. O chanceler alemão Adolf Hitler proclamou um embargo nos produtos lituanos em 1934, forçando o país a se precipitar na direção de mercados novos. Como parte de sua resposta, o governo de Kaunas criou bolsas de estudo para enviar jovens para a obtenção de títulos universitários em países da Europa Ocidental, de modo que, quando voltassem, pudessem ensinar as línguas e culturas estrangeiras às novas gerações (LCVA 1936: 66-74). Greimas também admitiu mais tarde que estava “interessado em tudo menos na lei” (1991b: 40). Em setembro de 1936, ele solicitou ao Ministério da Educação da Lituânia uma bolsa de estudos plurianual “para estudar sociologia ou filosofia no exterior” (LCVA 1936-1939: 26). Em outubro, ele chegou à cidade de Grenoble nos Alpes franceses (Greimas 1936).

3.3. Graduação em Grenoble (1936-1939)

Greimas se matriculou no Colégio de Humanidades da Universidade de Grenoble, uma sólida instituição provincial que desfrutou de uma tradição por acolher estudantes internacionais. Algumas dezenas de outros lituanos estudaram ali no mesmo ano, incluindo seu amigo do colégio e futuro tradutor autorizado Aleksys Churginas. Greimas encontrou-se com um compatriota mais velho e companheiro novo da graduação, Jonas Kossu-Aleksandravičius (Jonas Aistis), que iria se transformar num renomado poeta. Ele disse a Kossu que queria estudar literatura francesa, a que o seu ancião respondeu: “Não seja estúpido, não estude literatura você não aprende literatura em uma universidade. estude línguas, dessa forma você vai aprender algo prático”. O autor de *Semântica Estrutural* recorda que foi neste momento que o jovem espírito romântico que «sonhou com a literatura» e se empenhou em «investigar as profundezas da filosofia e das belas artes para encontrar o sentido da vida decidiu ser um linguista — numa breve volta ao passado disse, “o trajeto da vida foi extraído” (Greimas 1973: 7-8, 1991 [2004: 48])». Antes dos programas especializados em linguística desenvolvidos na década de 1960, cursos em francês para alguém particularmente interessado em linguagem, ele enfatizou a filologia das línguas indo-europeias e a história da língua, mas incluiu história literária e estilística também.

A mudança do curso de letras para a ciência da linguagem também deveu muito a um “mestre notável” que ensinou Greimas “Prática e Fonética Experimental” em 1936-

1937 e cursos avançados de linguística nos dois anos seguintes (LCVA 1936-1939: 22). Como relatou mais tarde Algirdas, “em Grenoble eu tinha um verdadeiro professor, Antonin Duraffour, graduado em Leipzig, um esplêndido dialectologista. Ele nos ensinou a linguística por métodos verdadeiramente prussianos: a antiga, tradicional e sólida filologia do século XIX, imbuída do cheiro de suor de várias gerações de estudiosos” (1985-1986: I: 14). Depois de estagiar com os Neogramáticos na capital intelectual da lingüística histórica, como Ferdinand de Saussure, William Dwight Whitney e Leonard Bloomfield, Duraffour ganhou uma reputação como um especialista da fonética e morfologia de dialetos do curso de línguas, especialmente a Franco-Provençal. Greimas atribui aos cursos de Duraffour o papel de lhe fornecer modelos de “análises detalhadas de textos, para a compreensão da natureza sistemática da linguagem e dos fenômenos sociais em geral”, e para transmitir “o respeito pelo texto, pelas referências e pelos pensamentos de outros”(1985-1986: I, 14; 1987a: 302). Ele também lembra que Duraffour instruiu seus alunos a se afastarem dos novos linguistas “estruturais” aberrantes liderados pelo fonologista de Praga, Príncipe Nikolai Trubetzkoy, a quem o professor erudito e digno classificou grosseiramente como um “idiota” durante seus seminários no anfiteatro (1982 [2006: 122]).

Um ano antes da chegada de Greimas, Duraffour foi co-autor de um livro com um etnógrafo que levou sua pesquisa para uma nova direção (1935). Seu ensaio inspira-se em especialistas suíços de línguas indo-européias: o dialectólogo Louis Gauchat, o lingüista geográfico Jules Gilliéron e, mais especificamente, os lingüistas Karl Jaberg e Jakob Jud, da Universidade de Zurique, com quem Duraffour se comunicou amplamente (Chevalier e Encrevé, : 122, 210], Fryba-Reber 2013). Jaberg e Jud desenvolveram uma abordagem chamada *Wörter und Sachen* (“Palavras e Coisas”): realizaram trabalhos de campo em regiões definidas com precisão, utilizaram os dados para analisar a variação ea mudança de linguagem, mas também para investigar a semântica, destacando o nexo de vocabulário, sociedade e cultura material (Jaberg e Jud. 1928-1937). O estudo de Duraffour foi realizado em sua área rural nativa no sul de Bresse perto de Lyon, especificando o significado e rastreando a etimologia das palavras distintivas que os moradores usavam na década de 1930 para falar sobre suas fazendas, implementos e ambiente natural. Greimas mais tarde lembrou-se, afetuosamente, de participar do grupo *Wörter und Sachen* como aluno de Duraffour (1982 [2006: 122]).

Os jovens lituanos de Grenoble recordam que “Greimas já se destacou graças à sua erudição impressionante” (Ramunienė 2010). Em seu primeiro ano, ele assistiu aulas para estrangeiros que enfatizaram a linguagem e os fundamentos das instituições francesas, ideias, cultura e literatura moderna (LCVA 1936-1939: 22). Ele também assistiu a um curso universitário regular em psicologia. Na estrutura tradicional da universidade francesa, os estudantes avançam e recebem os diplomas passando nos exames organizados paralelamente às aulas oficiais. No período de exame que ocorreu no outono de 1937, Greimas passou em psicologia, memorizando Henri Bergson² para o evento. No final de seu segundo ano em Grenoble, ele obteve um “A” em fonética, em seguida, em novembro ganhou um “B” em Filologia Francesa e em seu exame de língua estrangeira, alemão. Depois de terminar

2. Para Bergson, veja Greimas, 16 de fevereiro de 1989. Informação sobre os estudos de Greimas em Grenoble pode ser encontrada em Lamblin (1987) e nos arquivos do Departamento de “l’Isère” da universidade (confira em Trabalhos Citados).

os cursos do terceiro e último ano de graduação do currículo francês, ele recebeu um “A” em Estudos Medievais Franceses e foi premiado com o Bachelarelado, em 20 de junho de 1939. Quando se matriculou pela primeira vez na Faculdade de Letras no outono de 1936, Greimas deixou a opção “Matéria a cursar” em branco; Em novembro de 1937 cursou “Filologia”, e em 1938, “Estudos Medievais”.

Os anos na França contribuíram como mais um degrau na composição intelectual de Greimas, a tradição românica, que se tornaria um marco de referência importante para seguir em frente. Dentro ou fora da sala de aula, lia Maupassant e mergulhava nos poetas simbolistas que descobrira pela primeira vez na escola secundária, aprendendo os versos de Baudelaire, Rimbaud e Verlaine de cor (Greimas 1944, 1989: 13 de fevereiro, Keane 1992: 267-268). Ele mais tarde lembrou que, por volta desta época, os romances de Stendhal e Malraux, mas também de Dostoiévski e Faulkner, desempenharam um papel fundamental na formação da sua vida afetiva, sua bússola moral e seus gostos. Outros autores internacionais tiveram um impacto duradouro em Greimas: Yeats, Edgar Allan Poe, especialmente “Annabel Lee”, “Ulalume” e “The Raven”, e Uname’s Tragic Sense of Life (Keane 1992: 267-268, Greimas 1963: 5). Os intercâmbios com Kossu e Churginas, assim como com Hania Lukauskaitė e Tomas Stonis em Šiauliai vários anos mais tarde, desenvolveram seu conhecimento da cultura eslava. Amigos lhe falaram sobre os poetas modernistas Mayakovsky, Blok, Yesenin, bem como Poe, Walt Whitman, Benvenuto Cellini, Fausto de Goethe e Peer Gynt de Ibsen. Graças a Kossu, ele descobriu um jovem mestre de forma lírica e imagem que ele considerava o maior poeta lituano vivo, Henrikas Radauskas (Keane 1992: 267-268). Longas conversas com Kossu, Churginas e depois com Radauskas cultivaram o conhecimento e a sensibilidade de Greimas na estética, enquanto Churginas também lhe forneceu um amplo quadro histórico para a cultura (1985-1986: II, 22).

Greimas trabalhou com Duraffour para definir um tema para a tese de doutorado em linguística histórica e dialetologia. A tese estudaria nomes de lugares no Vale de Graisivaudan adjacente a Grenoble, identificando criações e alterações efetuadas pelos seus sucessivos habitantes, dos povos pré-celtas até os celtas, tribos germânicas, romanos e seus descendentes. Entretanto, o Graisivaudan teve que esperar meio século pelo estudo proposto, (Bessat e Germi 2001, 2004), porque os eventos políticos internacionais novamente alteraram a trajetória da carreira de Greimas.

Em março de 1939, a Alemanha, vizinha do sudoeste da Lituânia, declarou que todo o distrito de Memel-Klaipėda, no sudoeste da Lituânia, era seu território independente, uma reivindicação apresentada pelo próprio Führer culminando com o porto de Klaipėda. Um mês depois, o Terceiro Reich suspendeu o seu Pacto de Não-Agressão bilateral com a outra vizinha do sul da Lituânia, a Polônia. Na primavera de 1939, a Lituânia começou a tomar medidas para preparar suas forças armadas limitadas para um potencial conflito.

3.4. Treinamento de oficiais (1939-1940)

Duas semanas depois de receber o diploma de Grenoble, Greimas foi um dos quatrocentos jovens escolhidos pela Comissão do Ministério de Defesa do Estado como candidatos aspirantes ao cargo de oficial do Exército lituano. A escola militar nacional em Kaunas o alistou na 1ª companhia de soldados aspirantes de infantaria e o mandou para

um centro de treinamento “para adquirir as habilidades de um jovem soldado” (LCVA 1939-1940: 38, pp. 192-193). O cadete Greimas não pensou muito nos cursos de estratégia que a escola forneceu aos futuros oficiais da nação: mais tarde reclamava que “em vez de explicar o único tipo de guerra então possível, a guerra partidária, o coronel, como que em perfídia, nos alimentou de Napoleão, fazendo uma caricatura de lutadores da liberdade e falhando no sentido de nos fornecer qualquer plano baseado na realidade”(1958: 22).

Durante aquele ano em que Algirdas estava no treinamento de oficiais, a Lituânia foi anexada à URSS e seu exército integrado ao 29º Corpo de Exército Territorial do Exército Vermelho dos Trabalhadores e Camponês (Gaidis 2001: 25). O novo regime instituiu um programa sistemático de reeducação ideológica: os oficiais políticos russos da NKVD, a organização ancestral da KGB, chegaram para dar aulas diárias de Marxismo-Leninismo (Knezys c.2005: 11, 25). Colegas e estudantes que conheciam Greimas nas décadas de 1940 e 1950 testemunham o seu conhecimento do materialismo histórico e dialético (Berggren 2010, Clergerie 2009, Quemada 2010, cf. Greimas 1956-1957: 16-19), mas não está claro que este curso intensivo obrigatório representou a fonte: Greimas lembra que sua companhia procurou expulsar regularmente seus oficiais soviéticos da sala (Greimas 1982a). Em outubro de 1940, Greimas se formou tenente e foi designado para as reservas inativas, assim como praticamente todos os seus colegas selecionados e treinados pelo antigo regime “burguês” (LCVA 1939-1940: 40, pp. F, 41, página 13). A escola militar pode representar muito bem a experiência educacional que teve o menor impacto em sua carreira e vida intelectual subsequentes.

4. Síntese: Quatro contextos culturais e suas trajetórias’

Seria uma tarefa desafiadora tentar especificar exatamente o que Greimas fez e não extraiu das várias tradições culturais, metodologias, indivíduos e livros que conheceu ao crescer. Suas publicações e comentários que seguem tampouco indicam claramente um número de desenvolvimentos assim como alguns dos aliados às escuras.

4.1. Lituânia e os primeiros principais relacionamentos

A educação de Greimas dentro e fora da sala de aula na Lituânia lhe conferiu “uma compreensão do espírito “escandinavo e eslavo”, como ele mais tarde colocou (1985-1986: I, 3). As escolas primária e secundária deram-lhe bases sólidas nas humanidades e na língua, história e cultura da Lituânia. Os verões passados na fazenda o imergiam em costumes e crenças pré-cristãs dos lituanos rurais, que inspiraram e informaram diretamente a extensa pesquisa que ele conduziu sobre o folclore e a mitologia lituanas nos últimos vinte e cinco anos de sua vida (Greimas 1979, 1990a).

Na Lituânia, como em outros lugares, as pessoas desempenharam um papel ao menos tão importante quanto os livros na formação dos interesses e modos de pensamento de Greimas. A primeira pessoa mais importante nesta formação foi seu pai, que serviu de modelo de formas significativas, inspirando-o a se tornar um professor, por exemplo (Greimas 1989: 14 Feb.). Ser educado pelo bom cidadão Júlio fortaleceu o compromisso de Algirdas com a Lituânia e seu desejo de cultivar sua linguagem. Muitos são os eruditos

do exílio que escrevem somente em seu idioma internacional adotado, Greimas, por outro lado, contribuiu regularmente com artigos aos periódicos lituanos durante toda sua vida. Ele e seus colegas de entreguerras acreditavam que eram predestinados a usar as bases solidificadas enquanto alunos do ginásio Rygiškių Jono e aquelas da geração de Julius Greimas para construir uma nova Lituânia. Depois de 1944, o exílio político o forçou a agir unicamente através de sua escrita, à distância. Ao longo de sua vida, ele publicaria bem mais de duzentos artigos em lituano sobre cultura francesa, lituana, literatura mundial e eventos atuais. Suas revisões de livros também lhe permitiram manter uma mão na ocupação literária que ele abandonara em favor de um campo mais prático.

Outros indivíduos desempenharam um papel significativo na formação do desenvolvimento intelectual de Greimas. A paixão pelo período moderno que Karsavin inspirou nele provou ser duradoura: ele a perseguiu em seus estudos de Grenoble, concebeu um primeiro tópico de tese de doutorado focado naquela época, ensinou francês antigo, provençal, e a história da língua francesa durante os primeiros dezesseis anos de sua carreira; e produziu dicionários de francês antigo e médio (1968, Greimas e Keane, 1992). Mesmo quando adulto, sua visão pessoal tornou-se completamente secular, ele apreciou uma imagem da Idade Média como um período em que uma vasta comunidade internacional se sentiu unificada por crenças compartilhadas, onde um ser humano vivia na fé como um peixe na água, onde a religião foi identificada com uma cultura universal “(1985-1986: II, 29). A instrução de Duraffour e os ditames peremptórios de Kossu também produziram efeitos perenes: mesmo depois de concentrar sua pesquisa na semiótica, Greimas continuou a aplicar princípios e métodos linguísticos. Ironicamente, a disciplina o desafiou a explorar o que por sua própria admissão sempre permaneceu problemático e elusivo para ele pessoalmente: a comunicação na linguagem.

O grupo de estudo em línguas estrangeiras Rygiškių Jono provou ser um modelo para outros encontros informais, exceto estruturados, nos quais Greimas cresceu intelectualmente através de leituras, apresentações e discussões com colegas. Após a guerra, ele elaborou novos métodos de lexicologia histórica em encontros com outros doutorandos da Sorbonne em francês, incluindo Georges Matoré e Bernard Quemada. Em Alexandria, no Egito, durante os anos 50, estudou epistemologia e estruturalismo com Roland Barthes, o psicanalista Moustapha Safouan, o filósofo Charles Singevin, a historiadora de arte Hilde Zaloscer e a antropóloga Jean Margot Duclot. Em Ankara, ele aprendeu lógica simbólica graças a um pequeno grupo liderado por um aluno de Hans Reichenbach e que incluiu Louis Marin. Tais assembleias se transformaram no projeto de pesquisa coletiva e grupo oficial que ele formou mais tarde em Paris.

As principais tendências de ideias na Lituânia entre os dois anos enfatizaram um neo-escolasticismo fundamentado em Tomás de Aquino. António Maceina e Juozas Girnius, ambos estudaram na Universidade Católica de Lovaina e noutras instituições da Europa Ocidental (Tumėnaitė 2000). Suas posições filosóficas evoluíram progressivamente em direção a um existencialismo cristão informado por Jaspers e Heidegger, que se tornou um importante paradigma intelectual em toda a diáspora lituana. Por essa razão, os primeiros escritos de Greimas muitas vezes apresentam questões de fé: os ensaios dos anos 1940 descrevem empaticamente a poesia religiosa de Verlaine, retratam de forma pungente o medo e a melancolia produzidos pela descrença pós-medieval e afirmam firmemente que “a

batalha contra a ideia de Deus no homem é completamente estranha para mim” (1943a: 227, 1944: 129, 1948 [i.1943-1991: 389]). Muitos de seus primeiros artigos também desenvolvem ou lutam com temas existencialistas como a angústia, a escolha de valores pessoais e coletivos e as demandas concorrentes de liberdade, compromisso e responsabilidade - e publicou uma tradução lituana do conto de Sartre “O Muro” (1946-1947).

No entanto, as publicações maduras de Greimas derivaram de inspirações significativamente diferentes. A medida do formalismo linguístico e lógico que ele incorporou em sua semântica e semiótica representa um elemento distintamente estranho aos pensadores lituanos do século passado, que permaneceram resolutamente humanistas. O professor Rolandas Pavilionis da universidade de Vilnius, que produziu a antologia padrão da pesquisa semiótica de Greimas na tradução lituana, emergiu como um filósofo analítico raro no país. Até hoje, enquanto o jornalismo de Greimas e sua obra sobre a mitologia lituana atraíram um amplo leitor entre seus compatriotas, sua semiótica permanece amplamente desconhecida em sua terra natal.

Por outro lado, de forma mais ampla, mas fundamental, Greimas mostrou a etiologia de sua pesquisa madura em sua formação, sua educação inicial e suas experiências de guerra na Lituânia. Os horrores e a irracionalidade da Segunda Guerra Mundial o inspiraram a dedicar sua carreira em busca das condições fundamentais da significação e dos valores: “a guerra e o seu absurdo impelem você a inquirir sobre o significado de todas as ações ignominiosas que acontecem diante dos seus olhos”...”Sentia intensamente a sensação do absurdo, do não-sentido, que me impeliu para a busca do sentido” (1986: 22, 1991a: 45). Ele via que a clareza da deontologia do seu projeto, o método explícito e a análise rigorosa eram fundamentadas num ideal de retidão pessoal e de respeito pelos outros, que se assemelham aos princípios de sua juventude: “Pelo menos, como eu a concebo, a semiótica, antes de existir como método, é antes de tudo um estado de espírito, uma ética que dita a necessidade para a integridade em relação a si próprio e para com os outros, e essa retidão é necessária para a efetividade de sua prática e para a transmissibilidade do conhecimento que a semiótica nos permite adquirir “(1977: 227).

4.2. A herança eslava

Os cursos de direito e de negócios que Greimas seguiu em Kaunas não parecem ter tido qualquer impacto direto no seu desenvolvimento intelectual subsequente. Por outro lado, o fato de estudar com Karsavin e muitos outros instrutores treinados em São Petersburgo, Moscou, Varsóvia e Cracóvia fez com que recebesse elementos da cultura eslava. Suas reuniões de grupo com os jovens do curso de letras polonesas e russas foram a base para o seu modernismo revolucionário, tanto na política quanto na poesia. Ler Ehrenburg no colégio e Trotsky na faculdade lhe dá os fundamentos para sua filosofia política de esquerda (1985-1986: I, 15). Os poetas sobre os quais publicou artigos no curso de sua carreira defenderam o modernismo literário e a inovação no estilo, na forma, e na aparência, incluindo Kazys Binkis, Marcelijus Martinaitis, Henrikas Radauskas, Arthur Rimbaud, Tomas Venclova, e Paul Verlaine. Por outro lado, o ano de Greimas de aprendizado da língua russa na faculdade aparentemente desenvolveu habilidades passivas limitadas na língua, mas sem habilidades ativas (Greimas 1990: 5, 1991a: 44). Os amigos não se lembram

de Greimas jamais falar polonês, uma língua em que ele nunca reivindicou a competência em seu currículo. Como muitos de seus compatriotas, ele considerou a Polônia a principal rival da Lituânia durante o período de entreguerras (Mikšys 2010).

As raízes culturais de Greimas nas marchas do norte e do leste da Europa podem ter aumentado sua abertura posterior às correntes novas na linguística, que teve consequências decisivas. A partir da década de 1950, ele leu (em alemão, inglês ou francês) e abraçou com entusiasmo os métodos estruturais dos russos Roman Jakobson e Nikolai Trubetzkoy, mas também dos menos conhecidos dinamarqueses Louis Hjelmslev e Viggo Brøndal. Em uma carta de 1964 a Jakobson, Greimas observou que as “ideias orientadoras e descobertas específicas” de sua própria pesquisa em semântica na época estavam tão em dívida com a obra de Jakobson que “muitas vezes as pessoas me tomam como seu discípulo direto” — embora nunca tenham se encontrado ou se comunicado até aquele momento. O esquema morfológico elementar de Brøndal e as discretas descrições semânticas hipotético-dedutivas de conjuntos coerentes de palavras forneceram a Greimas modelos cruciais que aplicou e desenvolveu (Brøndal 1940, 1943). O estilo conciso de Hjelmslev, sua abordagem abstrata e sua síntese da linguística estrutural e da filosofia analítica marcam a semiótica gramassiana de maneira distinta (1943). Seu interesse precoce pelo estruturalismo permitiu a Greimas estabelecer-se como um dos principais linguistas da França na década de 1960, uma reputação que deu credibilidade ao novo projeto em semiótica que ele lançou na última parte da década.

4.3. A herança germânica

As bases sólidas de Greimas em alemão e em letras germânicas incluíam filosofia recente, historiografia pós-romântica e filologia positivista. Seu trabalho posterior em representação e teoria estética, bem como o ascetismo que realçou sua ética pessoal pode ter sido nutrido muito cedo por suas leituras de Schopenhauer, que juntamente com Unamuno também contribuiu para desenvolver seu senso agudo do trágico. Greimas observou que Nietzsche o persuadiu a concentrar seu pensamento na axiologia, e não na ontologia, e o encorajou a criticar ideologias ineficazes e a pesquisar a busca de valores alternativos (1989: 17 Feb.). *Beyond Good and Evil* e *On the Genealogy of Morals* presumivelmente desempenharam um papel-chave na formação dessas atitudes que embasam algumas de suas posições fundamentais, a partir de seu conceito de resistência secreta antitotalista de que participou (Greimas 1953), com o propósito de Pesquisa semiótica. Ele descreveu os objetivos de seu projeto de pesquisa coletiva: “Hoje, a semiótica tem como objetivo” renovar “os valores enfocando o que o homem deve ser, e não o que ele é” (1986: 22).

As perspectivas históricas germânicas do século XIX informaram as abordagens de Greimas à linguagem, à cultura e à sociedade. Seu treinamento intensivo na filologia de Leipzig sob Duraffour fundamentou sua pesquisa posterior em lexicologia histórica, sua lexicografia considerável e suas análises da mitologia lituana. Foi também graças à filologia da inspiração alemã que ele foi contratado sucessivamente para ensinar linguística histórica nas universidades de Alexandria, Ankara e Poitiers de 1949 a 1965.

Ler Spengler e Huizinga em Kaunas, depois Hegel e Marx antes ou durante seus estudos de doutorado (Clergerie 2009), imbuíram em Greimas as macronarrativas de

contraste da história mundial: um esquema cíclico em que a decadência iminente ameaça, especialmente o Ocidente e uma inexorável dialética avança em direção a um ideal. Ambos os esquemas marcaram de forma indelével suas visões sobre sociedades, ciência e destino humano. Em 1958, ao final de um período de nove anos de ensino em Alexandria, ele escreveu uma série de artigos que refletem sobre as relações entre o Ocidente e o resto do mundo. Suas experiências na África do Norte o levaram a reafirmar, e ampliar o alcance da herança ocidental que ele havia internalizado em sua juventude: “O novo humanismo ao qual eu pretendo não se baseia no sentido de uma única continuidade cultural - por meio de Atenas, Roma, A Idade Média e o classicismo europeu — mas, pelo contrário, baseia-se na complexidade e na multiplicidade das culturas humanas” (1958a, n.º 6, 3). Ao mesmo tempo, os artigos expressam pontadas de ansiedade ao contemplar a escala diminuta do Ocidente e seu potencial desaparecimento: “A Europa está destinada a ser apenas um museu, não há maneira de salvar a Europa?” (1958a: n.º 3). Ele mais tarde confidenciou a amigos que ele experimentou visões recorrentes de tanques soviéticos entrando em Paris no ano 2000, triunfando sobre um Ocidente enervado (Bertrand 2012).

Por outro lado, em um plano global e de longo prazo, Greimas considerava a ação individual e coletiva como uma força que guia a história em direção aos valores desejados. Em um texto de 1959, ele retratou a humanidade se esforçando ao longo do tempo para avançar rumo ao objetivo central da liberdade: “A atividade humana é o recrutamento na atividade inter-humana, uma contribuição consciente ao processo histórico, entendida como uma aceleração da dinâmica do homem para liberdade ... A procissão humana à liberdade é chamada História” (1959: 88-89). Nos anos 1950-1960, ele via os socialismos lançados ao longo do mundo no século XIX como tendo alcançado o progresso em direção a esse objetivo: “o espírito e a doutrina do socialismo [...] nos últimos 150 anos movimentaram a história da humanidade” (1959- 1968?). No fim de sua vida, Greimas lamentou o desaparecimento do marxismo nas ciências humanas e a perda concomitante da convicção de que a humanidade avançava numa direção significativa: “É a espinha dorsal que perdemos com o marxismo: tínhamos uma história direcional, que tinha significado, uma humanidade que estava indo a algum lugar [...] Eu digo de forma um tanto irônica que sou o último marxista” (1992: 14, 1987a: 310-311). Nada disso impediu Greimas de ser resolutamente anticomunista.

Para Greimas, sua semiótica exemplifica a dinâmica orientada que é a história: “a semiótica não é uma ciência cujo desenvolvimento está completo, mas um projeto científico, um processo histórico” (1989a: 539). Mecanismos dialéticos sempre figuraram como componentes-chave da semântica estrutural de Greimas e semiótica, incluindo o quadrado semiótico icônico e o modelo narrativo que ele define. Para ele, a própria semiótica deve servir como instrumento de mudança salutar: “Eu pensava que a semiótica tinha a vocação não só de conhecer a realidade social ou individual, mas também de transformar a sociedade e o indivíduo” (1987a: 327). Como tal, esta semiótica deve assumir a forma de um esforço consertado e multigeracional que se esforça para o objetivo de se tornar uma ciência eficaz: “Eu sempre acreditei que um projeto acadêmico existe como um ator coletivo [...] este projeto vai além de nós. No final, o que procuramos possui apenas uma direção, essa direcionalidade” (1989: 17 de fevereiro).

Ao emergir como uma figura principal no estruturalismo continental amplamente sincrônico e pancrônico dos anos de 1960, Greimas abraçou assim as perspectivas que

contrastam agudamente com as estruturas e as metodologias históricas que profundamente informaram sua pesquisa e sua perspectiva filosófica e política pessoais. Por outro lado, a filologia de seus estudos de graduação permeia suas pesquisas posteriores de formas fundamentais: a semântica e a semiótica de Greimas parecem incomuns, na medida em que sua ampla abrangência engloba a linguagem, o discurso e a sociedade, esferas tipicamente segregadas em disciplinas distintas na academia do pós-guerra. Seu projeto revolucionário, extenso e multidisciplinar, de fato, continua as perspectivas abrangentes da venerável filologia germânica e estudos medievais aprendidos em Grenoble, que compõem uma tríade inseparável de linguagem, cultura e textos. De modo mais geral, a amplitude de sua pesquisa permanece em harmonia com a pesquisa tradicional da Europa Oriental que resistiu à hiper-especialização e manteve uma estratégia mais holística. Enquanto a maioria dos linguistas franceses permaneceu altamente cética em relação a seus colegas de outras disciplinas que começaram a usar conceitos aprendidos com Saussure, Jakobson e Hjelmslev, Greimas formulou entusiasticamente um projeto coletivo que visava adaptar os princípios estruturalistas a todas as ciências humanas.

Depois da guerra, Greimas obteve seu doutorado na Sorbonne sob a direção de um grande professor que lhe atribuiu um tópico totalmente alheio ao estudo toponímico que ele havia imaginado em Grenoble: o vocabulário da moda em 1830 na França. A nova metodologia de lexicologia que desenvolveu em suas dissertações gêmeas deve muito aos contatos e às leituras do pós-guerra. No entanto, suas teses transmitem duas características centrais da abordagem de *Wörter und Sachen* aprendida com Duraffour. Em primeiro lugar, adotando a combinação do método alemão-suíço de perspectivas sincrônicas e diacrônicas, descreve o vocabulário da moda em um determinado momento, a Restauração, ao mesmo tempo que fornece informações etimológicas e históricas para muitas expressões individuais. Em segundo lugar, *La Mode en 1830* concentra-se na semântica e seu foco está nos objetos concretos e nas práticas culturais designadas pelas palavras analisadas. A dissertação principal de Greimas afirma explicitamente: “Houve muita conversa sobre a vida das palavras, como se as palavras pudessem ter sua própria vida e não fossem epifenômenos imperfeitamente sobrepostos à mobilidade perpétua das coisas que só estão vivas” (1948a [2000: 132], ver Darmesteter 1887). E enquanto a pesquisa francesa tradicional em semântica se focalizou em palavras individuais e destacou os mecanismos pelos quais um lexema proliferou diferentes sentidos ou mudanças significativas (Bréal 1899, Darmesteter 1887, Meillet 1906), *La Mode en 1830* trata os termos estudados como componentes que juntos formam um modo de vida coerente, tal como o estudo de Duraffour de 1935 inspirado nos princípios centrais de *Wörter und Sachen*. Por outro lado, as teses da Sorbonne de Greimas examinam textos publicados em vez de discursos contemporâneos coletados em pesquisas e não buscam acompanhar cuidadosamente a proveniência geográfica dos enunciados.

Foram os fundamentos em culturas alemãs e germânicas que prepararam o caminho para Greimas descobrir novos autores críticos para seu crescimento intelectual ao longo de sua carreira, desde Rilke, Humboldt e Jost Trier até Husserl, Heidegger, Wittgenstein e Freud. Trier e Humboldt apoiaram sua pesquisa em lexicologia histórica, Husserl coloriu sua visão de estruturalismo e semiótica e seus fundamentos epistemológicos, enquanto que o *Traumdeutung* informou sobre seus conceitos de interpretação e generativismo (para Freud, ver Greimas 1962, 1966, E 1967). A mudança de Greimas para a semiótica permitiu-

lhe aplicar princípios linguísticos para explorar o tipo de questões que o intrigavam ao ler a filosofia alemã e estudar sob influência dos filósofos eslavos. Sua formação em filosofia sistemática russa e germânica o preparou para adotar uma abordagem teórica para as questões e desenvolver a semiótica como uma arquitetura complexa que compreende componentes inter-relacionados. Greimas enfatizou uma vez que sua formação em letras germânicas o ajudou a adotar uma perspectiva internacional menos comum na França: “Minhas leituras alemãs contribuíram para minha visão: tentar entender as coisas transnacionalmente me proporcionou uma abordagem menos francesa, talvez menos convencional” 2004: 49]).

4.4. França: mudança e continuidade

Foi com a maturidade dos dezenove anos que Greimas empreendeu seu aprendizado sério em tradições intelectuais das línguas, depois de adquirir bases substanciais em lituano, eslavo e culturas germânicas. No entanto, dedicar sua carreira ao estudo do francês nos meios francófonos aprofundou consideravelmente sua familiaridade com esta última herança. Em um artigo de 1946, resumiu o valor das letras francesas de modo provocativo, explicando “a lacuna que a falta de conhecimento sobre a civilização francesa representava” para seus compatriotas que estavam familiarizados apenas com tradições eslavas e germânicas: “A geração mais velha tinha se banhado nas águas profundas e perigosas da Rússia, enquanto que a geração mais nova foi criada em parte na Suíça e na Alemanha com filósofos e poetas nebulosos, e carecia de uma injeção de pensamento clara, precisa e elegante” (1946: 22). O ensaio sublinha esse contraste no campo da investigação especulativa, elogiando “a tradição francesa da filosofia que olhava com desconfiança para todas as”verdades”enevoadas e profundas e, em vez disso, exigia uma clareza e precisão de expressão nas palavras mais simples”. Reconhece-se a conceitualização cartesiana e o estilo preciso e sem adornos que o próprio Greimas cultivou em sua própria escrita acadêmica (e ele se caracterizou explicitamente como “cartesiano”, 1991, p.1991 [2004: 50]).

Em oposição às tendências do pós-maio de 1968 na vida intelectual gaulesa, a pesquisa de Greimas e o jornalismo lituano se esforçaram para levar adiante os projetos do racionalismo e do Iluminismo, muitos dos quais ele aprendeu com autores franceses. Um artigo de 1948 em lituano responde ao filósofo católico Jonas Grinius, que havia argumentado que o comunismo bolchevique derivava diretamente dos filósofos seculares dos séculos anteriores. Em vez disso, Greimas conclama que “Voltaire e Rousseau deram ao homem o direito de pensar livremente e de se sentir individualmente” e celebra o florescimento do projeto dos filósofos no século XIX graças aos “crentes no progresso da humanidade: moral, com Renan e Michelet; Político, com La Fayette e Lamartine; Social, com Saint-Simon e Marx; Científico, com Comte e Pasteur “— nove das dez figuras citadas provenientes da esfera cultural francesa (1948 [i.1943-1991: 399-400]).

Os conterrâneos de Greimas que leram seus ensaios jornalísticos lituanos viram neles um intelectual francês crítico e livre de espírito. Um poeta elogia assim seus escritos como “um indivíduo animado, revolucionário e poético” que revela aos seus compatriotas o valor de “crítica saudável e coragem intelectual”, concluindo: “Mais do espírito de Voltaire e dos lituanos serão resgatados! 1992: 179). Através de suas publicações lituanas maduras, seu ativismo de guerra e pós-guerra, e sua pesquisa, produto de bolsa de estudo, publicada

na França, Greimas estabeleceu-se como um porta-voz principal da camada esquerdista lituana que se afirmou como uma alternativa à tradição católica conservadora. Embora mantivesse certas práticas culturais vinculadas à religião em sua juventude, parte de sua concepção do sagrado, que inicialmente estava ligada ao catolicismo romano, aparentemente migrou para o humanismo secular, para a poesia e para uma apreciação aprofundada das crenças pré-cristãs lituanas.

Embora Greimas memorizasse o trabalho de Henri Bergson na faculdade parece que sua influência não foi, em longo prazo, importante para o semioticista. Perguntado em uma entrevista dos anos 80 se o conceito do filósofo da intuição influenciou seu ensaio na estética, “A imperfeição” (1987), Greimas respondeu um “não” de forma enfática: “Isso é um termo de uma geração precedente [...] a intuição não explica nada [...] o que ela pode significar ao se ler um poema e sentir que se compreende, sem compreender?” (1989: 16 de fevereiro). Ao contrário, o autor de *Time and Free Will: An Essay on the Immediate Data of Consciousness* foi substituído por mestres pensadores como Merleau-Ponty e Saussure. De modo mais geral, parece que a transformação que levou Greimas a abraçar o estruturalismo a partir dos anos 50 também o levou a se distanciar de abordagens que apresentam perspectivas psicológicas.

Contudo, ao lado de pensadores racionalistas e ilustrados, escritores de ficção e poetas franceses também figuravam significativamente na formação da sensibilidade e da carreira de Greimas. Questionado uma vez na década de 1980 “Por que você veio para a França? Por que você escreve em francês?”, Ele respondeu imediatamente: “Prosa de aço de Flaubert” (Bertrand, 2012). Os simbolistas franceses alimentaram o gosto estético poético de Greimas: ele publicou artigos sobre Verlaine e Rimbaud, e manteve uma pequena edição em coleção de bolso de “Les Fleurs du mal” de Baudelaire junto à sua cabeceira, mesmo quando viajava (Greimas 1944, 1954, Keane 1992: 268). Os versos simbolistas oferecem uma intensa fusão de reflexão, emoção e som sensual, evocando alienação, alegria fugaz, sofrimento prolongado e transcendência artística. Por outro lado, apesar de publicar extensas análises de contos do autor naturalista do século XIX Guy de Maupassant, ele admitiu que os textos não o envolviam apaixonadamente, mas simplesmente representavam obras bem conhecidas que forneciam boa matéria-prima para o desenvolvimento dos modelos semióticos (1989: 13 de fevereiro).

5. Perspectivas finais

Em última análise, as várias tradições culturais identificadas neste ensaio não podem ser segregadas em arquipélagos isolados: as histórias populares e práticas aprendidas na fazenda perto de Kupiškis incorporam contos, gestos e crenças de todo o mundo indo-europeu. Antonin Duraffour, a região alpina, e Wörter und Sachen combinam e misturam inspirações românicas e germânicas. Outras heranças alimentaram o desenvolvimento de Greimas, incluindo as línguas e as literaturas da Antiguidade greco-romana; Posteriormente, ele alegou que sonhou e falou em seu sono em latim (1989: 14 fev.). A partir de 1949, treze anos passados na maioria das sociedades islâmicas na África e na Ásia o introduziram em perspectivas radicalmente novas e fizeram com que ele visse a Europa e o mundo ocidental de fora. Em uma carta de 1956 ao diretor do Centro Nacional de Pesquisas Científicas de

Paris, ele argumentou a necessidade de a semântica francesa “integrar também os resultados da pesquisa publicada por semânticos americanos e ingleses” (Greimas, 1956). Todas essas vertentes culturais e intelectuais contribuíram para tecer uma trajetória particularmente variada e distinta, e para compor uma obra única e rica que evoluiu continuamente.

No entanto, quatro tradições, claramente, desempenharam um papel dominante no desenvolvimento inicial de Greimas. A Lituânia moldou seu caráter e sua identidade, deu-lhe uma sólida educação humanística, inculcou-lhe o tradicional folclore europeu e um espírito poético, e incutiu nele o compromisso de participar da construção em curso da cultura e da sociedade da nação. Rússia e Polônia lhe forneceram perspectivas metafísicas, exemplificaram uma abordagem holística da investigação e desenvolveram seu espírito revolucionário na arte e na sociedade. As culturas germânicas formaram sua imaginação, forneceram-lhe perspectivas e metodologias históricas, envolveram-no na teoria estética e em outras investigações filosóficas fundamentais, proporcionando-lhe um método e uma ética para a pesquisa sobre a linguagem. A França inspirou-lhe uma segunda identidade, cultivou nele os ideais clássicos e iluministas, e o moveu com uma poesia pura e total. Os elementos das diferentes heranças alimentaram nele tensões produtivas entre fidelidade e abertura, historicidade e universalidade, e entre razão, afeto e sensualidade.



A ASEL ENTREVISTA A PROFA. DRA. ANGELA MARIA TENÓRIO ZUCCHI, DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS, DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO-FFLCH/USP

ASEL: Profa. Angela, a Senhora poderia fazer uma apresentação sua, uma descrição de sua formação científica? Mais ou menos, aquilo que achar conveniente para estimular o estudante de letras na sua busca de sentido?

Angela M. T. Zucchi: Falar sobre mim mesma é um grande desafio. Requer reflexão sobre uma apresentação que poderia ser sucinta e profissional ou incluir aspectos da vida pessoal que me levaram a ser professora, tradutora, docente universitária e pesquisadora, principalmente nesta primavera em que completei 53 anos.

Minha vida pode ser vista como um caleidoscópio, como me disse uma vez uma colega, conforme eu lhe contava algum fato pessoal. Enfim, somos o que somos pelas experiências que vivemos.

Venho de uma pequenina e linda cidade do interior paulista, daquelas em que se podia fazer tudo a pé, onde, naquele tempo, havia somente três escolas, todas públicas. Venho de uma geração em que o desejo de se fazer uma faculdade não era unânime, principalmente entre as mulheres. Querer estudar em uma universidade pública, infelizmente, significava sair da cidade, deixar família e amigos. Dependendo da carreira a seguir, significava também não voltar. Eu amava as aulas de português, com nossa querida professora Ivete Puntoni. No antigo 1º grau, da quinta à oitava série, com a D. Ivete, descobri a escrita, a formação das palavras, a sintaxe de uma forma lógica e precisa. Ao mesmo tempo que líamos autores consagrados, fazíamos também análise de letras de música, como Sampa de Caetano, trazidas na cor roxa do mimeógrafo. Refletíamos sobre o escrever literário, o popular e o nosso modo caipira de falar. Sem perceber que talvez fosse essa a sua intenção, a noção de adequação da linguagem, aprendi com ela. O colegial, oficialmente denominado 2º grau, foi marcado pelas aulas da D. Leslie, a professora de português que nos dava oportunidade de encenar obras da literatura brasileira que líamos, na forma como queríamos, e aprendíamos brincando.

Com essas professoras, o enfoque na linguística e na literatura entraram na minha vida de forma muito prazerosa, assim como era minha vida em Brotas. Pois, era difícil pensar em sair da cidade, mas fazer uma faculdade e aprender línguas era meu plano de vida, então, fiz um ano de cursinho em outra cidade com incentivo e apoio de uma tia e, em fevereiro de 1988, estava fazendo a matrícula no curso de Letras. Com aprovação nos vestibulares da UNESP, de São José do Rio Preto, UNICAMP, de Campinas, e USP,

de São Paulo, optei pela capital paulista por razões básicas: seria acolhida por parentes nos primeiros meses e a cidade me ofereceria mais oportunidades de emprego para, em momento oportuno, pagar aluguel. Assim, fiz o curso de Letras, com habilitação em português, espanhol e italiano na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e o curso de Licenciatura na Faculdade de Educação, na Universidade de São Paulo.

Naquele tempo, de 1988 a 1992, quando fiz a graduação, não havia programas de permanência estudantil, ou seja, trabalho em forma de monitorias, como um tipo de bolsa de estudos para que os alunos permaneçam na universidade. Hoje, a USP oferece vários deles, mas infelizmente, devido à diminuição de arrecadação do ICMS pela crise e o comprometimento do orçamento, o número de vagas e lançamento de editais dos programas diminuíram. Mas, de qualquer forma, ainda existem. Como dizia, naquele período em que era graduanda não havia nenhum programa e eu precisava trabalhar para viver em São Paulo, continuar estudando. Ainda em 1988, participei do concurso para escriturários no Banco do Estado de São Paulo, BANESPA, fui aprovada, mas não convocada na primeira chamada. Procurava trabalho com horário que me permitisse estudar de manhã e que fosse de fácil acesso no trajeto campus-casa. Trabalhei na Operadora de Shopping Center Eldorado, como auditora de vendas Jr.; no Inter-graus, curso preparatório para vestibular, como revisora; dei aulas de reforço escolar para crianças do bairro onde morava e, em 1990, fui convocada pelo BANESPA. Trabalhei nessa instituição por seis anos.

Nossa turma de 1988 da graduação em Letras teve o privilégio de começar o curso no prédio que hoje leva o nome do Professor Emérito Antônio Cândido. O curso de Letras, até aquele ano, não tinha ainda um prédio próprio próximo ao conjunto de prédios da FFLCH na cidade universitária. Entretanto, não estava totalmente completo, pois sua biblioteca ainda ficava nas colmeias, uma construção térrea em forma de favos, onde até então funcionavam as salas de aulas do curso. Para se fazer o empréstimo de livros buscávamos as fichas catalográficas organizadas em gavetas de arquivo de aço e depois pedíamos no balcão, onde um funcionário nos trazia o material que nos interessava. Num processo que levou anos para se concretizar, hoje, dispomos do acervo integrado de todos os cursos da Faculdade num único edifício contíguo ao prédio das Letras, a excelente Biblioteca Florestan Fernandes. Em relação às pesquisas, a tecnologia facilitou imensamente nossas vidas. As buscas podem ser feitas através do sistema Dedalus¹, onde está registrado o acervo completo de todas as bibliotecas da Universidade de São Paulo, além de serviços de comutação entre bibliotecas de outras universidades públicas e ferramentas de busca em base de dados nacionais e internacionais.

Minha formação na graduação foi marcada por leitura de produções literárias - literatura brasileira, portuguesa, espanhola, hispano americana e italiana. Cada professor dava um enfoque diferente à literatura, conforme seu interesse e formação, assim, liamos, paralelamente às obras, textos de cunho estilístico, histórico, sociológico ou psicanalítico. Os estudos literários ampliaram minha mente e me formaram como pessoa. Também as aulas voltadas para os estudos linguísticos eram ricas de leituras e análises de textos literários, tanto em português, como em espanhol e em italiano. Mesmo nos anos iniciais, ainda não sabendo bem as línguas estrangeiras, as leituras eram obrigatórias aos alunos.

1. <https://biblioteca.fflch.usp.br/dedalus>

Naquela época, fim dos anos 1980 e início de 1990, em curso de línguas na universidade, os docentes, principalmente os que se aproximavam da aposentadoria, não tinham tido formação pedagógica com ênfase na competência comunicativa. Lembremos que os estudos linguísticos que reconheciam a importância dessa competência iniciaram-se nos anos 1970, desenvolveram-se nos anos 1980 e os livros didáticos concebidos na perspectiva da Abordagem Comunicativa começaram a surgir na década de 1990. Hoje, procuramos dar ênfase em todas as habilidades comunicativas (falar, ouvir, ler, escrever) de forma integrada, mesmo em sala de aula numerosa. Com as ferramentas tecnológicas, então, vamos muito além!

Ao mesmo tempo que era muito cansativo trabalhar e estudar, assistir às aulas dos bons professores eram momentos de deleite e de descanso do trabalho. Era encantador aprender a noção de relatividade, de ponto de vista do observador, de escolhas lexicais e morfosintáticas para produção de sentido e de estilos. Era uma alegria infinita poder, aos poucos, avançar em leituras complexas nas línguas estrangeiras que no início eram desconhecidas. O tempo deve ter apagado de minha memória os momentos de desânimo e desespero que, com certeza, ocorreram, como na vida de qualquer estudante universitário.

O curso inteiro foi muito especial sob diversos aspectos, mas houve três disciplinas que me marcaram muito, pois a partir das ‘sementinhas’ daquelas aulas pude me desenvolver como tradutora e como pesquisadora. Foram elas: “Expressões Idiomáticas e Convencionais”, da área de inglês, com a Profa. Stella E. O. Tagnin (com quem hoje tenho o enorme prazer de trabalhar), que nos levava a refletir sobre as línguas a partir de uma categorização das combinações sintagmáticas convencionalizadas pelos falantes e o que havia de idiomático, isto é, com sentido não transparente. Nessa disciplina aprendi o que eram as *collocations*, que foi meu objeto de estudo no mestrado. Com o Prof. Francis H. Aubert, em “Introdução aos Estudos Tradutológicos I e II”, fui apresentada ao sinuoso caminho da tradução e aos diversos tipos de textos que precisam ser traduzidos na sociedade (o papel do Prof. Francis foi crucial na minha decisão de prestar o concurso para tradutor público do estado). Já com a Profa. Neide T. González, de língua espanhola, aprendi as primeiras noções da linguística aplicada. Fiz uma pesquisa sobre a influência da língua italiana no espanhol da Argentina. A partir desse estudo descobri o lunfardo, um dialeto, originalmente de gueto, usado por imigrantes europeus, principalmente italianos. Com uma lista de palavras em lunfardo, mas nitidamente de origem italiana, entrevistei argentinos que moravam em São Paulo. Desta forma, uni as duas línguas que estudei na graduação. Na cerimônia de formatura, tive a honra de receber o canudo das mãos do Prof. Antônio Cândido, que já estava aposentado, mas nos brindava com suas Aulas Magnas e participação em momentos importantes de todos os tipos. Este ano tive o prazer de participar do evento online USP Profissões e apresentar nossa Faculdade e o curso de Letras aos vestibulandos. O vídeo está no Youtube².

2 <https://www.youtube.com/watch?v=X4RcJEoR7yk&t=1091s>



[Formanda Angela M. T. Zucchi recebendo o diploma de Bacharel em Letras pelo Prof. Antônio Cândido]

Sempre trabalhando, mesmo em um período de inflação descomunal, inúmeros planos econômicos e mudança de moeda (minha carteira de trabalho registra salário em cruzados, cruzados novos, cruzeiro, URV e, finalmente, em real), consegui ir para a Itália. Recebi uma bolsa de estudos da *Università per Stranieri Dante Alighieri di Reggio Calabria*³, com recomendação da Profa. Loredana Caprara, que mais tarde veio a ser minha orientadora de mestrado. Para realizar essa viagem, solicitei uma licença sem remuneração no banco por seis meses. Fiquei três meses em Reggio Calabria, dois meses em Bolonha, com primos de meu pai, da família Zucchi⁴, que não falavam uma única palavra em português, e um mês na Inglaterra, em *Ramsgate*, para um curso na *Churchill House School of English Language*⁵, pago quando ainda estava no Brasil.

Eu tinha 24 anos, fui sozinha da estação de trem de Bolonha, na Itália, para a estação de trem de *Ramsgate*, no sul da Inglaterra, atravessando o canal da mancha de navio. Em uma época em que não havia internet, em que os meios de comunicação eram telefone fixo, cartas, telegramas e para obter informações para viajar contávamos com experiências de amigos e agências de viagens. Havia muitos descontos para jovens viajantes e planos de passagens de trens, como o *Eurorail*⁶ pass, que hoje pode ser reservado pela internet.

Viver no país onde se fala a língua que se quer aprender é uma experiência importante, mas posso afirmar com experiência posterior, que é muito melhor ir para o país estrangeiro

3. <https://www.unidarc.it/>

4. Tristemente histórias de separação de famílias são comuns entre famílias que imigraram.

5. <http://www.churchillhouse.com/>

6. <https://www.eurail.com/en/deals/eurail-pass-benefits>

já sabendo a língua em um nível avançado. Sempre agradeço aos meus pais por terem compreendido minha necessidade de ampliar horizontes e de sempre aprender.



[Nazareno e Benedita, pais da Profa. Angela]

ASEL: Que cursos de Pós-graduação realizou, ou pós-doutorados, e que influência tiveram na sua atuação, na FFLCH, como professora e orientadora de pesquisa?

Angela: Dei continuidade aos estudos fazendo o curso de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas, ainda no Departamento de Letras Modernas da FFLCH, sob orientação da Profa. Loredana de StauberCaprara. Minha proposta de pesquisa era estudar as colocações verbais em língua italiana para fins didáticos. Naquela época ainda não havia estudos sobre esse tema na Itália, o primeiro dicionário de combinações em italiano só foi publicado em 2009, por Francesco Urzì. Ao final do mesmo ano em que iniciei as disciplinas do curso, meu então namorado recebeu um convite de transferência de trabalho para Munique, no sul da Alemanha. Decidimos nos casar, tranquei a matrícula na USP e fomos para a Alemanha onde viveríamos por dois anos. No primeiro momento, ele ficou naquele país para um período de adaptação da língua e da empresa e eu fui para a Itália, para a escola *AccademiaLingua Italiana Assisi*⁷ onde estudei e lecionei italiano a alunas estrangeiras por um mês. No ano seguinte, fiz um curso de pós-graduação *lacto sensu* de especialização docente na *Università per Stranieri di Siena*⁸, com renomados linguistas e pesquisadores de didática de italiano como língua estrangeira. Fiz a monografia final sob orientação do linguista e lexicógrafo Maurizio Trifone e abordei o uso de determinadas colocações verbais por parte de italianos. Experiência que me ajudou a desenvolver a pesquisa quando retornei ao Brasil. O título de minha dissertação de mestrado foi “Um caminho para o ensino das colocações verbais em italiano língua estrangeira: glossário temático e exercícios”. Foi uma pesquisa que reuniu Didática de línguas estrangeiras, Fraseologia com enfoque nas colocações, alguns primeiros passos na Linguística de Corpus e Lexicografia. Confesso que naquele tempo não conhecia ainda a fundo o estudos lexicográficos, como vim a conhecer com a Profa. Maria Aparecida Barbosa durante o curso de doutorado. Iniciei o Doutorado em 2006, mas já era professora assistente contratada no DLM, na área de língua italiana, tendo sido aprovada em processo

7. <https://aliassisi.it/>

8. <https://www.unistrasi.it/home.asp>

seletivo para mestre no final de 2004. Apresentei projeto na seleção do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, do Departamento de Linguística. Fui aprovada e designada à orientação de nossa querida Profa. Maria Aparecida Barbosa. Meu desejo era dar continuidade ao glossário de colocações, mas a professora me colocou o desafio de tentar algo diferente relacionado a ensino e lexicografia. Assim, começamos uma nova pesquisa. Ter feito o Doutorado com a Profa. Maria Aparecida Barbosa foi um presente divino. Eu brincava que ela tinha a capacidade de desanuviar as ideias, pois nós, eu e outras alunas, chegávamos com ideias embaralhadas e ela traduzia tudo naquele linguajar preciso e ao mesmo tempo claro, como só ela conseguia explicar. Ela nos faz muita falta.



[Profa. Maria Aparecida Barbosa, de azul, Profa. Angela, de vermelho e suas duas orientandas à época, Michele Datore e Fábica Mendes, e, de branco, atual doutoranda do PPG de italiano Silvana Azevedo, na última edição do *MiniEnapol de Lexicologia, Terminologia, Toponímia e Tradução*, em 2013.]

A inspiração para a criação da metodologia da pesquisa de doutorado veio de um trecho de uma sua publicação na *Revista Brasileira de Linguística*, intitulada “Da terminologia aplicada: recortes epistemológicos e funções pedagógicas” na qual ela nos explica que o processo de construção de um conceito pode ser gerado a partir do ‘fato’ ou de um discurso manifestado, através das relações sintagmáticas, em que o autor constrói o conceito. Exemplifico com minhas palavras: ao construir o conceito de uma garrafa d’água que tenho em mãos posso vê-la e distingui-la como tal, dado o conhecimento que já tenho desse objeto, ou posso descrever suas características para que meu interlocutor a interprete como sendo esse objeto. Na sequência, ela explica que o processo - digo com palavras minhas ‘o processo inverso’ - percorrido pelo lado do sujeito enunciatário - ou seja, quem ouve ou lê a descrição que faço de uma garrafa d’água - parte do discurso manifestado para construir o conceito que fará daquele objeto. E seu raciocínio segue para a definição em um dicionário. Em suas palavras:

qualifica-se, assim também, o percurso lexicográfico-terminográfico, enquanto processo que parte da manifestação do nível lexemático, com

as seleções, restrições e combinatórias sêmicas estabelecidas em discurso, para, num metadiscorso igualmente configurado como fazer interpretativo, articular semas representados por metatermos lexemáticos, operação de que resulta a definição (Barbosa, 2005, pg. 47).

Com a noção do processo da construção do conceito, elaborei uma pesquisa empírica⁹ com alunos de italiano do curso de Letras sobre a compreensão de determinadas unidades lexicais contextualizadas e o uso de dicionários. Dividi o número de respondentes em um grupo com uso de dicionário monolíngue em italiano, outro com bilíngue italiano-português e o terceiro grupo que não usou dicionários. Utilizamos dicionários eletrônicos de editoras reconhecidas disponíveis gratuitamente na rede. Resumindo a metodologia, os alunos deveriam escolher entre quatro alternativas de imagens uma que correspondesse à unidade lexical selecionada dos textos (foram 40 ULs distribuídas em 4 textos). O uso da imagem era para representar o ‘fato’, sem o recurso de signos verbais. A pergunta de pesquisa era se o dicionário auxiliaria o aprendiz de forma eficaz e quais eram os elementos presentes na obra que identificariam esse auxílio (ou o contrário, criaria dificuldades) na opinião dos alunos. As respostas foram tabuladas em planilhas Excel e analisadas estaticamente pelo Centro de Estatística Aplicada do IME/USP. Os resultados dessa pesquisa foram divulgados na associação europeia de lexicografia, a *European Association for Lexicography*¹⁰, EURALEX, em diversos outros eventos e, aqui no estado de São Paulo, teve uma certa repercussão na mídia, após a publicação de uma matéria sobre minha pesquisa no Jornal da USP, fui convidada para entrevista na Rádio Jovem Pam, na rádio universitária da UFSCar e na Rádio Cultura. Com os dados obtidos, continuo a passar a mensagem de que sem a consulta a um dicionário quando necessário, o aprendiz de uma língua estrangeira pode não ter a devida compreensão de palavras-chave e palavras comuns de um texto. Os dados mostraram que a competência inferencial nem sempre é suficiente. Em todos os textos apresentados, o número de acertos do grupo sem o uso de dicionários foi inferior aos demais. No geral, não houve diferença significativa entre o uso de dicionário bilíngue e monolíngue, mas tenho muitos dados específicos ainda a serem analisados.

Agradeço às pessoas que me proporcionaram as referências para o desenvolvimento daquela pesquisa e a valiosa avaliação. Na banca, em março de 2010, estavam presentes, como presidente, a Profa. Maria Aparecida Barbosa (DL/USP), como arguidores, a Profa. Ieda Maria Alves (DLCV/USP), Profa. Paola Baccin (DLM/USP), Prof. Herbert A. Welker (UnB) e Profa. Carla Marengo (*Università degli Studi di Torino*), professores pesquisadores a quem nutro profundo respeito e admiração. O Prof. Welker incluiu uma resenha de minha pesquisa em seu livro *Dictionary Use - A General Survey of Empirical Studies*¹¹, a versão atualizada e em inglês de seu livro “O uso de dicionários”, de 2006. A professora Paola Baccin, agora aposentada, contribuiu muito com a área de italianística deixando um especial legado, os cursos de italiano para brasileiros *Dire, Fare, Partire!* e *Dire, Fare, Arrivare*

9. Sou grata ao Prof. Gabriele Pallotti, Univ. Modena e R. Emilia pela conversa, auxiliando a metodologia.

10. <https://euralex.org/publications/o-uso-de-dicionarios-na-compreensao-escrita-em-italiano-le/> e <https://euralex.org/publications/la-performance-dellutente-apprendente-di-italiano-ls12-e-la-microstruttura-dei-dizionari-sussidi-per-lo-sviluppo-della-lessicografia-pedagogica/>

11. <https://hawelk.wixsite.com/hawelker/livros-publicados>

disponíveis on-line pela Cultura e Extensão da USP.¹² Na primeira lição do curso, participei com uma entrevista falando sobre dicionários.¹³

A convite da Prof. Marelllo, participei do projeto VALICO¹⁴ - *Varietà Apprendimento Lingua Italiana Corpus Online*, contribuindo com as produções de aprendizes brasileiros na formação desse corpus de aprendizes de língua italiana. Com noções de Linguística de Corpus, minhas aulas de língua italiana tinham (e seguem tendo) abordagem em corpus online. Dentro da proposta desse projeto publiquei, em parceria com minha colega de área, Profa. Cecília Casini, o capítulo de livro “*Fai attenzione in questo!*” *Apprendenti brasiliani di italiano lingua straniera di fronte a distrattori basati sui loro errori*, da Editora Guerra, em 2009. Nessa publicação mostramos como é possível trabalhar a gramática em língua estrangeira conversando com os alunos sobre inadequações linguísticas produzidas pelos próprios aprendizes. Com a Profa. Marelllo ainda tive a oportunidade de realizar o estágio de pós-doutoramento em 2014.



[Profª. Angela em Turim, na Itália]

Os cursos de mestrado, doutorado, a experiência de estudos na Itália, a convivência com professores muito competentes, a participação em eventos científicos e principalmente no GTLex¹⁵, grupo de trabalho da ANPOLL, me prepararam para estar na Pós-Graduação como orientadora, mas posso dizer que jamais seremos um profissional pronto. Cada orientação requer postura, estudos e direcionamentos diferentes, porque cada aluno pesquisador é diferente um do outro e passa por momentos da vida diferentes. Também em relação a esse aspecto sou muito grata às minhas duas orientadoras que sempre compreenderam meu desejo de estar na vida acadêmica ao mesmo tempo que já era mãe, de dois e depois de três filhos, e prezava, e ainda prezo, pelo bem-estar e saúde de minha família. Com

12. <https://cursosextensao.usp.br/course/view.php?id=131>

13. <https://youtu.be/xHCoPknBb4I>

14. <http://www.valico.org/>

15. <http://www.lettras.ufmg.br/gtlex/>

essa experiência, acredito que pude auxiliar em vários momentos orientando as minhas, e também dos programas de pós-graduação, que conseguiram levar a cabo suas pesquisas.



[Prof. Angela sob o olhar da filha Sofia]

ASEL: Poderia nos descrever as áreas de estudo a que se vincula e quais foram suas orientações?

Angela: Na curso de graduação, ministro disciplinas de língua e cultura italianas e de estudos da tradução, teoria e prática. Na pós-graduação, ministro disciplinas relacionadas às ciências do léxico, principalmente Lexicografia, Fraseologia, Fraseografia, Terminologia e Terminografia, com aporte também da Linguística de Corpus, e o papel delas na tradução e no processo de ensino e aprendizagem em línguas.

Talvez nem todos as conheçam, então vale a pena falar um pouquinho sobre elas. A Fraseologia compreende os estudos, de modo geral, das combinações sintagmáticas que são reconhecidas como expressões fixas pelos falantes ou, ainda, são verificadas como fixas com as ferramentas utilizadas através da abordagem da Linguística de Corpus. Muitas vezes não percebemos que utilizamos certas palavras sempre em combinação com outras. A classificação, categorização, taxonomia e denominação do que aqui chamo simplesmente de ‘combinação’ são inúmeras e muda conforme autor e conforme a tradição do país. Esse fato prejudica de certa forma a área, como apontou Sinclair na introdução do livro de Granger e Meunier, *Phraseology: an interdisciplinary perspective*. Se as combinações são de cunho específico, dentro de uma área de especialidade, adentramos no campo da Terminologia, que se ocupa das palavras na condição de ‘termo’ dentro de um domínio de conhecimento. A Fraseografia e a Terminografia são assim denominadas por serem a vertente lexicográfica de seus objetos de estudo, ou seja, os fraseologismos e os termos, respectivamente. Enquanto a Lexicologia tem por objeto a palavra, a unidade lexical, sob diversos aspectos, a Lexicografia se ocupa das obras lexicográficas, dicionários, enciclopédias, glossários e, hoje, com os avanços tecnológicos, podemos incluir as diversas formas de banco de dados e plataformas de consulta que não se caracterizam como os tradicionais dicionários impressos.

Bem, então, orientei trabalhos sob esses enfoques em dois programas. Exclusivamente na tradução, fiz parte, também como coordenadora, do programa de pós-graduação em Estudos da Tradução, o TRADUSP. Esse programa não existe mais individualmente e agora é uma

área de concentração dentro do novo programa Letras Estrangeiras e Tradução, o LETRA, que reuniu professores pesquisadores de vários departamentos da FFLCH e é dividido em três áreas de concentração: Estudos da Tradução, Estudos Literários e Estudos Linguísticos. Não há divisão por língua estrangeira nesse programa. Por outro lado, ainda resistem -digo resistir porque me parece que a CAPES tende a diminuir o número de programas, depois que ouvi vários discursos desde a comemoração dos 50 anos de Pós-Graduação no Brasil, desde que vi notas de programas sendo rebaixadas na avaliação do último quadriênio e, ainda, do recente corte de número de bolsas de estudos - pois, resistem os programas voltados para as especificidades da língua, literatura e cultura estrangeiras. No DLO, o Departamento de Letras Orientais, resiste o programa de japonês, língua que tem tido uma enorme procura pelos jovens na graduação. No DLM, resistem os programas de alemão, espanhol, inglês e italiano, do qual faço parte como orientadora e como vice-coordenadora.

Voltando às orientações, orientei pesquisas com enfoque linguístico-contrastivo em italiano-português através da crítica lexicográfica, estudos com abordagem da Linguística de Corpus para elaboração de glossários bilíngues, estudos sobre tradução de textos jurídicos, entre outras. Atualmente, tenho três orientandas que desenvolvem pesquisas na área do ensino de italiano. Todas as teses e dissertações defendidas na USP são acessíveis através do banco de dados <https://teses.usp.br/> e para encontrar trabalhos por orientador, deve-se colocar o sobrenome, vírgula, e primeiro nome. Por exemplo: Zucchi, Angela, para ver os trabalhos que orientei.

ASEL. A senhora pode dizer alguma coisa sobre as obras publicadas mais relevantes e os eventos que organizou?

Angela: Destaco, primeiramente, o artigo publicado em 2020 neste periódico, *Actas de Linguística*, da Universidade Federal da Paraíba, intitulado “Construção de conceitos lexicais: a compreensão desde leitura de textos a verbete de dicionário”, no v. 25 n. 2, em que trato da construção de conceitos a partir do discurso manifestado segundo Barbosa (2005), uma questão fundamental na realização do doutorado, como mencionei antes. O artigo traça um percurso para a conceptualização de uma unidade lexical em italiano (*mortaiò*) através de sua presença em diversos tipos de textos de diferentes registros de linguagem e de sua definição no dicionário monolíngue italiano *Il nuovo De Mauro*. A relevância desse artigo consiste na interdisciplinaridade entre os estudos de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e os estudos lexicais, uma vez que oferece ao leitor o *modus operandi* da construção do enunciado definicional e demonstra um possível caminho de conceptualização por parte de um aprendiz de italiano. O percurso apresentado pode ser replicado para outras unidades lexicais por um professor de italiano como língua estrangeira.

No capítulo “Exemplos de colocações em dicionários de língua portuguesa e de língua italiana”, da coleção *As ciências do léxico - Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, vol. VII, tratei das colocações verbais, focalizando os verbos que se combinam com o substantivo ‘erro’, seu correspondente *sbaglio*, em italiano, e a presença das colocações nas entradas desse substantivo em dicionários monolíngues em português e em italiano, gerais e de características específicas para aprendizes, e em dicionário bilíngue italiano-português. A investigação apontou que os dicionários gerais, tanto monolíngues como os

bilíngues, apresentavam mais verbos formando colocações verbais com erro/*sbaglio* que os declarados dicionários para aprendizes. Acredito que esse tipo de pesquisa focada em questões específicas seja útil tanto para lexicógrafos, que podem refletir a respeito de suas práticas, como para professores de italiano ao usar e indicar obras lexicográficas a seus alunos. Também relativa às combinações, não posso deixar de relatar minha participação no livro *O jeito que a gente diz - combinações consagradas em inglês e português*, da Profa. Stella Tagnin. Um livro muito especial para quem trabalha com ensino e tradução. Ela tinha a edição desse livro de 2005 e eu lhe havia sugerido que seria interessante fazer uma nova edição com exemplos em outras línguas, com nossas colegas do departamento. Ademais, a Profa. Tagnin é referência nos estudos da Linguística de Corpus aqui e no exterior e essa área, como está intimamente ligada com o desenvolvimento tecnológico, avança rapidamente no tempo, então, era previsto que seria oportuna uma edição atualizada dos capítulos que abordam corpora. Assim, em 2013, saiu a publicação da nova edição com exemplos das categorias em alemão, espanhol, francês e italiano, que foi a minha contribuição.

Um artigo que considero importante saiu neste ano de 2021, mas corresponde ao ano 2019, dos *Cadernos de Fraseologia Galega*, periódico que aceita artigos em diversas línguas e os traduz para o galego, com o objetivo de difundir essa língua. Esse número, coordenado pela Profa. Maria Isabel González Rey, reuniu pesquisadores do Brasil para homenagear a Profa. Maria Aparecida Barbosa, reconhecendo sua contribuição para os estudos do léxico. Ali, encontramos também os trabalhos sobre Fraseologia de Bevilacqua, Tagnin, Orenha-Ottaiano e Ortiz-Alvarez.

O título de meu artigo é "Orientación na universidade para a multiplicación dos estudos fraseolóxicos"¹⁶. A abordagem deste artigo é inédita, pois reúne o *locus* de produção de pesquisa, a Pós-graduação, com um tema e objeto de pesquisa, os estudos fraseológicos e os fraseologismos. Parte do ponto de vista da orientação acadêmica, considerando o pesquisador iniciante, o orientador e a comunidade acadêmica. O artigo visa a apresentar a estrutura dos cursos de pós-graduação brasileiros, considerando que foi publicado no exterior, visa a oferecer um quadro dos tipos de estudos fraseológicos e a importância desses estudos para a linguagem, além de trazer reflexões acerca da orientação. Foi escrito com um fio condutor: uma metáfora de uma viagem em que o orientador oferece mapas e instrumentos para o pesquisador iniciante, para que este possa escolher sua rota numa mar de possibilidades, possa encontrar e percorrer seu caminho rumo aos objetivos estabelecidos. Como o texto trata de orientação acadêmica, pode instigar reflexões sobre a atuação da orientação no contexto universitário, independentemente do tema e do objeto de pesquisa.

Sobre organização de eventos, a Profa. Maria Aparecida também esteve presente nesse quesito de nossa formação. Ela era a principal responsável, juntamente com a Profa. Maria Vicentina de P. do Amaral Dick e o Prof. Francis H. Aubert, das edições anuais do MiniEnapol de Lexicologia, Terminologia, Toponímia e Tradução que chegou a 16 edições. O evento era organizado pelos orientandos sob sua supervisão. Convidávamos pesquisadores especialistas em cada área tema do evento para fazer uma palestra que abriria uma sessão. Fazíamos a chamada entre os alunos de diversos programas de pós-

16. <https://doi.org/10.52740/cfg.21.21.05.00006>

graduação, organizávamos as sessões e o caderno de resumos. Com essa prática, senti-me apta a organizar eventos científicos, pequenos e grandes, inclusive internacionais.

Os eventos científicos são muito importantes para as universidades, formação acadêmica e o desenvolvimento de pesquisas. É quando os alunos têm oportunidade de se encontrar com os autores de suas referências bibliográficas, de apresentar seus projetos de pesquisas, ouvir sugestões, enfim, de crescer academicamente. Para os docentes é momento de grande troca, de insights para projetos em colaboração com colegas e, ainda, de estabelecer contatos para criação de disciplinas com professores visitantes, para coorientação ou intercâmbios internacionais em nível de pós-graduação.

Em 2018, organizamos na USP o Congresso Internacional de Fraseologia e Paremiologia, com a comissão da Associação Brasileira de Fraseologia. Foi um evento que reuniu pesquisadores da área de quase todos os estados do Brasil, tivemos até mesmo inscritos vindos da Europa, além dos convidados palestrantes. Desse momento de encontro surgiram várias iniciativas que se desenvolveram em projetos e alunos que foram fazer intercâmbio por terem conhecido o professor da língua e da área relacionada ao seus estudos.



[Professoras Adriane Orenha, Angela Zucchi, Paula F. Pastore, Stella Tagnin, CleciBevilacqua, Rosemeire Monteiro, Luciana Carvalho, Maria Cristina Parreira, Congresso de Fraseologia e Paremiologia, em 2018, USP]

ASEL: Poderia nos dizer quais projetos estão sendo desenvolvidos?

Angela: Como mencionei antes, há vários programas de pós-graduação¹⁷ em cada um dos departamentos que formam o curso de Letras. Temos vantagens nisso por às vezes fazer alguma participação em projeto de um colega e muitas vezes os alunos se beneficiam do aprendizado coletivo em grupo de pesquisa de outro programa.

No grupo de pesquisa, registrado no CNPQ, LUPA - Lugar da Palavra em seus contextos - que coordeno juntamente com a Profª. Karine Marielly Rocha da Cunha, da Universidade Federal do Paraná, através de encontros mensais, estamos trabalhando as áreas das ciências do léxico e a metodologia proposta pela linguística de corpus com alunos

17. <https://dlev.fflch.usp.br/pos-graduacao-0> Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; <https://dlm.fflch.usp.br/> Departamento de Letras Modernas; <https://linguistica.fflch.usp.br/> Departamento de Linguística; <https://dtllc.fflch.usp.br/> Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada; <https://letrasorientais.fflch.usp.br/> Departamento de Letras Orientais

de graduação e pós-graduação das duas universidades para que se familiarizem com as diversas áreas, para que possam se aprofundar na área que escolherem e desenvolverem suas pesquisas atuais ou em preparação.

Neste quadriênio que se inicia, coordenamos o Programa de Pós-graduação Língua, Literatura e Cultura Italianas o projeto "Da intercompreensão à comunicação autêntica em língua estrangeira: percursos interdisciplinares". Temos seleção para ingresso nos cursos de Mestrado e Doutorado duas vezes por ano e esperamos que a cada ano tenhamos mais candidatos. Esse projeto de pesquisa se relaciona com outro iniciado em 2020.

Desde o ano passado, estou num projeto de ensino internacional intitulado "A intercompreensão para a mobilidade internacional: estratégias para ensinar e compreender as linguagens de especialidades com a Intercompreensão", financiado pelo Departamento de Relações Internacionais da *Università di Bologna* (financiamento que visa a beneficiar os estudantes envolvidos), cujos participantes são de três universidades e de duas áreas - linguística e engenharia. As universidades são: da Itália, *Alma Mater Studiorum Università di Bologna* - UNIBO (Departamento di Interpretazione e Traduzione e Dip. di Scienze Aziendali e Dip. di Ingegneria Industriale); do Brasil, Universidade de São Paulo (Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica e Departamento de Letras Modernas/ FFLCH) e, da Argentina, Universidad Nacional de Rosario - UNR (Facultad de Humanidades y Artes; Diseño estratégico para la innovación). Esse projeto teve sua sementinha plantada em 2018 por ocasião da vinda da Profa. Silvia Bernardini, da UNIBO, para o Congresso de Fraseologia e para a disciplina de pós-graduação Linguística de Corpus na Tradução, que organizamos com a Profa. Stella E. O. Tagnin. O projeto tem vários objetivos, mas os principais são viabilizar os intercâmbios e a mobilidade acadêmica entre as três universidades e promover a comunicação plurilíngue em línguas latinas através da Intercompreensão. Realizamos um curso introdutório de Intercompreensão, no qual atribuímos tarefas aos alunos de engenharia de produção das três universidades e ao final obtivemos resultados surpreendentes. Estamos planejando repetir o curso e aprofundar essa experiência.

Tradução e ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras são duas áreas de estudos com infinitas possibilidades de pesquisas e ações na sociedade. Uma sociedade que, espero, tenha mais respeito às variedades linguísticas e interesse pelo plurilinguismo.